

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO**

**MARTHA EDDY KRUMMENAUER KLING BONOTTO**

**AS VÁRIAS REESCRITURAS DE CHAPEUZINHO VERMELHO:  
VELHOS E NOVOS SENTIDOS**

**Dra. Freda Indursky  
Orientadora**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teorias do Texto e do Discurso.

Porto Alegre

1999

“‘Quando uso uma palavra’ disse Humpty Dumpty, ‘ela significa aquilo que quero dizer, nem mais nem menos.’ ‘A questão é’, disse Alice, ‘se você pode fazer uma palavra significar tantas coisas diferentes.’ ‘A questão é’, respondeu Humpty Dumpty, quem manda - isto é tudo.’”

Lewis Carroll  
(Alice no País dos Espelhos)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação à minha filha Petra, que foi a razão principal do meu envolvimento mais emocional e profundo com as histórias infantis, neste momento da minha vida, e, também, para compensar um pouco o tempo que gastei escrevendo sobre histórias e no qual ela própria queria ouvir histórias.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar e de modo maior à grande orientadora, Freda Indursky, que tive o privilégio de ter. Sem sua orientação firme e qualificada, eu com certeza não teria conseguido chegar até aqui. A ela meu profundo reconhecimento.

Agradeço de todo o coração à minha família:

a João Carlos, meu marido, por seu apoio incondicional, tantas e tantas vezes assumindo prontamente tarefas minhas para liberar meu tempo;

à Eugênia, minha filha artista, que, mesmo à distância, sempre irradiou para mim muita energia positiva;

a Juliano, meu filho “incopiável”, pela sua assessoria informática; pelas tantas vezes, em horas em que seu desejo e necessidade era dormir, teve que acudir sua mãe em problemas no computador;

à Petra, minha filha temporã, sempre ávida ouvinte de histórias e hoje também já ávida leitora, que, pela sua insistência em ver terminada esta dissertação, contribuiu para que eu fizesse o esforço.

Agradeço, enfim, a todos os amigos e colegas que, de maneira direta ou indireta, colaboraram para que eu chegasse ao final deste percurso.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>PRIMEIRA PARTE: QUESTÕES PRELIMINARES</b> .....	12
<b>2 A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS</b> .....	13
<b>3 A FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADA</b> .....	18
<b>4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	22
4.1 Considerações sobre a Análise do Discurso.....	22
4.2 Conceitos fundamentais .....	25
4.3 A questão do sentido .....	35
4.4 A tipologia dos discursos .....	45
<b>5 PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b> .....	49
<b>SEGUNDA PARTE: OS MÚLTIPLOS DISCURSOS</b> .....	55
<b>6 O DISCURSO PEDAGÓGICO</b> .....	56
6.1 <u>O DISCURSO PEDAGÓGICO MORALISTA</u> .....	59
6.1.1 A construção do discurso pedagógico moralizante da Mãe, ou, A relação hierárquica mãe X filha .....	61
6.1.2 A construção da imagem do interlocutor dominado .....	69
6.1.3 O discurso pedagógico moralista do Narrador .....	76
6.2 <u>O DISCURSO PEDAGÓGICO SENTENCIOSO</u> .....	109
6.2.1 Um deslizamento de sentido na construção do elo discursivo .....	110
6.2.2 A Construção da imagem negativa de Dona Chapeuzinho .....	117
6.2.3 Um deslizamento de sentido: a contravenção punida.....	121
<b>7 O DISCURSO SEDUTOR</b> .....	128
7.1 <u>O JOGO DA SEDUÇÃO</u> .....	133
7.1.1 O desejo.....	134
7.1.2 Primeira etapa: O jogo .....	136
7.1.3 Segunda etapa: A persuasão .....	140
7.1.4 Terceira etapa: O confronto do Lobo com a menina, ou a esperteza X a ingenuidade.....	142
7.2 <u>O DISCURSO DA MÃE VERSUS O DISCURSO DO LOBO</u> .....	149
<b>8 O DISCURSO POLÊMICO: A LUTA PELA MUDANÇA</b> .....	157
8.1 <u>A IMAGEM DA RELAÇÃO MÃE E FILHA: OS MESMOS LUGARES</u> .....	158
8.2 <u>A IMAGEM DA ESPERTEZA DA MENINA: UM NOVO LUGAR PARA CHAPEUZINHO</u> .....	164
8.3 <u>A IMAGEM DO LOBO DERROTADO: UM NOVO LUGAR PARA O LOBO</u> .....	168

<b>9 O DISCURSO “POLITICAMENTE CORRETO”</b> .....	178
9.1 <u>A IMAGEM DO PERIGO</u> .....	179
9.2 <u>A IMAGEM DA MENINA</u> .....	182
9.3 <u>A IMAGEM DO LOBO</u> .....	186
9.4 <u>PRÊMIO OU CASTIGO</u> .....	189
<b>10 UM NOVO LUGAR PARA O SENTIDO</b> .....	196
10.1 <u>A IMAGEM DO MEDO</u> .....	198
10.1.1 <u>A construção do eco e a desconstrução do sentido do medo</u> .....	200
10.1.2 <u>O medo no interdiscurso</u> .....	202
10.1.3 <u>A desconstrução do medo</u> .....	203
10.2 <u>DE CHAPEUZINHO VERMELHO A CHAPEUZINHO AMARELO:</u> <u>UMA TRANSFORMAÇÃO DE COR OU UMA TRANSFORMAÇÃO DE</u> <u>IMAGENS E SENTIDOS?</u> .....	205
10.2.1 <u>A imagem da passividade</u> .....	206
10.2.2 <u>A imagem feminina forte</u> .....	207
10.3 <u>A IMAGEM DO LOBO</u> .....	210
10.3.1 <u>A imagem do “Lobo Mau” na tradição</u> .....	211
10.3.2 <u>A imagem do apetite do Lobo</u> .....	214
10.3.3 <u>A imagem do lobo fragilizado</u> .....	215
10.3.4 <u>A tentativa de recuperação da imagem do lobo assustador, ou,</u> <u>a luta pelo poder</u> .....	222
<b>11 CONCLUSÃO</b> .....	226
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b> .....	237
<b>ANEXO 1:</b> CHAPEUZINHO VERMELHO de Charles Perrault .....	243
<b>ANEXO 2:</b> CHAPEUZINHO VERMELHO dos Irmãos Grimm.....	245
<b>ANEXO 3:</b> CHAPEUZINHO DE PALHA de José Fernando Miranda.....	247
<b>ANEXO 4:</b> CHAPEUZINHO VERMELHO de Georgie Adams.....	251
<b>ANEXO 5:</b> FITA VERDE NO CABELO de João Guimarães Rosa.....	254
<b>ANEXO 6:</b> CAPÍTULO ZERO E MEIO de Pedro Bandeira.....	255
<b>ANEXO 7:</b> CHAPEUZINHO VERMELHO de James Finn Garner.....	257
<b>ANEXO 8:</b> CHAPEUZINHO AMARELO de Chico Buarque .....	258
<b>ANEXO 9:</b> LOBO BOBO de Carlos Lyra/Ronaldo Bôscoli .....	261

## RESUMO

A presente dissertação trata dos tipos de discurso que se evidenciam em nove versões da história infantil **Chapeuzinho Vermelho**, nem sempre com este título, escritas por Perrault, Grimm, José Fernando Miranda, Georgie Adams, João Guimarães Rosa, Pedro Bandeira, James Finn Garner, Chico Buarque e Carlos Lyra, ao longo de um período de quatro séculos, entre o século XVII e século XX. A primeira parte constitui-se de aspectos preliminares, como a narração de histórias, função dos contos de fada, bem como os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) e os princípios teórico-metodológicos, norteadores da análise, necessários para acompanhar a seqüência do trabalho. A segunda parte trata da análise propriamente dita. Os sentidos que se revelaram, mediante análise do discurso presente nas diferentes versões da história, evidenciam as diferentes condições em que foram produzidos. Foram identificados sentidos que apontam para uma repetição e também sentidos que apontam para uma renovação, outros, ainda, que se situam num ponto intermediário entre esses extremos.

## **ABSTRACT**

This dissertation deals with the types of discourse that have been highlighted in nine versions of the story **Little Red Riding Hood**, which were written by Perrault, Grimm, José Fernando Miranda, Georgie Adams, João Guimarães Rosa, Pedro Bandeira, James Finn Garner, Chico Buarque and Carlos Lyra, along four centuries, between the XVIIth and the XXth century. The first part consists of preliminary aspects, as storytelling, the function of fairy tales, as well as the theoretical bases of Discourse Analysis and methodological principles that ruled the analysis developed, which are necessary for the understanding of the sequence of this study. The second part consists of the analysis itself. The meanings that have become evident through the analysis of the discourse present in the different versions of the story reveal the different conditions in which they were produced. There have been identified meanings that show repetition of old meanings and others that go in the opposite direction, showing renewal, and still others that we placed in an intermediate position.

## 1 INTRODUÇÃO

O contato com histórias infantis, durante os últimos anos, fez surgir a curiosidade de observar algumas marcas, que nos pareciam constantes, mais de perto. O discurso que está presente nas histórias, pelo que se pode observar empiricamente, tem, muitas vezes, algo em comum com o discurso autoritário pedagógico, presente na instituição Escola e também na instituição Família.

Talvez isso decorra das próprias características das histórias infantis, que foram consideradas, durante um longo tempo (e ainda o são), veículo eficaz na moralização e educação das crianças. Na verdade, as histórias infantis constituem um espaço discursivo onde existem relações em que se confronta e se opõe o poder dos adultos e da sociedade em geral à submissão que existe na, ou se espera da criança.

As teorias da Análise do Discurso permitem que analisemos os sentidos que se “escondem” e, sob análise, se revelam na base lingüística. O que “parece” ser muitas vezes não é o que se revela depois de uma análise mais criteriosa. Assim, sempre nos pareceu que a história “Chapeuzinho Vermelho” (assim como tantas outras), em suas diferentes versões, contemplava, sem exceção, a “doutrinação” das crianças, principalmente das meninas.

Nossa escolha recaiu sobre a história de “Chapeuzinho Vermelho” por ser uma das que maior número de versões apresenta. Para concretizar o trabalho, foram selecionadas algumas das muitas versões disponíveis e analisadas à luz da teoria da Análise do Discurso, para comprovar ou refutar essa percepção. Vamos ocupar-nos, portanto, dos sentidos que se realizam nas versões selecionadas da história infantil “Chapeuzinho Vermelho”, de sua manutenção ou modificação, conforme se trate de um discurso autoritário na sua forma pedagógica, de um discurso polêmico ou mesmo de um discurso do tipo lúdico, utilizando para isso, como ponto de partida, a tipologia dos discursos proposta por Orlandi (1987, p. 29).

Através da análise, pretendemos detectar os tipos de discurso que se evidenciam nas diferentes versões. Com isso, será possível observar se/como as mudanças das formações discursivas originam sentidos diferentes e se/como a sua permanência, nas diferentes versões através dos tempos, garante a manutenção do mesmo sentido, apesar

da passagem do tempo. Por esse motivo, também, procuramos verificar, de um lado, a existência da paráfrase discursiva, que é a forma mais importante de realização da repetição, da manutenção do mesmo e que caracteriza o discurso autoritário engessante. De outro lado, procuramos verificar a presença da polissemia que se evidencia através do surgimento da mudança, do diferente que, nessas versões, caracteriza o discurso lúdico. Encontramos, ainda, versões em que temos amostras do discurso polêmico, que se situa num ponto intermediário entre os dois primeiros, que são os extremos.

Inicialmente, pensávamos comprovar, ao longo da análise, a existência apenas do discurso de tipo autoritário na sua forma pedagógica, mas ao longo da busca de compor um corpus para análise, encontramos versões que apresentavam um discurso diferente do autoritário. Por isso, as versões que compõem os recortes que estabelecemos foram escolhidas de acordo com os objetivos da análise, tendo, como critério primeiro, o tipo de discurso apresentado. Dessa maneira, constatamos a ocorrência de outros tipos de discurso e, conseqüentemente, efeitos de sentido diferentes.

A história **Chapeuzinho Vermelho**, nas diferentes versões narradas/publicadas ao longo do tempo, nem sempre recebe o mesmo título. As versões foram selecionadas para constituir o corpus e serão examinadas, neste trabalho, na medida em que apresentem os sentidos que vão caracterizar um determinado tipo de discurso. Através da análise dos sentidos que nelas se expressam e dos tipos de discurso que nelas se encontram, pretendemos identificar as formações discursivas que originaram esses sentidos/efeitos de sentido ali postos.

Nossas escolhas pautaram-se em semelhanças e diferenças, ou melhor, relações de paráfrase ou de polissemia que foram identificadas em relação ao discurso que se apresentava nas duas primeiras versões que compõem o nosso corpus de análise. Por esse motivo, começamos pelo registro escrito mais antigo encontrado - **Chapeuzinho Vermelho** de Perrault que, junto com a história do mesmo nome, dos Irmãos Grimm, são as versões que consideramos os arquétipos desta história. Encontramos permanências dos primeiros sentidos e ressonâncias deste discurso autoritário inicial, muito tempo depois, em outras condições de produção, em versões posteriores.

Quando encontramos as versões de Chico Buarque e de Carlos Lyra, surpreendeu-nos o discurso que mostrava o diferente instituindo-se nesses domínios e

nos quais reconhecemos a polissemia. Procurando adesões deste tipo de discurso para compor os demais recortes, encontramos as versões de James Garner e Pedro Bandeira que, pela via do humor, fizeram crer que se tratava de discursos diferentes, também polissêmicos, percepção que, no entanto, não chegou a se concretizar.

Partimos, então, de alguns questionamentos iniciais:

a) o tipo de discurso que se apresenta nas versões de Perrault e Grimm mantém-se ao longo do tempo, nas versões mais recentes? Ou seja, todas as versões apresentam um discurso autoritário, sob a forma de discurso pedagógico?

b) quando/se existe modificação de sentido, existe concomitantemente uma mudança de tipo de discurso? Ou: O tipo de discurso determina o sentido dominante?

c) se/quando existem diferenças de discurso e de efeitos de sentido, isso significa também, necessariamente, uma mudança de FD?

Partindo destes questionamentos e, tentando encontrar respostas para eles, escolhemos a abordagem via análise do discurso, uma vez que somente através dela poderíamos contemplar estes aspectos que nos interessa abordar.

**PRIMEIRA PARTE**

**QUESTÕES PRELIMINARES**

## 2 A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

Faye (1971, p.13) diz que narrar é agir socialmente. A literatura é um ato eminentemente social. A narração de histórias para crianças é um modo de apresentação do real. O ato de contar histórias, de maneira geral, corresponde a narrar, relatar eventos pessoais ou históricos, reais ou ficcionais, e é atravessado pela memória discursiva constitutiva do imaginário social.

Em geral, não é levada em conta a relação da narrativa em questão com outras narrativas ou com outros narradores, ou a influência de narrativas institucionais; ou ainda, a interferência de fatores no processo que não podem ser quantificados como a memória e/ou o inconsciente. Então, uma narrativa se constitui na relação com outras não narradas, mas igualmente possíveis.

Uma narrativa nunca se encontra isolada de outras e o que as entrelaça pode ser da ordem do histórico e do inconsciente. Existe uma tensão entre a narrativa que efetivamente fica na memória com suas variações e aquela que talvez pudesse ter sido contada, mas que não chega a se concretizar, por injunções históricas ou inconscientes. Esta tensão se encontra inscrita nas narrativas de fato produzidas, podendo surgir em diferentes situações: na ordem da história e do social; manifesta-se como silêncios, por exemplo, que podem irromper a qualquer momento e fazer surgir a reescritura do narrado em um processo que projeta o presente em direção ao passado. É no jogo dos significantes (em que um desliza pelo outro, ou um se transforma no outro) que se trai a presença dessa relação com as narrativas recalçadas. É por isso que determinadas narrativas permanecem e são recontadas e outras caem no esquecimento.

Orlandi (1987, p.160) diz que “do ponto de vista de suas condições de produção, o texto tem relação com outros textos e isso lhe dá um caráter não acabado”. Da mesma forma, pode-se dizer que toda narrativa é incompleta, completando-se ilusoriamente na voz de cada narrador, em cada ouvinte, a cada narração. Por isso, podemos afirmar que a narrativa envolve um processo sempre renovado de repetição e, ao mesmo tempo, de transformação a cada novo narrador e ouvintes. Assim, acontece a reorganização das tradições, uma vez que as narrativas e os narradores se encontram

sempre assujeitados a processos históricos que os determinam e que também os ultrapassam.

O narrador, para Benjamin (1994, p.113), é sempre um “ex-ouvinte” que incorpora sua própria experiência à narrativa quando vai transmiti-la. O narrador sabe da narrativa permitida em seu grupo e pode transmitir este “saber” para seus ouvintes. A marca deixada pelo narrador é mais social do que histórica, tendo em vista que, ao narrar, também produz ação. Parece haver um elemento que institucionaliza esses dizeres possíveis junto à memória discursiva - um fio que interliga presente, passado e futuro. Assim, poderíamos considerar que o narrador representa o senso comum de sua época. O ouvinte/leitor, por sua vez, “só vai atribuir certos sentidos e não outros”, diz Orlandi (1996, p.49). Por isso, também, ela afirma que “na escrita já está inscrito o leitor e na leitura o leitor interage com o autor do texto” (id.), relação que, por extensão, podemos também estabelecer entre narrador e ouvinte, uma vez que, tanto um como o outro se encontra inscrito no mesmo contexto.

A criança que ouve a narração da história atribui à história e ao narrador adulto a completude de um saber que nela é considerado incompleto. Ao mesmo tempo, atribui-lhe um peso de verdade absoluta, pois vem de um narrador que se encontra na posição do sujeito autorizado.

Em termos discursivos, pode-se dizer que, na construção da narrativa, como transmissão de “saberes”, o que é narrado, apesar de parecer sempre o mesmo, é, na verdade, sempre diferente. Isso porque o mesmo re-narrado, ainda que ocorra uma paráfrase, e se mantenha o mesmo sentido, nunca vai ser exatamente o mesmo, já que mudam as condições de produção e isso vai representar uma diferença. Esta é uma das características das narrativas: provocar diferença na repetição. As narrativas que existem na tradição podem ser as mesmas, no entanto, também, se reorganizam continuamente, ao serem atravessadas pela posição discursiva dos narradores, que já foram ouvintes em outro momento.

Nosso corpus constitui-se de narrações produzidas em diferentes épocas, do século XVII ao século XX. A história foi repetida por autores diferentes em contextos histórico-sociais diferentes, ou seja, em condições de produção diferentes, o que resulta numa dispersão de enunciados que, a cada narração, acabam se transformando, ou até mesmo desaparecendo.

O primeiro autor que compõe o nosso corpus é Charles Perrault, que publica **Chapeuzinho Vermelho** em 1697. Na verdade, Perrault não pretendia que fosse um conto de fadas e sim uma história na linha das fábulas, por isso apresenta uma moral explícita ao final, cujo objetivo é o de servir de admoestação à criança. Faz parte do grupo de histórias que Marianne Rumpf (apud SORIANO, 1980, p.151) chama de “Schreckmärchen” (histórias de susto) ou “Warnmärchen” (histórias de admoestação).

Acreditam os autores que Perrault tenha se baseado em narrativas anteriores, entre elas **O Conto da Vovozinha**, que já existia anteriormente na literatura oral e foi posteriormente contado por Louis e François, de Montigny-aux-Amognes, Nièvres, por volta de 1885, compilado por Achille Millieu. Também **O Lobo e a Criança**, narrativa oral, é originária da Gasconha e recolhida em 1886 por Jean-François Bladé em **Contes Populaires de la Gascogne**.

A narrativa de Perrault, por sua vez, está por trás da narrativa recolhida pelos Irmãos Grimm e apresentada na sua obra **Kinder und Hausmärchen**, em 1812, sob o título de **Chapeuzinho Vermelho** e que tinha um claro caráter educativo. Perrault e Grimm são os autores cujas versões permanecem as mais conhecidas. Nos anos 60, Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli compuseram **Lobo Bobo**, que, pela via do humor, apresenta uma Chapeuzinho e um Lobo diferentes dos estabelecidos por Perrault e Grimm que, como já dissemos, consideramos seus arquétipos.

Em 1986, Pedro Bandeira, que é autor de livros infantis da linha “libertadora” da criança, publica **Os Mistérios de Feiurinha**, que inclui a história de Chapeuzinho Vermelho, como um capítulo que se chama **Capítulo Zero e Meio**; esta é uma versão que apresenta Chapeuzinho adulta e na qual o humor também está presente.

Chico Buarque, que é compositor, publica em 1979, **Chapeuzinho Amarelo**. Sendo um compositor de vanguarda, seu texto é uma narrativa que contempla o diferente, passando também pela via do humor.

Outro autor que faz parte do nosso corpus é José Fernando Miranda que, em 1987, narra a história da menina **Chapeuzinho de Palha**. Embora exista claramente a presença do humor, nesta versão, nem por isso se institui o diferente, ficando a meio caminho da polissemia, com o discurso de tipo polêmico.

Guimarães Rosa é outro autor de cujo discurso nos ocupamos nesta dissertação. Na verdade, ele não é autor de livros infantis, fazendo nas suas obras todo um trabalho

de experimentação com a palavra. Sua **Fita Verde no Cabelo**, que publica em 1988, não se constitui, de fato, uma narrativa para o público infantil.

Em 1994, James Finn Garner, escritor norte-americano, escreve uma obra que se chama **Politically Correct Bedtime Stories**. Na apresentação, que se encontra nas abas do livro, lê-se que as histórias antigas eram escritas por homens de meia idade e refletiam a maneira como eles viviam e viam seu mundo, isto é,

[. . .] as histórias eram sexistas, discriminatórias, injustas, culturalmente tendenciosas e, em geral, sendo comandadas por bruxas, duendes e fadas por todo lado. Finalmente depois de séculos, dessas histórias abusivas, que passaram inconscientemente de uma geração machista a outra.

Garner, segundo ele próprio, tornou tarefa sua “esclarecer e liberar essas histórias clássicas e recontá-las de uma maneira muito mais de acordo com a sociedade na qual vivemos hoje”. Revela, assim, sua intenção de re-produzir as histórias dentro das novas condições de produção. Conclui dizendo que espera que as futuras gerações de aficionados de contos de fadas considerem sua obra “uma tentativa de desenvolver uma literatura completamente livre de preconceitos e purgada de influências de um passado cultural cheio de defeitos”. O autor que, ao comentar sua própria obra assim se expressa, nela inclui uma história que igualmente se chama **Chapeuzinho Vermelho**. Esta versão também foi incluída em nosso corpus.

Georgie Adams, britânico, é o último autor que faz parte do nosso corpus de análise. Produz, em 1996, uma narrativa intitulada igualmente **Chapeuzinho Vermelho**, que pouco difere daquela produzida por Perrault em 1697.

Com a inclusão das narrativas de Guimarães Rosa e James Garner, que produzem histórias para o público adulto, de certa maneira, fecha-se o círculo iniciado há mais de três séculos atrás. Assim pensamos, uma vez que a narrativa de Perrault tem origem nas narrativas orais, produzidas na Idade Média, ou mesmo antes, das quais não encontramos registro escrito e que, conforme já dissemos, eram sabidamente dirigidas a um público adulto. Assim, o círculo se fecha, não na repetição parafrástica dos sentidos, mas no fato de que essas narrativas se originaram em narrativas (orais), que se destinavam a adultos, passando por narrativas que se dirigiam essencialmente ao público infantil, que por sua vez originaram narrativas (escritas) que, mais uma vez, se dirigem ao público adulto. Assim, reorganiza-se a tradição, confirmando, novamente, que

narrativas e autores se encontram sempre assujeitados a processos históricos que não só os determinam, mas também os ultrapassam.

### 3 A FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADA

A definição de conto de fada, conforme Richter e Merkel (1993. p.115), não é dada nem pela forma literária, nem pela relação sócio-histórica onde aparecem estas narrativas; a condição seria constituir-se em uma narrativa própria para as finalidades da educação infantil burguesa.

Do ponto de vista histórico, conforme os mesmos autores, os contos de fada representam uma mistura de narrativas pré-burguesas, transmitidas inicialmente na forma oral. Os contos folclóricos, coletados pelos irmãos Grimm e outros, não eram “fabulosos”, nem restritos a crianças. Na verdade, o conto de fada de origem folclórica não se destinava à criança, propriamente; em princípio, como já foi dito, era contado por e para adultos, na maioria dos países, tanto por homens quanto por mulheres. Os narradores e também os ouvintes faziam parte, via de regra, das classes mais pobres no mundo feudal.

O conto de fada folclórico sempre se liga de alguma maneira com a classe social dominada, explorada. É por isso que a estrutura básica destes contos, em geral, mostra seus heróis numa situação desesperada, sendo que a ação muda radicalmente a situação do protagonista, normalmente para melhor; não sendo, no entanto, o próprio herói que propicia essa mudança.

Os contos populares foram posteriormente transformados para adequar-se a uma visão de educação burguesa e os modelos de comportamento, desejáveis para essa burguesia que tomava o poder, eram veiculados pelos contos de fada. Os educadores do povo, dizem Richter e Merkel (op.cit), queriam afastar as crianças pobres dos contos de fadas, argumentando que estes poderiam despertar desejos inadequados.

No entanto, pode-se observar o fato curioso de que os contos de fadas foram aproveitados como literatura infantil adicional apenas para as crianças burguesas. A explicação para este fato, pensam Richter e Merkel, seria que a criança burguesa não podia mais, como era o caso do filho do artífice, ser educada para sua função social através da imitação das atividades e habilidades paternas, pois não mais presencia o trabalho social do pai. Mesmo se pudesse observar o trabalho do pai, a mera imitação não lhe permitiria mais tarde manter-se no mesmo lugar, pois a aceleradora

acumulação de capital, que determinou uma divisão mais forte do trabalho, exigia igualmente uma transformação cada vez mais rápida dos meios de produção e das condições de vida. Por isso, a criança recebe uma educação através da qual ela interioriza, durante toda a vida, instruções paternas e, através disso, aprende a aplicá-las adequadamente em diversas situações.

Segundo as teorias freudianas, princípios e regras são da ordem do “super ego”. As proibições que se fixam no “super ego”, no entanto, devem ser sempre reforçadas e desenvolvidas durante todo o processo da educação, pois, na maioria das vezes, elas se opõem aos instintos (ou, como se quer hoje, pulsões), existindo sempre o perigo de voltarem estes a sobreporem-se às regras. Por isso, deve ter sido a necessidade de não ser permitido consumir os resultados da alta produtividade, mas, sim, de sempre reinvesti-los no sentido da acumulação crescente de capital, a causa histórica decisiva da rígida repressão dos instintos.

O conto de fadas, como é apresentado à infância, faz a criança acostumar-se, ou, pelo menos, tem o propósito de acostumá-la a reagir de forma adequada quando desenvolve impulsos que estão em desacordo com a sociedade. Esta é, conforme Benjamin (1994), “a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja numa norma de vida” ( p.8).

A literatura infantil tem uma dupla utilidade dentro do processo de educação: sua ampla orientação didática possibilitava a confirmação daqueles valores morais decisivos para a educação burguesa, assim como a transmissão de conhecimentos (científicos, técnicos, históricos, organizacionais) necessários à preparação da atuação social do adolescente.

O mundo da criança burguesa não é mais o mundo feudal do tempo dos primeiros narradores dos contos de fadas, seu mundo é a cidade burguesa, em que os saberes são outros. Então, por exemplo, o lobo que, para o cidadão da época de Perrault e mesmo antes, representava uma ameaça muito concreta, podendo até significar perigo para sua vida, entra no conto de fadas como um sinal de perigo e ameaça, mas também recebe um sentido figurado. Para o ouvinte adulto, o lobo passa a representar ambas as coisas - o perigo real e o perigo figurado; para a criança burguesa perde-se o sentido real, restando apenas o símbolo.

A sociedade atual é um produto complexo, dividido pelo trabalho, de difícil entendimento para a criança. Porém o antigo conto folclórico lhe apresenta um mundo muito claro, no qual a orientação é fácil e onde ela própria percebe uma ordenação social mais evidente, mais compreensível. Isto se realiza através da caracterização maniqueísta de todas as personagens, que são exclusivamente boas ou más, dependendo também da sociedade da qual provém os contos e que eles retrataram. Por isso, no conto, cada personagem tem um papel claramente definido em relação às outras e sua posição é atribuída no contexto geral da organização social.

Os contos tradicionais, em regra geral, terminam bem, no sentido de que os “maus” são punidos e os “bons” recompensados. Mas há um ciclo de contos que terminam mal, onde os protagonistas, ou outros personagens “bons” têm uma morte violenta. São os *Schreckmärchen* ou os *Warnmärchen* que são compostos para amedrontar as crianças e alertá-las contra certos perigos ou, ainda, impedi-las de cometer certas ações. Neste ciclo de contos, constata-se uma constante: é preciso que o personagem, simpático à criança, morra para que o propósito da narrativa se cumpra, e efetivamente provoque medo ou susto. Neste grupo de histórias se enquadra, também, a história de **Chapeuzinho Vermelho**.

A forma de narrar, utilizada pelo narrador, também era considerada importante como evidencia uma indicação encontrada na margem do manuscrito de **Chapeuzinho Vermelho**, que data de 1695: “Pronunciam-se as palavras com uma voz forte para fazer medo à criança, como se o lobo a fosse comer.” (apud SORIANO, 1980, p.153).

Pondé (1985) lembra que Perrault informa, no prefácio à edição de 1695, que seus contos “[. . .] encerram uma ‘moral útil’ e ensinam às crianças a vantagem que há em ser honesto, paciente, avisado, laborioso e obediente.” (p.100).

Mais adiante, a mesma autora (op.cit., p.101) acha interessante observar a preocupação com as condutas masculina e feminina. O narrador costuma enfatizar aspectos do comportamento feminino, tais como a obediência, a curiosidade, a beleza, a honestidade, sempre relacionados com uma função social do personagem na narrativa. Como a identidade social da mulher se adquiria com o casamento, este seria a recompensa de desenvolver esses atributos. Já nos homens, os desvios de conduta são tratados com mais condescendência. As desobediências e transgressões femininas são mais frequentes e recebem sempre castigo, até mesmo a morte. Já o autoritarismo

masculino, mesmo excessivo, tem tratamento mais brando, apesar de ser também, às vezes, criticado e castigado.

Pondé também acredita que o conservadorismo nas narrativas infantis se mostra pela pedagogia do exemplo - os personagens que agem de acordo com as regras estabelecidas são gratificados, enquanto os que as desobedecem e as transgridem recebem castigo dos mais diversos tipos, incluindo até a morte. Vamos analisar, especialmente no recorte 1, essa questão no âmbito da história de **Chapeuzinho Vermelho**.

Poder-se-ia dizer, então, que a função primordial do conto de fadas tradicional é disciplinar, reforçando proibições e estimulando a obediência às regras de um contexto social, funcionando como um reflexo do que Angenot (1992) chamou de “discurso social”: “[. . .]os sistemas genéricos, os repertórios tópicos, as regras de encadeamento de enunciados que, em uma sociedade dada, organizam o *dizível* - o narrável e o opinável - e asseguram a divisão do trabalho discursivo.” (p.8).

## 4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 4.1 Considerações sobre a Análise do Discurso

A questão da Análise do Discurso parece ter suas raízes mais remotas em Ferdinand de Saussure, quando este estabelece sua célebre dicotomia língua/fala. A linguagem, para ele, consiste dessas duas partes que são vistas como bem distintas. Sobre a fala, Saussure diz que “[. . .] é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor.” (SAUSSURE, 1975, p. 21). Já a língua, é considerada por Saussure como “[. . .] a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la.” (op.cit., p.22). Assim, ao separar a língua da fala, separa também o que considera social e essencial, a língua, do que considera individual, acessório e mais ou menos acidental, a fala.

Para Bakhtin, assim como para Saussure, a língua é um fato social e existe para suprir as necessidades de comunicação, mas não é algo rígido e imutável, como considera Saussure. Pelo contrário, está sujeita a modificações. Modificações que vão refletir as mudanças na própria ideologia em que se inserem os falantes. Isso porque a fala para Bakhtin, diferentemente do que para Saussure, também é social. Manifesta-se através de cada falante, reflete uma ideologia e, no seu conjunto, vai constituir e modificar a língua: “[. . .] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica.” (BAKHTIN, 1992, p.43). Os conflitos nas estruturas sociais vão, pois, para Bakhtin, evidenciar-se na fala e, conseqüentemente, na língua.

Pode-se dizer que, hoje, a Análise do Discurso abrange todo um campo teórico de estudos, dividindo-se em duas tendências principais: a americana e a européia (mais especificamente, a Escola Francesa).

Mangueneau em **Novas Tendências em Análise do Discurso** considera que a tendência americana vê o discurso como uma simples extensão da Lingüística; já a européia, considera a Análise do Discurso como a expressão de uma crise interna da

Linguística, principalmente no campo semântico. E, por serem tão frontalmente diversas, se poderia até dizer que existem duas teorias do discurso.

Na década de 50, Harris, linguísta americano, preocupa-se em estender os estudos da análise distribucional americana, que era limitada à frase, aos enunciados, que ele chamou de discurso. Assim, simplesmente estende ao texto o que vinha sendo aplicado à frase.

Do ponto de vista do teórico americano, parece que se busca simplesmente determinar como são organizados os elementos que constituem o texto. Não é meta da linha americana buscar esclarecer o sentido que se institui nesse texto.

Pode-se considerar o distribucionalismo de Harris o marco inicial da Análise do Discurso europeia francesa (AD), porque inaugura a possibilidade de ir além das análises que se limitam à frase. Essa nova tendência, a AD, que surge nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, propõe que não mais se trabalhe com a dicotomia língua/fala e, sim, com o discurso, considerando que seja este o lugar para o qual convergem processos ideológicos e fenômenos linguísticos. A partir dessa nova perspectiva, a linguagem não é mais considerada um simples instrumento de comunicação.

Para Orlandi (1987), a Análise de Discurso não é um nível diferente de análise, se considerarmos níveis como o fonético, o sintático, o semântico, é, antes, um ponto de vista diferente. O ponto de vista da Análise de Discurso é diferente do da Linguística estabelecida porque instaura um objeto diferente - o discurso, enquanto interação (p.158).

A teoria de Michel Pêcheux, filósofo preocupado com as questões da linguagem, exposta em **Análise Automática do Discurso**, surge em 1969 e marca o início da AD francesa. Apesar de, posteriormente, ter reformulado completamente sua proposta inicial e abandonado seu propósito ali posto, que é o de usar a automação como ferramenta de trabalho, tem o mérito de ter iniciado as reflexões teóricas em direção a uma teoria do discurso, pois propõe o estudo do discurso como uma tentativa de considerar a linguagem além de um mero instrumento de comunicação.

Para Orlandi (1987), a AD não se constrói como uma alternativa para a Linguística, mas como uma proposta crítica que procura problematizar as formas de reflexão sobre a linguagem já estabelecidas. A AD concebe a linguagem como trabalho, isto é, instaurando uma relação constitutiva e transformadora entre o homem e a

realidade natural e social. Então, ao mesmo tempo em que pressupõe a Lingüística, “[. . .] a AD abre um campo de questões no interior da própria Lingüística e que refere o conhecimento da linguagem ao conhecimento das formações sociais.” (p.11).

Orlandi considera a AD como a instauração de um problema interno e, ao mesmo tempo, externo para a Lingüística. Interno no sentido de que a AD coloca questões que possibilitam à Lingüística trabalhar no seu próprio campo. Na verdade, essas questões surgem através das relações que se estabelecem entre os objetos da Lingüística com a ciência das formações sociais.

Externo porque a AD é (ou procura ser) uma resposta (ou proposta diferente) a questões colocadas para a Lingüística. Orlandi acredita ainda que a Lingüística, quando confrontada com questões que vão além de seu domínio específico, isto é, colocada em relação com o social, identifica essas questões no seu próprio interior. O que é o mesmo que de outra forma já afirmou Pêcheux, mencionado acima.

No que diz respeito à Teoria da Enunciação, para Pêcheux e Fuchs (1975, p.175), o processo de enunciação consiste numa série de determinações sucessivas, através das quais o enunciado se constitui gradativamente e vai se caracterizar por colocar o dito e rejeitar o não-dito. A enunciação coloca, pois, fronteiras entre o que é selecionado e, aos poucos, se torna mais preciso e o que é rejeitado.

No entanto, apesar de a AD levar em consideração a Teoria da Enunciação, não aceita o conceito de um sujeito enunciator que escolhe e toma decisões, como o considera Benveniste, uma vez que, para a AD, só existe o sujeito interpelado pela ideologia, ainda que ele tenha a ilusão de ser senhor do seu dizer.

Quanto à Teoria do Discurso, Pêcheux e Fuchs (1975, op.cit., p.178) dizem que há dois equívocos a serem evitados. Primeiro, não se deve confundir discurso com fala (no sentido de Saussure). O discurso seria, na sua opinião, a realização, em atos verbais, da liberdade subjetiva que escapa ao sistema da língua. Por isso, a teoria do discurso e seus procedimentos não podem se identificar com uma “lingüística da fala”.

O segundo equívoco seria enxergar no discurso um suplemento social do enunciado, ou seja, um elemento particular do sistema da língua que a lingüística clássica teria negligenciado. Pensando assim, o nível do discurso se integraria à língua sob a forma de uma competência particular cujas propriedades poderiam variar em função da posição social.

Em função dessas deformações da realidade, designadas como “discurso”, Pêcheux e Fuchs (1975, op.cit., p.179) acham conveniente introduzir a distinção entre **base lingüística** e **processo discursivo**; os processos de enunciação constituem, segundo eles, o que, “[. . .] no interior mesmo da base lingüística, autoriza o desenvolvimento de processos em relação a ela”; assim, apesar de as formações discursivas pertencerem a formações ideológicas diferentes, usam uma base lingüística comum; os sentidos vão se constituir nos diferentes processos discursivos. Por isso, a análise lingüística não basta para a AD, é necessária uma Teoria do Discurso que consiste na articulação entre o Materialismo Histórico e a Lingüística e permite à AD instaurar-se e operar sobre seu objeto - o discurso.

Uma vez que buscamos analisar o discurso que apresentam as versões da história **Chapeuzinho Vermelho** selecionadas, do ponto de vista de sua inserção sócio-histórica, este também é o motivo pelo qual esta dissertação busca sua fundamentação teórica na Escola Francesa da AD - porque queremos realizar uma análise dentro de uma linha teórica que nos permita abordar, não apenas os aspectos lingüísticos, mas que possa igualmente contemplar o processo sócio-histórico da determinação do sentido.

## 4.2 Conceitos fundamentais

Para Foucault (1987), os **discursos** não são um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras. Acredita este autor que, analisando os discursos, vemos que se desfazem os laços aparentemente indissolúveis entre as palavras e as coisas e que se pode destacar um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Propõe que se tratem os discursos como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam e os define como sistemas de dispersão (p.56).

Já para Pêcheux (1969, p.82), discurso é um lugar; não um lugar vazio, mas preenchido pelas representações sociais. Essa relação discurso/lugar social pode ser explicada através de uma teoria das formações imaginárias. Segundo essa concepção, todo dizer está determinado por uma relação de lugares, ou seja, sempre se diz alguma

coisa **de** algum lugar **para** um interlocutor que ocupa algum outro lugar, sendo que o dizer ou o não dizer está determinado por esta relação. Sintetizando, para Pêcheux, discurso é um conjunto de enunciados que derivam da mesma formação discursiva, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura determinada (formação ideológica). Estes dois conceitos serão definidos mais adiante.

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa dizer alguma coisa, são várias e importantes. **Condições de produção** são um conceito básico na AD, pois, como nos diz Pêcheux (1969, p.79), o discurso precisa ser analisado em confronto com a situação em que foi produzido. Foucault (1987) dizia “[. . .] que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época [. . .]” e, também, que “[. . .] não é fácil dizer alguma coisa nova [. . .]” (p. 51). Isso porque existe um conjunto complexo de relações, que são estabelecidas entre as instituições, os processos econômicos e sociais, sistemas de normas, etc, que determinam sobre o que se pode falar e o que se pode dizer.

Pêcheux e Fuchs (1975) consideram que as condições de produção de um discurso não são simplesmente filtros ou freios que modificam o livre funcionamento da linguagem. Ou seja, não há espaço teórico socialmente vazio onde se desenvolveriam as leis de uma Semântica geral e no qual, posteriormente, se re-introduziriam, como parâmetros corretivos, restrições de natureza social. Por isso, só se pode conceber o discursivo como um “[. . .] processo social cuja especificidade existe na materialidade lingüística.” (p.179).

Apesar de considerar ambígua a expressão “condições de produção”, Pêcheux, em princípio, entende que elas sejam as determinações que caracterizam um processo discursivo e que podem ser as múltiplas características de uma “situação concreta” que conduz à “produção” (no sentido lingüístico ou psicolingüístico do termo), da superfície lingüística de um discurso empírico concreto (id., p.182).

Para Orlandi (1987, p.158), falar em discurso é, necessariamente, falar em condições de produção - os contextos; e, quando fala em condições de produção, concorda com Pêcheux e Fuchs (1975), ao ressaltar a importância das formações imaginárias que levam em conta os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso, a relação de sentido (o conjunto de vozes e a intertextualidade, a

relação que existe entre um discurso e os outros) e a antecipação (maneira como o locutor representa a representação do seu interlocutor e vice-versa).

Conforme Pêcheux (1969, p.75), as condições de produção do discurso são o mecanismo de posicionamento dos protagonistas e do objeto do discurso. Assim, propõe um esquema formal para chegar a uma definição operacional das condições de produção. Para isso, baseia-se no esquema informacional de Jakobson, que coloca em cena os protagonistas do discurso e seu referente. Ou seja, de acordo com Jakobson, no processo lingüístico existem um *destinador* (A), e um *destinatário* (B), sendo que A envia uma *mensagem* a B; além disso, existe um contexto ao qual a mensagem remete e que é chamado *referente*; existe, ainda, um *código* comum a A e B e um *canal* físico ou conexão psicológica entre eles.

Pêcheux redesenha esse esquema, dando-lhe novos sentidos. Onde Jakobson fala em destinador e destinatário, Pêcheux entende que se deva falar de lugares determinados na estrutura de uma formação social. O que para Jakobson era mensagem e envolvia a idéia de transmissão de informação, para Pêcheux é discurso, sendo que a mera transmissão de informações passa a ser entendida como efeitos de sentido (PÊCHEUX, 1969, p.82).

Assim, consideram-se as condições de produção (ou contexto) como constitutivas do discurso; quando mudam, pode-se considerar que a esta mudança corresponderá uma mudança de sentido. Essas variações podem ocorrer no âmbito mais imediato, em torno do momento da interlocução, como também um mais amplo, ligado à Ideologia.

Entre ideologia e discurso não há uma relação de identificação; Deve-se, antes, considerar o discursivo como um dos aspectos materiais do que se chama de materialidade ideológica. Para definir **Ideologia**, Pêcheux invoca Althusser e afirma que Ideologia não possui um exterior, mas, paradoxalmente, afirma que a Ideologia é, ao mesmo tempo, exterioridade. Explica essa aparente contradição afirmando que a Ideologia não possui um exterior para si mesma, mas é exterioridade para a ciência e para a realidade (PÊCHEUX, 1995, p. 177).

A área da ideologia caracteriza-se, portanto, por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica; ou seja, o funcionamento da instância ideológica é determinado em última análise pela instância econômica, pois ela (a

instância ideológica) aparece como uma das condições (não econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente, das relações de produção inerentes a esta base econômica (PÊCHEUX ; FUCHS, 1975, p.165).

A modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar “interpelação”, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico. Esse sujeito, segundo Althusser, é desprovido de liberdade e é assujeitado pela Ideologia porque se reconhece nela desde sempre. O funcionamento da Ideologia engloba o Sujeito, que é o centro, o lugar a que os sujeitos devem se assujeitar; o indivíduo é interpelado como sujeito, submetendo-se às ordens do Sujeito, e tendo a ilusão de estar “aceitando livremente” sua submissão.

Quando Pêcheux (1995, p.148) aceita a tese central de Althusser, afirmando que a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, aceita, também, que esta seja a modalidade do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção. Essa interpelação significa, segundo Pêcheux (id., p.155), que o “não-sujeito” é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia. Isso gera, por assim dizer, um efeito retroativo que faz com que todo indivíduo seja sempre-já-sujeito.

Assim, os sujeitos são “interpelados” em sujeitos falantes, ou seja, sujeitos de **seu** discurso, pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX,1995, p.161).

A interpelação dos indivíduos em sujeitos se efetua em nome do Sujeito universal da Ideologia: o Sujeito “se faz lembrar” aos sujeitos e os determina a ser o que são, a agir como agem e a falar como falam. O sujeito universal da Ideologia representa para os sujeitos “a causa que os determina” e lhes representa essa causa na esfera sem margens da forma-sujeito (PÊCHEUX, 1995, p.272). No entanto, o sujeito esquece das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa - entendamos que, sendo “sempre-já” sujeito, ele “sempre-já” se esqueceu das determinações que o constituem como tal (id., p.170).

O assujeitamento do sujeito contribui, portanto, para a reprodução das relações sociais de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta e, tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção.

Essa reprodução contínua das relações de classe (econômica e também não econômica) é garantida materialmente pela existência de realidades complexas, designadas por Althusser (1985, p.68) como “Aparelhos Ideológicos do Estado” (AIE), que se caracterizam pelo fato de colocarem em jogo práticas associadas a lugares ou a relações de lugares que remetem às relações de classes sem, no entanto, decalcá-las exatamente.

Pêcheux, ao falar em aparelhos ideológicos de Estado, destaca alguns aspectos decisivos, além de frisar que as ideologias não são feitas de “idéias”, mas de “práticas”. Pêcheux pensa que a Ideologia não se reproduz sob a forma geral do espírito de uma época, porque isto significaria que ela se imporia de maneira igual e homogênea à sociedade; também afirma que os AIE não são a realização da Ideologia em geral, nem mesmo a realização sem conflitos da ideologia da classe dominante, eles são, isso sim, seu lugar e meio de realização: “é pela instalação desses aparelhos nos quais a ideologia da classe dominante se realiza e é realizada que ela se torna dominante”, diz Pêcheux. Mas os aparelhos são, também, ao mesmo tempo e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas onde pode ocorrer a transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 1995, p.144-145).

A Ideologia interpela, então, os indivíduos em sujeitos. Esta lei constitutiva da Ideologia nunca se realiza “em geral”, mas sempre através de um conjunto complexo e determinado de formações ideológicas. Estas desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e transformação das relações de produção e isso por causa de suas características “regionais” e de classe; por isso, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p.167).

É necessário dizer, agora, o que são formações discursivas e formações ideológicas. A noção de **formação discursiva** (FD) é, como veremos a seguir, de fundamental importância para que melhor se possa compreender o funcionamento do processo discursivo. O primeiro a usar o termo “formação discursiva” foi Foucault (1987, p.43) que define formação discursiva como “um sistema de dispersão” entre um certo número de enunciados e, no caso em que se puder definir uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas. Procura, pois, dentro da dispersão, uma regularidade que caracterize essa formação discursiva.

Para Pêcheux, “formação discursiva é aquilo que numa formação ideológica dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (1995, p.160). Por isso, as palavras recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas e pode-se dizer que a FD é ideologicamente constituída. A formação discursiva é, pois, o lugar da constituição do sentido, da matriz do sentido. A inserção do discurso em uma formação discursiva específica é que produz a impressão de unidade, a “transparência” e a “completude” do seu dizer (ORLANDI, 1996, p.57). No entanto, Pêcheux defende a idéia de que as fronteiras entre as FDs são instáveis e que as FDs se constituem não só de homogeneidades, mas também de heterogeneidades.

Também Courtine (1982) defende que falar em uma FD não equivale a dizer um só discurso para todos, mas “deve ser pensada como dois (ou mais) discursos em um só”. Considera esta contradição o princípio constitutivo de toda FD. Assim, uma FD seria, na verdade, uma “unidade dividida”, uma heterogeneidade em relação a si mesma (p. 245).

O domínio do saber de uma FD funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para o formulável e também como princípio de exclusão do não-formulável; isso porque, como já foi afirmado, determina o que pode e deve ser dito e, simultaneamente, o que não pode e não deve ser dito.

E, embora toda seqüência discursiva receba seu sentido da formação discursiva a que pertence, o sujeito falante tem a ilusão de ser a fonte do sentido e também de poder dizer o que quiser. Na verdade, Pêcheux e Fuchs (1975) chamam essas duas “ilusões” de esquecimento nº 1 e esquecimento nº2, respectivamente (p.166). E é iludido por esses dois esquecimentos que o sujeito produz seu discurso. Produz seu discurso utilizando uma base lingüística (esquecimento nº1) e inserindo-se num processo discursivo (esquecimento nº2).

Toda FD deriva, portanto, de condições de produção específicas; existe historicamente no interior de determinadas relações de classe e pode fornecer elementos que se integrem em novas formações discursivas, constituindo-se no interior de novas relações ideológicas que colocam em jogo novas formações ideológicas (PÊCHEUX ; FUCHS, 1975, p.167). A formação discursiva que veicula a forma-sujeito é a formação discursiva dominante, sendo que a dominação da formação discursiva dominante é

determinada pelas formações discursivas que constituem o que chamamos de seu interdiscurso,

Para Pêcheux e Fuchs (id.) e também para Courtine (1981, p.34), **formação ideológica** constitui-se num elemento capaz de intervir, como uma força que se opõe a outras forças, na conjuntura ideológica característica de uma formação social, em um momento específico.

Assim, cada formação ideológica se constitui num conjunto complexo de atitudes e representações que não são ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (PÊCHEUX ; FUCHS, 1975, p.167).

Courtine (1981, p.34), examinando a relação das ideologias com o discurso, conclui que, se as ideologias têm uma “existência material”, o discursivo deve ser considerado um desses aspectos materiais. Isto vem de novo colocar que as formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias FDs interligadas, sempre determinando o formulável e o não formulável, a partir de uma posição específica, numa conjuntura específica; ou seja, numa relação de lugares, no interior de um aparelho ideológico que advém de uma inscrição numa relação de classes.

Pêcheux resume dizendo que “a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade e subordinação do “todo complexo com dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes (PÊCHEUX, 1995, p.147).

Pêcheux (1995) é de opinião que as formações ideológicas possuem também um caráter “regional” e comportam posições de classe, pois que os “objetos” ideológicos são sempre dados ao mesmo tempo que a maneira de usá-los - seu sentido, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses da classe aos quais eles servem (p.146).

Para Pêcheux e Fuchs (1975, p.168), é difícil delimitar fronteiras precisas entre conceitos como formações discursivas e formações ideológicas; essa dificuldade decorre da contradição que existe entre a natureza desses conceitos e o uso classificatório que imobiliza; na sua opinião, se levarmos em conta o caráter eminentemente dialético dessas realidades, essa diferenciação precisa se torna

impossível; na verdade, traçar essa fronteira é uma ilusão; o que se deve é aceitar a possibilidade de cada um desses objetos tornar-se o outro.

É próprio de toda formação discursiva dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso que determina essa formação como tal. Pêcheux (1995, p.162) define como **interdiscurso** esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, que é submetido à mesma lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza as formações ideológicas.

Essa objetividade material do interdiscurso está no fato de que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1995, p.156), isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. Então, algo emerge nas entrelinhas do discurso e, poderíamos dizer, escapa ao controle. O efeito de encadeamento do pré-construído e o efeito de articulação são determinados materialmente na própria estrutura do interdiscurso.

O efeito de **pré-construído** consiste nessa discrepância pela qual um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado em um outro lugar, num tempo anterior, como se fosse independente, como afirma Pêcheux. Pode ser considerada a modalidade discursiva da contradição pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito, ao mesmo tempo em que é sempre-já sujeito.

O pré-construído corresponde, então, ao sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade e seu sentido, sob a forma de universalidade, que representa o mundo das coisas. Constitui-se, de fato, num elemento fundamental do interdiscurso; refere-se a uma construção anterior e exterior, que se opõe ao que está sendo construído na enunciação. Assim, é através do pré-construído que a FD se relaciona com o seu exterior.

Já a **articulação** constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de forma que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito. A articulação é um processo de sustentação que está em relação direta com o discurso transversal, pois resulta da linearização ou sintagmatização do discurso transversal no eixo do que chama de intradiscurso. Ou seja, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo. O que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que direi depois. Ou seja, o conjunto dos fenômenos de “co-referência” que garantem aquilo que se chama de “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito.

É, portanto, a partir do interdiscurso que podem ser analisadas as modalidades de assujeitamento. Quando o sujeito falante produz uma seqüência discursiva dominada por uma FD determinada, o interdiscurso é o lugar onde se constituem, para este sujeito falante, os objetos de que este sujeito enunciador se apropria para torná-los objetos de seu discurso (COURTINE, 1981, p.35).

O interdiscurso é o lugar de constituição do pré-construído porque fornece os objetos dos quais a enunciação se apropria para produzir uma seqüência discursiva; ao mesmo tempo, ele atravessa e conecta esses objetos entre si; o interdiscurso funciona, assim, como um **discurso transverso**: atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso, enquanto pré-construído (que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”), com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se dizer que o intradiscurso enquanto “fio do discurso” do sujeito é, de fato, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo; uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior” (COURTINE, op.cit, p.36).

O **interdiscurso** de uma FD, conforme COURTINE (op.cit., p.49), deve ser pensado como um processo de reconfiguração incessante no qual o saber de uma FD é levado, em função das posições ideológicas que esta FD representa numa conjuntura determinada, a incorporar os elementos pré-construídos produzidos no exterior dele mesmo, a produzir a redefinição ou o retorno: a suscitar igualmente a reunião de seus próprios elementos, a organizar a repetição, mas, também, a provocar eventualmente o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação. O interdiscurso de uma FD, como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber desta FD, pode ser entendido como o que regula o deslocamento de suas fronteiras.

Já o **intradiscurso** de uma seqüência discursiva aparece como o lugar onde se realiza a seqüencialização dos elementos do saber. É o nível de descrição geralmente referido, através da noção de “fio do discurso”, “coerência textual”, “estratégias argumentativas” e que suscita análises em termos de coerência, tematização e progressão temática, inferências pressuposicionais, conexões interfrásticas, etc. Conforme Courtine (op.cit., p.50), trata-se do ambiente onde se mostra o imaginário no discursivo, ou seja, onde o sujeito enunciador é produzido, na enunciação, como

interiorização da exterioridade do enunciável, corresponde ao nível da formulação; já o interdiscurso corresponde ao nível do enunciado.

Convém fazer, aqui, uma distinção entre enunciado e enunciação. Courtine designa **enunciado**, como “uma forma ou um esquema geral que governa a repetibilidade no seio de uma rede de formulações”, um elemento do próprio saber da FD. Diferente do conceito de enunciado, Courtine define **enunciação** como uma seqüência lingüística que representa uma das possíveis reformulações do enunciado. Por isso, a enunciação remete ao próprio fio do discurso - o intradiscurso, enquanto o conceito de enunciado remete ao interdiscurso (COURTINE op.cit. p. 49).

É exatamente na articulação entre interdiscurso e intradiscurso, ou entre enunciado e enunciação que se constitui o discurso e se instaura o sujeito discursivo, que é diferente do sujeito gramatical. Para Pêcheux, o lugar do sujeito é ocupado pelo que ele designa como forma-sujeito ou sujeito do saber da FD. Ele diz que é pela forma-sujeito que “o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui” (PÊCHEUX, 1995, p.166).

Pêcheux chama de posição-sujeito a essa relação de identificação entre sujeito enunciator e sujeito do saber da FD. Assim, diferentes sujeitos, ao se relacionarem com o sujeito do saber, podem ocupar diferentes posições-sujeito, o que causa diferentes efeitos-sujeito no discurso de cada um.

O discurso se constitui, portanto, na articulação entre os dois planos - o do intradiscurso com o interdiscurso. O intradiscurso como o plano horizontal, em que se realiza a seqüencialização dos elementos do saber, onde acontece o discurso, e o interdiscurso, que é a dimensão vertical onde se configura o saber da FD e que dá sentido ao discurso.

Abordaremos, a seguir, algumas questões básicas para o nosso trabalho de análise.

### 4.3 A questão do sentido

Ao contrário de outras áreas de conhecimento, na AD trabalha-se com a materialidade do sentido que se produz no discurso. A análise dos efeitos de sentido não tem caráter subjetivo, pelo contrário, é sempre tratada objetivamente, tendo sempre como ponto de partida a base lingüística.

A tese central de Althusser diz que “[. . .] a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos.” Para ele, antes de ser interpelado pela Ideologia, o sujeito não existe ainda, existe apenas o “não-sujeito”. Quando interpelado, constitui-se em sujeito pela Ideologia. A partir daí, esse sujeito recebe como evidente e único o sentido do que ouve, diz, lê ou escreve.

O sujeito que produz a linguagem, lembra Orlandi (1987, p.26), também está reproduzido nela, mas acredita ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando, na realidade, apenas retoma um sentido pré-existente. Essa ilusão de estar na origem do sentido, que Pêcheux chama de esquecimento nº1 (PÊCHEUX, 1975, p.166), explica porque o sujeito falante se encontra necessariamente dentro da FD que o domina, mas não tem consciência disso. Essa ilusão de ser a fonte do sentido se desfaz se atentarmos ao fato de que, para ter sentido, qualquer seqüência deve pertencer a uma formação discursiva que, por sua vez, faz parte de uma formação ideológica determinada.

Na verdade, como a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido, Pêcheux (1995, p.162) lembra que as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra; por isso, não são apenas as intenções do sujeito que determinam o dizer, há toda uma articulação entre a intenção individual e as convenções sociais. A noção de sentido está, portanto, estreitamente ligada às condições de produção do discurso.

A produção de sentido também está intimamente ligada à relação de paráfrase entre seqüências que formam famílias de sentido - as famílias parafrásticas; essas famílias constituem o que Pêcheux (1975, p.170) chama de “matriz de sentido”, ou seja, é no interior delas que o sentido se define e se fortalece. O efeito de sentido se constitui, portanto, a partir das relações que se estabelecem no interior destas famílias. Pêcheux chama de processo discursivo às relações de paráfrase que ocorrem no interior da matriz do sentido, que é inerente à formação discursiva.

Das possibilidades que tem à sua disposição, o falante vai selecionando, vai delimitando o que diz, entre tudo o que seria possível dizer. Essa apropriação que o sujeito faz da língua, no entanto, não é um movimento individual, como se poderia pensar, mas evidencia uma forma social de apropriação da linguagem. O modo como ele faz essa apropriação reflete sua ilusão de sujeito e a interpelação que lhe é feita pela Ideologia.

As determinações sucessivas que vão constituindo o enunciado pouco a pouco se caracterizam por colocar o “dito” e rejeitar o “não-dito” e são chamadas por Pêcheux de processos de enunciação (PÊCHEUX,1975, p.175). Falar em enunciação equivale, então, a falar em fronteiras entre o que é “selecionado” e se torna gradualmente preciso e aquilo que é rejeitado. Pêcheux, que chama este efeito de ocultação parcial de esquecimento nº 2, identifica aí a fonte de impressão de realidade do pensamento para o sujeito (“eu sei o que eu digo”, “eu sei do que eu falo”).

Pêcheux considera que uma palavra, expressão ou proposição não tem um sentido próprio, um sentido literal; se não existe sentido literal, principal, não existe fonte da qual seja possível derivar sentidos por meio de uma combinatória lógico-lingüística. Pêcheux acredita que se existisse essa literalidade, as palavras não poderiam receber os diferentes sentidos que recebem, conforme se refiram a uma ou outra formação discursiva; dentro da sua formação discursiva todos os sentidos parecem igualmente “óbvios” (PÊCHEUX 1995, p.160).

Na realidade, o determinante do sentido das palavras são as posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual são produzidas, ou melhor, reproduzidas. Assim, mudam de sentido conforme as posições daqueles que as empregam, adquirem seu sentido em referência a essas posições, ou seja, em referência às formações ideológicas.

Nos processos discursivos, esses lugares estão representados, diz Pêcheux 1993, p.82). Não aparecem explicitamente como um conjunto de características, mas sim, transformados, como formações imaginárias que determinam o lugar que A e B atribuem um ao outro, a imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. Assim, há que se levar em conta que o que alguém diz vai sempre depender da sua posição social.

Por tudo isso, é necessário pensar no sentido em sua pluralidade. Não se pode considerar um sentido literal que seja central e superior em relação a outros sentidos que se constituem no uso da linguagem. “Não há um centro e suas margens”, diz Orlandi (1987, p.143), referindo-se a essa questão, “[. . .] há apenas as margens, que são os efeitos de sentido.” O sentido dito literal, que seria o centro, é, na verdade, apenas um efeito discursivo. O que há, portanto, é multiplicidade. Por definição, todos os sentidos são possíveis e a dominância de um deles se dá, como já foi dito, em função de suas condições de produção. E, assim como as mesmas palavras mudam de sentido conforme mudam de formação discursiva, também é necessário admitir, por outro lado, que palavras, literalmente diferentes, possam ter o mesmo sentido dentro de uma determinada formação discursiva. Portanto, repetindo com Pêcheux, “a formação discursiva é a condição básica para o significado de palavras” (PÊCHEUX, 1995, p.161).

Conforme Pêcheux (op.cit., p.159), é a Ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, designa o que é e o que deve ser o significado de uma palavra (ou conjunto delas) muitas vezes por “desvios” que são lingüisticamente marcados. É a Ideologia, por isso, que fornece as “evidências” pelas quais “todo mundo sabe” o que as palavras e os enunciados significam. Essas evidências fazem com que as palavras ou os enunciados queiram dizer o que realmente dizem, em uma determinada FD, criando, assim, uma ilusão de “transparência da linguagem” e da existência do sentido literal.

Essa “transparência” ilusória mascara o que Pêcheux chama de “caráter material do sentido” das palavras e dos enunciados. O caráter material do sentido consiste na sua dependência constitutiva do que chama de “todo complexo das formações ideológicas” especifica essa dependência por meio de duas teses (PÊCHEUX, op.cit., p.159-162 ).

A primeira tese diz que o sentido de uma palavra, expressão, proposição, etc, não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual são produzidas, ou melhor, reproduzidas. Assim, a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido, sua “matriz”, por assim dizer.

A segunda tese afirma que toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo

complexo com dominante”, que são as formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas.

Para Pêcheux, a possibilidade de substituição entre palavras etc, que existe no interior de uma formação discursiva específica, pode se dar basicamente de duas maneiras: como **equivalência** e como **implicação**. Na equivalência há a possibilidade de substituição simétrica, ou seja, dois elementos, A e B, possuem o mesmo sentido, na mesma formação discursiva. Na implicação, existe a possibilidade da substituição orientada - de tal maneira que a relação de substituição de A por B, não seja a mesma que a relação de substituição de B por A.

Uma palavra, expressão ou proposição recebe um sentido que existe exclusivamente nas relações de metáfora, no lugar mais ou menos provisório que é uma formação discursiva. Ao mesmo tempo, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta em relação ao interdiscurso.

Vimos, então, que é no espaço de reformulação-paráfrase de uma FD, que se constitui a ilusão necessária de uma “intersubjetividade falante” pela qual cada um sabe de antemão o que o “outro” vai pensar e dizer, já que cada um reproduz o discurso do outro. Neste mesmo espaço (a FD) na qual se constitui o sentido, também acontece o acobertamento do impensado, que é o exterior específico da FD, e que o determina. Mas não há fronteira ou solução de continuidade, de modo que o acesso ao “não-dito” como o “dito de outro modo” permanece sempre aberto (PÊCHEUX, op.cit., p.172).

Queremos deter-nos na questão da manutenção do sentido, da paráfrase, que é a matriz do sentido, mas também referir-nos à polissemia, que é o surgimento do sentido novo, fonte do sentido. Isso porque muito mais tem sido dito sobre a paráfrase do que sobre a polissemia. Esta questão é fundamental para nós porque neste trabalho, nos debruçaremos sobre o tipo de discurso identificado nas diferentes versões da história **Chapeuzinho Vermelho**; se existe mudança ou não e, conseqüentemente, se o sentido se mantém ou não, ou seja, se há paráfrase ou se surge a polissemia. Queremos, então, abordar, de forma sucinta, a paráfrase, do ponto de vista lingüístico, literário e da análise do discurso.

## O ponto de vista da lingüística

Catherine Fuchs relata que o termo paráfrase aparece no campo da Lingüística por volta dos anos 60 (FUCHS, 1985, p.129). Seu interesse prende-se, entre outras razões, ao aumento das preocupações semânticas nos diversos níveis - da palavra ao enunciado. Na verdade, como ela mesma diz, paráfrase é um termo difícil de precisar. Para tentar fazê-lo, é preciso fazer um retrospecto das três principais fontes históricas que embasam a reflexão que a lingüística fazia sobre a paráfrase: a perspectiva da **lógica**, que considera a paráfrase uma equivalência formal; em segundo lugar, a perspectiva **gramatical**, que considera a paráfrase como sinonímia e, finalmente, a perspectiva **retórica**, para a qual a paráfrase é uma reformulação.

### a) A perspectiva da lógica: a equivalência formal

Do ponto de vista da Lógica, lembra FUCHS (1985, p.130), duas proposições são equivalentes quando elas têm o mesmo “valor verdade” e alguns lingüistas partiram desta regra da Lógica para estabelecer as condições de realização da paráfrase, enquanto outros insistiam nas dificuldades e limites de tal abordagem da paráfrase.

No entanto, mesmo recusando o critério da identidade de valores de verdade, os lingüistas formais mantêm da lógica a idéia básica de tratar a paráfrase como uma equivalência. A paráfrase lingüística por excelência é, deste ponto de vista, a relação entre as frases ativas e passivas ou a relação entre conversas.

### b) A perspectiva gramatical: A paráfrase como sinonímia de frases

Fuchs (1982, p.17) diz que, para estabelecer a sinonímia entre expressões, é preciso levar em conta não apenas a identidade extensional, no nível da referência, mas também a identidade intencional no nível do sentido. Não basta que as expressões denotem o mesmo objeto ou o mesmo estado de coisas; não é o suficiente “falar” da mesma coisa; ainda é preciso que o “ponto de vista” sobre este referente seja o mesmo ou comparável; é preciso dizer a mesma coisa ou coisas próximas.

Dependendo da época, prevaleceu a posição **quantitativa**, que entende serem abundantes as palavras que têm o mesmo sentido, ou a **qualitativa**, para a qual a língua instaura diferenças semânticas sutis entre as chamadas sinonímias e que se evidenciam nas diferenças de emprego.

c) A perspectiva retórica: a paráfrase como reformulação

Foi no campo da Retórica que surgiu o termo “paráfrase”, que no grego (**παραφρασις**) significa ao lado de, no sentido de proximidade (**παρα**) e ato de dizer sentença (**φρασις**); portanto, dizer algo próximo de, sentença paralela: **παραφραζω** = traduzir livremente.

Modernamente, quando se pensa em definir paráfrase, pensa-se nela quase como sinônimo de “reformulação”. Reformulação pensada como uma forma diferente de dizer a mesma coisa; uma modificação que, na prática, faz com que um texto ou frase “A” seja modificado para um texto ou frase “B”, mas do qual se diz que significa o mesmo que “A”.

No âmbito da retórica e também da literatura, a paráfrase tem sido abordada como uma atividade de reformulação pela qual o locutor tenta restaurar total ou parcialmente, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo. Deste ponto de vista, a paráfrase se assemelha a uma tradução e levam-se em consideração parâmetros ligados ao locutor e à situação particular de discurso. Segundo Fuchs (1985, p.134), podem inscrever-se, nesta linha, diferentes abordagens da paráfrase, nas perspectivas enunciativa, discursiva e pragmática.

Assim, antes de mais nada, a primeira questão que precisa ser colocada, conforme pensa Fuchs (1982, p.8), é como se pode pensar que uma verbalização **reformulada** possa resultar em algo idêntico ao que lhe deu origem - como é que A pode transformar-se em B e ainda ser igual a A? Como se pode dizer algo de maneira melhor ou pior e ainda ser a mesma coisa? Se ela é dita de forma melhor ou pior, já não é mais a mesma. Dizer de modo melhor ou pior alguma coisa é, então, em última instância, dizer algo diferente. Logo, o que é considerado uma **reprodução** de um significado, pode também ser considerado sua **deformação**.

Quando um emissor quer/precisa descrever uma realidade, tem à sua disposição uma diversidade de formulações possíveis de uma mesma idéia, que se constitui num ponto de vista particular da realidade, no nível da representação conceptual e no nível da verbalização. Dependendo de seus interlocutores e das circunstâncias, o emissor deve selecionar, entre essas várias possibilidades, a melhor alternativa para aquele momento e aquele interlocutor.

Essa escolha que fará, para descrever esse ponto de vista particular da realidade, vai ser determinada por alguns pontos:

- a imagem que ele quer dar do tema do seu discurso,
- seus objetivos para estar expressando tal ponto de vista,
- o lugar que ele próprio e seu interlocutor ocupam na troca discursiva,
- a imagem que ele quer dar de si e do seu interlocutor.

A escolha que fará em função desses itens determinará como irá apresentar os fatos. E essa apresentação é única; se reformulada ou parafraseada, já não será mais a mesma.

### **O ponto de vista da literatura**

Sant'Anna lembra que o termo paráfrase, como já vimos anteriormente, no grego significava continuidade ou repetição de uma sentença. Para ele (1995, op.cit., p.21), não haveria nunca paráfrase pura, senão um segundo texto sobre o primeiro, acrescido de diferenças.

Sabemos, como confirma Sant'Anna (id.), que tanto a ciência quanto a arte e a religião usam a paráfrase como instrumento de divulgação porque, mais do que um efeito retórico e estilístico, ela gera um efeito ideológico de continuidade de um pensamento, fé ou procedimento estético.

Por outro lado, a paráfrase, repousando sobre o idêntico e o semelhante, pouco faz evoluir a linguagem. Ela se oculta atrás de algo já estabelecido, de um velho paradigma. Haveria apenas substituições superficiais, sendo que se manteria o mesmo discurso, reforçando o aprendizado. Do lado da ideologia dominante, a paráfrase é uma continuidade. Sant'Anna (op. cit., p.29) considera que na paráfrase alguém abre mão de

sua voz para deixar falar a voz do outro. Compara a paráfrase a uma máscara que se identifica totalmente com a voz que fala atrás de si.

Já a paródia é o que Sant'Anna pensa como sempre inauguradora de um novo paradigma, porque está do lado do novo e do diferente e de avanço em avanço ela constrói a evolução de um discurso, de uma linguagem, sintagmaticamente (op. cit., p.27).

Sant'Anna (op.cit., p. 12-13) cita o verbete no Dicionário de Literatura de Brewer que define paródia como “uma ode que perverte outra ode” (para-ode). Lembra que, a partir do século XVII, o termo paródia se torna institucionalizado e modernamente “se define através de um jogo intertextual”. Antes do formalismo russo, os autores em geral definiam paródia dentro de uma certa sinonímia, aproximando-o do burlesco e considerando-a como um subgênero. Autores mais recentes definem a paródia também por contigüidade, considerando-a um mero sinônimo de pastiche, ou seja, um trabalho de ajuntar pedaços de diferentes partes de obra de um ou vários artistas.

O formalista russo Tynianov, citado por Sant'anna (op.cit., p.13) sofisticou o conceito de paródia quando a estudou ao lado do conceito de estilização e afirmou que ambos vivem uma vida dupla, pois, além da obra, há um segundo plano. Na paródia, ele pensa que esses dois planos devem ser necessariamente discordantes: assim, a paródia de uma tragédia será necessariamente uma comédia.

Já para Bakhtin, outro formalista russo, existe paródia quando o autor utiliza a fala de um outro e introduz na outra fala uma intenção que se opõe diretamente à original. As vozes na paródia se colocam antagonicamente ao sentido estabelecido anteriormente. Assim, na literatura, a paráfrase e a paródia são movimentos contrários que levam para o lado da repetição ou para o lado da renovação.

### **O ponto de vista da análise do discurso**

A paráfrase é uma das principais questões lingüísticas de que se ocupa a Análise do Discurso. A paráfrase era vista, no início (1969), como possibilidade de substituição de segmentos discursivos num contexto. Mas Pêcheux associa posteriormente (1975) a idéia de paráfrase à produção de sentido. Diz ele que não se pode dissociar a produção

do sentido da relação de paráfrase “[. . .] entre seqüências tais que a família parafrástica destas seqüências constitui o que se poderia chamar a ‘matriz do sentido’.” (p.169).

Para Pêcheux (1975, p.227), convém ligar o conceito de paráfrase ao de substituição e de sinonímia, mas também, por outro lado, ao de transformação. Courtine (1961, p.95) parte deste conceito e afirma que a substituição possível de elementos, num contexto discursivo determinado, funda uma relação de sinonímia entre esses elementos; ser substituível significa ter o mesmo sentido no processo discursivo em questão. O elo de paráfrase entre duas formulações, interpretado em termos de sinonímia, embasa assim a noção de paráfrase discursiva sobre a identidade semântica de duas formulações.

Esta identidade semântica não se reduz, em todos os casos, a uma pura e simples equivalência. Pêcheux distingue dois tipos fundamentais de substituição nos domínios semânticos: as substituições simétricas e as orientadas. Quando existe uma substituição simétrica, temos uma situação em que **a** e **b** (morfemas, sintagmas ou formulações) são considerados substituíveis num contexto **P**. Se **a** corresponde a **b**, é contextualmente seu sinônimo, mantém com ele uma relação de equivalência semântica do tipo dicionário; **a** é, então, uma metáfora adequada de **b** e o recíproco também é verdadeiro, existindo uma relação de substituição que se chama simétrica.

Quando existe uma substituição orientada, temos uma situação em que **a** e **b** são considerados substituíveis num contexto **P**, mas **a** e **b** não são equivalentes. No entanto, pode-se passar de um para o outro, deduzir um do outro, estabelecer uma relação do tipo metonímica entre um e outro.

Serrani (1993) propõe para a paráfrase o conceito de “ressonância interdiscursiva de significação”, entendida como “efeito de vibração semântica mútua” (p.47). Nesta obra, Serrani, partindo da definição de Pêcheux para formação discursiva, como espaço de reformulação-paráfrase, propõe-se a examinar exatamente a diferença entre ambos os termos: reformulação e paráfrase. Para isso, também examina o conceito de co-referência, anáfora e glosa. Para a autora, o que diferencia esses conceitos é que correspondem a níveis de análise diferentes. “A reformulação, com seus diversos mecanismos de realização, corresponde ao nível do intradiscurso. A glosa situa-se na passagem entre o intradiscurso e o interdiscurso. E a paráfrase é do nível do interdiscurso.” (SERRANI, op.cit., p.46). Observa que as reformulações estão no nível

da formulação, ou seja, das seqüências lingüísticas que são de fato produzidas. Neste mesmo espaço também acontecem as co-referências e anáforas.

Para Pêcheux (1995, p.166), a co-referência é descrita como o efeito de conjunto pelo qual a identidade estável dos referentes, do que está em questão, encontra-se garantida no fio do discurso e implica numa relação simétrica. Já a anáfora é o mais visível dos mecanismos lingüísticos pelos quais esse efeito se realiza e se constitui numa relação assimétrica que liga um termo anaforizado e outro anafórico; relação na qual não pode haver inversão.

A glosa, cujo conceito também é examinado, está ligada à atividade de reformulação e parece ter o objetivo de esclarecer o sentido; apresenta-se como explicação ou comentário, ou mesmo, desconstrução do comentário-fonte.

Assim, voltando ao conceito de Serrani sobre paráfrase, encontramos também uma especificação metodológica por ela proposta – diferenciar ressonâncias de significação em torno de unidades específicas daquelas em torno de modos de dizer; as primeiras referem-se ao funcionamento parafrástico de unidades como itens lexicais, frases nominais, etc; o segundo tipo refere-se aos efeitos de sentido que são produzidos pela repetição, em nível de interdiscurso, de construções sintático-enunciativas na estruturação de um discurso específico.

Entre os processos sócio-históricos de constituição da linguagem, Orlandi (1984, p.11) destaca dois que considera os principais: o da **polissemia** e o da **paráfrase**.

Orlandi é de opinião que na Lingüística tem havido a tendência de se olhar a linguagem apenas através de seu processo parafrástico, deixando a polissemia para a poética e a retórica.

A polissemia - que é a instauração da multiplicidade de sentidos - é o novo, o diferente. A paráfrase - que é o processo pelo qual procura-se manter o mesmo sentido sob formas diferentes - é o mesmo, o que já está dado.

Através da articulação entre esses dois processos, pode-se distinguir o que Orlandi chama de produtividade e criatividade. A autora define a produtividade como reiteração de processos já cristalizados pelas instituições, em que se toma a linguagem como produto e se mantém o dizível no espaço do que já está instituído, ou seja, poderíamos dizer que a produtividade é uma característica da paráfrase.

Do outro lado, existe o que chama de criatividade, que instaura o diferente e se evidencia através da polissemia. O uso pode criar novas formas e produzir novos sentidos para romper o processo dominante de produção de sentidos, no confronto com o contexto histórico. Existe uma tensão entre esses dois processos que estabelece o conflito entre o que já é considerado legítimo e o que se quer tornar legítimo.

É por essa razão que a paráfrase é considerada, na AD, como matriz do sentido e a polissemia como fonte do sentido. A polissemia, mais do que isso, é a própria condição de existência da linguagem, uma vez que a base da significação está na multiplicidade de sentidos. De qualquer maneira, ambos são determinantes para o funcionamento da linguagem, pois a polissemia, que é a expansão, é regulada por sua relação com a paráfrase, que é a contenção. Na verdade, limitam-se reciprocamente.

O sujeito falante, dentro da ordem social em que vive, não tem o domínio da fala, apesar de ter a ilusão (constitutiva do sujeito) de ser a fonte do sentido do que diz. Quando se fala em lugar social, a tendência é pensar que o sujeito está totalmente determinado pela sua posição na ordem social, mas isto, na opinião de Orlandi, é uma visão mecanicista da relação do sujeito com o seu lugar social. Na verdade, essa relação é tensa, ou seja, há contradições na constituição do sujeito. Só assim faz sentido falar-se em polissemia.

Para sintetizar e concluir, pode-se repetir Orlandi (1987, p.27) e reafirmar que a produção da linguagem acontece onde se articulam esses dois grandes processos: o parafrástico e o polissêmico. Falar no primeiro implica em falar no segundo. Na paráfrase, há um retorno constante a um dizer sedimentado e na polissemia há uma tensão que aponta para um rompimento. Há um conflito entre o que é garantido e o que se tem que garantir. A polissemia é, então, essa força da linguagem que desloca o mesmo, o que é garantido e sedimentado. Essa é a tensão básica do discurso, tensão entre o texto e o contexto histórico-social: o conflito entre o mesmo e o diferente, ou seja, entre a paráfrase e a polissemia.

#### 4.4 A tipologia dos discursos

Consideramos a análise como um gesto de leitura que, de certa maneira, refaz a via que foi trilhada na construção de um discurso. Pode-se dizer que, neste trabalho, a ênfase sobre um ou outro tipo de discurso dará uma direção à análise, ressaltando um ou outro traço do discurso. Para identificar os tipos de discurso, será utilizada a tipologia proposta por Orlandi (1987), em sua obra **A linguagem e seu funcionamento**. Orlandi considera que o tipo de discurso, por ser um produto histórico, é a cristalização dos processos de funcionamento discursivo. O funcionamento discursivo, por sua vez, é a atividade estruturante de um discurso determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas, onde se inclui também o imaginário das representações dos lugares sociais.

Orlandi (1996, p.24) acredita, por isso, que seja preciso relacionar o funcionamento discursivo com o tipo de discurso e procurou, então, elaborar uma tipologia cujo caráter fosse exploratório, no sentido de que sua elaboração se apresentasse como uma forma de observar o modo de funcionamento dos diferentes discursos. Para tipificar um discurso, Orlandi toma por base o **objeto** desse discurso que é o seu referente, seus **interlocutores** (as imagens que têm um do outro e o grau de reversibilidade que possibilitam) e a presença ou ausência da **polissemia** que, como já vimos, é a instauração de um sentido novo. A reversibilidade é a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso institui; é por isso que o grau de reversibilidade é um fator importante na determinação do tipo de discurso.

Já foi dito que a produção da linguagem ocorre na articulação dos processos de polissemia e de paráfrase; o da polissemia representando a tensão homem/mundo pela intromissão da prática e do referente na linguagem, apontando para o rompimento, para o novo, sendo fonte de sentido. O processo da paráfrase, por outro lado, representando o constante retorno a um mesmo dizer já sedimentado, é, por isso, considerado a matriz de sentido. No discurso existe sempre uma tendência para um desses dois pólos. A proximidade maior com um ou outro é o que vai determinar de que tipo de discurso se trata. Os três tipos de discurso propostos por Orlandi são, de acordo com sua tendência para a paráfrase ou para a polissemia, o autoritário, o polêmico e o lúdico.

Assim, considera que o discurso lúdico situa-se no pólo da polissemia, ou seja,

tende para a multiplicidade de sentidos. Já o autoritário situa-se no pólo oposto, o da paráfrase, através da qual se dá a permanência do sentido único, ainda que em diferentes formas. O polêmico situa-se num ponto intermediário entre esses dois pólos, em que se observa melhor a disputa entre o mesmo e o diferente, entre um e outro sentido, ou seja, entre paráfrase e polissemia.

Dada a tensão entre o processo parafrástico e o polissêmico, que estabelece uma referência para a constituição da tipologia, cada tipo se define como tendência; assim, o lúdico tende para a polissemia, o autoritário tende para a paráfrase e o polêmico para o equilíbrio entre ambos.

O discurso do tipo **autoritário** é o que funciona como uma paráfrase, que reproduz o mesmo, procurando impedir a reversibilidade; o objeto do discurso, o referente, fica encoberto pelo dizer do falante que domina, que impõe a verdade. O discurso autoritário, portanto, é o discurso do mesmo; seu uso da linguagem está polarizado para o lado da paráfrase. Seu exagero é a ordem no sentido militar. É próprio do discurso autoritário fixar o ouvinte na posição de ouvinte e o locutor na posição de locutor. Neste tipo de discurso não há **interlocutores**, há apenas um locutor, um sujeito que é instrumento de comando. O discurso autoritário vive da paráfrase, que assegura a permanência de um sentido único, ainda que, às vezes, possa parecer novo e diferente.

Já o discurso **lúdico** é aquele que tende para a polissemia total, é onde acontece a reversibilidade total, na relação entre os interlocutores. O objeto do discurso se mantém, como tal, no discurso, mas seus sentidos são sempre novos. Seu exagero é o *non sense*, pois há uma perda total de um sentido, que dá lugar a um outro, que não poderia ter sido pensado anteriormente.

O discurso **polêmico** é o que apresenta um equilíbrio, embora tenso, entre polissemia e paráfrase; a reversibilidade, disputada pelos interlocutores, pode acontecer sob certas condições. O objeto do discurso é direcionado pela disputa entre os interlocutores, havendo assim a possibilidade de mais de um sentido, mas a polissemia é controlada. Apesar de que o novo parece poder ser dito, o produto final desse tipo de discurso tende a ser a volta ao sentido primeiro, que acaba sendo o único. O exagero deste tipo de discurso é a injúria.

Orlandi considera polêmico aquele discurso que procura a simetria, autoritário, o que procura a assimetria de cima para baixo e o lúdico, aquele em que o problema da simetria ou assimetria inexistente.

No funcionamento discursivo, os tipos de discursos se mostram como são denominados: o lúdico se apresenta como um jogo, o polêmico como uma disputa e o autoritário como expressão de autoridade e poder.

No polêmico, a relação com a referência é respeitada: a verdade é disputada pelos interlocutores. No autoritário, a relação com a referência é exclusivamente determinada pelo locutor, ou seja, é imposta. No lúdico, não é a relação com referência que importa, porque até o *non sense*, o sem sentido, é possível.

Na opinião de Orlandi, esses tipos de discurso, não se apresentam necessariamente em sua forma pura, misturam-se, havendo um jogo de dominância entre eles que deve ser observado em cada prática discursiva; tendem para um ou outro lado, apresentando características de um ou outro tipo, conforme as condições de produção em que ocorre um discurso.

Pode ocorrer que todo o texto seja de um tipo, como pode também ocorrer que as seqüências se alternem entre diferentes tipos. Outras vezes, um tipo é usado em função de outro, ou se combinam entre si. Em cada prática discursiva, além do jogo de dominância que deve ser observado, é preciso, também, que se analise o funcionamento discursivo. Para Orlandi, a distinção entre eles está na relação entre os interlocutores e o referente, como já dissemos antes, nas suas condições de produção.

Para que se possa considerar um discurso de um certo tipo, portanto, é necessário que se leve em conta suas condições de produção, no confronto de interesses sociais. Neste trabalho, analisamos seqüências discursivas que agrupamos em recortes, o primeiro dos quais nomeamos o discurso pedagógico, que é um tipo de discurso autoritário. Trabalhamos, também, com o discurso polêmico em que há disputa entre o sentido que está posto e o sentido que se quer estabelecer. Abordamos, ainda, o discurso sedutor que tende para o autoritário, mas seu autoritarismo caracteriza-se pela persuasão.

## 5 PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Quando falamos em metodologia em AD, não estamos nos referindo a um modelo único que possa ser aplicado a qualquer discurso. Na verdade, a metodologia precisa ser construída para cada trabalho de análise a ser realizado. Essa construção se dá à medida em que se processa a análise propriamente dita, retornando sempre à teoria que lhe serve de base. Assim, tem-se um constante movimento de ir e vir e a teoria será aquela que respalda os pontos de análise.

Não só a metodologia, mas o próprio objeto de análise precisa ser construído. E esse objeto vai se constituir de acordo com o nosso objetivo de análise. Orlandi e Guimarães (1989, p.31) afirmam que, para a AD, a constituição do corpus e a própria análise estão intimamente ligados, porque analisar é, de certo modo, dizer o que pertence e o que não pertence a um corpus determinado. Por outro lado, dizer o que pertence ou não a um corpus já é decidir a respeito de propriedades discursivas.

Teoricamente, a AD trabalha com a relação entre objeto empírico, o objeto específico que será analisado, e o objeto teórico, que é o próprio discurso - as sistematicidades discursivas. A AD nunca considera seu objeto unicamente do ponto de vista lingüístico, considera-o, isso sim, sempre na sua inscrição histórico-ideológica. Esta é a razão pela qual este trabalho se insere na AD - porque nosso propósito é mostrar, nas versões da história “Chapeuzinho Vermelho” selecionadas para análise, esta relação, sua inscrição histórico-ideológica.

Do universo discursivo que é a literatura infantil, foi escolhida a história **Chapeuzinho Vermelho** como campo discursivo de referência. Do corpus empírico, que constitui a totalidade das versões existentes do **Chapeuzinho Vermelho** (que chamaremos assim genericamente, embora nem sempre seja este o título encontrado), foi formado um arquivo no qual constam todas as versões que encontramos, que datam de 1697 até hoje.

Soriano (1980, p.148) afirma que o texto escrito **Chapeuzinho Vermelho** vem diretamente da literatura oral e surgiu em 1697, data da 1ª edição de Perrault, em nível de literatura escrita. Paul Delarue (apud Soriano, 1980, p.149) ao colher material para sua pesquisa, encontrou 35 versões do **Chapeuzinho Vermelho**. 20 versões orais que,

na sua opinião, não deixam nada a dever à versão impressa. Duas versões que se baseiam integralmente na versão de Perrault e várias versões mistas originárias da zona leste-oeste (França/Itália). Comparando o conteúdo das versões francesas com as versões ítalo-tirolesas que pertencem inteiramente à tradição oral, Delarue constata que elas têm traços comuns, que estão ausentes na versão de Perrault. Constata, igualmente, que os elementos comuns que faltam na versão literária **são os que chocaram a sociedade da época.**

Partimos, então, de um universo discursivo, como chama Orlandi (1981, p. 24), o conjunto de discursos potencialmente passíveis de serem analisados, para chegar à determinação de um campo discursivo de referência, que representa um espaço discursivo, a partir do qual nosso corpus discursivo foi delimitado.

Posteriormente, foi determinado um espaço discursivo que ficou constituído pelas nove versões selecionadas, que foram consideradas mais pertinentes para fornecer os recortes que constituíram o texto sobre o qual procederemos a análise. Estas versões correspondem aos domínios discursivos de nove autores (ou fontes) diferentes, o que torna o corpus desta dissertação heterogêneo e complexo. Os nove domínios discursivos serão numerados de acordo com a sua ordem de ocorrência nesta dissertação.

O domínio 1 é **Chapeuzinho Vermelho** de Charles Perrault (1697); **Chapeuzinho Vermelho**, dos Irmãos Grimm (1812), constitui o domínio 2. O domínio 3 é **Chapeuzinho de Palha**, de José Fernando Miranda (1987). **Chapeuzinho Vermelho**, de Georgie Adams (1996), é o domínio 4. O domínio 5 é **Fita Verde no Cabelo**, de Guimarães Rosa (1988). Pedro Bandeira é autor de **O Fantástico Mistério de Feiurinha** (1986), do qual utilizaremos o **Capítulo zero e meio** que constituirá o domínio 6. **Chapeuzinho Vermelho**, de James Finn Garner (1994), é o domínio 7. **Chapeuzinho Amarelo**, poema de Chico Buarque (1979) é o domínio 8. E finalmente **Lobo Bobo**, de Carlos Lyra (ca.1960), é o domínio 9.

Os domínios discursivos serão identificados, ao longo da análise, pelos números que receberam e também pelas seguintes abreviaturas: Charles Perrault = PER, Irmãos Grimm = GRI, José Fernando Miranda = JFM, Georgie Adams = GA, João Guimarães Rosa = JGR, Pedro Bandeira = PB, James Finn Garner = JFG, Chico Buarque = ChB, Carlos Lyra = CL.

Os interlocutores do discurso serão identificados da seguinte maneira: Lobo = L, Narrador = N, Mãe = M, Chapeuzinho Vermelho = CV, Chapeuzinho de Palha = CP, Fita-Verde = FV, Dona Chapeuzinho = DC, seguidos do número do domínio de que fazem parte. Assim, o Narrador em Grimm, por exemplo, será representado por (N2).

Recorte é definido por ORLANDI (1987, p.139) como “[. . .] uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem-e-situação.” Assim definido, recorte não é automático nem pré-determinado; não é um texto pronto, ou um conjunto de frases pré-estabelecido. Um recorte é uma construção. É o próprio analista que, na sua ação de recortar, constrói o texto, sendo esta noção de texto em Análise do Discurso diferente de uma simples soma de frases.

O recorte que estabelece o tópico, segundo Orlandi, é o que estabelece um começo, um lugar na incompletude (1984 p.16). Este lugar pode ser qualquer um, mas uma vez estabelecido, tem conseqüências importantes porque, a partir daí, determina toda a organização do texto.

Para organizar nosso trabalho de análise, as seqüências discursivas foram reunidas em blocos que foram subdivididos em grupos, de acordo com os efeitos de sentido que neles se evidenciam e que constituirão, em seu conjunto, os recortes discursivos. Courtine (1982, p.252) define seqüências discursivas como seqüências orais ou escritas de dimensão superior à frase. Afirma que a seqüência discursiva é o ponto de referência a partir do qual o conjunto de elementos do corpus receberá sua organização.

O corpus discursivo que será submetido à análise constituir-se-á de recortes discursivos formados pelas seqüências discursivas, selecionadas e organizadas, de acordo com o nosso objetivo de análise.

No caso desta dissertação, o que direcionou a seleção dos recortes foi, basicamente, a busca da presença do discurso autoritário na sua forma pedagógica nas versões selecionadas. No decorrer da análise, constatamos, no entanto, que nem todas as versões apresentavam um discurso do tipo pedagógico. Na verdade, encontramos ocorrências de discurso do tipo polêmico e também do tipo lúdico.

Como já mencionamos, o objetivo inicial deste trabalho era o de mostrar as marcas do discurso pedagógico em todos os domínios analisados. No entanto, no decorrer da análise, apesar de ser este o tipo de discurso predominantemente encontrado

nos domínios analisados, encontramos, também, outros tipos de discurso. Foram, então, organizados cinco recortes, dos quais o primeiro contempla diferentes facetas do discurso pedagógico, o segundo analisa o discurso sedutor, o terceiro é o domínio em que se constata o discurso polêmico, o quarto, o discurso politicamente correto e o quinto, o discurso lúdico, nos domínios em que surge a polissemia. Ficaram assim subdivididos:

**Recorte 1 - O discurso pedagógico**, dividido em dois blocos:

Bloco 1: O discurso pedagógico moralista, dividido em três grupos:

- Grupo 1: A construção do discurso pedagógico moralizante da Mãe, ou, A relação hierárquica mãe X filha
- Grupo 2: A construção da imagem do interlocutor dominado
- Grupo 3: O discurso pedagógico moralista do Narrador

Bloco 2 : o discurso pedagógico sentencioso, dividido em três grupos:

- Grupo 1: um deslizamento de sentido na construção do elo discursivo
- Grupo 2: A Construção da imagem negativa de Dona Chapeuzinho
- Grupo 3: Um deslizamento de sentido: a contravenção punida

**Recorte 2 - O discurso sedutor**, dividido em dois blocos:

Bloco 1: O jogo da sedução, dividido em quatro grupos:

- Grupo 1: O desejo
- Grupo 2: Primeira etapa: O jogo
- Grupo 3: Segunda etapa: A persuasão
- Grupo 4: Terceira etapa: O confronto do Lobo com a menina, ou a esperteza X a ingenuidade

Bloco 2: O discurso da mãe versus o discurso do lobo

**Recorte 3 - O discurso polêmico: a luta pela mudança**, dividido em três blocos:

Bloco 1: A imagem da relação mãe e filha: os mesmos lugares

Bloco 2: A imagem da esperteza da menina:  
um novo lugar para chapeuzinho

Bloco 3: A imagem do lobo derrotado:  
um novo lugar para o lobo

**Recorte 4 - o discurso “politicamente correto”**, dividido em quatro blocos:

Bloco 1: A imagem do perigo

Bloco 2: A imagem da menina

Bloco 3: A imagem do lobo

Bloco 4: Prêmio ou castigo

**Recorte 5 - Um novo lugar para o sentido**, dividido em três blocos:

Bloco 1: A imagem do medo

Grupo 1: a construção do eco e a desconstrução do sentido do medo

Grupo 2: o medo no interdiscurso

Grupo 3: a desconstrução do medo

Bloco 2: De chapeuzinho vermelho a chapeuzinho amarelo:

uma transformação de cor ou uma transformação de imagens e sentidos?,  
dividido em dois grupos:

Grupo 1: A imagem da passividade

Grupo 2: A imagem feminina forte

Bloco 3: A imagem do lobo, dividido em quatro grupos:

Grupo 1: A imagem do “Lobo Mau” na tradição

Grupo 2: A imagem do apetite do Lobo

Grupo 3: A imagem do lobo fragilizado

Grupo 4: A tentativa de recuperação da imagem do lobo assustador, ou, a luta pelo poder

Para subdividir os recortes em blocos e estes em grupos não houve uma preocupação de manter uma uniformidade no número de cada um deles; não foi utilizado um critério rígido; a divisão foi feita em função dos elementos encontrados nos diferentes domínios e a conseqüente necessidade de subdivisão. Também não houve essa preocupação quanto ao número de seqüências que compõem cada bloco e grupo discursivo.

A partir desses cinco recortes, formados, portanto, das seqüências discursivas pertinentes, tentamos construir um texto de análise. Um texto que, segundo Orlandi (1984, p.14), é o que constitui, na verdade, a unidade de análise do discurso; uma unidade pragmática, não formal, em cujo processo de significação são levados em conta os elementos do contexto, da situação (suas condições de produção). Por isso, é o lugar de onde melhor se pode observar o fenômeno da linguagem. Para Orlandi, a noção de texto é, como se vê, diferente da mera soma de frases: “[. . .] o texto é o todo em que se organizam os recortes [. . .]”, diz a autora (id.), onde a significação acontece como efeito de sentido, para além da simples informatividade.

Na AD, texto e discurso se equivalem, mas em níveis conceptuais diferentes - **discurso** é um conceito teórico e metodológico, enquanto **texto** é um conceito analítico, ou seja, constitui-se enquanto objeto de análise. O discurso não é transmissão de informação, é efeito de sentido entre interlocutores. Todo texto se constitui pela interação dos interlocutores, sua unidade é dialógica. Mesmo assim, sua unidade não é completa porque sua natureza é intervalar; e é intervalar porque se relaciona necessariamente com a situação e outros textos. A intertextualidade é, portanto, um dos fatores que constituem a unidade do texto (ORLANDI, 1987, p.160); seu sentido (do texto) está no espaço discursivo dos interlocutores.

Nos recortes, procuraremos identificar marcas, pistas lingüísticas que comprovarão, ou refutarão nossas hipóteses iniciais. Isto porque, através da análise lingüística da relação entre os termos do texto que se constrói, chega-se à estrutura do discurso que se busca.

Para Orlandi, as marcas lingüísticas são pistas e não estão dadas de início, precisamos fazer uso da teoria para identificá-las. Portanto, não se pode estabelecer uma relação única e direta entre as marcas e o que elas significam. Da mesma forma, diz ela “quanto é indireta a relação do texto com suas condições de produção” (ORLANDI, 1988, p.54).

As marcas apenas, no entanto, não são suficientes para caracterizar um funcionamento discursivo, pois apontam para a ordem da língua; é preciso contextualizá-las, relacioná-las com as instituições dentro de um contexto sócio-histórico e as ideologias que vivem dentro dele, ou seja, remeter as marcas às propriedades, que são da ordem do discurso. Só assim podemos caracterizar os funcionamentos discursivos, em que se busca estabelecer a relação entre o lingüístico e o ideológico, detectando as marcas e propriedades do discurso. Percebe-se, assim, que estabelecer as propriedades de um discurso equivale a estabelecer o funcionamento de suas condições de produção.

Passaremos, agora, à análise propriamente dita dos recortes que organizamos para tal.

**SEGUNDA PARTE**  
**OS MÚLTIPLOS DISCURSOS**

## 6 O DISCURSO PEDAGÓGICO

Na opinião de Pêcheux (1995, p.218), não existe qualquer começo pedagógico. Isso permite compreender que todo efeito pedagógico se apóia sobre o “sentido” pre-existente, sentido que é produzido em formações discursivas - o “sempre-já aí” - e que lhe serve de matéria prima.

Toda pedagogia supõe uma penetração que opera por si só e, ao mesmo tempo, uma inculcação que trabalha conscienciosamente sobre o resultado dessa penetração para associar-se a ela, de modo que, como resultado do processo, cada “sujeito” saiba e veja que as coisas são realmente assim.

Pode-se dizer que o aparelho escolar contribui para essa penetração-inculcação de uma maneira específica, que é a de simular a “necessidade-pensada” dos conhecimentos científicos sob a forma de evidências ideológicas de diversas naturezas. Essa penetração não tem origem na Escola, que é apenas um dos lugares de sua realização.

O discurso pedagógico (DP) se apresenta, em geral, como autoritário, sem nenhuma neutralidade. As definições que ele inclui são rígidas e categóricas e ensinar aparece como sinônimo de inculcar. As razões em torno do referente reduzem-se ao é-porque-é.

O objeto do discurso no DP aparece como algo que se deve saber. Enquanto discurso autoritário, o DP cria a noção de erro e o sentimento de culpa. Pressupõe uma certa relação hierárquica entre quem ordena e quem obedece; por isso, a estratégia final aparece como o esmagamento do outro.

Consideramos que o DP tem uma variante que se encontra dentro do contexto familiar. A posição autoritária ocupada pelo professor no contexto escolar, é ocupada pela mãe, no contexto familiar. Assim, repete-se a relação hierárquica que estabelece quem manda e quem obedece.

No DP a homogeneidade é criada a partir da Instituição. É no espaço da Instituição que o conhecimento é homogêneo. A opinião assumida pela autoridade professoral torna-se definitiva e definitiva. A fala do professor, de acordo com o Aparelho Ideológico Escolar, informa, logo, tem, automaticamente, interesse e

utilidade. No Aparelho Ideológico Familiar, o discurso da mãe, ocupando a posição de educadora, também se torna definitivo e definitório e, por isso, tem interesse e utilidade.

A Escola, assim como a Família, atua através da convenção: o costume, que dentro de um grupo se considera válido, está garantido pela reprovação da conduta discordante. Atua através dos regulamentos, do sentimento de dever que preside ao DP e este veicula. Define-se como ordem legítima porque se orienta por máximas e essas máximas aparecem como válidas para a ação, isto é, como modelos de conduta, logo, como obrigatórias. Aparece como algo que deve ser. Por isso, tem o prestígio da legitimidade.

Orlandi discorda de Marandin, para quem o DP seria um discurso neutro que transmite informação, e define o DP como um discurso circular, um dizer institucionalizado sobre as coisas, que garante a instituição em que se origina e para a qual tende: a Escola (ORLANDI, 1987, p.28). Para nós, o discurso pedagógico familiar repete essa situação. Igualmente institucionalizado, origina-se e tende para a manutenção da instituição Família.

O conceito de ensino é essa fragmentação toda em que o conceito de unidade cede lugar ao de homogeneidade. Não se trata da explicação dos fatos, mas de determinar a perspectiva de onde devem ser vistos e ditos. Não há dúvidas ou questões sem respostas. Assim se constrói o saber devido, o saber considerado útil. Também é essa a ótica da qual parte o DP familiar.

Na interlocução, o DP se caracteriza pela quebra de leis discursivas como as que enuncia Ducrot (1987), como interesse, informatividade e utilidade. Essas leis são quebradas em nome da legitimidade do “conhecimento” escolar e pela motivação pedagógica. Parte-se de um princípio de maturação. Enquanto aluno, alguém resolve por ele, pois o sujeito ainda não sabe o que verdadeiramente lhe interessa. Isso é inculcação. O mesmo acontece na estrutura familiar, onde a legitimidade do ensinamento é dada pelos critérios de certo e errado atribuídos aos comportamentos.

Pelo lado do aluno, nessa caracterização do DP, há aceitação e exploração dessas representações que fixam o professor como autoridade e a imagem do aluno que representa o papel de tutelado, repetindo-se este quadro na estrutura familiar.

Conforme Althusser, (1985, p.58) a Escola como outras instituições do Estado, entre elas a Família, ensina o *know-how*, sob formas que asseguram a submissão à

ideologia dominante ou o domínio de sua “prática”. “Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, sem falar dos “profissionais da ideologia”, entre eles os autores, devem estar de alguma forma imbuídos ou penetrados dessa ideologia para desempenhar “conscientiosamente” suas tarefas de explorados ou exploradores ou de doutrinadores ou doutrinados.

O discurso pedagógico é, como já vimos, basicamente o que ensina, o que impõe, por isso, autoritário; impõe o certo (o que pode e deve ser dito e feito) e o interdito (o que não pode e não deve ser dito e feito) dentro de uma FD regida por uma determinada FI; ao mesmo tempo, ensina o que serão as conseqüências do não cumprimento das normas estabelecidas pelo saber dessa FD. Deste ponto de vista, podemos considerar como discurso pedagógico o que Angenot (1992) chamou de “discurso social” e que, numa determinada sociedade, organiza o que é dizível, através de regras de encadeamento dos enunciados, estabelecendo, assim, uma hegemonia. Sua função em uma sociedade é de “conformar os espíritos e desviar os olhos de certas coisas” (p.22).

Por ser um discurso autoritário, vinculado ao poder instituído, não permite a reversibilidade entre as posições de locutor e interlocutor, sendo por natureza um discurso parafrástico. Na verdade, neste tipo de discurso não existe a voz do interlocutor propriamente dita; o que existe no discurso do interlocutor é uma reafirmação do discurso do locutor no qual se ouve uma voz de comando, que reflete seu próprio assujeitamento e, em última instância, visa a assujeitar também o interlocutor.

Orlandi (1987, p.194) considera a intertextualidade a relação de um discurso com outros possíveis, ou seja, com suas paráfrases. No corpus deste trabalho, existem quatro domínios discursivos em que se pode identificar claramente o discurso pedagógico: Perrault, Grimm, Miranda e Adams. Na intertextualidade desses domínios, pode-se ouvir a voz de comando do discurso pedagógico no discurso da Mãe, do Lobo e do Narrador. No domínio discursivo de Guimarães Rosa que, em certos aspectos, também se prende intertextualmente a esses domínios, ouve-se essa voz apenas através do Narrador.

No recorte 1, em que examinaremos o discurso pedagógico nas versões selecionadas, o examinaremos, basicamente, no contexto familiar. Este recorte está

composto por dois blocos discursivos. No Bloco1, analisaremos o discurso que caracteriza a FD moralista e que se ouve basicamente na voz da Mãe e do Narrador. O Bloco 1 será o mais longo por ter havido maior ocorrência deste tipo de discurso nos diferentes domínios que constituíram o corpus deste trabalho. Este bloco está dividido em três grupos discursivos. No primeiro, analisaremos como se constrói o discurso moralizante da Mãe; no segundo, como o Narrador compõe a imagem do interlocutor da Mãe - a menina; finalmente, no terceiro grupo, o que caracteriza o discurso do Narrador como pedagógico e moralista.

No Bloco 2, examinaremos o discurso pedagógico sentencioso, que ocorre no domínio de Pedro Bandeira. Este Bloco também será dividido em três grupos discursivos. O Grupo 1, em que analisaremos o deslizamento de sentido que acontece na construção do elo discursivo; no Grupo 2, a análise ficará centrada na construção da imagem negativa da Dona Chapeuzinho; no Grupo 3, abordaremos outro deslizamento de sentido em que se pode perceber a contravenção punida.

## **6.1 O DISCURSO PEDAGÓGICO MORALISTA**

Desde o início da sociedade burguesa, as instituições Escola, Igreja, Família moldaram os que delas fazem parte por métodos próprios de seleção - sanções, exclusões. Althusser (1985, p.78) lembra que a burguesia estabeleceu como seu Aparelho Ideológico de Estado dominante a Escola, que substituiu a Igreja. Assim, o par Igreja-Família da Idade Média foi substituído pelo par Escola-Família. Acreditamos que, quando essa prioridade se estabeleceu, foi reservada uma posição específica para o professor na Escola e para a mãe na Família, pois estes são os sujeitos responsáveis por passar aos pequenos a ideologia vigente.

É ainda Althusser (1985, op.cit., p. 58) que diz que na Escola e na Família aprendem-se as regras do bom comportamento; tudo aquilo que é conveniente que seja observado, conforme o lugar social que cada sujeito esteja, por assim dizer, destinado a ocupar. Aprendem-se as regras de moral e de consciência cívica e profissional e, sem dúvida, as regras da ordem estabelecida pela classe dominante. Poder-se-ia dizer que ocorre um mútuo reforço entre a ação da Escola e da Família, cujos discursos devem estar em consonância, ou, poderíamos dizer, numa relação parafrástica entre si e em

relação ao saber da FD. Então, como os outros Aparelhos Ideológicos do Estado, essas duas instituições ensinam o “como fazer” sob formas que asseguram a submissão.

É delas a responsabilidade de resguardar os sentidos que se estabeleceram nesta sociedade e que devem ser preservados. A imagem dessa posição-sujeito (mãe ou professor) é sempre envolta numa aura que dá a seus ocupantes o direito de serem oficial e explicitamente reconhecidos como transmissores de ensinamentos; isto lhes dá o privilégio de estarem ao resguardo de críticas, podendo eles ordenar, impôr, punir. Assim, tanto o discurso autoritário da mãe quanto o do professor são igualmente pedagógicos. Porque devem ensinar impondo, ou impôr ensinando.

O conhecimento que deve ser apropriado, no caso das histórias analisadas, consiste nas regras morais que eram de responsabilidade do par Família-Igreja e posteriormente passaram ao par Família-Escola. Este conhecimento é o que deve ser inculcado através de ordens e proibições, típicos de todo discurso autoritário e que expõem sua rigidez. Essas ordens e proibições expressam-se, grande parte das vezes, através do uso do imperativo que é o modo verbal autoritário por natureza.

Pêcheux (1995, p.220), citando P. Henry, afirma não ser possível ensinar às crianças uma realidade abstrata como a matemática, por exemplo, sob a forma de um enunciado axiomático; é preciso que se reinscreva esse algo abstrato sob a forma de discurso sobre o mundo físico; em outras palavras, restabelecendo neste mundo físico uma posição-sujeito em cujo lugar a criança possa se colocar imaginariamente por **identificação**.

Pode-se estender essa afirmação para outros fatos abstratos que se queira ensinar à criança, como os próprios fatos morais, por exemplo. Qualquer que seja o fato, este parece estar sempre atrelado a essa necessidade de identificação, por parte da criança, com a posição que um sujeito ocupa no mundo físico.

Isso porque, ainda segundo Pêcheux, a apropriação do conceito acontece através de uma “identificação-presentificação”, que põe em jogo “garantias” perceptivas e nocionais. Essa “identificação-presentificação”, diz ele, “se apóia, ao mesmo tempo, numa ‘mise-en-scène’ do conceito como coisas no quadro-negro” (PÊCHEUX,1995, p.220). Assim, o discurso do Narrador funciona como a demonstração de um teorema. É como se o discurso da Mãe e o do Lobo, que o Narrador apresenta, façam parte da sua

encenação necessária para que o ouvinte/leitor a quem se dirige seu discurso possa perceber o sentido do que está sendo demonstrado.

Pêcheux (1995, op.cit., p.221) afirma que a apropriação dos conhecimentos nunca acontece como uma dedução a partir de princípios primeiros, mas sim como uma volta aos princípios por um caminho que é construído retrospectivamente. Então, à medida em que se dá a apropriação dos conhecimentos, transforma-se sua configuração e enunciados que funcionavam como definições passam a ter o estatuto de teoremas. Inversamente, certos enunciados são considerados falsos e substituídos.

Assim, pode-se dizer que a função dos contos de fadas ou das histórias infantis, de maneira geral, é a de demonstrar pedagogicamente para a criança um saber a ser apreendido, sendo este mais facilmente entendido e assimilado, através da demonstração desse saber, de uma dramatização, que provoca uma presentificação do que deve ser inculcado.

### **6.1.1 A construção do discurso pedagógico moralizante da Mãe, ou, a relação hierárquica mãe X filha**

Neste grupo discursivo estaremos examinando as marcas do discurso pedagógico moralizante que existem no discurso da Mãe. Chamamos moralizante este discurso da Mãe porque consideramos que, por emanar da executora do saber da FD, visa a conduzir, tornar “moral” o comportamento da menina. Moral do ponto de vista do saber da FD, que é moralista. Na opinião de Lagazzi, (1988, p.46) a moral “se coloca mais como uma forma de conter o desejo do sujeito. A comunidade necessita zelar pelos bons costumes, mantendo os indivíduos enquadrados nos padrões morais escolhidos como seguros”. Assim, é função da Mãe, zelar para que os bons costumes sejam mantidos; naturalmente, o que o senso comum dessa sociedade considera e aceita como “bons costumes”

Por ser pedagógico, o discurso da Mãe é autoritário e compõe-se de ordens, proibições e ameaças. Assim, seu discurso constrói uma imagem de mãe dominadora e autoritária. Do ponto de vista do locutor, do qual emana o discurso pedagógico moralizante, o conhecimento que deve ser apropriado pela menina (Chapeuzinho Vermelho, nos domínios 1, 2 e 4 e Chapeuzinho de Palha no domínio 3, é a obediência

às regras de bom comportamento, dentro da ótica da moral vigente. A inculcação eficaz dessas regras acontece através da força da ordem e da proibição, típicas de todo discurso autoritário; portanto são estas as pistas lingüísticas que permitem perceber a natureza do discurso da Mãe.

É necessário fazer referência aqui às formações imaginárias, às representações. Isto nos traz mais uma vez a questão que formula Pêcheux (1969, p.77) “Qual imagem faço do ouvinte para lhe falar assim?” É a resposta a essa questão que vai possibilitar que se identifiquem as posições-sujeito no discurso. Em relação a essa questão, Pêcheux afirma que esta pergunta tem duas direções: por um lado, refere-se à **relação** entre locutor e interlocutor e por outro lado, ao **quadro de conhecimentos** em que o locutor situa o ouvinte.

Então poderíamos perguntar: Qual a imagem que a Mãe faz de Chapeuzinho para lhe falar como lhe fala? Considerando-se a **relação** entre Chapeuzinho e sua mãe, pode-se dizer que essa mantém os lugares propostos desde sempre entre mães e filhos na sociedade ocidental burguesa, numa relação de forças desiguais - um lugar em que a mãe é representada como aquela que detém o poder, o lugar do mais forte, e por isso é aquela que tem o direito, que lhe é garantido pela sociedade, de impôr regras aos filhos, de exigir obediência sem rodeios, explicitamente. Essa relação social historicamente determinada e pré-estabelecida constitui-se, portanto, numa relação assimétrica de poder. A Mãe é a que comanda o discurso. Por isso, também a imagem que a Mãe faz de Chapeuzinho, perceptível no seu discurso, é a de alguém que está em posição de inferioridade - posição de filha, dentro da estrutura familiar.

Por outro lado, considerando o **quadro de conhecimentos** em que o locutor situa o ouvinte, a Mãe, à semelhança do professor na escola, é aquela que tem de si a imagem que lhe outorgou a sociedade: o sujeito que detém o conhecimento; em contrapartida, tem da filha a imagem de um sujeito que é inocente (**i noscente** = não sabe, não conhece) e ignorante, porque ignora que não possui conhecimento; ao mesmo tempo, a sociedade coloca-a numa posição-sujeito de quem é responsável por passar o conhecimento necessário para que ocorra o assujeitamento de seus filhos; no caso das histórias que serão analisadas neste trabalho, o que deve ser ensinado são os padrões de conduta necessários para ser aceito na sociedade em que ambas se encontram.

Tem-se, então, de um lado, a imagem da Mãe, investida oficialmente do poder/dever de educar e detentora do conhecimento; de outro lado, como sua interlocutora, a imagem da filha, destituída de qualquer poder, cujo papel é obedecer, por ser ignorante e assim estar na posição de quem deve aprender. Tudo faz parte do jogo das representações imaginárias, baseado nas imagens que um sujeito tem do outro. Essa representação, reforçando as imagens que lhe atribuiu a sociedade, nos é dada pelo Narrador e pelo discurso dos sujeitos envolvidos na interlocução, através da escolha lexical e de outras pistas lingüísticas.

O sentido que se estabelece é o da hierarquia, da autoridade da Mãe que se impõe em relação à filha, ficando evidente, nesta relação assimétrica de poder, o assujeitamento do mais fraco (a filha) ao mais forte (a mãe), de maneira incontestável. Pode-se detectar claramente esses traços de significado em quase todas as versões em que se repete o discurso moralista próprio de um contexto que se origina na Idade Média, quando se estabelece a moral burguesa e que subsiste até os dias de hoje. Não existe o enfrentamento discursivo por parte da menina, permanecendo o sentido dominante inalterado. As seqüências discursivas abaixo, destacadas dos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams contêm marcas deste discurso pedagógico autoritário:

PER - sd1 - (M1):

“Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, disse para ela:  
 - Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leva uma torta e este potezinho de manteiga.”  
 Chapeuzinho saiu em seguida para ir visitar sua avó que morava em outra cidadezinha.”

GRI - sd 2 - (M2):

“Certo dia, sua mãe lhe disse:  
 - Vem, Chapeuzinho Vermelho, aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho.  
 Leva-os para tua avó; ela está doente e fraca e com certeza vai se deliciar. Vai logo antes que esquente, e quando chegares lá fora na floresta, vai bem comportada e não te afastes do caminho, e não inventes de correr pela mata, senão vais quebrar a garrafa e a vovó fica sem nada. Quando chegares lá não esqueças de dar bom-dia e não fiques bisbilhotando pelos cantos.”  
 - Eu vou fazer tudo direitinho, prometeu Chapeuzinho Vermelho à sua mãe; deu-lhe a mão e saiu.”

JFM - sd 3 - (M3):

“- Aqui, um pedaço de marmelada, um pote de canjica, uma garrafinha de vinho com canela, um pacote de erva-mate. Leva-os para a Vovó, porque ela anda com muita tosse! Ah! carrega também um pouco de mastruz que é bom para a gripe - e mel de cana que fortifica e limpa a voz.”

- “Sim, senhora!” respondeu Chapeuzinho de Palha, entretanto, falava dentro da cabeça, para ela própria: “tudo eu, sempre eu, toda vida eu”- aborrecida com a mania das pessoas grandes de sempre mandarem as crianças fazer coisas e coisas por aí afora.

- “Não brinques pelo caminho. Não charles com estranhos. Avisa à Vovozinha que, se eu tiver tempo, darei uma passada por lá...”

- Sim, senhora!”

- Promete que não vais te distrair pela estrada...”

Chapeuzinho de Palha prometeu. Calçou os sapatos prá não pegar bicho-de-pé, lombrigas ou outros vermes. Colocou o chapeuzinho de palha com a graça de sempre. Até-logou para sua Mãe e partiu. Pensava que, às vezes, os adultos são tolos com este costume de decidir o que se tem de fazer em perguntar a opinião da pessoa.”

GA - sd 4 - (M4):

“Um dia, a mãe da Chapeuzinho Vermelho disse assim: “Fiz uns bolos muito gostosos. Vovó não está passando muito bem: vá até a sua casa e leve alguns para ela!”

Chapeuzinho Vermelho foi correndo vestir sua capa e num instante ficou pronta. Depois buscou uma cestinha e pôs lá dentro alguns bolos para a Vovó, mais um para comer no caminho, e se despediu da mãe com um beijo.

“Vá e volte ligeirinho, disse a mãe. Esteja aqui antes de escurecer”

O foco do discurso, aqui, é a relação de dominação que existe nas relações sociais. O discurso pedagógico, “sendo um discurso institucional, reflete relações institucionais das quais faz parte”, diz Orlandi (1987, p.37) e reflete a ordem social na qual existe. Se considerarmos que os protagonistas e o objeto discursivos fazem parte das condições de produção do discurso, pode-se reconhecer no discurso que se repete nas histórias, nos diferentes domínios, a existência de uma sociedade em que se impõe a desigualdade, em que uns dominam e outros são dominados, ainda que seja num âmbito mais restrito, como a família. As pistas lingüísticas deste funcionamento discursivo podem ser buscadas na natureza do léxico empregado, onde substantivos, adjetivos, verbos e expressões adverbiais são fundamentais para a caracterização das posições-sujeito do discurso. É o que veremos a seguir.

As marcas lingüísticas que serão examinadas não revelam tensão neste espaço discursivo, revelam uma relação hierarquizada que reflete os padrões de comportamento impostos pelo senso comum nas relações sociais. Lagazzi (1988, p.32), citando Geertz (1983), diz que o senso comum, historicamente constituído, é um sistema cultural, “onde as coisas são aquilo que fazemos que elas sejam; ele rege a vida cotidiana e funciona como horizonte regulador”. Já Pêcheux (1995) diz que todo sujeito se reconhece através de pontos de estabilização, constituídos sócio-historicamente, e que

constituem a condição do “consenso” (p.161-2). Assim, a dominação que emana da posição-sujeito Mãe é um “consenso” historicamente determinado - está ligada a seu próprio lugar social bem como ao de seu interlocutor. A Mãe fala de uma posição-sujeito que representa o saber da FD, atuando como executor deste saber.

O imperativo é o modo verbal do autoritarismo explícito, por excelência, da ordem e da proibição. A ordem sendo expressa através do imperativo afirmativo e a proibição através do imperativo negativo. Constatamos que os domínios discursivos de Perrault, Grimm, Miranda e Adams, em que se evidencia o discurso pedagógico, apresentam os verbos no imperativo para marcar este tipo de discurso.

Temos, a seguir, o grupo de seqüências discursivas em que se observa o uso do imperativo afirmativo para expressar as ordens da Mãe, construindo, assim, uma representação de sujeito em posição de comando. Vejamos, então, a forma como a Mãe nesses domínios, (M1), (M2), (M3) e (M4), se dirige a seu interlocutor, a menina, através de ordens, proibições e ameaças.

#### A) As ordens

PER - sd1 - (M1): “**Vai ver** como está passando tua avó” (. . .)

PER - sd1 - (M1): “**Leva** uma torta e este potezinho de manteiga”

GRI - sd 2 - (M2): “- **Vem**, Chapeuzinho Vermelho, aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho. **Leva-os** para tua avó (. . .) “**Vai logo**, antes que es quente” (. . .) “quando chegares lá fora, **vai bem comportada**”

JFM – sd 3 - (M3): “**Leva-os** para a Vovó, porque ela anda com muita tosse. Ah! **carrega** também um pouco de mastruz que é bom para a gripe”

GA – sd 4 - (M4): “**Vá** até a sua casa e **leve** alguns para ela (. . .) **Vá** e **volte** ligeirinho (. . .) **Esteja aqui** antes de escurecer”

Estas ordens referem-se a ações concretas e materiais. Há ainda aquelas ordens que não se referem a ações materiais, mas que igualmente evidenciam a postura de superioridade hierárquica e, ao mesmo tempo de educadora, da figura da Mãe, como:

GRI - sd 2 - (M2): “Quando chegares lá fora, **vai bem comportada**”

JFM – sd 3 - (M3): “**Promete** que **não vais te distrair** pela estrada.”

A ordem *vai bem comportada*<sup>1</sup> refere-se a uma ação para a qual os Grimm usaram a palavra *sittsam* no original alemão, que pode ser traduzida por *honestamente*,

<sup>1</sup> Optamos pela tradução *bem comportada* porque no original havia uma palavra única com dois sentidos

*decentemente*. Portanto, o sentido de *bem comportada* deve ser entendido como *honestamente* ou *decentemente* nas condições de produção do **Chapeuzinho Vermelho** dos Irmãos Grimm. Honestidade e decência, no sentido da preservação da virgindade antes do casamento, eram virtudes esperadas de uma menina, moça ou mulher na FD da qual faz parte o domínio de Grimm.

A recomendação é feita através da voz da Mãe que é executora do saber da FD, portanto, sua mediadora. Dela se espera que trabalhe no sentido do assujeitamento dos pequenos (neste caso das pequenas). Por isso, ao mesmo tempo, além de dar ordens, a Mãe, que representa a posição do poder, também busca a anuência do sujeito que é preciso assujeitar à ideologia, pois é necessário também garantir uma obediência futura, e, assim, uma continuação das regras de boa conduta e, portanto, a preservação da ordem vigente. Por isso, a Mãe procura assegurar a manutenção do estado de coisas através de uma promessa. Nota-se aqui um abrandamento do tom imperativo em função do verbo *prometer*. Neste caso, não só a promessa é importante, mas também o sentido do que deve ser prometido: não distrair-se. *Distrair-se* é o oposto de *prestar atenção*. A obediência e o aprendizado requerem atenção, para que não haja deslizes e desvios.

No domínio discursivo de Guimarães Rosa, apesar de não haver um discurso explicitamente autoritário, ouve-se na voz do Narrador a ressonância do discurso autoritário da Mãe, que se mantém no interdiscurso:

JGR – sd 5 - (N5):

“Sua mãe **mandara-a**, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.”

JGR – sd 6 - (N5):

“Então, ela, mesma, era quem se dizia: (FV5)- Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me **mandou**.”

Serrani (1993, p.47) propõe a noção de ressonância de significação, dizendo que há paráfrase quando se pode estabelecer uma ressonância interdiscursiva de significação entre duas ou mais unidades lingüísticas e que essa ressonância tende a construir a realidade imaginária de um sentido, em outras palavras, produzir um mesmo efeito de

---

dicionarizados. Então, neste caso, quando a Mãe dá esta ordem, é preciso que se pense no sentido de *sittsam* na época em que as histórias foram escritas. É necessário pensar que, em 1812, ano da publicação da obra dos Grimm, a criança que ouvisse a narrativa, imediatamente entenderia o sentido de *sittsam*, algo

sentido. No domínio discursivo de Guimarães Rosa, o sentido de comando do discurso da Mãe é recuperado através da natureza lexical do verbo “mandar” na ressonância interdiscursiva, sendo que o seu sentido de anterioridade, do já-dito, fica posto através do tempo verbal empregado, o pretérito mais-que-perfeito, que descreve uma ação anterior a outra no passado.

No domínio de Perrault, a ação de *mandar* da Mãe acontece antes que a voz do Narrador faça a primeira narração do fato. O Narrador, no domínio de Guimarães Rosa, faz a narração da narração, uma vez que o uso do pretérito mais-que-perfeito interpõe um distanciamento maior entre a ação e sua narração:

ação da Mãe → Narração de N1 → Narração de N5

Neste domínio 5, não existe a figura explícita da Mãe. A voz do Narrador (N5) alude à ordem da Mãe que ressoa no interdiscurso, constituído pelos domínios anteriores, e recupera a sua imagem. Poderíamos dizer que, neste domínio, o que é importante não é a imagem da Mãe como sujeito do qual emana a ordem, e sim a ordem propriamente dita. Nos anos 70, a figura da Mãe no âmbito familiar já não tem mais o mesmo “prestígio” de antes. A liberdade dos filhos na educação familiar é algo decantado e valorizado por influência das teorias educacionais americanas. Por isso, as ordens, na educação dos filhos, não são mais tão explícitas. No domínio de Guimarães Rosa, são recuperadas do interdiscurso, como coisa do passado - expresso pelo Narrador no pretérito mais-que-perfeito. É por isso que o Narrador (N5) descreve narrativamente que “**ela mesma** era quem se dizia” (o grifo é nosso). Pêcheux (1995, p.167) diz que a forma-sujeito “simula o interdiscurso no intradiscorso, de modo que o interdiscurso *aparece* como o puro ‘já-dito’ do intradiscorso, no qual ele se articula por ‘co-referência”, ou seja, porque a ordem se mantém no interdiscurso, e sua ressonância pode ser ouvida, não é preciso que haja explicitamente a posição-sujeito Mãe para verbalizar esta ordem. Pêcheux afirma que a forma-sujeito realiza, através da “incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso” ou seja, “a unidade imaginária do sujeito, sua identidade presente-passada-futura” (1995, p.167). Então, é a própria Fita-Verde que reitera para si mesma o sentido do que já estava dito - “Vou à Vovó com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe **me mandou**”; essa repetição, por

parte da menina, soa como a expressão da obediência de Fita-Verde e reitera sua posição de sujeito assujeitado, mas que não lhe é exigida explicitamente. “O autocomentário pelo qual o sujeito se desenvolve e se sustenta sobre si mesmo” diz Pêcheux, “é um caso particular dos fenômenos de paráfrase e reformulação (. . .) constitutivos de uma formação discursiva dada, na qual os sujeitos por ela dominados se reconhecem entre si como espelhos uns dos outros” (1995, p. 167-8)

### B) As proibições

No discurso da Mãe também se identificam as proibições que, assim como as ordens, fazem parte do discurso, necessário para a manutenção da ordem imposta pela Ideologia. Podem-se identificar diversas seqüências discursivas em que o uso do imperativo negativo caracteriza uma proibição. Aparecem no domínio discursivo de Grimm e de Miranda:

GRI - sd 2 - (M2):

“**não te desvies** do caminho” (. . .) “**não inventes de correr** pela mata” (. . .) “E, quando chegares na sala, **não esqueças** de dar bom-dia” “**não fiques bisbilhotando** pelos cantos”

JFM – sd3 - (M3):

“**Não brinques** pelo caminho. **Não charles** com estranhos”

Além do tom impositivo conferido às proibições pelo imperativo, há também a natureza semântica das mesmas. Pode-se reconhecer nessas proibições, na voz da Mãe de Chapeuzinho Vermelho (CV2) e de Chapeuzinho de Palha, a voz de todas as mães da sociedade burguesa, no seu papel historicamente determinado e consolidado pelo “consenso” de que fala Pêcheux (1995, p.161-2), que objetiva uma educação “adequada” às exigências dessa sociedade. Pudemos verificar, assim, que o discurso pedagógico da Mãe, nos domínios discursivos em que foi identificado, consiste predominantemente de ordens e também de proibições.

### C) A ameaça

Na posição-sujeito que se identifica com o Sujeito do saber da FD moralista, a Mãe, nos domínios de Perrault, Grimm e Miranda, se investe da autoridade que lhe dá o direito de ordenar e proibir. Além disso, há no domínio discursivo de Grimm, as

conseqüências da não obediência, do não cumprimento das ordens dadas; por isso, existe a ameaça, ainda que velada; isso reforça a imagem que a Mãe faz da menina para lhe falar assim: a de um ser que não sabe e deve aprender; através da ameaça, reforça a ordem e a proibição. O que se lê em Grimm:

GRI – sd 2 - (M2):

“( . . . ) e não inventes de correr pela mata, senão vais quebrar a garrafa e a vovó fica sem nada.”

E no implícito soa a ameaça:

“. . .senão (**se correres**) vais quebrar a garrafa e (**se quebrares a garrafa**) a vovó fica sem nada.”

Temos então o conjunto constituído por orações condicionais implícitas que cria um efeito de sentido de ameaça velada. Mais do que uma ameaça concreta do que poderia acontecer diretamente com a menina, se não houvesse obediência, tem-se o sentido de que algo mau acontece quando não há obediência. Assim, fica reforçado o sentido da necessidade e importância da obediência, para que tudo se conserve no seu lugar e a ordem das coisas não seja alterada.

### **6.1.2 A construção da imagem do interlocutor dominado**

Neste grupo discursivo, serão analisados os domínios de Perrault, Grimm, Rosa, Miranda e Adams, em que o sentido que se estabelece é basicamente o da submissão da posição-sujeito de Chapeuzinho Vermelho/ de Palha à sua mãe e ao Lobo. Esses sentidos e imagens se consolidam se observarmos a forma como seus interlocutores a ela se dirigem e como o Narrador a designa. Ficam ainda reforçadas, na imagem da menina, a sua ingenuidade, ignorância e medo, atribuídos a ela pelos seus interlocutores e pelo Narrador. Também se observa o assujeitamento, por parte da menina, à sua FD e, dentro dela, ao lugar e condição que lhe são impostos, o que fecha o círculo autoritário do discurso pedagógico.

Esses sentidos ficam também ratificados no próprio discurso da menina, pela forma como se dirige a seus interlocutores, no sentido de arrependimento que expressa por não ter cumprido as regras e na aceitação de sua submissão.

A) Forma como se dirigem a ela seus interlocutores (a Mãe e o Lobo) e como a designa o Narrador:

PER – sd 7 - (N1):

“O Lobo perguntou aonde ela ia. **A pobrezinha**, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo, disse para ele (. . .)”

PER - sd 8 - (CV1):

Minha avó, como você tem braços grandes!

(L1) : É pra te abraçar melhor, **minha filha**.

(CV1): Minha avó, como você tem pernas grandes!

(L1) : É pra correr melhor, **minha menina**.”

JFM - sd 9 - (M3) :

“Chapeuzinho de Palha, pare de chorar, **guria dengosa!**”

GA - sd 10 - (L4):

“Mas, Vovó, que braços grandes e peludos você tem!”, disse Chapeuzinho Vermelho.

(CV4): É para abraçar você melhor, **minha querida!** Disse o lobo, e deu um aperto na mãozinha gorducha dela.”

O lugar social em que o Narrador coloca a menina pode ser identificado nas formas como a designa; usa em relação a ela palavras que traduzem um sentimento de misericórdia, de pena, normalmente utilizadas por um sujeito mais bem-posicionado socialmente para um sujeito menos bem-posicionado. Consideramos que o Narrador ocupe a posição de porta-voz do Sujeito da sua FD moralista, ou seja, de um sujeito que ocupa a posição de seu representante autorizado. Assim, reflete no seu discurso o saber ideológico da sua FD, reproduzindo a voz de seu senso comum. Para Pêcheux, o “[. . .] porta-voz circula, assim, entre a posição do profeta, a do dirigente e a do homem de Estado, visto que ele é o ponto em que ‘o outro mundo’ se confronta com o estado de coisas existente” (1990, p.18). O Narrador é a voz que expressa a ideologia dominante. Por isso, quem assim fala, coloca-se na posição de porta-voz do saber da FD, representando sua forma-sujeito. Essa posição lhe confere a autoridade de poder ensinar a seu interlocutor.

No domínio de Perrault, o Narrador refere-se a Chapeuzinho como:

PER – sd 7 - (N1): “A pobrezinha”

usa, assim, um adjetivo que funciona como substantivo, qualificando-a como um sujeito desprivilegiado. Além da escolha lexical que o Narrador faz, ele também intensifica este sentido através do uso do sufixo diminutivo “inha”. Qualifica-a, desta maneira,

como um sujeito digno de pena porque desprovida de algo essencial de que necessita; talvez maturidade, conhecimento, experiência.

No domínio de Guimarães Rosa lê-se na voz do Narrador:

JGR - sd 11 - (N5):

“Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninos que nasciam e cresciam **Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto.** Aquela, um dia saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.”

Analisando a parte destacada da SD acima, podemos dividi-la em quatro partes:

- a) “todos com juízo” - generalização
- b) “suficientemente” - indicador de quantidade
- c) “menos uma meninazinha” - uma exclusão
- d) “a que por enquanto” - determinante de tempo

Considerando as três primeiras partes, pode-se concluir que:

**SE** : Todos **com juízo**, suficientemente, menos uma meninazinha,  
**ENTÃO**, pode-se ler inversamente que: uma meninazinha **sem juízo**, suficientemente,

Isto porque *todos* se opondo a *uma meninazinha*, a qualidade presente na primeira parte está ausente na segunda. *Suficientemente* refere-se tanto a *todos* como a *meninazinha*, e se todos têm suficientemente ela não tem suficientemente.

Considerando agora o que todos têm e a meninazinha não, buscamos um sentido dicionarizado para **juízo**, que é aquilo que todos têm suficientemente, menos a meninazinha, e encontramos:

Juízo = **tino**, circunspeção, ponderação, **siso**  
tino = juízo, discernimento, prudência  
siso = bom senso, juízo, tino, prudência, circunspeção

Podemos notar que “juízo” também é o que a Mãe (M2) quer que Chapeuzinho Vermelho tenha ou aprenda a ter. Por isso recomenda que a menina *não se desvie do caminho*, que *não invente de correr pela mata* e que *vá bem comportada*. A Mãe em Miranda (M3) recomenda que ela *não brinque pelo caminho* e *não charle com estranhos*. Em Adams, a Mãe (M4) recomenda que ela *vá e volte ligeirinho* e esteja *em casa antes de escurecer*. Tudo isso, dentro de suas condições de produção é considerado “juízo”, prudência, bom senso. O Narrador em Perrault (N1) chama a

atenção das “moças lindas, elegantes e educadas, que fazem muito mal escutar qualquer tipo de gente”, porque isso, nas condições de produção de seu discurso seria considerado “sem juízo”.

É possível, então, constatar que nos domínios 2, 3 e 4, a Mãe recomenda juízo e, no domínio 1, o Narrador condena o desajuizamento. Descobre-se pela ação da menina, descrita nesses domínios, que ela não age “ajuizadamente”. Assim, a imagem de falta de juízo de Fita-Verde da qual o Narrador fala, não é algo novo e sim um sentido vindo do interdiscurso, sempre parafraseado novamente.

Considerando agora a quarta parte da SD assinalada, “a que por enquanto”, pode-se perguntar: *a que por enquanto o quê?* No domínio de Guimarães Rosa, o Narrador não completa a frase, o que obviamente pode ser considerado uma questão de estilo. Apesar disso, ele deixa uma frase sintaticamente incompleta. Somos tentados a completar essa incompletude discursiva. E poderíamos perguntar:

*a que por enquanto não tem juízo suficientemente?*  
*a que por enquanto não sabe?*

Assim, a questão da incompletude sintática reflete a incompletude do discurso que é sempre intervalar, como diz Orlandi (1987, p.160). Vemos que a imagem de “desajuizada” que se forma em nossa mente a partir do não completamente dito pelo Narrador em G. Rosa, permite que se ouça um eco que se produz a partir do domínio de Perrault, onde as moças *não sabem*. Também lá o Narrador (N1) diz que elas não sabem e não dá ao verbo um complemento. Pergunta-se: lá não sabem **o quê?** E assim, “as que não sabem” estão ligadas pela ressonância interdiscursiva (SERRANI, 1993, p. ) a “a que por enquanto” sem “juízo suficientemente”. Portanto, mesmo que dito ao contrário, o sentido alia-se ao domínio de Perrault, onde *a pobrezinha* também é desprovida de juízo.

Outro sentido que aflora no discurso que a Mãe e o Lobo dirigem à menina é o da posição hierarquicamente inferior que atribuem a Chapeuzinho. A Mãe dirige-se a ela no domínio de Miranda exercendo seu “direito” de sobre ela fazer juízos de valor, quando diz “guria dengosa”, por exemplo. Já o Lobo, nos domínios de Perrault e Adams, interpela-a como: “minha filha”, “minha menina”, “minha querida”. O Lobo, ao usar essas formas comumente utilizadas por mães e pais, representa-se como se

ocupasse esta posição-sujeito. Já quando, no domínio de Adams, usa a forma “minha querida”, que até poderia estar presente em contextos familiares, aponta para o discurso sedutor, que busca cativar, envolver, tratar mais intimamente, o que será abordado no próximo recorte.

Estas formas de tratamento e a forma de qualificação que usam o Narrador e os interlocutores da menina (Mãe e Lobo), nos domínios de Grimm, Guimarães Rosa e Adams, constituem uma família parafrástica onde o sentido dominante é o da dominação de um em relação a submissão do outro:

a pobrezinha / minha filha/ minha menina/ guria dengosa/ minha querida

Fica assim marcada, nesta família parafrástica, a imagem que dela têm a Mãe e o Lobo e, também, a que dela constrói o Narrador bem como o lugar social de dominado em que a inscrevem.

#### B) Forma como Chapeuzinho de Palha se dirige a seus interlocutores (a Mãe e o Lobo)

A forma respeitosa que Chapeuzinho de Palha utiliza para dirigir-se à Mãe e ao Lobo, no domínio de Miranda, esclarece que a imagem que tem dos mesmos é a de sujeitos que lhe são superiores e que devem ser tratados com respeito.

B.1) forma como se dirige à Mãe:

JFM -sd 3 - (CP3): “**senhora**”

B. 2) forma como se dirige ao Lobo:

JFM - sd 12 - (CV3):

“Boa tarde! Senhor **Lobo-guará**” – respondeu a Moça-Menina – Vou ao chalé da minha avó”

Consolida-se, assim, a posição de sujeito dominado em que ela própria se vê. As formas de tratamento e de qualificação utilizadas nos domínios anteriormente analisados apontam para um interlocutor subjugado, que está em posição de dominado em relação ao locutor; essa inferioridade pode ser entendida tanto como imposta pela hierarquia que se estabeleceu na sociedade como também decorrente da ignorância em relação a certos elementos do saber da FD em que Chapeuzinho Vermelho se inscreve. O sujeito a quem o locutor se dirige da maneira como o faz jamais poderia estar ocupando a posição

social do dominador. É, antes, aquele a quem se ordena alguma coisa, aquele que se olha com condescendência, com uma certa piedade, como dominado. Tratando-a como *minha filha, minha menina, pobrezinha*, os locutores ratificam a imagem da pequenez da menina, da sua inferioridade em contraste com a sua própria posição social.

Ao mesmo tempo que temos no discurso da Mãe, do Lobo e do Narrador pistas da imagem que os mesmos têm dela, quando falam **com** ela ou **a respeito** dela, Chapeuzinho de Palha, ela mesma, no domínio de Miranda, também fornece pistas, na forma como se dirige ao Lobo e à Mãe, que atestam sua submissão a quem lhe dá ordens. Sendo isto o que dela se espera, ratifica dessa maneira seu assujeitamento ideológico à sua FD, que supõe que ela, por ser criança e inexperiente, está em posição de obedecer aos que lhe são superiores - os adultos.

C) A submissão de Chapeuzinho Vermelho/de Palha:

No discurso da menina encontram-se pistas do lugar social em que ela se inscreve; este coincide com aquele em que é colocada pelos seus interlocutores e também pelo Narrador. Esta coincidência pode ser identificada pelo assujeitamento explícito no discurso de Chapeuzinho às ordens que lhe são dadas, bem como por sua disposição em cumprir ordens descritas pelo Narrador.

C1) Na voz do Narrador, confirma-se o cumprimento (ou a promessa de cumprimento) das ordens que lhe são dadas:

PER - sd 1 - (N1):

“**Chapeuzinho saiu em seguida para ir visitar sua avó** que morava em outra cidadezinha.”

GRI - sd 2 - (N2):

“**prometeu** Chapeuzinho Vermelho à sua mãe”

JFM - sd 4 - (N3):

“Chapeuzinho de Palha **prometeu**”

C2) Na voz de Chapeuzinho Vermelho/ de Palha a promessa do cumprimento da ordem:

GRI - sd 2 - (CV2):

“- **Eu vou fazer tudo direitinho**”

JFM - sd 3 - (CP3):

“**Sim, senhora!**” respondeu Chapeuzinho de Palha (. . .) - **Sim, senhora!**”

Pode-se notar que o discurso da menina é o da obediência. Seu discurso coloca-a na posição de assujeitada. Ao mesmo tempo, a voz do Narrador ratifica este sentido na narração descritiva das ações da menina, que cumpre as ordens que lhe são dadas pela Mãe ou promete obediência; somam-se, portanto, as vozes numa mesma direção.

#### D) O Sentido de arrependimento de Chapeuzinho Vermelho

Nos domínios discursivos de Grimm e de Adams, um sentido que se constrói é o do arrependimento de Chapeuzinho Vermelho pela sua desobediência, por não ter cumprido o que dela se esperava. Para reforçar esse sentido de arrependimento, o Narrador revela a intenção de Chapeuzinho de remediar sua insubordinação (o mal feito) e de obedecer a quem deve (de acordo com o senso comum de seu contexto); a partir de então, implicando, aparentemente, numa decisão de assujeitamento por parte de Chapeuzinho ao saber de sua FD. Na verdade, o que se apresenta como uma decisão pessoal é muito mais algo que soa como “assujeitar-se ou sucumbir”, como a única escolha possível; dessa maneira, o que Chapeuzinho se propõe é, na verdade, a única coisa que pode e deve ser dita e feita na sua FD.

O Narrador relata que:

GRI - sd 13 - (N2):

“Chapeuzinho Vermelho deu graças a Deus por estar viva e prometeu a si mesma nunca mais se desviar do caminho, nem andar sozinha pela mata, se a mãe dela proibisse”

GA - sd 14 - (N4):

“Daquele dia em diante, sempre que tinha que atravessar a floresta, Chapeuzinho Vermelho corria sem parar; além disso, ela fez muita questão de nunca mais falar com lobo mau nenhum.”

Assim, quando o Narrador, no domínio de Grimm, diz que Chapeuzinho “prometeu a si mesma nunca mais se desviar do caminho, nem andar sozinha pela mata, se a mãe dela proibisse”, mostra que a posição-sujeito de Chapeuzinho em relação à forma-sujeito da FD é de conformidade, uma vez que aceita a proibição da Mãe, que nada mais é do que uma “retransmissora” do saber da FD.

Também no domínio de Garner, nota-se essa reconfirmação do assujeitamento de Chapeuzinho à sua FD; ao submeter-se, ela reconfirma sua sujeição historicamente posta desde sempre no interdiscurso. Quando o Narrador diz que “daquele dia em diante, sempre que tinha que atravessar a floresta, Chapeuzinho Vermelho corria sem

parar”, constata-se que a identificação de Chapeuzinho com a posição de “bom sujeito”, em princípio, dependia de uma estratégia, algo como “cortar o mal pela raiz”; passar pela floresta correndo significa não propiciar oportunidade de encontrar-se com o Lobo, evitá-lo, enfim.

Apesar disso, as circunstâncias da vida possivelmente obrigaram-na a encontrar-se com algum Lobo novamente. Diante disso, o Narrador (N4) relata que “ela fez muita questão de nunca mais falar com lobo mau nenhum”, ou seja, de uma forma ou de outra, tratava-se de evitar cair de novo nas malhas do discurso do Lobo e assim ser desviada novamente de seu caminho, da obediência e assujeitamento devidos à forma-sujeito da FD moralista em que está inscrita.

Isso confirma sua auto-imagem de sujeito mais fraco/dominado, que necessita proteger-se contra um novo ataque do Lobo, evitando o confronto. Assim, também o Narrador confirma o assujeitamento de Chapeuzinho Vermelho, ratificado pelo seu arrependimento, que é, na verdade, o que é esperado dela, de acordo com o saber de sua FD.

### **6.1.3 O discurso pedagógico moralista do Narrador**

Os domínios discursivos que fazem parte deste grupo discursivo são os de Perrault, Grimm, Miranda e Adams, 1,2,3 e 4, respectivamente. O Narrador organiza de maneira pedagógica o discurso, mais especificamente, as diferentes posições-sujeito em que se inscrevem os personagens dos diferentes domínios deste recorte discursivo. Assim, ocupando uma posição-sujeito que se identifica com o Sujeito da FD, o Narrador organiza didaticamente o saber dessa FD heterogênea, de tal maneira que o ouvinte-leitor criança possa reconhecer as diferentes posições-sujeito inscritas na história, bem como suas funções e possa assujeitar-se e executar a contento o papel que dele é esperado: a menina no seu papel obediente e defensivo (Chapeuzinho) e o menino, no seu papel de atacante e enganador (Lobo). O sujeito a quem se dirige o discurso do Narrador é, portanto, a criança, ouvinte/leitor da narração da história.

O Narrador, como organizador das diferentes posições-sujeito presentes no discurso, faz com que a Mãe ocupe a posição do sujeito que executa o saber da FD. Já Chapeuzinho ocupa outra posição-sujeito, sendo o sujeito a quem se destina essa ação. O Lobo, por sua vez, ocupa a posição-sujeito do subversor da ordem vigente na FD.

Organizando dessa maneira o quadro imaginário das posições-sujeito que existem em cada domínio, o Narrador se instaura desde o domínio 1 na posição-sujeito do pedagogo, porta-voz da forma-sujeito da FD. Nos domínios posteriores, 2 e 3, este quadro é parafraseado, ficando mantido seu sentido, a posição-sujeito do Narrador e sua função pedagógica. Falando deste lugar, estabelece a diferença entre os dois tipos de adultos: os confiáveis e os não confiáveis. A Mãe representando os confiáveis e o Lobo representando o homem não confiável. Por serem adultos, ocupam o lugar de quem está em posição de superioridade em relação à criança, em termos de saber e de autoridade; por isso, podem manipular sua relação com ela (a menina/moça) - ensinar ou enganá-la, conforme convém à posição-sujeito que ocupam dentro da FD.

O Narrador faz ouvir as vozes dos sujeitos autoritários do discurso pedagógico (que acontece em instituições como a Família e a Escola). O Narrador, como já dissemos, assume a posição do próprio pedagogo que, representando o Sujeito da FD, demonstra, através do discurso exemplar, a verdade dessa FD para a criança que, dessa maneira, aprende.

Pêcheux (1995, p. 214-215) ensina que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza por sua identificação com a formação discursiva que o domina: essa interpelação supõe um desdobramento que pode assumir diferentes modalidades, das quais duas são evidentes. Uma delas consiste numa superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal; essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito”, como o denomina Pêcheux, aquele que reflete espontaneamente o Sujeito.

A outra modalidade consiste numa separação do sujeito do discurso em relação ao saber do sujeito universal da FD. Sua posição lhe é contrária, é uma negação do saber do Sujeito; sendo assim, ele é o “mau sujeito”, aquele que produz o contradiscurso, demonstrando dessa maneira sua contra-identificação com a FD que lhe é, em princípio, imposta pelo interdiscurso.

O Narrador constitui-se no “bom sujeito”, assujeitado ao saber da FD, verdadeiramente seu porta-voz, que constrói as imagens de “bons” ou “maus” sujeitos,

conforme a identificação dos mesmos com o saber da formação discursiva. Nos domínios que fazem parte deste recorte, a imagem básica de “mau sujeito” é a do Lobo, que se contra-identifica com o Sujeito universal da FD moralista; por isso, é construída de maneira negativa e constitui-se no perigo a ser evitado pela menina da história e pelas meninas ouvintes/leitoras da mesma.

A posição-sujeito na qual o Narrador coloca o Lobo, nos domínios de Grimm e Miranda, é verdadeiramente a de um “mau sujeito”, mas que se apresenta como um simulacro de bom sujeito. Lembremos o que diz Baudrillard (1991) sobre simulacro: “[. . .] enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro.” (p.13). Ou seja, consideramos que, ao simular a representação de um “bom sujeito”, o Lobo está de fato apresentando-se como um simulacro e isto é explicitado através do discurso do Narrador.

No domínio de Grimm, a imagem que o Lobo projeta para Chapeuzinho, através de seu discurso, é a de um “bom sujeito”, que demonstra estar interessado em mostrá-lhe as coisas boas da vida, que a menina ainda não conhece, convidando-a a olhar para os lados, ver as flores e ouvir os passarinhos.

Em Miranda, o Lobo também fornece o que soa como “bons” conselhos: “por que não colhes algumas flores para tua Vovó? É provável que ela fique muito contente...” “deves manter a tua palavra”, “podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada...”

O Narrador, por sua vez, no seu papel de pedagogo, ensina a seus ouvintes/leitores (principalmente às meninas/moças) que essa imagem que o Lobo constrói de si mesmo é falsa, constituindo-se num simulacro discursivo. Ou seja, seu discurso cria uma representação simulada, que substitui sua própria imagem, que fica apagada. Portanto, construindo o Lobo de si próprio uma representação de “bom sujeito”, o que é uma simulação, mostra-se um falso “bom sujeito”, sendo verdadeiramente um “mau sujeito”.

Temos então uma imagem de Lobo malvado, falso e covarde, construída pelo Narrador, que lhe imprime estas marcas (de malvadeza, falsidade, covardia), necessárias para chegar a este efeito de sentido e alcançar seu objetivo pedagógico. A voz do Narrador deixa transparecer o saber da FD dominante (de maneira semelhante à do

professor), inscrevendo o Lobo num lugar social marginal; construindo-o como aquele que diz o que pode ser dito e faz o que não deve ser feito pelo “bom sujeito”. Assim, revela a seus ouvintes a falsidade da imagem que o Lobo constrói com seu discurso e, ao mesmo tempo, revela a seus ouvintes/leitores a imagem do Lobo “mau sujeito”. Com isso, o discurso do Narrador (ratificado pelo discurso do próprio Lobo) sinaliza para o fato de que a posição-sujeito que o Lobo ocupa se encontra nos limites de sua FD, que é heterogênea.

Passamos agora a examinar as imagens que o Narrador constrói das posições-sujeito do lobo e da menina, como também examinaremos o seu objetivo como narrador.

#### A) A imagem do Lobo

Nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams, a posição-sujeito do Lobo relaciona-se com a forma-sujeito da FD de maneira ambígua, demonstrando com isso que ocupa uma posição-sujeito também ambígua. A formação discursiva, que pode abrigar essa divisão, é heterogênea, pois abre espaço para tal tipo de ambigüidade. Para Grantham (1996, p.157), a ambigüidade discursiva é “um processo de extrema significação já que ela abre caminho para o diferente e para o que não deveria ser dito (mas que, finalmente, é dito)”. A imagem do Lobo que o Narrador constrói nesses domínios discursivos atesta essa ambigüidade. Por isso, a narração que o Narrador faz da ação do Lobo evidencia sua função pedagógica, demonstrando que há uma desconformidade entre o pensamento e o discurso do Lobo e uma conformidade entre seu pensamento e sua ação. Percebe-se, então, que o discurso do Lobo corresponde ao que pode e deve ser dito; já a sua ação corresponde ao seu pensamento e é o que não pode e não deve ser dito ou feito na FD em pauta; por isso, permanece oculto para Chapeuzinho Vermelho, tornando-se visível para o ouvinte/leitor, pelo viés da ação do Lobo, na voz do Narrador. Em Perrault e Garner lê-se:

PER - sd 15 - (N1):

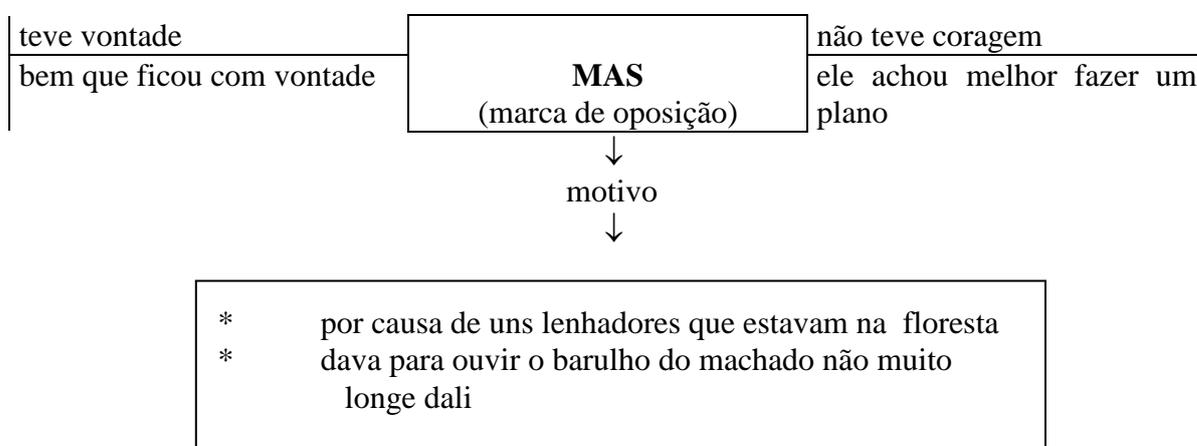
“Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo **teve vontade de comer** a menina. **Mas não teve coragem** por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.”

JFG - sd 16 - (N4):

“O lobo **bem que ficou com vontade de engolir** Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só. Fazia vários dias que não comia, estava com uma fome danada. **Mas dava para ouvir o barulho do machado do lenhador** não muito longe dali, e **ele achou melhor fazer um plano**.

Com essa idéia na cabeça, o lobo disse à menina que não estava nem um pouco interessado em comer (quando é do interesse deles, os lobos são uns tremendos mentirosos) e Chapeuzinho Vermelho acreditou no que ele disse.”

A ambigüidade se evidencia pelo viés do enunciado dividido que se lê nos dois domínios:



Assim, vontade e ação tomam então direções opostas. E, por serem opostas e estarem em uma mesma posição-sujeito, evidenciam sua ambigüidade. Para reforçar que essa ambigüidade representa um perigo, o Narrador (N1) faz um julgamento de valor: “A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo”. Como uma apoteose, a moral que resume o ensinamento do Narrador, porta-voz da forma-sujeito da FD, torna os contornos da imagem do Lobo mais nítidos, quando se ouve a moral na voz do Narrador (N1), no domínio de Perrault:

PER - sd 17 - (N1):

“Vimos que os jovens,  
Principalmente as moças,  
Lindas, elegantes e educadas,  
Fazem muito mal em escutar  
Qualquer tipo de gente.  
Assim, não será de estranhar  
Que, por isso, o lobo as devore.  
Eu digo o lobo porque todos os lobos  
Não são do mesmo tipo.

Existe um que é manhoso  
 Macio, sem fel, sem furor,  
 Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,  
 Persegue as jovens moças  
 Até em suas casas e seus aposentos.  
 Atenção, porém!  
 As que não sabem  
 Que esses lobos melosos  
 De todos eles são os mais perigosos.”

Sabe-se então que “existe um que é manhoso /macio, sem fel, sem furor, / fazendo-se de íntimo, gentil e adulator, / Persegue as jovens moças / Até em suas casas e seus aposentos.” E, na mesma voz de (N1), a última admoestação, reforçada pela palavra “Atenção” e dirigido às “que não sabem”: “esses Lobos melosos/ De todos eles são os mais perigosos”.

Essa imagem, instaurada no discurso do Narrador, no domínio de Perrault (N1), que aponta para a ambigüidade do discurso do Lobo, mantém-se no interdiscurso; é recuperada na voz do Narrador, no domínio de Adams (N4), que nos diz que “O Lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só. [ . . . ] **Mas** dava para ouvir o barulho do machado do lenhador não muito longe dali” e por esse motivo “ele achou melhor fazer um plano”; esse plano posto em prática conduz à revelação da falsidade e ambigüidade do Lobo: “Com essa idéia na cabeça, o Lobo disse à menina que não estava nem um pouco interessado em comer (quando é do interesse deles, os Lobos são uns tremendos mentirosos)”. Esse sentido de falsidade do Lobo também já se encontra no interdiscurso, desde que instaurada no domínio de Perrault, sendo um já-dito para o ouvinte/leitor. O Narrador em Adams propõe uma cumplicidade ao ouvinte como se pode observar nas duas SDs a seguir:

GA - sd 18 - (N4):

“**Tenho certeza de que vocês já adivinharam** uma coisa: o Lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da Vovó e disse à menina que fosse pelo caminho mais longo. E tem mais: enquanto ela estava olhando para o lado dele, ele fez de conta que ia andando calmamente, mas assim que ela desapareceu numa curva do caminho, ele começou a correr feito um louco pela floresta e claro que chegou à casa da Vovó muito antes dela!”

GA - sd 19 - (N4):

“A situação já estava preta, mas, **como vocês sabem muito bem**, o Lobo tinha a firme intenção de esperar por Chapeuzinho Vermelho para comê-la também. Com essa idéia na cabeça, o danado se espremeu até conseguir enfiar uma das camisolas da Vovó, depois pôs o gorro de dormir na cabeça e se acomodou na cama da coitada

Chapeuzinho Vermelho vai achar que eu sou a vovó dela!”, pensou o lobo, puxando as cobertas até o queixo”

Nota-se, assim, uma oposição entre o ouvinte/leitor no domínio de Perrault e no de Adams. No primeiro, vemos um interlocutor que é chamado a ouvir e aprender. *Vimos*, diz o Narrador na moral que resume o ensinamento, depois de demonstrar, através do exemplo, que é a própria história. Assim, dizendo de sua posição de porta-voz do Sujeito da FD, conclui sua exposição chamando a atenção de seu ouvinte/leitor, que se não viu/ aprendeu o que deveria ter visto/aprendido, deve ainda fazê-lo.

Já em Adams, temos como interlocutor, não *as que não sabem* (N1), mas os que *já adivinharam* (N4). Assim, o Narrador, no domínio de Adams, fala a seu interlocutor de uma posição que se coloca em nível de igualdade com ele. Esta relação se opõe àquela que está registrada no domínio de Perrault.

No domínio de Grimm, o Narrador (N2), ao transcrever o discurso que existe no pensamento do Lobo: “O lobo pensou: [. . .] tu só tens que começar bem manhoso para que possas apanhar as duas”, mostra que é um discurso que exorta à falsidade. O Narrador reforça esse sentido ao descrever o Lobo como *esperto* que, por essa razão, *foi diretamente para a casa da avó* e, para conseguir seu intento, *disfarçou a voz*. A síntese da imagem do Lobo é posta na voz do caçador que o chama de *seu velho pecador*; tal imagem mobiliza um elemento do discurso religioso, o pecado, colocando o rótulo decisivo na constituição da imagem do Lobo.

#### A.1 A imagem da falsidade do Lobo

A construção da imagem de falsidade e do poder de sedução do discurso do Lobo faz parte do objetivo do discurso pedagógico do Narrador. É a demonstração do teorema, é a *mise-en-scène* que ilustra o saber da FD que interpela e assujeita o Narrador.

Para concretizar essa imagem de falsidade do Lobo, o Narrador, (N1), (N2), (N3) e (N4), usa tempos verbais e adjetivos em seu discurso, sendo a pista mais importante sua escolha do léxico.

O Narrador dá pistas importantes para a concretização dessa imagem de falsidade e periculosidade do Lobo; além da natureza do léxico, o uso dos tempos verbais (o particípio presente e pretérito perfeito) e os adjetivos. O Lobo é representado como aquele que, para conseguir seu intento, planeja e executa uma estratégia, age de modo falso e faz-se passar por quem não é; este é o sentido que o Narrador constrói nos domínios selecionados para este recorte.

Transcrevemos a seguir seqüências discursivas que evidenciam a imagem da falsidade do Lobo:

GA – sd 19 – (N4):

“A situação já estava preta, mas, como vocês sabem muito bem, o lobo tinha a firme intenção de esperar por Chapeuzinho Vermelho para comê-la também. Com essa idéia na cabeça, o danado se espremeu até conseguir enfiar uma das camisolas da Vovó, depois pôs o gorro de dormir na cabeça e se acomodou na cama da coitada. Chapeuzinho Vermelho vai achar que eu sou a vovó dela!”, pensou o lobo, puxando as cobertas até o queixo.”

GRI - sd 20 - (N2):

“ O lobo disfarçou a voz:  
- Chapeuzinho Vermelho, que te traz bolo e vinho, abre, por favor.  
- É só apertar a maçaneta, disse a avó, eu estou fraca demais para levantar.  
O lobo apertou a maçaneta e a porta se abriu. O lobo foi, sem uma palavra para a cama da avó e a engoliu. Depois vestiu sua roupa, pôs a sua touca de dormir, deitou-se na sua cama e fechou o cortinado.”

PER - sd 21- (N1):

“O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama, debaixo da coberta”

JFM- sd 22 - (N3):

“Sou eu, Chapeuzinho de Palha, a sua netinha ...” disfarçou o Lobo-guará, adoçando a fala”

GA - sd 18- (N4):

“Tenho certeza que vocês já adivinharam uma coisa: o lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da Vovó e disse à menina que fosse pelo caminho mais longo. E tem mais: enquanto ela estava olhando para o lado dele, ele fez de conta que ia andando calmamente, mas assim que ela desapareceu numa curva do caminho, ele começou a correr feito um louco e claro que chegou à casa da Vovó muito antes dela!”

A imagem da falsidade do Lobo é transmitida pelo Narrador quando ele descreve as ações do Lobo, o modo como age e na forma como o qualifica; usa para isso, verbos e adjetivos, como veremos a seguir.

#### A.1.1 A natureza das ações do Lobo

As ações do Lobo são narradas pelo Narrador no pretérito perfeito, trazendo a marca da falsidade, do disfarce, que decorre da natureza semântica dos verbos utilizados, os quais caracterizam a simulação e a dissimulação. Para definir estes dois termos, recorremos a Baudrillard (1991, p.8) para quem “dissimular é fingir não ter o que se tem.” e “simular é fingir ter o que não se tem”. Acrescenta que “o primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência”. Por extensão, poderíamos dizer que simulação também é fingir ser o que não se é e dissimulação é fingir não ser o que se é. Pode-se identificar marcas de simulação e de dissimulação na descrição das ações do Lobo, que se ouve na voz do Narrador. Observemos, na seqüência a seguir, uma ação do Lobo que se caracteriza pela **simulação**:

GRI - sd 20 - (N2):

“O lobo (. . .) vestiu as roupas dela, pôs sua touca, deitou-se na sua cama e fechou o cortinado.”

O Narrador, ao descrever que o Lobo veste as roupas da Avó e usa a sua cama, está também informando que o Lobo **acrescenta** a si próprio características da Avó. **Simula** ser a Avó. Portanto, simula ser quem não é.

Encontramos, também, marcas de **dissimulação** nas ações do Lobo, descritas pelo Narrador, como nas seguintes seqüências discursivas:

PER - sd 21 - (N1):

“O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama, debaixo da coberta”

GA - sd 19 - (N4):

“Com essa idéia na cabeça, o danado se espremeu até conseguir enfiar uma das camisolas da Vovó  
(. . .) Chapeuzinho Vermelho vai achar que eu sou a vovó dela!”, pensou o lobo, puxando as cobertas até o queixo”

O Narrador, contando a seu ouvinte/leitor que o Lobo se esconde, informa que o mesmo quer esconder suas próprias características, o que configura uma dissimulação. Além disso, o Narrador, nos domínios de Grimm e de Miranda, ainda usa “disfarçar” e em Garner “fazer de conta”, verbos que, para nós, reúnem o sentido da simulação e da dissimulação:

GRI - sd 20 - (N2): “O lobo disfarçou a voz”

JFM- sd 22 - (N3): “disfarçou o Lobo-guará”

GA - sd 18- (N4): “ele fez de conta”

Pode-se observar, então, que a narração descritiva feita pelo Narrador, marca a seqüência de ações do Lobo com elementos de simulação e dissimulação, atestando que tudo faz parte da estratégia anteriormente calculada pelo Lobo. A ação do Lobo não corresponde à imagem que ele quer dar de si mesmo e com isso o Narrador demonstra que ele é falso e não confiável.

#### A.1.2 O modo de fazer do Lobo

O Narrador usa o particípio presente para denotar o modo como o Lobo age, sendo que o sentido de falsidade fica determinado principalmente pela natureza semântica dos verbos utilizados:

PER - sd 23 - (N1): “mudando a voz,”

PER - sd 24 - (N1): “adocicando um pouco a voz”

PER - sd 17 - (N1): “fazendo-se de íntimo gentil e adulator”

JFM - sd 22 - (N3): “adoçando a fala”

GA - sd 25 - (N4): “tentando imitar a voz da menina”

Nota-se que o modo de fazer do Lobo também aponta para uma simulação na sua ação. Quando o Narrador diz que o Lobo “adocica a voz” e “adoça a fala”, apresenta a imagem do Lobo como alguém que finge ter o que não tem: a doçura na voz, que é necessária para convencer e seduzir mais eficazmente; acrescenta, assim, à sua voz e à sua fala algo que ele mesmo não tem.

Ao afirmar que o Lobo “tenta imitar a voz da menina”, o Narrador revela que o Lobo **dissimula** a sua própria voz e **simula** uma voz que não é a sua. Assim, tem-se o sentido do disfarce, que nos é dado pela soma da simulação e da dissimulação. Esse sentido de disfarce se encontra também em “mudar a voz”, e “fazendo-se de”, onde o sentido é o de fingir, simultaneamente, não ter o que se tem e ter o que não se tem. Uma presença que é posta no lugar de uma ausência. Para atingir seu objetivo, o Lobo retira uma propriedade de sua voz e lhe acrescenta outra, que não lhe pertence.

#### A.1.3 Forma como o Narrador qualifica o Lobo

Já vimos como o Narrador (N1, N3) vai construindo a imagem do Lobo, usando pistas lingüísticas como a escolha dos verbos que descrevem a natureza das ações do Lobo e o modo como ele age. Acrescentaremos agora mais uma pista que é a natureza lexical dos adjetivos que o Narrador usa para qualificar o Lobo.

JFM- sd 26 - (N3):

“Boa tarde, Senhor Lobo-guará – respondeu a Moça-Menina – Vou ao chalé de minha avó. Ela anda meio adoentada, com reumatismo, tosse e outras mazelas... Lamento saber – replicou o Lobo-guará, muito pachola e rebuscado para falar”

GA- sd 16 - (N4):

“O lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só. Fazia vários dias que não comia, estava com uma fome danada. Mas dava para ouvir o barulho do machado do lenhador não muito longe dali, e ele achou melhor fazer um plano.

Com essa idéia na cabeça, o lobo disse à menina que não estava nem um pouco interessado em comer (quando é do interesse deles, os lobos são uns tremendos mentirosos) e Chapeuzinho Vermelho acreditou no que ele disse”

A escolha de adjetivos como “manhoso”, “meloso” e “adulador”, no domínio de Perrault, “pachola”, “rebuscado” no domínio de Miranda e “mentiroso” no domínio de Garner, que o Narrador usa ao compor a imagem do Lobo, imprimem a marca da falsidade a esse sujeito. O Narrador justifica, assim, seu ensinamento que é o de que o Lobo e seu discurso não são confiáveis. Pode-se então verificar a existência de duas famílias parafrásticas onde se estabelece o sentido da **falsidade**: uma que se compõe de verbos que são usados pelo Narrador no pretérito perfeito e no gerúndio e outra de adjetivos:

- a) escondeu-se /disfarçou a voz / vestiu as roupas dela / fez de conta / imaginou um plano / mudando a voz / adocicando um pouco a voz / fazendo-se de / adoçando a fala/tentando imitar a voz da menina
- b) manhoso / meloso / adulador / muito pachola e rebuscado/ tremendos mentirosos

Essas famílias compõem-se, pois, de verbos em tempos verbais que exprimem ações concluídas e mostram modos de fazer; além disso, compõem-se ainda de adjetivos e de intensificadores, como “muito” e “tremendos”, cuja soma vem reforçar o estabelecimento do sentido de falsidade e fingimento que compõe uma das facetas da imagem do Lobo.

## A.2 A imagem da maldade do Lobo

Para a composição da imagem negativa do Lobo, o Narrador (N3, N4) acrescenta à faceta **falsidade** as pistas que indicam a faceta **maldade**. Para isso, faz uso de adjetivos, cuja natureza semântica produz exatamente este sentido:

JFM- sd 27 - (N3):

“O **maldoso** Lobo-guará, então, vestiu-se com uma camisola da Vovó. Colocou a touca rendada. Os óculos. Deitou-se debaixo das cobertas e esperou.”

GA- sd 28 - (N4):

“É para comer você melhor, minha querida!, disse o lobo, soltando uma gargalhada de bicho **ruim** e, na mesma hora, pulou da cama.”

GA- sd 19 - (N4):

“Com essa idéia na cabeça, o **danado** se espremeu até conseguir enfiar uma das camisolas da Vovó, depois pôs o gorro de dormir na cabeça e se acomodou na cama da coitada.”

A imagem de maldade é complementada através de um sentido de perigo que decorre naturalmente dessa faceta. Então, além de ser descrito pelo Narrador (N3 e N4) como *maldoso*, *ruim* e *danado*, o Narrador, no domínio de Perrault ainda lembra seus ouvintes/leitores, por tudo isso que já foi dito, do perigo inerente ao Lobo:

PER- sd 17 - (N1): “De todos eles são **os mais perigosos**”

Além do adjetivo propriamente dito, o Narrador ainda marca o Lobo com um intensificador. No caso de (N1), ao usar o superlativo absoluto “os mais perigosos”, realmente exclui esse grupo de lobos (ao qual pertence o lobo da história) do total de lobos (homens), dando-lhes a marca de extrema periculosidade. Já no domínio de Grimm, o Caçador chama o Lobo de:

GRI - sd 29 - (Caçador):

“Ah, aqui te encontro seu **velho pecador**, disse ele, já faz muito tempo que te procuro.”

Designando o Lobo como *pecador*, o Caçador, no domínio 2, chama a atenção para o perigo que este lobo representa – um pecador é sempre perigoso. Além disso, intensifica seu sentido, usando o adjetivo “velho” dando-lhe o sentido de pecador de longa data. Bettelheim (1980), ao analisar a história de Chapeuzinho Vermelho, diz que “chama-se um sedutor de lobo e quando seduz especificamente uma jovem, o sedutor é chamado de ‘velho pecador’”(p.213).

Como se pode observar, portanto, as marcas da maldade do Lobo presentes no discurso do Narrador (N1), (N3) e (N4) e do Caçador (no domínio de Grimm), acrescentam aspectos negativos à imagem do Lobo, criando um efeito de sentido de maldade e reforçando, dessa maneira, a imagem de perigo que lhe é inerente.

### A.3 A imagem da esperteza do Lobo

A esperteza em si não seria uma qualificação negativa, mas, considerando as condições em que o discurso do Narrador (N1, N2, N3 e N4) é produzido, constata-se que o uso que o Lobo faz de sua esperteza nos revela sua conotação negativa na representação que dela faz o Narrador. Isso porque o Narrador relaciona a esperteza do Lobo à sua ação de enganar Chapeuzinho. Na interlocução com a menina, o discurso do Lobo oculta sua intenção, que é recuperada pelo Narrador.

Através da voz do Narrador, (N1), (N2), (N3) e (N4), ficamos sabendo que o Lobo, sendo astuto, tem um plano e sua ação faz parte desta estratégia. O Lobo, ao pô-lo em prática, indica para a menina o caminho que, além de mais longo, tem mais motivos de distração; para si, escolhe o mais curto. Observemos as seqüências discursivas abaixo:

GRI- sd 30 - (N2):

“O lobo **esperto**, no entanto, foi diretamente para a casa da avó e bateu na porta.”

GA- sd 31- (N4):

“o lobo **esperto** imaginou um plano para comer as duas” (. . .) “o lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da vovó e disse à menina que fosse pelo caminho mais longo. E tem mais: enquanto ela estava olhando para o lado dele, ele fez de conta que ia andando calmamente, mas assim que ela desapareceu numa curva do caminho, ele começou a correr feito um louco pela floresta e claro que chegou à casa da Vovó muito antes dela!”

Analisando as seqüências acima, pode-se observar que o Narrador, tanto no domínio de Grimm quanto no de Adams, faz a mesma escolha lexical, usa o mesmo adjetivo - *esperto*. A conotação negativa da esperteza do Lobo é dada pela narrativa da ação a ela associada. Assim, o Narrador em ambos os domínios qualifica negativamente a esperteza do Lobo, atestando com isso que, mais de um século depois<sup>2</sup>, em outras condições de produção, o sentido que advém do interdiscurso ainda se mantém. O

<sup>2</sup> Os Irmãos Grimm publicam **Chapeuzinho Vermelho** em 1812 e Georgie Adams em 1994.

sentido da esperteza do Lobo é associado, também nos domínios de Perrault e Miranda, à sua capacidade de enganar Chapeuzinho através da execução de seu plano:

PER -sd 32- (N1): “O Lobo pôs-se a correr com toda sua força pelo caminho mais curto”

JFM - sd 33 - (N3): Enquanto isso, o Lobo-guará correu direto para o chalezinho da Vovó”

O Narrador reforça, assim, a imagem do perigo que o Lobo representa. “São os mais perigosos” diz o Narrador em Perrault. Por ser malvado, no domínio de Miranda é “o maldoso”; em Adams, o “bicho ruim” e “guloso”; em Perrault, “teve vontade de comer a menina”; por usar sua esperteza para seduzir, em Grimm e Adams, é “o esperto lobo” para seduzir, sendo, no domínio de Perrault, “manhoso”, “meloso”, “adulador” e, no domínio de Miranda, “muito pachola e rebuscado para falar”.

#### A.4 A imagem da covardia do Lobo

A imagem da covardia do Lobo é construída pelo Narrador (N1), (N3) e (N4) principalmente em relação aos sujeitos que, teoricamente, lhe estão em igualdade de condições - *os lenhadores, o homem* - que são homens adultos e que por este motivo ele não poderia enganar tão facilmente. O Narrador, nesses domínios, expressa tal imagem através de orações que revelam o medo/a covardia do Lobo e sua causa, ou seja estabelecem entre ambos uma relação causal:

PER- sd 15 - (N1):

“Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas **não teve coragem por causa dos lenhadores** que estavam na floresta”

JFM- sd 34- (N3):

“O Lobo-guará percebeu o homem, encolheu-se atrás de uma figueira”

JFM- sd 35- (N3):

“o Lobo-guará ficou com medo, covarde que ele era o Lobo-guará.”

GA- sd 16- (N4):

“O lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só. Fazia vários dias que não comia, estava com uma fome danada. Mas dava para ouvir o barulho do machado do lenhador não muito longe dali, e ele achou melhor fazer um plano.”

Sabe-se, pela voz do Narrador, (N1), (N3) e (N4), que o Lobo tem um **desejo** que não satisfaz, por uma causa externa, um **obstáculo** (que se interpõe entre seu desejo

e a sua satisfação) que, por sua vez, gera um **efeito** em que fica clara a imagem de covardia do Lobo. No quadro abaixo, pode-se ver mais claramente essa relação:

DOMÍNIO	DESEJO	OBSTÁCULO	EFEITO
PERRAULT (N1)	“teve vontade de comer a menina”	“por causa dos lenhadores”	“não teve coragem”
MIRANDA (N3)	(não explicitado pelo Narrador)	“percebeu o homem”	“encolheu-se”
	(não explicitado pelo Narrador)	“covarde que ele era”	“ficou com medo”
ADAMS (N4)	“bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só”	“dava para ouvir o barulho do machado do lenhador”	“ele achou melhor fazer um plano”

A vontade do Lobo, que é a vontade do instinto, é considerada natural e irrefreável nos homens. No entanto, dar vazão aos instintos não é considerado algo socialmente aceito, quando acontece às claras. Às escondidas, todos (os adultos) sabem que acontece, mas nenhum homem é penalizado por isso. Bettelheim (1980, p.211) diz que “como na história de Perrault o lobo é o tempo todo um sedutor masculino, faz sentido que um homem mais velho **tenha medo** de seduzir uma menina **às vistas de outros homens**”. É por esse motivo que o Lobo refreia sua vontade - em função da presença de outro adulto. Pois (aponta o discurso do Narrador) é preciso (dizemos nós) nessa FD moralista, salvarem-se hipocritamente as aparências.

Temos então três famílias parafrásticas que indicam a natureza do Lobo, descrevendo como ele é e como age e construindo os seguintes efeitos de sentido:

**a) de falsidade:**

mudando a voz/ adocicando um pouco a voz/ escondendo-se / adoçando a fala/ fazendo-se de/ tentando imitar a voz da menina /disfarçou a voz/ disfarçou/ fez de conta/ escondeu-se/ imaginou um plano /vestiu as roupas dela/ pôs sua touca/ deitou-se na sua cama e fechou o cortinado

**b) de perigo / maldade:**

os mais perigosos / maldoso/ tremendos mentirosos / bicho ruim

**c) de esperteza/ não confiabilidade:**

esperto/manhoso/ meloso/ adulator / pachola e rebuscado

**d) de covardia:**

ficou com medo / não teve coragem / encolheu-se atrás de uma figueira

Esta imagem do Lobo é criada pelo Narrador nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams. Na sua voz, ficam registradas, portanto, as marcas da falsidade, da maldade, da esperteza e da covardia do Lobo, que se expressam principalmente através de verbos e adjetivos, cuja natureza semântica conecta seus leitores/ouvintes a este sentido. No caso do sentido da covardia, este fica ainda reforçado pelo uso de orações que estabelecem uma relação de causa/efeito, que esclarece as causas que fazem o Lobo sentir-se como se sente ou agir como age.

#### A.5 O discurso dividido do Lobo

O discurso do Lobo é apresentado pelo Narrador, em Grimm e Adams, como um discurso de duas faces, dividido entre seu pensamento e sua ação, de um lado, e sua palavra, de outro; entre estes dois lados não existe coincidência, mas um hiato. Chamaremos de **discurso explícito** do Lobo aquele que todos (o ouvinte/leitor e também Chapeuzinho) ouvem - diretamente na voz do Lobo, ou na forma indireta através do Narrador. Chamaremos de **discurso oculto** aquele que está no pensamento do Lobo e que difere da sua palavra, só sendo revelado ao ouvinte/leitor pelo Narrador e ficando oculto para Chapeuzinho. Em função do objetivo pedagógico do discurso do Narrador, são revelados pelo mesmo os dois lados do discurso do Lobo: o que Chapeuzinho ouve na voz do próprio Lobo e também o que ela não ouve.

O discurso explícito do Lobo, aquele que Chapeuzinho ouve, revela uma posição-sujeito que se identifica com o Sujeito da FD. O que ela não ouve corresponde ao discurso oculto do Lobo, que é apresentado pelo Narrador apenas no pensamento do Lobo, ao ouvinte/leitor da história e que reforça a imagem do “mau sujeito” que, como já vimos anteriormente, se contra-identifica com o saber da FD.

O discurso explícito do Lobo não corresponde à sua intenção, que é revelada no seu pensamento; seu discurso explícito, portanto, é enganador; é o discurso do engodo. Porque a intenção (expressa no seu pensamento) é “agarrar ambas”. O que fica oculto para Chapeuzinho Vermelho, é revelado pelo Narrador a seu ouvinte/leitor, que assim explicita o que este deve saber. É o Narrador que expõe esse descompasso entre o discurso explícito do Lobo e o discurso oculto no pensamento do Lobo. O Narrador faz

o Lobo silenciar sua intenção para Chapeuzinho, mas, ao mesmo tempo, a expõe para seu leitor/ouvinte. Assim, cumpre sua função pedagógica de ensinar. E o que ele ensina, principalmente às meninas, é que o Lobo (homem), por ser falso e desonesto, não é confiável. Temos, a seguir, SDs que mostram o discurso dividido do Lobo, o explícito e o oculto:

GRI - sd 36 - (N2):

“O lobo **pensou**:

(L2)- Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha; tu tens que começar bem manhoso (listig) para que possas apanhar as duas.

(N2) Então ele acompanhou a menina por um tempo e depois **falou**: (N2)-Chapeuzinho Vermelho olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados? Eu acho que nem ouves como os passarinhos cantam tão amavelmente.”

GA - sd 16 - (N4):

“O lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só. (. . .) Mas dava para ouvir o barulho do machado do lenhador, não muito longe dali, e ele achou melhor fazer um plano. **Com essa idéia na cabeça**, o lobo **disse** à menina que não estava nem um pouco interessado em comer (quando é do interesse deles, os lobos são uns tremendos mentirosos) e Chapeuzinho Vermelho acreditou no que ele disse.”

O discurso oculto pode ser observado claramente no domínio de Grimm:

GRI - sd 36 - (L2):

“Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha”

Ouve-se, ainda, no domínio de Grimm, a voz que consideramos do senso comum, mas que se mescla com a voz do Lobo:

GR- sd 36 -(L2):

“tu tens que começar bem manhoso para que possas apanhar as duas”

Nos domínios de Perrault e de Adams, o Narrador informa sobre o desejo e intenção do Lobo, como já foi demonstrado em A.4 e acreditamos que essa revelação possa ser considerada uma forma de conhecer o discurso oculto do lobo, ou seja, de conhecermos o que ele não diz, mas que, afinal, explica sua ação.

No seu discurso explícito, o Lobo constrói para si uma imagem de “bom sujeito”, necessária para pôr em prática seu plano de “mau sujeito”. Assim, vamos observar o que contém seu discurso explícito:

PER – sd 37 - (N1):

“Pois bem, disse o Lobo, (L1): - Eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.”

GRI- sd 36 - (N2):

“Chapeuzinho Vermelho olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados? Eu acho que nem ouves como os passarinhos cantam tão amavelmente. Tu andas assim tão ensimesmada como se estivesses indo para a escola e está tão divertido aqui fora na floresta.”

JFM- sd 38 - (L3):

“Chapeuzinho de Palha, por que não colhes algumas flores para tua Vovó? é provável que ela fique muito contente...”

- “Prometi a minha Mãe não me divertir, não me distrair pelo caminho.”

- “Então, deves manter a tua palavra” - murmurou-lhe o Lobo-guará - no entanto, podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada...”

GA- sd 16- (N4):

“Com essa idéia na cabeça, o lobo disse à menina que não estava nem um pouco interessado em comer (quando é do interesse deles, os Lobos são uns tremendos mentirosos) e Chapeuzinho Vermelho acreditou no que ele disse.”

GA- sd 39 - (L4):

“Também vou até lá fazer uma visitinha à Vovó, disse o lobo. “Eu vou por aqui e você vai por ali, vamos ver quem chega lá primeiro.”

GA- sd 18 - (N4):

“disse à menina que fosse pelo caminho mais longo”

Podemos observar melhor essa discrepância no quadro abaixo:

<b>DOMÍNIO</b>	<b>DISCURSO OCULTO DO LOBO</b>	<b>DISCURSO EXPLÍCITO DO LOBO</b> (disc. direto e indireto)	<b>VOZ DO NARRADOR</b>
PERRAULT	(N1)“compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina.”	(L1)“Pois bem, (N1)disse o Lobo, (L1) Eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.”	
GRIMM	(L2):“Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha”  (Voz do senso comum mesclada com a voz do Lobo) (L2): “tu tens que começar bem manhoso para que possas apanhar as duas”	(L2):“Chapeuzinho Vermelho olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados? Eu acho que nem ouves como os passarinhos cantam tão amavelmente. Tu andas assim tão ensimesmada como se estivesses indo para a escola e está tão divertido aqui fora na floresta.”	
MIRANDA		(L3): “Chapeuzinho de Palha, por que não colhes algumas flores para tua Vovó? É provável que ela fique muito contente...” “Então, deves manter a tua	

		palavra”- murmurou-lhe o Lobo-guará - no entanto, podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada...”	
ADAMS	(N4): “O lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só”  (N4):”achou melhor fazer um plano”	(L4):“Também vou até lá fazer um visitinha à Vovó, disse o lobo. “Eu vou por aqui e você vai por ali, vamos ver quem chega lá primeiro.” (N4): “o lobo disse à menina que não estava nem um pouco interessado em comer” (N4): “Disse à menina que fosse pelo caminho mais longo”	(N4): (quando é do interesse deles, os lobos são uns tremendos mentirosos)

Pode-se perceber que o discurso explícito do Lobo divide-se em ordens mascaradas de regras para um jogo, ordens maquiadas como boas sugestões (bons conselhos) e julgamentos de valor. Observemos o quadro abaixo:

<b>DOMÍNIO</b>	<b>REGRAS DO JOGO</b>	<b>SUGESTÕES / CONSELHOS</b>	<b>JULGAMENTOS DE VALOR</b>
PERRAULT	(L1)“Pois bem, (N1)disse o Lobo, (L1)Eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.”		
GRIMM		(L2):“Chapeuzinho Vermelho olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados?”	(L2):“Eu acho que nem ouves como os passarinhos cantam tão amavelmente. Tu andas assim tão ensimesmada como se estivesses indo para a escola e está tão divertido aqui fora na floresta.”
MIRANDA		(L3): “Chapeuzinho de Palha, por que não colhes algumas flores	(L3): “É provável que ela fique muito contente...”

		para tua Vovó?(. . .) no entanto, podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada...”	(L3):“Então, deves manter a tua palavra”-murmurou-lhe o Lobo-guará”
ADAMS	(L4):“Também vou até lá fazer um visitinha à Vovó, disse o lobo. “Eu vou por aqui e você vai por ali, vamos ver quem chega lá primeiro.”		

O Narrador, ao mostrar o discurso do Lobo para as crianças que ouvem/lêem a história, contrasta bem a diferença entre seu discurso explícito e o oculto. Exemplifica como o Lobo, em seu discurso explícito faz sugestões a Chapeuzinho Vermelho “olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados?” “Chapeuzinho de Palha, por que não colhes algumas flores para tua Vovó?”. Ou seja, faz sugestões que, aparentemente vão causar resultados bons, para ela mesma e para a avó. Procedendo assim, o Lobo oculta sua intenção de comer a menina que existe no seu pensamento, quando pensa “esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha” e em Adams, quando o Narrador nos revela seu desejo: “o lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só”. Obviamente o Lobo oculta seu plano e o Narrador mostra que o Lobo procede assim a fim de melhor poder executá-lo. Para a menina Chapeuzinho, o Lobo cria uma imagem de “bom sujeito”, aquele que tem coisas a mostrar e em quem se pode confiar. Já o Narrador, ao revelar também o discurso oculto do Lobo para a criança leitora/ouvinte, constrói a imagem do Lobo como um sujeito ambíguo, descobrindo-lhe também seu lado de “mau sujeito”.

#### A.5.1 A voz do senso comum no discurso oculto do Lobo

Lembrando o que já foi afirmado anteriormente, na citação que Lagazzi (1988, p.32), faz de Geertz (1983) de que o “senso comum é um sistema cultural onde as coisas são aquilo que fazemos que elas sejam”. É **senso comum**, na medida em que é um

sentido comum a um grupo de pessoas, dentro de um determinado contexto, portanto, aceito por essas pessoas. No seu viver e fazer cotidianos as pessoas dentro de um contexto, interpeladas por uma Ideologia, fazem com que exista um consenso em relação às coisas que nele existem e sejam consideradas certas ou erradas, já que algumas crenças são admitidas numa determinada época e outras não. As que são admitidas são as que historicamente ratificam o poder e por isso são apoiadas por esse poder. Em Grimm, o Narrador na posição de pedagogo que ensina o saber de sua FD, faz soar, na voz do pensamento do Lobo, essa voz do senso comum:

GR- sd 36 - (N2):

“O lobo pensou: (L2) Ela é juvenzinha e delicada e é um petisco, com certeza será mais gostosa do que a velha, e fica para a sobremesa, **tu** só tens que ser astuto e meloso para conseguir agarrar ambas.”

Ouve-se uma voz que irrompe no discurso do pensamento do Lobo, introduzida pelo Narrador, e que usa o “tu” em relação ao Lobo. Assim, na voz do Lobo, ouve-se um diálogo entre o Lobo e ele mesmo, como se fosse um outro. Somos confrontados, portanto, com a voz de um interlocutor, cuja origem não fica totalmente esclarecida. Consideramos que o Narrador, em seu papel de porta-voz do Sujeito da sua FD, reproduz aí a voz do senso comum, mesclando-a com a voz do próprio Lobo.

Nessa voz do senso comum, algo soa como um conselho amigo. Essa voz dirige-se ao Lobo, como indivíduo da espécie masculina e mostra que, do ponto de vista do senso comum, para o homem é considerado fácil enganar meninas/moças inocentes (“que não sabem”). É “**só**” ser “astuto” e “meloso”; **apenas** isto é necessário. Nesta FD moralista há espaço para esta voz que se dirige ao Lobo (homem) e oficializa, por assim dizer, a presença do “mau sujeito”.

Por outro lado, esse “mau sujeito”, tem sido identificado, ao longo do tempo, com o Lobo, um sujeito ambíguo, com um discurso dividido, do qual se ouve “oficialmente” a parte que pode e deve ser dita e “extra-oficialmente” a parte que não pode e não deve ser dita; mesmo assim, esta parte extra-oficial se encontra pressuposta, sendo o que consideramos a voz do senso comum que se ouve no pensamento do Lobo.

O Narrador estabelece as imagens do Lobo e do seu lugar social. Ratifica a imagem de falsidade do Lobo, ao contrapor seu pensamento (seu discurso oculto) ao seu discurso explícito.

## B) A construção da ingenuidade/ignorância e do medo da menina

As imagens de ingenuidade e ignorância de Chapeuzinho Vermelho, Chapeuzinho de Palha e Fita-Verde e do medo delas decorrente se constituem a partir da narração das ações da menina, feita pelo Narrador e da escolha lexical, reforçadas pelo próprio discurso da menina. Podem-se detectar esses aspectos, nos domínios de Perrault, Grimm, Guimarães Rosa e Georgie Adams.

### B.1 A ação de Chapeuzinho

Seguindo adiante na execução de seu “plano pedagógico”, o Narrador mostra que, ao seguir as sugestões e conselhos do Lobo, Chapeuzinho concretiza a estratégia planejada por este último, comprovando, assim, que o tinha “escutado” e que é ingênuo. Reforça, dessa maneira, o que diz o senso comum - que é fácil enganar e persuadir meninas ingênuas. Diz o Narrador:

PER - sd 40 - (N1):

“A menina **foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se** a colher avelãs, correndo atrás de borboletas, fazendo ramalhetes com florezinhas que encontrava”

GRI - sd 41- (N2):

“Então **ela se desviou do caminho, entrou na floresta** e começou a escolher as flores para levar para sua avó. E quando colhia uma, ela pensava que mais adiante certamente estaria uma ainda mais bonita e ia buscá-la e assim **começou a embrenhar-se cada vez mais na floresta.**”

JFM - sd 42 - (N3):

“Chapeuzinho de Palha começou a observar as pétalas coloridas, caminhando vagarosamente. **Distraía-se** assim e lembrava as guabirobas que apanharia na volta e com que encheria o cestinho vazio.”

O Narrador (N1, N2 e N3) demonstra que o Lobo, por ser esperto, manipula a ação de Chapeuzinho, porque esta é a função que deve cumprir ao ocupar o lugar que lhe destina o Narrador. O Narrador toma sua posição-sujeito, ao lado da posição-sujeito da Mãe que, por assujeitar-se ao saber da FD, diz o que pode e deve ser dito para que a menina seja também interpelada e se assujeite, aprendendo a fazer o que pode e deve ser

feito. O Narrador mostra que a menina cumpre as ordens/sugestões do Lobo, desviando-se do caminho e distraído-se, executando assim, sem o saber, o plano do Lobo. Confirma, dessa maneira, o senso comum.

Ainda é interessante notar, no domínio discursivo de Grimm, como Chapeuzinho se justifica por estar se desviando do caminho e entrando na floresta:

GRI – sd 43 - (N2):

“Chapeuzinho Vermelho olhou para cima e, quando viu como os raios de sol dançavam para lá e para cá através das árvores e como tudo estava cheio de flores lindas, ela pensou: (CV2)- Se eu levar para a avó um ramallete de flores fresquinhas, ela com certeza também vai se alegrar bastante; é ainda tão cedo que eu vou certamente chegar a tempo.”

Pode-se assim concluir que a menina procura, dentro do consenso da ideologia burguesa-cristã, uma justificativa aceitável para seus atos. Dentro dessa Formação Ideológica, fazer “boas ações” é importante; do ponto de vista de sua ótica infantil, “levar um ramallete de flores fresquinhas para sua avó” poderia ser um considerada uma boa ação, um motivo plausível para desviar-se do caminho e entrar na mata. Além disso, como era “cedo” ela não chegaria atrasada e não infringiria o princípio de pontualidade, estabelecido como básico pela sociedade protestante pós-Reforma de Lutero, época em que se inscreve o domínio de Grimm. Portanto, além de não estar ferindo nenhum princípio importante de seu contexto, ainda estaria praticando uma boa ação.

## B.2 A construção do sentido da ingenuidade / ignorância

A ingenuidade e a ignorância que caracterizam a imagem da menina contrastam com a esperteza, que é uma das facetas da imagem do Lobo, apresentada anteriormente. Nos domínios em que se pode detectar essas características na menina, o Narrador, (N1), (N2), (N4) e (N5), narra que:

PER - sd 7 - (N1):

“A **pobrezinha não sabia** como é perigoso parar para escutar um Lobo”,

PER - sd 44 - (N1):

“**Ficando espantada** de ver como sua avó estava diferente ao natural”.

GRI - sd 45 - (N2):

“Mal entrou na mata, a menina encontrou-se com o Lobo. Porém como **não o conhecia, nem sabia** o bicho malvado que ele era, não sentiu medo”

JGR - sd 46 - (N5):

“Mas agora Fita-Verde **se espantava**, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada;”

GA - sd 16- (N4):

“Chapeuzinho Vermelho **acreditou** no que ele disse”

Pode-se notar que o Narrador desses domínios expõe essas características da menina ao utilizar verbos como “não saber”, “não conhecer”, “ficar espantada”, “espantar-se”, “acreditar”. Esses verbos formam uma família parafrástica em que fica constituído o sentido da ignorância e da ingenuidade.

O emprego do diminutivo em “a pobrezinha” é uma pista que também reforça o sentido de ingenuidade e ignorância de Chapeuzinho. A Chapeuzinho Vermelho da história, no domínio de Perrault, é “a pobrezinha” porque ninguém a tinha admoestado e por isso ela “não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo”. No implícito soa: se soubesse que bicho malvado ele era, sentiria medo. Ao mesmo tempo que o Narrador compõe este sentido em relação a Chapeuzinho Vermelho, lê-se no implícito: mas vocês, crianças que me ouvem, já estão sendo avisadas. A ingenuidade da menina também é reforçada quando ela faz as conhecidas exclamações (“Mas que olhos tão grandes (. . .), que na verdade são exclamações de surpresa diante do aspecto singular da avó/lobo.

### B.3 A construção do sentido do medo

No domínio de Perrault institui-se o sentido do medo que o Lobo transmite e Chapeuzinho Vermelho sente. Este medo conserva-se, ressoando discursivamente no domínio de Grimm e em domínios mais recentes, como o de Adams, na voz do Narrador.

PER - sd 47 - (N1):

“Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo **teve medo**, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:”

GA - sd 48 - (N4):

“Chapeuzinho Vermelho levou **um susto tremendo**. Vovó estava completamente diferente.”

GA - sd 49 - (N4):

“Chapeuzinho Vermelho foi andando bem depressa. Só de pensar em encontrar aquele lobo malvado, **ficava toda arrepiada**”

GA - sd 50 - (CV4):

“Você deve ser o tal lobo esfomeado de que o lenhador me falou!” (N4) disse a menina **nervosa**”

No discurso da própria menina, em Grimm, está posto o sentido do espanto e do medo que se institui:

GRI- sd 51 - (CV2):

“Ela surpreendeu-se que a porta estava aberta e quando entrou na sala, teve uma sensação tão estranha que ela pensou:  
- Ai, meu Deus, **estou com tanto medo hoje**, e eu que gosto tanto de estar na casa da `vovó”

Nesses domínios, o sentido do medo é marcado tanto por locuções verbais quanto por adjetivos, que formam uma família parafrástica em que este efeito de sentido se evidencia:

teve medo/ assustou-se /levou um susto tremendo / ficava toda arrepiada / nervosa /  
estou com tanto medo /

O medo que a menina sente é um efeito de sentido cristalizado no interdiscurso que, desde que instituído em Perrault e reiterado em Grimm, não se modifica nem se desfaz através do tempo, mesmo num domínio mais recente, como o de Adams.

### C) O Narrador explicita o objetivo do seu discurso

No domínio de Perrault, o objetivo do discurso pedagógico explicita-se na voz do Narrador, na moral. Segundo Grantham (1966), a moral, parte característica das fábulas, tem o papel de garantir a ordem legítima e o estabelecimento daquilo que uma sociedade quer como senso comum. Conforme a autora, a moral tem um caráter coercitivo porque, “estabelecendo padrões, busca a estabilidade das relações sociais, na medida em que abafa o desejo dos indivíduos de se insurgirem contra a ordem” (p.199).

Perrault publica em 1697 “Contos de Mamãe Gansa”, também intitulados “Histórias ou Contos do Tempo Passado com moralidades”. Conforme Mello, nos contos que escreveu para os jovens,

“Perrault revela suas concepções pedagógicas, considerando que o caráter essencial do livro infantil é a moralidade, mais especificamente a moralidade cristã, transmitida de maneira

sutil para obter eficácia. Por isso, as normas que as histórias passam às crianças são quase imperceptíveis e, geralmente, concentram-se no final do conto, momento em que a criança já aprendeu corretamente o ensinamento que procurou transmitir”. (MELLO 1993, p. 31)

Na verdade, assim como aparece nas fábulas, a moral é sempre uma conclusão em que o autor faz uma reflexão e um ensinamento sobre o tema da própria fábula e usualmente não é parte integrante das histórias infantis. No entanto, para Perrault, que publicou seus contos em 1697, um ano antes de La Fontaine (cujas fábulas foram publicadas em 1698) a presença da moralidade, ou moral, possivelmente representava o espírito da época e não se poderia conceber contos, especialmente para crianças, sem um ensinamento explícito. É por isso que, ao final de “Chapeuzinho Vermelho”, no domínio discursivo de Perrault, se encontra a moral que, tal como nas fábulas, apresenta para seus ouvintes/leitores um ensinamento moral-cristão do qual o Narrador é o porta-voz.

Já nos outros domínios, não há uma moral colocada separadamente, mas o ensinamento, presente na moral do domínio de Perrault, continua ressoando interdiscursivamente nos domínios aqui analisados em que existe o discurso pedagógico moralista. A Moral<sup>3</sup>, no domínio de Perrault, de certa forma resume o ensinamento que o Narrador demonstra pedagogicamente através da narração da história.

Como já foi dito anteriormente, o sujeito que organiza e domina o discurso é o Narrador. É a sua voz que expressa a ideologia dominante, colocando-se na posição de porta-voz do saber da FD e representando sua forma-sujeito. Essa posição lhe confere a autoridade de poder ensinar a seu interlocutor. Seu interlocutor, por outro lado, é aquele que está colocado no lugar social do sujeito que recebe ordens (o dominado) e deve aprender, neste caso, a obedecer e a não ceder à sedução, a reprimir seus desejos.

O Narrador, ao focar a moral, no domínio de Perrault, inicia uma tradição do esquema pedagógico básico que, como se pode observar, mantém-se através dos tempos nos diferentes domínios examinados neste recorte. Temos sempre no Narrador a posição de representante do Sujeito da FD ocupando a posição de pedagogo,

---

<sup>3</sup> “Vimos que os jovens,/Principalmente as moças,/Lindas, elegantes e educadas,/Fazem muito mal em escutar /Qualquer tipo de gente./Assim, não será de estranhar /Que, por isso, o lobo as devore./Eu digo o lobo porque todos os lobos/Não são do mesmo tipo./Existe um que é manhoso/Macio, sem fel, sem furor,/Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,/Persegue as jovens moças /Até em suas casas e seus aposentos./Atenção, porém!/As que não sabem/Que esses lobos melosos/De todos eles são os mais perigosos.” PER - sd - (N1)

parafrazeando o discurso pedagógico. A história que ele narra funciona como uma *mise-en-scène*, em que o sentido de seu ensinamento pode ser visto funcionando na prática e por isso se torna mais concreto para a criança, que é para quem se destina a história e a quem se dirige o Narrador. Neste esquema básico, temos a posição-sujeito da Mãe como executora do saber da FD, a posição-sujeito da menina (Chapeuzinho), que é o sujeito que deve ser assujeitado, e a posição-sujeito do Lobo como representante do perigo da sedução - ocupando a posição de “mau sujeito”. A *mise-en-scène* se constrói à medida que o Narrador conta a história e faz ouvir o discurso de cada um dos sujeitos, a partir de seus lugares sociais.

Vamos detalhar, a seguir, o sentido que julgamos haver na moral explicitada no discurso do Narrador, no domínio de Perrault.

a) O Narrador se identifica como Sujeito da FD

PER – sd 17 - (N1): “**Eu** digo”

Quando o Narrador diz “eu digo”, essa afirmação assume um tom quase bíblico, que impõe respeito e dá credibilidade: põe-se, assim, na posição de porta-voz autorizado, a falar pelo Sujeito da FD e transmitir seu saber.

b) O Narrador (N1) explicita a quem é dirigido o discurso:

PER - sd 17- (N1):

“ Os jovens principalmente as moças/ lindas, elegantes e educadas/  
(. . .) As que não sabem.”

Ao explicitar a quem é dirigido o discurso, o Narrador esclarece que são “as moças lindas, elegantes e educadas” possivelmente porque essas atraem mais por sua beleza e elegância. Apesar de serem “educadas” as moças a quem o Narrador se dirige, ainda assim, elas são “as que não sabem”. E é exatamente porque não sabem que o Narrador precisa cumprir sua função de tornar públicas explicitamente as normas morais de consenso aceitas na FD moralista.

c) O Narrador (N1) explicita por quem as meninas/moças são enganadas:

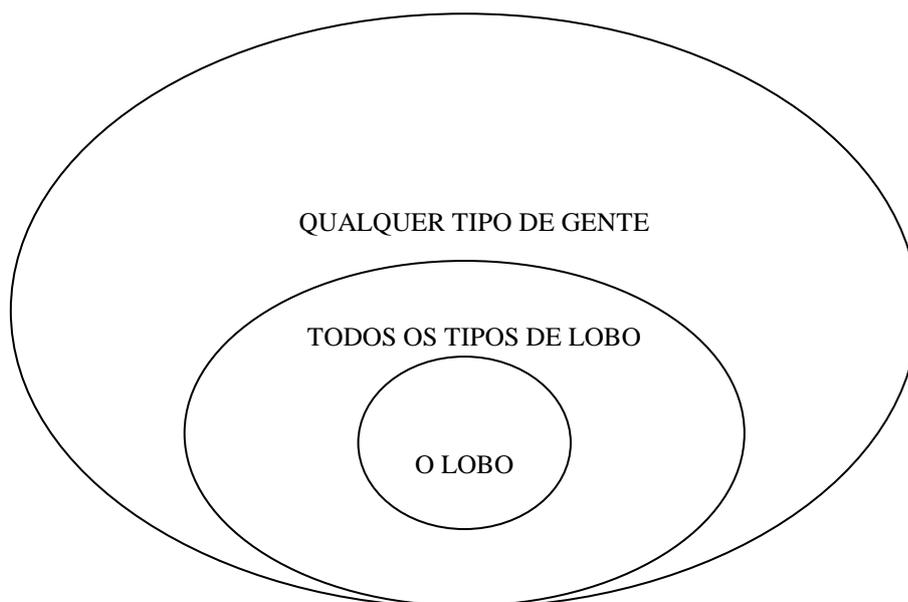
PER - sd 17 - (N1):

“Qualquer tipo de gente”, “o lobo”, “um que é manhoso, macio, sem fel, sem furor”, “que se faz de “íntimo, gentil e adulator”, “esses lobos melosos de todos eles são os mais perigosos.”

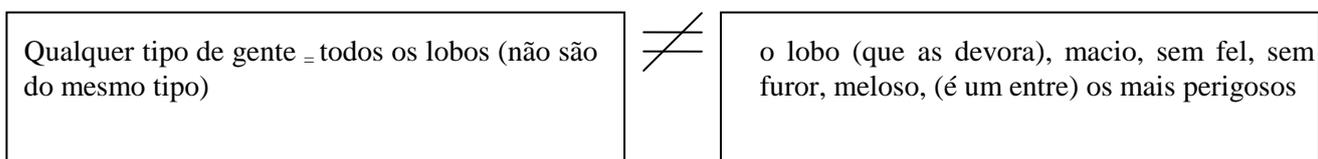
---

Analisando as partes desta SD, nas quais o Narrador especifica quem engana as meninas, pode-se observar que em *qualquer tipo de gente*, na verdade, *gente* é ligado intradiscursivamente a *lobo* pelo Narrador, uma vez que Chapeuzinho *escuta* o Lobo, segue os conselhos do Lobo e não de *gente*. Assim, reitera o sentido simbólico de “lobo” que, na verdade, significa “gente”. Ao mesmo tempo, cria um efeito de sentido pejorativo para *qualquer tipo* de gente. Um sentido de que não houve um cuidado na escolha, não houve uma escolha criteriosa. *Qualquer tipo de gente* é o indiscriminado, o aleatório, o não selecionado, que pode acabar sendo o perigoso.

No bojo de *qualquer tipo de gente*, está *o lobo* que é excluído de *todos os lobos* (entenda-se todos os **outros** lobos). Porque “todos os lobos” “não são do mesmo tipo” de “o lobo”. Então tem-se um grande grupo, “qualquer tipo de gente”, do qual fazem parte “o lobo” e “todos os (outros) lobos”:



Este lobo é aquele a quem o Narrador exclui do total de lobos (de gente) que existe. Este lobo, que o Narrador denota como “um”, é um certo tipo de lobo - “um que é manhoso, macio, sem fel, sem furor” que se faz de “íntimo, gentil e adulator”. “Esses lobos melosos”, que é o grupo específico do qual faz parte “o lobo” são “os mais perigosos”:



O Narrador, no domínio de Perrault, ainda denota a proximidade cotidiana do perigo, através da forma de tratamento que o Narrador usa para o Lobo, numa passagem durante a narrativa:

PER- sd 15 - (N1):

“ela encontrou **compadre Lobo**”

Usando esta forma de tratamento, o Narrador dá um sentido de familiaridade e proximidade ao Lobo, da mesma forma como hoje as crianças chamam pessoas estranhas de “tios” e “tias”. Assim, aproxima o Lobo da criança, informando-lhe que a fonte do perigo pode estar ao seu lado, num adulto de suas relações, reforçando este sentido de perigo na moral.

d) O Narrador (N1) explicita como/porque são enganadas:

PER - sd 17 - (N1):

“as moças (. . .)fazem muito mal **em escutar /Qualquer tipo de gente. (. . .) o lobo (. . .) fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,/ Persegue as jovens moças/ Até em suas casas e seus aposentos”**

Há, pois, duas razões para as moças serem enganadas. Uma razão é atribuída às moças e outra ao lobo. Por um lado, as moças *escutam* “qualquer tipo de gente”, portanto, escutam também “o lobo”, que faz parte do grupo; o lobo, por outro lado, faz-se “de íntimo, gentil e adulator” (porque é da natureza deste *tipo* de lobo ser falso) e “persegue as jovens moças”.

e) O Narrador (N1) esclarece o que é reprovado:

PER - sd 17 - (N1):

“Fazem muito mal em escutar / Qualquer tipo de gente”

Um dos sentidos dicionarizados de *escutar*, em A. Buarque de Hollanda Ferreira, é “atender aos conselhos de”. Percebe-se que este é o sentido que aqui se registra, pois, na verdade, Chapeuzinho dá ouvidos ao Lobo e segue seus “conselhos”; conselhos que, afinal, só beneficiam o próprio Lobo. É por isso que as meninas “fazem muito mal”, ou seja, não agem certo ao “escutar qualquer tipo de gente”, porque não selecionam a quem dar ouvidos, não tomam cuidado na escolha do “tipo de gente” a quem escutar, não são sensatas, não têm juízo e, por isso, são enganadas.

f) O Narrador (N1) informa quais são as conseqüências para quem se deixa seduzir pela conversa do Lobo:

PER - sd 17 - (N1):

“Assim, não será de estranhar / Que, por isso, **o lobo as devore.**”

Quando diz que “não será de estranhar”, dá-lhe o sentido de uma decorrência natural - é como se estivesse dito “é claro que a uma ação X corresponde uma reação Y”. Portanto, quem dá ouvidos a qualquer um, indiscriminadamente, se dá mal. Quem não escolhe a quem vai dar atenção, corre o risco de ser devorado, como aconteceu com Chapeuzinho.

g) Nos domínios de Perrault e Adams o Narrador, (N1) e (N4), se dirige diretamente a seu ouvinte, dialoga com ele:

PER - sd 17 - (N1): “**Vimos**”

O Narrador, ao usar a 1ª pessoa do plural, inclui a si e seus ouvintes, seus interlocutores. Através do exemplo, chama a atenção para o que acaba de mostrar com a história e a seguir explica na moral. O tom é professoral, de quem está demonstrando uma verdade axiomática. Seu objetivo é revisar pedagogicamente a “lição”.

Já no domínio discursivo de Adams, lê-se quase que uma conivência, uma cumplicidade que o Narrador estabelece com seu ouvinte, através do diálogo direto com o mesmo:

GA - sd 19 - (N4):

“A situação já estava preta, mas, **como vocês sabem muito bem**, o lobo tinha a firme intenção de esperar por Chapeuzinho Vermelho para comê-la também.”

GA - sd 18 - (N4):

“**Tenho certeza de que vocês já adivinharam** uma coisa: o lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da Vovó e disse à menina que fosse pelo caminho mais longo.”

Como se vê, essa cumplicidade do Narrador com o ouvinte, que ocorre no domínio de Adams, está ancorada na ressonância interdiscursiva, que faz o elo entre N1 e N4. A mudança que se pode observar é basicamente o tom usado pelo Narrador nos dois domínios, o que decorre, sem dúvida alguma, de suas condições de produção. Se, no domínio de Perrault, o discurso pedagógico tinha um tom inquestionavelmente

autoritário e censor, tendo peso de lei, no de Adams, nota-se um certo abrandamento do tom, por sofrer a influência das tendências da pedagogia moderna, que privilegia uma abordagem pedagógica mais próxima do aluno, através de aulas dialogadas, por exemplo. Assim, o Narrador (N4) de fato se aproxima de seu ouvinte-leitor, o que não acontece com (N1), que apenas dita normas. Essa diferença revela também uma posição-sujeito do Narrador (N4) diferente daquela que se tinha em (N1). O Narrador, no domínio de Adams, não ocupa mais a posição-sujeito do suposto saber total, que se contrapõe à posição da criança como ignorante total, tal como ocorre no domínio de Perrault.

Portanto, a outra mudança que ocorre é em relação a quem deve aprender, as próprias crianças (ouvintes/leitores da história). Em Perrault são *as que não sabem*, já em Adams são *as que sabem muito bem* ou *já adivinharam*. E sabem muito bem porque o interdiscurso faz com que todo o saber do domínio 1 seja recuperado através do interdiscurso e esteja posto nas condições de produção desse novo domínio (4) como um já-dito, não se constituindo, no entanto, no saber deste domínio. Assim, o sujeito a quem se dirige o discurso do Narrador não é mais representado como ignorante, sendo um ser pensante e inteligente. O discurso do Narrador de ambos os domínios e as imagens que aí se constroem de Narrador/locutor e criança/interlocutor são produto de suas condições de produção e evidenciam as mudanças ocorridas.

### **Resumindo o Bloco 1**

Neste bloco discursivo, examinamos as marcas do discurso pedagógico **moralista** do Narrador, que reproduz o saber da FD moralista, da qual é porta-voz. Examinamos também as marcas do discurso **moralizante** da Mãe que, por ser executora do saber da FD, precisa conduzir à moral vigente na FD quem lhe está sujeito. Assim, a diferença entre o discurso da Mãe e do Narrador está no fato de que o discurso do Narrador **descreve** as normas, a moral e o da Mãe **prescreve** normas de conduta. A relação hierárquica que daí decorre entre mãe e filha pode ser observada nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams, que compõem a FD moralista. Analisando as seqüências discursivas selecionadas, pudemos observar que o discurso pedagógico

moralizante da Mãe é autoritário porque expressa o que pode e deve ser dito por alguém que ocupa a posição-sujeito que ela ocupa: de executora do saber de sua FD, funcionando como assujeitadora. Essa posição lhe dá o direito de ter um discurso cujas pistas lingüísticas revelam seu autoritarismo. Essas pistas, como pudemos constatar, se constituem de ordens, proibições e ameaças, típicas de todo discurso autoritário.

Tratamos também da construção da imagem do interlocutor dominado - Chapeuzinho Vermelho e de Palha - que é de submissão ao locutor, que domina: a Mãe e também o Lobo. A assimetria dessa relação evidencia-se basicamente na forma como se dirigem a ela seus interlocutores, sendo que o Narrador também ratifica essa imagem. Para isso, o Narrador indica pistas na forma como designa a menina e narra suas ações. Pistas que também aparecem no discurso da menina e na forma de tratamento que usa com seus interlocutores e vice-versa.

Outro aspecto abordado foi a imagem que o Narrador compõe do Lobo. Foram analisadas seqüências discursivas retiradas basicamente dos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams. Através dessa análise, pudemos constatar que o Narrador, nesses domínios, constrói do Lobo a imagem de um sujeito ambíguo. Essa ambigüidade revela-se, basicamente, através da oposição que o Narrador demonstra haver entre o que chamamos de discurso explícito do Lobo e seu discurso oculto e também entre o que diz e o que faz. Podemos afirmar a respeito do Lobo e sua posição de sujeito sedutor, o que Felman (1980) dizia a respeito de Don Juan “ Se para Don Juan dizer é fazer, fazer é antes de tudo fazer crer.” (p.42)

O Narrador mostra que, em seu discurso explícito, o que o Lobo diz corresponde ao que pode e deve ser dito, porque está em consonância com o saber da FD moralista dentro da qual ele fala. No entanto, o discurso oculto, que se ouve no pensamento do Lobo, não coincide com aquele e o resultado é a imagem de um sujeito ambíguo, que se relaciona com a forma-sujeito da FD também de maneira ambígua.

A fim de fortalecer essa imagem do Lobo, e a idéia do perigo que lhe é inerente, o Narrador expõe as diversas facetas que compõem essa imagem: a falsidade, a maldade, a esperteza e a covardia; essas facetas determinam as ações do Lobo e o modo como as pratica. Para construí-las, o Narrador, nesses domínios, faz uso de pistas lingüísticas importantes que se compõem de verbos, adjetivos e orações, sendo que sua escolha do léxico também desempenha papel relevante.

Constatamos, ainda, que nessa FD, a imagem do Lobo ambíguo corresponde, no senso comum, a uma posição-sujeito permitida ao homem na sua relação com a mulher, principalmente enquanto menina. Ao mesmo tempo, outra voz instituída para as moças, que diz que não devem “escutar” (dar atenção, seguir) o discurso sedutor do Lobo (homem).

Ocorre, portanto, como se pôde observar ao longo da análise deste bloco discursivo, um discurso parafrástico em que ressoam os efeitos de sentido do discurso da Mãe, do Narrador e do Lobo. Lembrando que esse processo, que ocorre no discurso parafrástico, é aquele pelo qual, segundo Orlandi (1984, p.11), “procura-se manter o mesmo sentido sob formas diferentes - o mesmo, o que já está dado”, ou seja, é o que cristaliza o sentido, através da sua contínua repetição, embasada sobre a identidade semântica. Parece-nos que, no caso das histórias infantis analisadas, a paráfrase se institui como “um instrumento de divulgação”, como a chamou Sant’anna (1995, p.27), funcionando como um efeito ideológico de continuidade de um pensamento.

## **6.2 O DISCURSO PEDAGÓGICO SENTENCIOSO**

Neste bloco discursivo, examinaremos o discurso pedagógico que se direciona para um sentido sentencioso e se evidencia exclusivamente no domínio de Pedro Bandeira. O que chamaremos de discurso pedagógico sentencioso é um discurso que tem origem no discurso autoritário gerado pelo saber da FD moralista, ficando situado dentro desta mesma FD. Assim, o saber desta FD estabelece regras de conduta que devem ser seguidas pelos seus assujeitados, para que não haja sanções. O sujeito transgressor é julgado pelos parâmetros morais estabelecidos dentro da FD e recebe uma sentença, uma condenação; o discurso que evidencia esses juízos de valor e estabelece sentenças para o transgressor é o que chamaremos de discurso sentencioso.

Numa linha de continuidade do discurso pedagógico que se inicia em Perrault, pode-se ler na voz do Narrador, que é o sujeito cuja voz se ouve predominantemente no domínio discursivo de Pedro Bandeira, um reforço do sentido que existe como pré-

construído no interdiscurso, que é o da necessidade da obediência. O sentido que neste domínio se constrói, basicamente, é o da condenação da desobediência, reforçando, assim, em direção inversa, a necessidade da obediência.

Neste domínio, temos a história de Dona Chapeuzinho - Chapeuzinho Vermelho adulta, que ocupa a posição do sujeito transgressor dos rígidos padrões da moral burguesa. Sobre ela incide todo um julgamento de valor e condenação, o que reforça o saber da FD moralista, já representada pelos domínios de Perrault e Grimm, e que se revela explicitamente preconceituosa com a mulher. Dona Chapeuzinho é quem recebe a condenação, por não ter cumprido, no interdiscurso, as regras morais impostas pela sua FD e às quais é preciso obedecer para nela se inscrever. O sentido de “condenação” que o Narrador imprime ao discurso sentencioso pode ser detectado através das pistas lingüísticas de conotação negativa que usa em relação à Dona Chapeuzinho, quer descrevendo sua pessoa, quer sua situação. Neste domínio de Bandeira ocorre, portanto, como denomina Serrani (1993), uma paráfrase, entendida como “ressonância de significação”, porque o efeito de sentido que se produz no discurso dos domínios anteriores, continua ressoando neste domínio e constrói “a realidade imaginária de um sentido” (p.47).

Trata-se verdadeiramente de uma segunda etapa, ou um segundo capítulo para as versões desses primeiros autores. Para entendê-la é preciso que se conheça a história de Chapeuzinho Vermelho (e seu sentido dominante) que existe como um pré-construído no interdiscurso. A história de Dona Chapeuzinho é um exemplo vivo das conseqüências negativas de ações reprováveis que, no domínio de Perrault, consistem em sair do caminho e deitar-se com o Lobo: “Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama”; no de Grimm, equivale a sair do caminho e entrar na floresta: “Então ela se desviou do caminho, entrou na floresta”. Essas ações existem neste domínio como um já-dito. O que é **feito** nos domínios anteriores é **punido** no presente domínio. Essas “más ações” apenas ressoam neste domínio - não são vistas, ouvidas ou narradas - elas são o já-dito fora dele, não são retomadas, apenas repercutem.

### 6.2.1 Um deslizamento de sentido na construção do elo discursivo

O início desta versão da história busca ancorar-se explicitamente no final das primeiras versões escritas, traçando uma linha de continuidade entre elas. Ouve-se na voz do Narrador:

PB - sd 52 - (N6):

“Chapeuzinho era a mais solteira das amigas de Dona Branca e uma das poucas que não era princesa. **A** história **dela** tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha, mas não falava em príncipe encantado. Por isso, Chapeuzinho ficou solteirona e encalhada ao lado de uma velha cada vez mais caduca.”

Pode-se observar, nesta seqüência discursiva, a recuperação do pré-construído e, ao mesmo tempo, o deslizamento de seu sentido. É na voz do Narrador que se faz a recuperação do pré-construído, quando diz que “a historia dela tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha”.

Analisando esta seqüência discursiva, podem-se destacar duas partes: a) a identificação do pré-construído e b) o final que o Narrador atribui à história que existe no interdiscurso. Quando (N6) diz “**A** história dela”, ele identifica o pré-construído, uma vez que o artigo define o referente, indicando a história à qual se refere o Narrador: **aquela** história (Chapeuzinho Vermelho) que todos conhecem e cuja referência está indicada pelo uso do artigo definido. O referente é confirmado pelo uso de **dela** (contração da preposição *de* com o pronome *ela*). Essas pistas deixam bem claro a presença do elo interdiscursivo.

Quanto ao final que o Narrador atribui à história que existe no interdiscurso, ao dizer: “tinha terminado dizendo que *ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha*”, pode-se dizer que ocorre um deslizamento de sentido; isso porque, revendo os finais das diversas versões de Chapeuzinho Vermelho, nos diferentes domínios e também os finais de outros contos de fada, não encontramos entre eles coincidência.

No domínio de Perrault, o Narrador diz no final da história, antes da Moral:

PE – sd 53 - (N1):

“E dizendo essas palavras, o Lobo saltou para cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou”

No domínio de Grimm, o Narrador diz ao final da história:

GRI - sd 13 - (N2):

“Chapeuzinho Vermelho deu graças a Deus por estar viva e prometeu a si mesma nunca mais se desviar do caminho, nem andar sozinha pela mata, se a mãe dela proibisse”.

Já se observarmos o final comum de outros contos de fada, depois que a heroína encontra e casa com seu príncipe encantado, encontraremos a fórmula “E viveram felizes para sempre”, que se cristalizou no domínio popular como o final típico dos contos de fada. De fato, em vários contos de fada se encontra este sentido. No domínio de Grimm encontramos:

- “O casamento de Bela Adormecida com o príncipe foi celebrado com toda a pompa e eles viveram felizes até o fim de suas vidas” (A Bela Adormecida)
- “Nunca houve uma festa tão linda, nem um casal tão feliz” (A Guardadora de Gansos)
- “e eles viveram juntos felizes por muito tempo” (Jorinde e Jorindel)
- “O rei e a rainha com seus seis irmãos viveram por muitos anos em paz e felicidade” (Os seis cisnes)
- “E eles viveram juntos em unidade até sua morte” (Os doze irmãos)

Em Andersen, outro autor de contos de fada, encontramos:

- “E viveram juntos felizes até a sua morte” (O servo fiel)

Comparando os efeitos de sentido que se evidenciam nos finais da história **Chapeuzinho Vermelho** no domínio de Perrault e Grimm, (e outras versões que não foram utilizadas neste trabalho) e o final tradicional dos contos de fada, conclui-se que o final apontado no domínio de Pedro Bandeira não corresponde a nenhum final das versões do Chapeuzinho Vermelho encontradas, nem entre as mais conhecidas, nem entre as desconhecidas do grande público se encontra que “ela ia viver feliz para sempre ao lado da vovozinha”. Constata-se, entretanto, que uma parte dessa fórmula “viver feliz para sempre” é normalmente utilizada para finalizar os contos de fada e descrever a previsão a ser concretizada a respeito da heroína e seu príncipe encantado: “E viveram felizes para sempre”.

Isto posto, pode-se dizer que o sentido que o Narrador do domínio de Pedro Bandeira supostamente recupera no interdiscurso efetivamente não é o mesmo que existe nas versões mais conhecidas da história **Chapeuzinho Vermelho**. Ou seja, o Narrador dá como um preconstruído nos domínios anteriores o que de fato é construído em seu próprio domínio. Na verdade, o discurso atribuído aos outros domínios é produzido no próprio domínio 6. O que ocorre, mais uma vez, é a ressonância discursiva, não só dos domínios precedentes, mas também ressoam os contos de fada, já que “Chapeuzinho Vermelho” não é propriamente um conto de fada tradicional. Assim, “ela ia viver feliz para sempre ao lado da vovozinha” é um sentido posto, pela primeira vez, pelo Narrador no domínio de Bandeira e o Narrador recupera muito mais o sentido que existe no final dos contos de fada que trazem o sentido da felicidade associado à companhia e à condição civil que passará a ter a heroína.

Então, considerando-se que a ressonância deste final está mais associada aos finais tradicionais dos contos de fada do que ao final das outras versões de “Chapeuzinho Vermelho”, o que muda não é o sentido de felicidade, mas o seu “prêmio”. Ao mesmo tempo, parece ter um sentido explicativo, pois traça uma linha de conexão entre causa e efeito.

Então, retomando a seqüência discursiva: “A historia dela tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha mas não falava em príncipe encantado. Por isso, Chapeuzinho ficou solteirona, encalhada, ao lado de uma velha cada vez mais caduca.”, vemos que a ressonância que estabelece o elo com os outros contos de fada é ratificada, indicando, por contraste, o que a diferencia; ou seja, dos dois elementos comumente presentes no final dos outros contos de fada: felicidade e prêmio (casamento com o príncipe), permanece apenas o de felicidade. Temos então:

- 1) uma **semelhança** com o final dos contos de fada - a frase “feliz para sempre” retoma e faz ressoar o sentido da felicidade assim como nos contos de fada tradicionais;
- 2) **diferenças** do final dos contos de fada: o prêmio. O prêmio não é o príncipe, é a Vovozinha. Em Bandeira o “prêmio” é a suposta felicidade *ao lado da Vovozinha*. O prêmio também não é o casamento, pois não há casamento - Dona Chapeuzinho *ficou solteirona e encalhada*.

Vamos analisar agora o contraste entre os dois lados da conseqüência:

a) “dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha	<b>mas</b>	b) não falava em príncipe encantado”.
---	------------	---------------------------------------

Portanto, temos algo que a história diz e algo que a história não diz. O que a história **diz**: associa a imagem da companhia da avó com felicidade:

PB - sd 52 - (N6):

“ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha”

O que a história **não diz**: que a imagem da companhia da avó está, na verdade, associada com infelicidade:

PB - sd 52 - (N6):

“Chapeuzinho ficou solteirona, enclhada, ao lado de uma velha cada vez mais caduca.”

O operador argumentativo **mas** aqui estabelece um contraste entre o que a história diz, na voz do Narrador, e o que ela não diz. A história anunciava, na sua previsão oracular, conforme o Narrador, a felicidade eterna de Chapeuzinho Vermelho ao lado da Vovozinha, **MAS** não falava em príncipe encantado porque não era o que estava previsto.

O que o Narrador diz, a seguir, no entanto, é que esta previsão de felicidade não se concretiza, pois o sentido que surge logo após a previsão revela o contrário: “Chapeuzinho ficou solteirona, enclhada, ao lado de uma velha cada vez mais caduca”. Tem-se aqui outra imagem da avó:

a) a avó é:

PB - sd 52- (N6):

“uma velha cada vez mais caduca”

b) a avó **não é** (conforme a previsão apontava)

uma “Vovozinha” que, por ser um substantivo acrescido de um diminutivo, soa mais gentil e carinhoso.

Pode-se constatar a conotação pejorativa da imagem da avó, não associada à felicidade. A associação feita é com o estado do qual decorre a infelicidade de Chapeuzinho adulta:

PB - sd 52 - (N6): “solteirona , enclhada”

Estar ao lado desta “velha cada vez mais caduca” revela um sentido de infelicidade em relação a seu estado que soa como um castigo, como se na verdade estivesse dito **condenada** a viver *ao lado de uma velha cada vez mais caduca*, sendo assim uma condenação implícita.

Entre esses dois enunciados existe uma ligação causal que aponta uma causa e uma conseqüência.

PB - sd 52 - (N6):

a) a causa:	ligação causal:	b) a conseqüência:
“A história dela tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha, mas não falava em príncipe encantado”	<b>Por isso</b>	“Chapeuzinho ficou solteirona, encalhada, ao lado de uma velha cada vez mais caduca.”

Quando se lê “por isso”, que indica uma relação causal, tem-se que “isso” é uma anáfora textual de “mas não falava em príncipe encantado”, o que nos informa que a razão pela qual *Chapeuzinho ficou solteirona, encalhada, ao lado de uma velha cada vez mais caduca*, é que a sua história não tinha mencionado nenhum príncipe encantado. Mas essa razão imediata, indicada pela anáfora pronominal textual que está posta nos envia para um “isso” um pouco mais remoto. Se as heroínas dos contos de fada tinham que, quase por obrigação, encontrar e “fisgar” seu príncipe encantado, conquistá-lo por sua virtude e assim conquistar seu lugar ao sol, resta uma questão aparentemente irrespondida: por que a história de Chapeuzinho não mencionava nenhum príncipe encantado? A resposta visivelmente não está no texto escrito e sim na relação deste com o já-dito do interdiscurso.

Indursky (1997, p.713) demonstra que o funcionamento lingüístico de uma anáfora nem sempre coincide com seu funcionamento discursivo. Acrescenta ainda que, para que a anáfora discursiva possa ser identificada, é preciso fazer intervir outros elementos que não se encontram materialmente na superfície textual. Portanto, para que se possa chegar ao sentido real deste *isso* é preciso que se mobilize outros significados que já estão postos desde sempre no interdiscurso.

“Chapeuzinho ficou solteirona, encalhada, *ao lado de uma velha cada vez mais caduca*” é uma conseqüência. Sua causa, indicada pela anáfora textual, nos envia para a

frase imediatamente anterior “mas não falava em príncipe encantado”. No entanto, não parece suficientemente satisfatória essa razão. Porque, na verdade, a causa indicada refere-se apenas a causa imediata, que é *a história*. A pronominalização do antecedente presente no contexto anterior esquerdo retoma-o apenas em parte; ou seja, recupera o fato de não haver príncipe na história original, mas não a razão de não haver príncipe, ou seja, não busca a causa deste fato na história. Apenas na ordem do texto, então, não podemos recuperar integralmente os efeitos de sentido. Por isso, para Indursky (op.cit., p.7), “[. . .] a anáfora discursiva constrói-se, pois, sobre um *dito* retomado na superfície textual e sobre um *já-dito* retomado na exterioridade do texto. É neste último que se ancora a referência do dizer atual.” Para que se tenha, então, o sentido mais amplo de *isso*, é necessário buscar a causa da própria história, que está nas condições de produção em que foram gerados os discursos dos domínios de Perrault e Grimm. No contexto da história de Perrault, não há salvação, não há perdão para as moças que se deixam seduzir, pois elas são comidas pelo Lobo e isto é também a sua morte social, muito mais do que física.

Em Perrault, “o Lobo saltou para cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou”. Depois disso, vem a Moral que não deixa dúvidas a respeito da impossibilidade de perdão para a seduzida. Já em Grimm, o ato da sedução, que é também representado pelo “ser comida” pelo Lobo, é perdoável através do arrependimento e pela decisão de não fazer mais ações consideradas proibidas. O erro em Perrault é pago com a própria vida, já no domínio dos Grimm, o direito à vida (não ao príncipe) é recuperado através do arrependimento.

O sentido da felicidade em “então todos os três estavam **felizes**” (Chapeuzinho, a Vovó e o Caçador) está aliado ao direito à vida, estabelecendo o sentido da possibilidade de salvação através do arrependimento, o que movimenta um sentido que está posto desde sempre no discurso religioso (da Igreja). Chapeuzinho Vermelho pensou: “**nunca mais vou** sair do caminho sozinha e entrar na floresta **se a mamãe o tiver proibido.**” É o arrependimento que recupera o sentido da obediência e do assujeitamento. Aqui se nota, mais uma vez, o sentido definitivo de “para sempre” (que existe nos outros contos de fada) em “Pelo resto da minha vida” e “nunca mais”.

Pode-se ler em *isso*, portanto, um sentido punitivo abrandado: perdeu o direito ao príncipe encantado, mas recupera o direito à vida (e a ser feliz ?) sem príncipe, com

que acena o discurso no domínio de Grimm. A ameaça soaria como “não merecerás príncipe encantado se cederes à sedução do lobo”. A punição como “não mereces príncipe encantado porque cedeste à sedução do lobo”. Isso explicaria, então, o fato de a história não falar em príncipe encantado. Ao mesmo tempo, o sentido de felicidade possível, no domínio de Grimm e que ressoa neste domínio de Pedro Bandeira, não é associado ao príncipe.

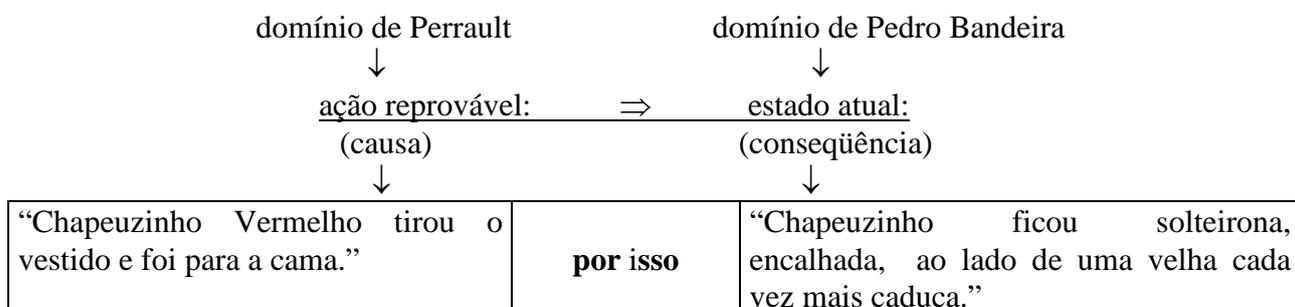
É possível, assim, recuperar-se o funcionamento discursivo dessa anáfora através das relações com a exterioridade e constatar que este funcionamento não coincide integralmente com o seu funcionamento lingüístico. Apenas com a constatação do referente lingüístico tem-se uma dimensão reduzida e não integral do sentido de “por isso”.

O final “feliz” dos contos de fada era o ideal das mães e das moças “casadoiras” na época de Perrault, Grimm e até recentemente. O casamento, dentro da ideologia burguesa, foi, durante um longo tempo, visto como prêmio, única possibilidade de realização da mulher. Prêmio de “bom comportamento” e obediência que Dona Chapeuzinho não recebe. E não recebe por uma causa específica. Observemos o que acontece no domínio de Perrault, quando o Lobo diz:

PER - sd 54:

(L1): “Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo. (N1) Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente ao natural”

Assim, temos no domínio de Bandeira a ressonância do que aconteceu no domínio de Perrault:



A situação narrada no domínio de Bandeira, portanto, leva a traçar uma relação de causa e consequência entre sua ação “reprovável”, narrada no domínio discursivo de Perrault, e a consequência que o Narrador do domínio de Bandeira apresenta como situação atual de Dona Chapeuzinho. Temos então, no domínio 1, o Lobo convidando a menina Chapeuzinho para deitar-se com ele. Ela tira a roupa e vai fazer-lhe companhia na cama, sendo depois por ele “devorada”. Este fato parece ser o referente verdadeiro de “isso” (em “por isso”), que foi necessário recuperar na exterioridade do texto, no interdiscurso que representa a memória deste saber. Assim, o Narrador (N6) estabelece um vínculo entre essa ação passada, que acontece no domínio 1 (e ressoa neste domínio 6) e seu estado atual de “solteirona e encalhada”.

### 6.2.2 Grupo 2: A Construção da imagem negativa de Dona Chapeuzinho

Vamos procurar esclarecer, neste grupo discursivo, os aspectos que compõem a imagem negativa de Dona Chapeuzinho, através das SDs do domínio de Pedro Bandeira, abaixo relacionadas:

PB - sd 55 - (N6):

“Dona Chapeuzinho sentou-se confortavelmente, colocou a cestinha ao lado dela (ela não largava aquela bendita cestinha!), tirou um sanduíche de mortadela e pôs-se a comer (aliás, Dona Chapeuzinho tinha engordado muito desde aquela aventura com o Lobo Mau).  
- Aceita um brioche? - ofereceu a comilona, de boca cheia.”

PB - sd 56 - (N6):

“A essa altura não existe mais nenhum Príncipe Encantado solteiro. Eu que o diga! Estou cansada de ser solteirona e agüentar aquela Vovó caduca. Tenho procurado feito louca, mas só encontro príncipe casado...”

PB - sd 57 - (N6):

“- É... Os únicos decididos são os caçadores. Eu devia ter casado com o Caçador que matou o Lobo...”

Através da ressonância discursiva recupera-se, no domínio de Pedro Bandeira, a referência aos dois elementos presentes na FD em que se inserem Perrault e Grimm - “Chapéu(zinho)” e “vermelho”. Ao mesmo tempo, existe o uso de “dona”, forma de tratamento que se aplica a mulheres casadas e/ou simplesmente mais velhas.

“Chapeuzinho Vermelho” transforma-se, pois, em “Dona Chapeuzinho”, ou simplesmente “Chapéu”, como é chamada por sua amiga, Dona Branca (de Neve). De Chapeuzinho Vermelho criança, nos domínios de Perrault e Grimm, em que o substantivo recebe o sufixo **inho** (um diminutivo que pode dar uma conotação carinhosa a quem assim é chamado, além de denotar pequenez de tamanho), transforma-se em **Dona** Chapeuzinho, assumindo outras facetas. Não é mais apenas **inho**, é **Dona**; e Dona subitamente lhe atribui uma imagem mais formal, mais adulta, menos carinhosa. Apesar de ser “Dona”, permanece solteira.

Chapeuzinho Vermelho é, de fato, uma exceção como protagonista dos contos de fada - ela não se torna princesa, pois não casa com nenhum príncipe encantado. Na voz do Narrador ouvimos: “Chapeuzinho Vermelho era a mais solteira das amigas de Dona Branca e uma das poucas que não era princesa”. Chapeuzinho Vermelho é uma criança (ou menina-moça) do povo, nas primeiras versões e permanece solteira, quando não morre no final. Quando Dona Chapeuzinho é descrita, no domínio de Pedro Bandeira, como a “mais solteira” das amigas de Dona Branca”; pode-se ler aí que ela realmente é a **única** que permanece solteira entre as heroínas dos contos de fadas, companheiras de “fortuna” de Branca de Neve.

A imagem de Chapeuzinho Vermelho adulta não é apresentada pelo Narrador em Pedro Bandeira de maneira simpática. Apesar de também as versões mais antigas causarem um efeito de sentido moralista, preconceituoso/machista, naqueles domínios Chapeuzinho ainda é criança, pode aprender (como as crianças que ouvem a história e é para isso que existe a figura do Narrador), e assim ter um final mais feliz (como em Grimm). Já Dona Chapeuzinho é um sujeito inserido num fato consumado. Assim, o Narrador diz o “que deve ser dito” nesta FD e o que se “ouve” é que moças solteiras que saírem do “bom” caminho, vale dizer, deitarem com o “Lobo” (que é uma metáfora de homem), e com ele tiverem uma “aventura” serão, sem dúvida, punidas, tornando-se como Dona Chapeuzinho: “encalhadas”.

No domínio de Bandeira, o Narrador, através de várias pistas, mostra a negatividade da representação da imagem da Dona Chapeuzinho, principalmente através da natureza do léxico e de sufixos pejorativos. Pode-se observar essas pistas:

a) a forma como o Narrador qualifica negativamente Dona Chapeuzinho:

PB – sd 52 - (N6): “não era princesa”

Não ser princesa não é em si uma marca negativa, mas considerando que o Narrador insere Dona Chapeuzinho num conjunto, o das heroínas dos contos de fadas, e que a maioria delas é ou se torna princesa, esta descrição é, no mínimo, algo que a torna diferente, mas não invejável, coloca-a em desvantagem, porque dentro do sentido dominante das histórias infantis é sem dúvida mais atraente ou vantajoso ser uma princesa do que não o ser.

Além disso, o Narrador ainda dá outras pistas de que Dona Chapeuzinho, por ter se identificado com o “mau” sujeito de sua FD, também é um mau sujeito. Estas pistas podem ser identificadas na:

b) forma como o Narrador qualifica o estado da Dona Chapeuzinho:

PB - sd 52 - (N6): “mais solteira”

PB - sd 52 - (N6): “encalhada”

PB - sd 55- (N6): “tinha engordado muito desde aquela aventura com o Lobo Mau”

c) conotação negativa atribuída ao referente pelo sufixo “ona”:

PB - sd 55 - (N6): “comilona”

PB - sd 52 - (N6): “solteirona”

Assim como não ser princesa, ser solteira também não é em si um fato negativo. No entanto, quando o Narrador coloca a protagonista em cotejo com as heroínas de outros contos de fada, em que todas são (ou se tornam) princesas e acabam suas histórias casadas com príncipes encantados, o fato de Dona Chapeuzinho, além de não ser princesa, permanecer solteira torna-a um sujeito que, na verdade, não tem mais as características das heroínas, então, ela não é mais uma heroína, ou seja, ela não é, para a criança que ouve o Narrador, um modelo a ser seguido.

No domínio discursivo de Pedro Bandeira, Dona Chapeuzinho é descrita como “a mais solteira das amigas de Dona Branca” (de Neve). Este modo de qualificar o sujeito também aponta para um diferencial, pois, na verdade, “solteira” não é um adjetivo normalmente usado no grau comparativo ou superlativo. Pode alguém ser **mais** ou **menos** solteiro? Ou alguém é solteiro ou não é; não existe um estado de ser mais ou menos solteiro ou casado. Então como o Narrador usa o grau superlativo “a mais solteira das amigas de Dona Branca (de Neve)”, este uso aponta para um sentido de

absolutização - ela era **absolutamente** solteira. Tal sentido é tão definitivo quanto o seria uma condenação perpétua.

Outra pista que evidencia o sentido negativo do estado de ser solteira de Dona Chapeuzinho é o sufixo usado para a sua qualificação. “Ona” é um sufixo notadamente pejorativo. Por isso, ao qualificar a Dona Chapeuzinho como “solteirona”, o Narrador indica claramente sua posição-sujeito que considera este estado como diferente do que deveria ser e, por isso, negativo e não aconselhável, não havendo vantagem em imitá-lo. Além de todas essas pistas, o Narrador ainda lhe atribui mais um adjetivo, sinônimo popular pejorativo de solteira - “encalhada” - que acrescenta mais uma pista na construção de sua imagem negativa, ratificando-a.

PB - sd 56- (N6):

“A essa altura não existe mais nenhum Príncipe Encantado solteiro. Eu que o diga! Estou cansada de ser solteirona e agüentar aquela Vovó caduca. Tenho procurado feito louca, mas só encontro príncipe casado...”

Assim, ao descrever a Dona Chapeuzinho como “não princesa”, “a mais solteira”, “solteirona” e, pior, “encalhada”, o Narrador compôs com estas escolhas um conjunto parafrástico, através do qual lhe atribui claramente toda uma conotação negativa e preconceituosa, do ponto de vista do Sujeito da sua FD. Além disso, conta-nos o Narrador do desejo de Dona Chapeuzinho de encontrar um príncipe encantado como possibilidade de escapar da pseudo-felicidade com a Vovó e também de sua impossibilidade de fazê-lo. Conta-nos, também, que Chapeuzinho se arrepende de **não** ter praticado uma ação: “Eu deveria ter casado com o caçador.” O que nos diz que a opção que ela tinha era casar com um homem do povo, já que ela não merecia príncipe. E assim a descrevendo, coloca-a definitivamente na posição de “mau sujeito” que, pelas suas ações, se contraiu com o saber de sua FD.

### 6.2.3 Um deslizamento de sentido: a contravenção punida

Pode-se observar no final da história, no domínio discursivo de Pedro Bandeira, mais um deslizamento de sentido que aponta para a contravenção da Dona Chapeuzinho, que está sendo punida. Diz o Narrador:

PB - sd 55 - (N6): “ofereceu-lhe a comilona de boca cheia”

e:

PB - sd 55 - (N6):

“Dona Chapeuzinho tinha **engordado muito** desde aquela **aventura** com o Lobo Mau”

Nestas duas partes dessa seqüência discursiva, temos algumas pistas importantes que apontam para este deslizamento de sentido, tais como:

a) a forma como o Narrador designa Dona Chapeuzinho:

PB - sd 55 - (N6): “a comilona”

b) a forma como o Narrador qualifica o modo de agir da Dona Chapeuzinho:

PB - sd 55- (N6): “ofereceu-lhe (. . .) **de boca cheia**”

c) a forma como o Narrador qualifica a mudança de estado, não civil, mas físico da Dona Chapeuzinho:

PB - sd 55- (N6): “Dona Chapeuzinho tinha **engordado muito**”

d) o marco temporal, através do qual o Narrador indica a mudança de estado da Dona Chapeuzinho:

PB - sd 55 - (N6): “**desde aquela aventura** com o Lobo Mau”

O Narrador designa-a como “comilona”, conta a seu ouvinte/leitor que ela fala “de boca cheia” e descreve sua mudança de estado físico, dizendo que “tinha engordado muito”. Tudo isso vai, passo a passo, reforçando a imagem de uma gluttona. Esta característica de gula, que o Narrador atribui à Dona Chapeuzinho, faz eco com a imagem de outro glutão, o Lobo, que “queria devorar as duas” (N2). Dessa maneira, o Narrador identifica Dona Chapeuzinho com uma característica historicamente atribuída ao Lobo. A gula, por outro lado, é considerada um vício, um pecado pela Igreja. E, assim, quando buscamos no interdiscurso a ressonância mais antiga dessa história e ouvimos o Narrador, no domínio de Pedro Bandeira, dizer que a mudança de estado de Dona Chapeuzinho aconteceu “desde aquela aventura com o Lobo Mau”, o eco desta ressonância nos traz “aquela aventura” que, no domínio discursivo de Perrault, é apresentado como segue:

PER - sd 64 - (L1):

“- Ponha o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha deitar-se comigo.

(N1)Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama (. . .) (sd 56) o Lobo saltou para cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou.”

Este eco sinaliza para o possível deslizamento de sentido construído pelo Narrador no domínio de Pedro Bandeira. Ou seja, o seu engordamento visto como uma decorrência da sua aventura com o Lobo Mau, que aconteceu por ela ser comilona (gulosa, como o Lobo). O sentido dicionarizado de “Aventura”, conforme Aurélio B. de Holanda Ferreira (op.cit), pode ser: “empresa ou experiência arriscada, perigosa, incomum, cujo fim ou decorrências são incertas”. Outra definição dada pelo mesmo dicionário para *aventura* é: “ligação amorosa, em geral passageira e inconseqüente”.

Assim, considerando o sentido dicionarizado da palavra *aventura* no seu contexto ideológico, e também encaixada numa ressonância de sentido, pode-se interpretar aí um sentido, pelo menos paralelo, para este engordamento, que seria o de uma gravidez decorrente da sua “aventura” com o Lobo Mau. Tinha *engordado muito* pode sinalizar para uma gravidez. Além disso, o uso da palavra *aventura* sinaliza para, pelo menos, uma co-responsabilidade de Chapeuzinho, pois sua ação de deitar-se com o Lobo é relatada como uma aventura, e aventura amorosa supõe um lado agradável para ambos os parceiros. O sentido que temos é que ela, por ser *comilona*, teve uma *aventura* com o Lobo e, por isso, teve que sofrer as conseqüências.

Isso viria ao encontro das outras pistas que se referem todas ao fato de que ela está encalhada, solteira, procurando desencalhar, mas por essa sua não virtude não o consegue. Já que não resta mais a virtude que dela se espera, cabe apelar às simpatias e crendices populares, pois só estas talvez tenham o poder de ajudá-la.

O Narrador refere-se a essa expectativa da ordem da crendice popular quando descreve a ação entre Dona Chapeuzinho e Dona Branca, que poderia ser classificada como uma “simpatia” que é, segundo a definição do dicionário “ritual posto em prática, ou objeto supersticiosamente usado, para prevenir ou curar uma enfermidade ou mal-estar”. (A.B. de Holanda Ferreira, 1979):

PB - sd 58 - (N6):

“As duas deram-se três beijinhos, um numa face e dois na outra, **porque o terceiro era para ver se Chapeuzinho desencalhava**”

Essa simpatia, posta em prática, resgata de certa forma a expectativa em relação ao sobrenatural que é, nos contos de fada tradicionais, o elemento que pode salvar as heroínas ou modificar seu destino. Dona Chapeuzinho, a quem não estava destinado

nenhum príncipe encantado, ainda assim coloca suas expectativas num casamento, quando diz:

PB - sd 56 - (N6):

“A essa altura não existe mais nenhum Príncipe Encantado solteiro. Eu que o diga! Estou cansada de ser solteirona e agüentar aquela Vovó caduca. Tenho procurado feito louca, mas só encontro príncipe casado...”

PB - sd 57 - (DC6):

“Os únicos decididos são os caçadores. Eu devia ter casado com o Caçador que matou o lobo...”

Aí fica posta a diferenciação do prêmio. Para as “puras e castas” o príncipe, para as que já não são puras e castas, resta o caçador. O Narrador explicita, nessas SDs, o motivo da punição de Dona Chapeuzinho. A contravenção é apontada pelo Narrador como sendo de responsabilidade da própria Chapeuzinho Vermelho, agora Dona Chapéu, ou Dona Chapeuzinho. Ela é *comilona* e, por isso, a vontade de comer, a gula, que originalmente era apontada apenas como uma característica do Lobo, está posta aqui como característica também da Dona Chapeuzinho. Como já mencionamos, o sentido de *comer* que permaneceu no interdiscurso é seu sentido simbólico: relacionar-se sexualmente.

A ação de Chapeuzinho, que ressoa no interdiscurso, é considerada altamente reprovável do ponto de vista do discurso do Aparelho Ideológico da Igreja, em cujo contexto o princípio do prazer sempre foi rejeitado como incorreto e pecaminoso. Esta é, pois, a razão que encontramos para a “condenação” de Chapeuzinho, sendo que nela pode-se identificar a voz moralista e moralizante do discurso religioso.

O sentido de condenação e punição que provém do discurso religioso não é fácil de anular; por isso, é necessário apelar para outra ordem, a ordem da crença para-religiosa: aquela que existe ao lado do Aparelho Ideológico Religioso oficial e que visa a resolver as questões que este deixa não resolvidas, neste caso, o desejo de um casamento. Para isso a credence popular estabelece suas regras, neste domínio de Pedro Bandeira representadas por “três beijinhos (. . .) para ver se Chapeuzinho desencalhava”. O desejo do casamento está, portanto sempre presente em todo o discurso e é reiterado pela voz da própria Dona Chapeuzinho que diz que “devia ter casado com o Caçador que matou o lobo...”. Reafirma, assim, a importância atribuída ao casamento - o importante nem é com quem casar, o importante é casar.

## Resumindo o Bloco 2

Neste segundo bloco discursivo, analisamos o discurso pedagógico sentencioso que existe no domínio de Pedro Bandeira, e que está plenamente respaldado pelas regras de conduta que regulam a moral da FD. Analisamos o elo discursivo que o Narrador constrói, neste domínio, para ligar esta versão com as versões dos primeiros domínios e constatamos o que consideramos um deslizamento de sentido. Ou seja, na suposta recuperação de um sentido criado nos domínios de Perrault e Grimm, constata-se, na verdade, uma ressonância que se estabelece com os contos de fada mais tradicionais, em que se tem a figura do príncipe e um final feliz, e não com o final dos domínios 1 e 2.

Mas outros sentidos das primeiras versões ressoam neste domínio 6. Na verdade, para que se possa entender o sentido posto neste domínio, é preciso que se remonte ao que já foi dito e permanece no interdiscurso. A punição que Dona Chapeuzinho recebe não se justifica dentro do domínio de Bandeira, suas “más ações” não são vistas nem narradas, mas são a justificativa implícita de seu destino.

Tentamos, portanto, demonstrar que, do ponto de vista moralista que se evidencia nesta FD, a situação “diferente” (solteirona, encalhada, etc) de Dona Chapeuzinho é plenamente justificada. Ela é responsabilizada e condenada por sua “aventura” com o “Lobo Mau” e recebe o “castigo” previsto dentro da moral desta FD para o seu “crime”. Sua punição é não ter direito ao príncipe encantado, uma vez que, pelas suas ações, não o mereceu.

Pelo seu próprio discurso torna-se evidente que segue buscando o casamento, mas que, tendo perdido, talvez, sua única possibilidade de concretizá-lo com um homem do povo, o caçador, permanece solteira. Sua busca de um príncipe encantado revela-se infrutífera, pois não está previsto um príncipe encantado para ela.

A necessidade da obediência e a condenação da desobediência ou da conduta “imprópria” acompanham a imagem de Dona Chapeuzinho, tendo sido identificadas pistas lingüísticas de conotação negativa, usadas pelo Narrador (N6) em relação a ela.

Assim, através da palavra do Narrador (N6), pode-se ouvir o discurso sentencioso e também preconceituoso que revela o próprio saber da FD. Na verdade, o discurso é sentencioso porque é preconceituoso. É justamente por causa do preconceito

contra a mulher que o Narrador a condena. No discurso do próprio Narrador e também de Dona Chapéu, constata-se a impossibilidade de mudança de uma FD que se mostra inflexivelmente moralista.

### **UM ÚLTIMO OLHAR SOBRE O RECORTE 1**

Nas condições de produção deste discurso autoritário de natureza pedagógica vemos que existe uma relação hierárquica entre locutor - a Mãe/ o Lobo e seu interlocutor - a menina. Já o Narrador faz o seu discurso para a criança, ouvinte da história, construindo as imagens que a ela convém passar. Nesse discurso aparece principalmente a construção da imagem da criança como ser ignorante e inocente, que por isso tem medo. Por outro lado, constrói-se, também, a imagem do Lobo como ser falso e, por isso, não confiável, imprimindo uma natureza admoestativa ao discurso para a criança que ouve a história.

Ao mesmo tempo que o discurso do Narrador admoesta a criança a reconhecer e não confiar no Lobo, admoesta-a também a ser obediente aos adultos que considera “confiáveis”, como a Mãe. A interlocução pauta-se numa relação desigual de saber e poder entre a criança e o adulto. Tanto o adulto que o Narrador apresenta como “confiável” e que deve ensinar algo à criança, quanto o “não confiável”, que quer enganar, mas com o qual também aprende algo. Através de ambos os tipos, o Narrador busca ensinar alguma coisa à criança, principalmente às meninas.

Através das formações imaginárias, os sujeitos adultos constroem seu discurso através do qual mostram seu poder e sua sabedoria ou esperteza em relação a seu interlocutor criança. As pistas, através das quais podemos perceber este funcionamento discursivo, tornam-se nítidas no momento da própria interlocução, porque, de um lado, o sujeito (o adulto) ordena, explica, admoesta, ameaça; e, de outro lado, o ouvinte (a criança), acata e obedece. Esta relação desigual se evidencia através das pistas lingüísticas encontradas: formas verbais, locuções verbais, adjetivos, afirmação, formas de tratamento e da própria escolha lexical.

Perrault, Grimm e Miranda são domínios em que se pode ouvir essa voz de comando do discurso pedagógico explícito através do discurso da Mãe, do discurso do

Lobo e do discurso do Narrador. No domínio discursivo de Rosa, essa voz ressoa apenas no interdiscurso, através do Narrador.

Nas condições de produção do discurso analisado no bloco 2 deste recorte, em que tratamos do discurso pedagógico sentencioso que, aparentemente, nada tem de autoritário ou pedagógico, pode-se identificar o discurso do Narrador construindo as imagens que convém passar num tom sentencioso em que predomina o sentido punitivo. Nesse discurso, aparece principalmente a construção da imagem de uma mulher adulta que não recebe o prêmio previsto para as meninas e moças de bom comportamento - o casamento com seu príncipe encantado - pelo contrário, recebe uma punição - fica “solteirona”, “enclhada”.

As pistas através das quais podemos perceber este funcionamento discursivo estão na voz do Narrador, que se identifica com o Sujeito da FD e se coloca na posição de juiz do sujeito cuja imagem negativa ele constrói, principalmente a partir de qualificativos, sufixos depreciativos, formas de tratamento, relações de causa e efeito e da própria natureza do léxico utilizado.

Apesar de soar até mesmo jocoso este discurso, o alvo do riso é a própria figura degradada, por assim dizer, de Chapeuzinho Vermelho, que agora é Dona Chapeuzinho. Então, apesar de o sentido não ser passado de maneira autoritária é ainda um discurso pedagógico, provocando a desagradável sensação de censura através de seu tom sentencioso e com ele também busca ensinar algo, ou ratificar o que já antes foi ensinado, principalmente às meninas.

Vemos, assim, que o discurso pedagógico ora se apresenta de forma explicitamente admoestativa ou autoritária, como nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams, ora, como no caso de Bandeira, sem ordens e proibições explícitas. Ainda assim, o discurso moralista que caracteriza o discurso pedagógico examinado neste recorte, está presente tanto nos domínios 1, 2, 3, 4, bem como no domínio 6 e até mesmo no domínio 5, onde constatamos apenas a ressonância desse discurso, comprovando, em maior ou menor proporção, a inserção destes domínios na FD moralista.

## 7 O DISCURSO SEDUTOR

Neste recorte, estaremos examinando as características do discurso do Lobo, que apontam para a sua natureza sedutora. Este recorte está composto por dois blocos discursivos. No bloco 1, analisaremos o jogo da sedução. Incluiremos nesta análise, não só o discurso sedutor propriamente dito, mas também a descrição que o Narrador faz do jogo da sedução, uma vez que, sem a posição-sujeito do Narrador, não ficaria claro para o ouvinte/leitor que se trata de um discurso sedutor. No bloco 2, faremos uma análise comparativa entre o discurso da Mãe e o discurso do Lobo, para que se possa perceber melhor a diferença entre a natureza de um e de outro.

Começamos, então, pelo sentido original da palavra latina *seducere* que é “levar para o lado, “apartar”. *Seduzir* seria, então, desviar do caminho principal, ou certo. As acepções dicionarizadas da palavra “sedução”, conforme Aurélio B. de Hollanda Ferreira (1975), são seis; destas transcreveremos quatro que, a nosso ver, se enquadram melhor no sentido de sedução identificado deste recorte: 1) inclinar artificialmente para o mal ou para o erro, desencaminhar, 2) enganar arditosamente; 3) desonrar, recorrendo a promessas, amavios ou encantos; 4) atrair, encantar, deslumbrar.

Para Mezan (1988, p.88), a sedução tem duas dimensões: a ética e a estética. Considerando-se essas dimensões atribuídas à sedução por Mezan, reuniremos as definições dicionarizadas de acordo com as mesmas. As definições 1, 2 e 3 de A. B. de Hollanda correspondem à sua concepção de dimensão **ética** e a definição 4 à sua concepção de dimensão **estética**.

No artigo 217 do Código Penal Brasileiro, lê-se o seguinte sobre sedução:

“Seduzir mulher virgem, menor de 18 (dezoito) anos e maior de 14 (catorze) anos, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando-se de sua inexperiência ou justificável confiança”.

Para Pereira (1996, p.61) seduzir é “[. . .] proceder lingüisticamente de forma a garantir um poder sobre o objeto da sedução, colocando-o a serviço das finalidades do sedutor.”

Nota-se que essas definições têm em comum o sentido de engano, de engodo. Engodo a que o sedutor deliberadamente submete sua vítima para alcançar seu objetivo,

sendo que a última definição enfatiza o aspecto lingüístico da sedução, que consiste no discurso sedutor.

Já conforme Baudrillard (1991, p.13), “[. . .] a sedução representa o domínio do universo simbólico[. . .]”. Diz ele que o “poder imanente à sedução[é] de tudo subtrair sua verdade e fazê-lo retornar ao jogo, ao puro jogo das aparências e de frustrar daí, num instante, todos os sistemas de sentido e de poder”. O que para nós equivale a dizer que a “verdade” referir-se-ia ao sentido dominante que se estabelece numa FD e o “jogo das aparências” à ambigüidade e ao jogo polissêmico.

Tomando-se em consideração a definição que Baudrillard dá à sedução, poder-se-ia supor que o discurso sedutor apresenta predominantemente características do tipo lúdico, pois que neste os sentidos se desestabilizam e transformam, mas, na prática, pode-se identificar, muito mais características do discurso autoritário, do que qualquer outro. A seguir, diremos porque pensamos assim.

Recapitulando rapidamente, o discurso autoritário é aquele em que um locutor impõe um sentido a seu interlocutor, não permitindo que haja transformação do sentido dominante do discurso. O discurso sedutor não tem o tom autoritário, mas pode ser tão autoritário e impositivo quanto o discurso pedagógico, só que a imposição do sentido dominante se dá por uma força diferente, a da persuasão. Na verdade, a força deste discurso está na persuasão, e pode estar associada à esperteza ou astúcia. Através do tom amistoso, o mais esperto facilmente cativa e persuade o mais ingênuo.

O discurso sedutor caracteristicamente acontece quando está em jogo a dominação que o locutor busca exercer sobre o interlocutor **persuasivamente**; o locutor busca convencer o interlocutor, através de argumentos, a agir conforme lhe convém (ao locutor). O discurso sedutor sempre acontece na voz do locutor que ocupa a posição-sujeito do sedutor. Só podemos considerar que um locutor ocupe a posição-sujeito de sedutor, quando seu discurso é efetivamente o que persuade, convence sem parecer impositivo ou autoritário e, dessa forma, impõe o sentido dominante.

Por isso, na nossa opinião, o discurso autoritário é o que está mais comumente presente no discurso sedutor. Neste recorte, nos domínios discursivos que o compõem, o discurso sedutor aparece com esta característica, sendo que a imposição de sentido se dá através da persuasão do mais astuto sobre o mais ingênuo.

O discurso sedutor revela-se na voz do Lobo, que ocupa a posição do sujeito sedutor. Esta posição-sujeito se opõe, dentro da FD a que pertence, às posições-sujeito da Mãe e do Narrador. Estes últimos representam o Sujeito da FD: o Narrador como seu porta-voz e a Mãe como executora de seu saber; já o Lobo, por contra-identificar-se com esse saber, ocupa a posição do subversor da ordem estabelecida e o faz pelo viés do discurso sedutor.

Pêcheux, em **Semântica e Discurso** (1995, p. 214-5), diz que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela sua identificação com a formação discursiva que o domina. Essa interpelação também supõe um desdobramento, que constitui o sujeito do discurso, de tal forma que um dos termos representa o locutor, ou o sujeito da enunciação e o outro termo, segundo Pêcheux, representa o chamado Sujeito universal da FD. Esse desdobramento, conforme Pêcheux, corresponde à relação entre pré-construído e articulação (efeito transversal) e pode assumir diferentes modalidades das quais duas são evidentes.

A primeira modalidade de desdobramento consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal da FD; essa superposição se dá de tal maneira que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do livremente “consentido”; é exatamente essa superposição que caracteriza o discurso do “bom sujeito”, como o denomina Pêcheux, aquele que reflete espontaneamente o Sujeito.

O interdiscurso é o que determina a FD com a qual o sujeito se identifica em seu discurso. Assim sendo, verifica-se que, no caso dos domínios que estão sendo analisados, neste recorte, Perrault, Grimm, Rosa, Miranda e Adams, a posição-sujeito Mãe e a posição-sujeito Narrador se constituem em “bons sujeitos”, que se identificam com a mesma FD e refletem o Sujeito.

A segunda modalidade de desdobramento, mencionada por Pêcheux na mesma obra, consiste numa separação do sujeito do discurso em relação ao saber do Sujeito universal da FD. Sua posição é contrária, é uma negação do saber do Sujeito; sendo assim, ele é o “mau sujeito”, aquele que produz o contra-discurso, demonstrando dessa maneira sua contra-identificação com a FD que lhe é, em princípio, (im)posta pelo interdiscurso.

Assim, poder-se-ia dizer que, nos domínios que fazem parte deste recorte, a posição-sujeito Mãe corresponde ao “bom sujeito” e a posição-sujeito Lobo corresponde ao “mau sujeito” na mesma FD. Ao constatar isto, pode-se observar que se trata de uma FD heterogênea, uma vez que os sentidos do discurso da Mãe e do Lobo se opõem. Pode parecer que fazem parte de FDs distintas, mas trata-se, na verdade, de uma FD heterogênea, onde há espaço para duas posições-sujeito divergentes, que aí instauram a contradição e a desigualdade.

Convém lembrar aqui a reflexão que Pêcheux faz, dizendo que “uma ideologia é não idêntica a si mesma, não existe senão sob a modalidade da divisão e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários” (1980, p.192). Esta heterogeneidade que encontramos é mostrada, no caso deste recorte, pelo discurso do Narrador.

Na verdade, a posição-sujeito Lobo e seu discurso sedutor são o “mal necessário” para validar as posições-sujeito Mãe e Narrador e seus respectivos discursos. Se não houvesse o “mau sujeito”, que tenta sublevar a ordem estabelecida pela ideologia e reafirmada pela FD, teoricamente não haveria necessidade de seu discurso pedagógico.

A posição-sujeito do Lobo é a que disputa com a da Mãe o assujeitamento de Chapeuzinho; a Mãe, para que ela se torne um “bom sujeito”, o Lobo, para que ela se torne um “mau sujeito” dentro de sua FD. Na representação da Mãe, uma posição-sujeito que reflete o saber da FD. Na representação do Lobo, o outro, que provém da exterioridade específica desta FD, o que se contra-identifica com este saber, posicionando-o nos limites dessa FD. Enquanto a Mãe usa o discurso da disciplina, autoritário e pedagógico, o Lobo usa o discurso da sedução e do engodo, sinuoso e persuasivo. Seu discurso, ao contrário do da Mãe e do Narrador, se caracteriza por marcas diferentes. No discurso do Lobo, os imperativos não soam como ordens e sim como convites e não há proibições. Seu discurso é marcado pela persuasão, que é característica básica do discurso sedutor.

O Lobo, na sua interlocução com a menina, é o sujeito que dirige o discurso, marcando com isso sua superioridade; de fato, o Narrador lhe atribui e o coloca no lugar social de um sujeito que domina, mas é outra a forma de dominação que transparece no discurso do Lobo. E, em função de sua contra-identificação com a FD, nunca exerce o

papel de porta-voz do Sujeito da FD, ou de executor do saber, tal como ocorre com o Narrador e a Mãe.

A imagem dominadora da representação do Lobo chega ao ouvinte/leitor na voz do Narrador e também na própria voz do Lobo pois ele se investe de autoridade e dirige a interlocução com a menina; seu discurso, tanto a modalidade oculta no seu pensamento, como a modalidade explícita, revelada na sua voz, consolidam essa imagem. A autoridade da qual ele se investe, na verdade, se constitui porque a menina demonstra, com seu discurso e sua ação, que aceita essa autoridade, aceita o discurso do Lobo, aceita seu próprio lugar e reconhece a superioridade do Lobo. O Lobo só lhe fala assim porque quando se faz a pergunta “*quem é essa menina para que eu lhe fale assim e quem sou eu em relação a ela para que lhe fale assim*”, ele lhe fala como se ela fosse um ser sem vontade própria e manipulável. É por isso que ele “indica” o caminho pelo qual a menina deve seguir e “decide” aquele pelo qual ele próprio seguirá, porque ele se põe em posição de fazer isso e ela legitima essa posição porque a acata. Apesar de estar na posição do mais forte, o Lobo não usa o mesmo tipo de discurso que a Mãe. Seu discurso, como já foi dito, não tem um **tom** autoritário, tem um tom persuasivo, através do qual impõe seu sentido.

A imagem que o Lobo tem de si e de Chapeuzinho nos é dada pelo Narrador, mas também pelo próprio discurso do Lobo. Percebe-se pelas pistas no seu discurso que sua auto-imagem é a de um sujeito capaz de persuadir: “(. . .)só tens que começar bem astuto e manhoso”, diz ele. Deste lugar social, faz com que ela veja e conheça coisas que lhe são proibidas pela Mãe. Lembremos que, para Mezan, como já foi mencionado, a sedução tem duas dimensões: a ética e a estética. Entendemos que a sedução neste momento, corresponde ao que Mezan (1988, p. 88) considera sua **dimensão estética** - que desperta aspectos de sensibilidade até então adormecida. É ainda no domínio de Grimm e também no de Miranda que o Lobo incita a menina a olhar ao seu redor, a colher flores. Por outro lado, fica claro que a imagem que o Lobo tem de Chapeuzinho é a de alguém capaz de ser persuadido. O poder de persuasão do Lobo deriva de sua esperteza. A possibilidade de Chapeuzinho ser persuadida deriva de sua ignorância e ingenuidade, de sua tenra idade.

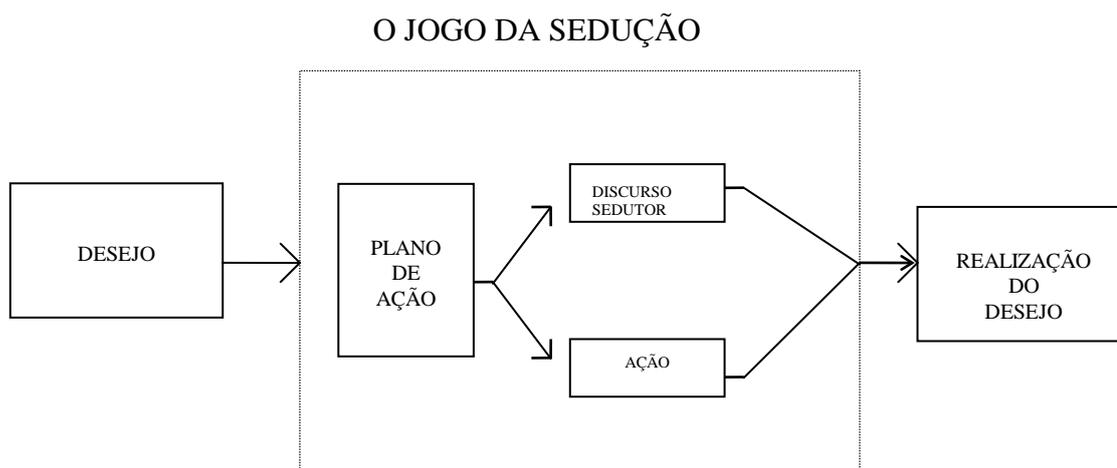
O discurso sedutor constitui-se, então, basicamente de uma **forma de dizer persuasiva**. Faz parte da realização de uma estratégia que é o jogo da sedução

propriamente dito. A estratégia nasce do desejo do Lobo e é expressa na voz do Narrador. O jogo é expresso no próprio discurso do Lobo e também no discurso do Narrador. O discurso sedutor disputa com o pedagógico o assujeitamento de Chapeuzinho Vermelho, através de uma disputa de “verdades” e “sentidos” que fazem parte desses discursos.

Vamos examinar, a seguir, os blocos que compõem este recorte.

### 7.1 O JOGO DA SEDUÇÃO

Este bloco discursivo compõe-se de quatro grupos discursivos que mostram a trajetória do jogo da sedução. Tudo começa com o desejo, que cria a “necessidade” de uma estratégia para alcançar o objeto do desejo e, assim, satisfazê-lo. Desencadeia-se, assim, o que chamaremos de jogo da sedução, que é um processo, do qual faz parte um plano de ação que, por sua vez, pode ser visualizado em dois níveis: o da ação propriamente dita e o do discurso sedutor. Todo esse processo tem por objetivo e vai culminar com a realização do desejo inicial. Assim, poderíamos visualizar o processo da seguinte maneira:



O jogo da sedução tem, portanto, sua causa num objeto de desejo. Em função disso, o sedutor constrói uma estratégia e executa seu plano para atingir seu objetivo. Para isso, no caso do Lobo, é preciso desviar Chapeuzinho da estrada do “Bem”. Este

desvio, no entanto, não se dará pela força, pois seduzir é, relembrando a definição do Dicionário Aurélio (op. cit.), “enganar arditamente”. Para ser vitorioso o sedutor, “ele calcula e ajusta”, servindo-se da dissimulação, recobrando a armadilha com um aspecto inocente”, como diz Mezan (1988, op.cit., p.88).

Dentro do discurso da sedução, identificamos um duplo aspecto: um que se apresenta como jogo propriamente dito e o outro de persuasão. No que chamamos de jogo, evidencia-se mais o aspecto competitivo e, na persuasão, destaca-se mais o seu aspecto envolvente e persuasivo. Procuraremos mostrar que o discurso da sedução caracteriza-se por esses dois aspectos e que apresenta uma face de ocultamento e outra de revelação.

Dividiremos o discurso da sedução, que corresponde a um engodo bem calculado, planejado e executado pelo Lobo, em três etapas. A primeira contempla o sentido do estabelecimento do jogo, momento em que o Lobo dá as regras. A segunda é a do discurso sedutor persuasivo propriamente dito. Acontece quando o discurso do Lobo visa a provocar uma ação que distraia a menina para que ele possa chegar antes à casa da avó e preparar o terreno para levar a cabo seu objetivo final que é comer, como Lobo, ou “comer”, como homem, a menina. A terceira é a do confronto final do Lobo com a menina, e que culmina com a realização do objetivo final do Lobo.

### **7.1.1 O desejo**

Neste grupo discursivo, analisaremos a etapa imediatamente anterior ao jogo da sedução, que é o desejo. O desejo (o apetite) é a força motriz desse jogo, do qual faz parte o discurso sedutor do Lobo. É a razão de sua existência. Nos domínios de Perrault e Adams, a voz do Narrador (N1) e (N4) e no domínio de Grimm a voz do Lobo (L2) revelam o desejo do Lobo. Aquilo que não pode ser dito na voz do Lobo é dito na voz do Narrador, ou no pensamento do Lobo. Na verdade, o que é dito pelo Narrador pertence muito mais à natureza pedagógica do seu discurso, mas foi aqui introduzido para enfatizar a natureza sinuosa e falsa do discurso do Lobo. As seqüências discursivas a seguir revelam, na voz do Narrador e do próprio Lobo, o desejo do Lobo, que é onde se origina seu discurso sedutor.

PER - sd 15 - (N1):

“Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas não teve coragem por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.”

GA - sd 16 - (N4):

“O Lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só. Fazia vários dias que não comia, estava com uma fome danada. Mas dava para ouvir o barulho do machado do lenhador não muito longe dali, e ele achou melhor fazer um plano.”

GRI - sd 36 - (L2):

“- Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha; tu tens que começar bem manhoso para que possas apanhar as duas.”

Nestas seqüências discursivas pode-se notar o sentido do desejo do Lobo pela menina, que é a causa da elaboração de um plano para conseguir o objeto de seu desejo. No domínio de Grimm, o Lobo considera Chapeuzinho uma “coisinha jovem e tenra”, “um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha”. Nos domínios de Perrault, e Adams, respectivamente, lê-se na voz do Narrador que o Lobo “logo teve vontade de comer a menina”, que “o Lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só”.

Nota-se assim que as pistas do apetite do Lobo são dadas pela natureza semântica das locuções verbais utilizadas pelo Narrador:

PER - sd 15 - (N1): “logo teve **vontade de comer** a menina”

GA - sd 16 - (N4): “bem que ficou com **vontade de engolir** Chapeuzinho Vermelho”

e também pela forma como o próprio Lobo designa e qualifica o objeto de seu desejo:

GRI - sd 36 - (L2): “coisinha jovem e tenra” ; “um petisco”

Esse desejo justifica a elaboração do plano do Lobo. É por isso que o Narrador (N4), no domínio de Adams, relata que “ele achou melhor fazer um plano”. No domínio de Grimm, o pensamento do Lobo revela que sua estratégia será “começar bem astuto e manhoso” para conseguir “apanhar as duas”.

No domínio 2, o pensamento do Lobo soa como uma voz vinda de outro interlocutor: “tu só tens que começar bem astuto e manhoso para que possas apanhar as duas”. Tem-se mais uma vez aí a evidência da posição-sujeito ambígua que o Lobo ocupa.

Na verdade, este enunciado nos dá uma pista da presença do Outro no discurso do Lobo, que vem do exterior específico dessa FD moralista. Essa FD caracteriza-se por apresentar explicitamente um discurso de moralidade, mas permite, ocultamente, o discurso do indivíduo sedutor, sem moral, na figura do Lobo. Como o que pode e deve ser dito pertence ao discurso moralista, o que fica oculto e é ocultamente permitido é o discurso amoral do Lobo. Assim, a posição-sujeito do Lobo, que ocupa a posição de “mau sujeito”, mostra no seu discurso, como denomina Authier-Revuz (1998), uma “não-coincidência do dizer”. Uma dessas não-coincidências é o que a autora chama de não-coincidência do discurso consigo mesmo, que “é colocada como constitutiva, em referência ao dialogismo bakhtiniano - considerando que é **toda palavra** que, por se produzir no ‘meio’ do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso outro”. Além disso, conclui que “um certo número de oposições é destacado no conjunto dessas formas, permitindo especificar **tipos de fronteira** entre si e o outro, pelas quais um produz em si mesmo, por diferença, uma imagem de si” (p.20-21).

### 7.1.2 Primeira etapa: O jogo

Quando o Lobo põe em prática sua estratégia, pode-se notar que ela está baseada na imagem que ele tem de si e da menina, pois na sua interlocução com a menina, o Lobo se coloca numa posição de quem pode dizer “eu quero”, “eu vou” e “você vai” porque a imagem que tem da menina é de alguém na posição de quem vai ser persuadida, vai acatar suas sugestões/ordens ou aceitar as suas regras do jogo, do qual o próprio Lobo toma parte. Diversamente, as ordens no discurso da Mãe referem-se, sempre e exclusivamente, às ações da menina - a Mãe nunca toma parte. Vamos verificar, nas SDs transcritas a seguir, as etapas do discurso sedutor do Lobo:

## PER - sd 59 -

(L1) - Pois bem, disse o Lobo, - **eu também quero** ir ver sua avó. **Eu vou** por este caminho daqui e **você vai** por aquele de lá. **Vamos ver quem chega primeiro.**

(N1): **O Lobo pôs-se a correr com toda sua força pelo caminho mais curto. A menina foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se** a colher avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florezinhas que encontrava.”

## GRI - sd 60 -

(N2): “O lobo pensou:

(L2): - Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha; **tu só tens que começar bem astuto e manhoso** para que possas apanhar as duas.

(N2): Então ele acompanhou a menina por um tempo e depois falou:

(L2): - **Chapeuzinho Vermelho olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados? Eu acho que nem ouves como os passarinhos cantam tão amavelmente.** Tu andas assim tão ensimesmada como se estivesses indo para a escola e está tão divertido aqui fora na floresta.

(N2): Chapeuzinho Vermelho olhou para cima e, quando viu como os raios de sol dançavam para lá e para cá através das árvores e como tudo estava cheio de flores lindas, ela pensou:

(CV2): - Se eu levar para a avó um ramalhete de flores fresquinhas, ela com certeza também vai se alegrar bastante; é ainda tão cedo que eu ainda vou chegar a tempo.

(N2): **Então ela se desviou do caminho, entrou na floresta** e começou a escolher as flores para levar para sua avó. E quando colhia uma, ela pensava que mais adiante certamente estaria uma ainda mais bonita e ia buscá-la e assim **começou a embrenhar-se cada vez mais na floresta.**

**O lobo esperto, no entanto, foi diretamente para a casa da avó e bateu na porta.”**

## JGR - sd 61 - (N5):

“**E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso.** Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertindo-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se as plebeinhas flores, princesinhas incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.”

## JFM - sd 62 -

(N3): “O Lobo-guará percebeu o homem, encolheu-se atrás de uma figueira e perguntou:

- **“Chapeuzinho de Palha, por que não colhes algumas flores para tua Vovó? é provável que ela fique muito contente...”**

- “Prometi a minha Mãe não me divertir, não me distrair pelo caminho.”

- **“Então, deves manter a tua palavra” - murmurou-lhe o Lobo-guará - no entanto, podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada...”**

Chapeuzinho de Palha começou a observar as pétalas coloridas, caminhando vagarosamente. **Distraía-se, assim,** e lembrava as guabirobas que apanharia na volta e com que encheria o cestinho vazio.”

## GA - sd 63 - (N4):

**“Também vou até lá fazer um visitinha à Vovó, disse o lobo. “Eu vou por aqui e você vai por ali, vamos ver quem chega lá primeiro.”**

Depois dessa conversa, Chapeuzinho Vermelho seguiu seu caminho, aproveitando para colher algumas flores.

Tenho certeza de que vocês já adivinharam uma coisa: **o lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da Vovó e disse à menina que fosse pelo caminho mais**

**longo. E tem mais: enquanto ela estava olhando para o lado dele, ele fez de conta que ia andando calmamente,mas assim que ela desapareceu numa curva do caminho, ele começou a correr feito um louco pela floresta e claro que chegou à casa da Vovó muito antes dela!”**

Pode-se verificar, nessas SDs, o estabelecimento de um jogo que se constitui na primeira etapa do discurso sedutor do Lobo. O Lobo, na sua interlocução com a menina, ao pôr em prática sua estratégia de persuasão, dá as regras de um jogo, cuja imagem é infantil, inocente mesmo, um jogo cujo objetivo é distrair a menina e fazer com que ela execute sua parte, para que o Lobo consiga seus objetivos; trata-se de um jogo menor contido dentro do jogo maior, que é o da própria sedução; para seguir adiante nos seus planos, o Lobo decide para si a sua parte no jogo e dita as regras para a menina, impondo, assim, o seu sentido. A sedução é um jogo em que normalmente as regras se definem ao longo do processo.

Os tempos verbais são, mais uma vez, as pistas lingüísticas que revelam a natureza desta interlocução. O presente do indicativo remete-nos para a imagem que o Lobo faz de si próprio. Através do uso deste tempo verbal, indica que pode tomar decisões a respeito de sua própria ação; por outro lado, seu uso do imperativo direcionado para Chapeuzinho remete-nos para a imagem que faz da menina, que é alguém a quem ele pode persuadir.

O tom do discurso do Lobo, apesar de também incluir ordens, não soa autoritário como o do discurso da Mãe. É como se fosse um simples convite para um jogo, uma competição em que tomam parte o próprio Lobo e a menina. E, assim, dá as regras do jogo, usando o presente do indicativo para si e o imperativo para a menina, o que assume o efeito de exortação/convite.

Vamos destacar, nas SDs transcritas, os enunciados em que se verifica o sentido da construção da estratégia de persuasão e da ação da menina que comprova o sucesso da persuasão. Temos então:

a) o Lobo decidindo as regras para si, usando o presente do indicativo:

PER - sd 59 - (L1): “Pois bem, disse o Lobo, eu também quero ir ver sua avó.”

GA - sd 63 - (L4): “Também vou lá fazer uma visitinha à Vovó”

PER - sd 59 - (L1): “Eu vou por este caminho daqui”

GA - sd 63 - (L4): “Eu vou por aqui”

b) o Lobo estabelecendo as regras para a menina, usando o imperativo:

PER - sd 59 - (L1): “você vai por aquele de lá.”

GA - sd 63 - (L4): “Você vai por ali”

c) o Lobo usando uma locução verbal para expressar um convite a Chapeuzinho para que participe da competição:

PER - sd 59 - (L1): “Vamos ver quem chega primeiro”

GA - sd 63 - (L4) “Vamos ver quem chega primeiro lá”

O que não está explícito nos enunciados do Lobo é sua vantagem sobre a menina nas regras que ele estabelece para o jogo. O Lobo “disse à menina que fosse pelo caminho mais longo”, conforme registra o Narrador no domínio de Adams e ainda “o lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da vovó”. Em Perrault, o Narrador revela que “O Lobo pôs-se a correr com toda sua força pelo caminho mais curto”. No domínio de Adams, o Narrador dialoga com seu ouvinte, reiterando este sentido:

GA - sd 18 - (N4):

“Tenho certeza de que vocês já adivinharam uma coisa: o lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da Vovó e disse à menina que fosse pelo caminho mais longo. E tem mais: enquanto ela estava olhando para o lado dele, ele fez de conta que ia andando calmamente, mas assim que ela desapareceu numa curva do caminho, ele começou a correr feito um louco pela floresta e claro que chegou à casa da Vovó muito antes dela!”.

Nesses domínios, este sentido nos é revelado pelo discurso do Narrador, permanecendo oculto no discurso do Lobo. Isto revela que o engodo, que pode ocorrer através do ocultamento, é da própria natureza do discurso sedutor. Faz parte do jogo da sedução e se evidencia nas duas faces de seu discurso. Portanto, é o Narrador que recupera este sentido para o ouvinte/leitor da história, porque a função que o Narrador se atribui é mostrar a seu ouvinte o jogo subjacente ao discurso do Lobo, para que mais eficazmente possa compor sua imagem negativa.

No domínio de Guimarães Rosa, solidificado pelo interdiscurso, apesar de não existir explicitamente a figura do Lobo, ressoa discursivamente o sentido que nasce no domínio de Perrault, que é de que o Lobo faz a menina tomar o caminho mais longo, tomando ele próprio o caminho mais curto. Assim, mesmo não existindo o Lobo para ditar-lhe as regras do jogo, Fita-Verde faz a opção sugerida pelo Lobo desde o domínio 1. É como se, através dos tempos, esta tivesse sido sempre a prática. Por isso o Narrador, neste domínio, ratifica este sentido, quando diz:

JGR - sd 61 - (N5):

“ela mesma resolveu tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso”.

Portanto, o sentido que se pode ler é o mesmo, ainda que sem a presença do Lobo. Ocorre no domínio de Rosa, uma paráfrase do jogo, que se mostra, aí, como a permanência de uma tradição, mesmo sem fazer parte da sedução. Fita-Verde toma o *caminho de cá*, que é *louco e longo*, agindo talvez, conforme sua própria natureza, ou porque é o que lhe está destinado desde sempre no interdiscurso; assim, não muda sua trajetória tradicional, não toma o outro caminho, que é *encurtoso*.

### 7.1.3 Segunda etapa: A persuasão

A persuasão é a parte nuclear do discurso sedutor. Visa a convencer, persuadir o interlocutor de que sua sugestão é a melhor para o interlocutor, para que este faça o que é melhor para o locutor, do qual emana o discurso sedutor. As seqüências discursivas abaixo foram escolhidas porque nelas se percebe que o locutor visa a motivar o interlocutor a aceitar suas sugestões, desencaminhar o interlocutor, para conduzi-lo ao seu objetivo. A sedução corresponde, aqui, a um sentido que, segundo MEZAN (1988), sugere um aspecto **estético**. Diz ele que “o sedutor é neste momento aquele ou aquilo que toca fibras sensíveis, que desperta no outro sensações de raro matiz, emoções até então ignoradas” (op.cit.p. 89).

GRI - sd 36 - (L2):

“- Chapeuzinho Vermelho olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados? Eu acho que nem ouves como os passarinhos cantam tão amavelmente. Tu andas assim tão ensimesmada como se estivesses indo para a escola e está tão divertido aqui fora na floresta.”

JFM - sd 38 - (L3):

“Chapeuzinho de Palha, por que não colhes algumas flores para tua Vovó? é provável que ela fique muito contente...”

O Lobo, ao fazer as sugestões para a menina, faz a sua parte no jogo, põe em prática uma estratégia, preparando a armadilha (“engana arditosamente”) para alcançar seu objetivo, que é saciar o seu desejo. Lembremos Mezan (op.cit. p.88), quando dimensiona **eticamente** a sedução, e diz que a sedução é “des-encaminhar, atrair para margens conotadas como sinistras, por oposição ao leito da estrada que conduz ao bem e à Verdade”; diz ainda que esse desvio não se dá pela força ou pela violência, mas pela “dissimulação”. O Lobo, ao sugerir ações para a menina, a atrai para as margens, para o lado oposto ao do “bem” e da “verdade”, nas palavras de Mezan.

Quando o Lobo faz a sugestão a Chapeuzinho para que ela *olhe* as flores no domínio de Grimm e que ela *colha* as flores no domínio de Miranda, está na verdade dissimulando, mascarando seu real objetivo e encantando a menina, o que corresponde, para Mezan, à dimensão **estética** da sedução. O Lobo faz uso da dissimulação, dando à armadilha um aspecto inocente. Apoiamo-nos na definição de Baudrillard (1992, p.8) que considera, como já mencionado, a dissimulação como o fingimento de uma ausência. Consideramos que o Lobo dissimula suas más intenções, ou seja, finge a sua ausência.

### O efeito da persuasão

O efeito da persuasão do discurso do Lobo está registrado na voz do Narrador, quando constata a distração da menina, que se desvia do caminho do “bem”, do caminho “certo”, caracterizando a desobediência. Então, na verdade, ao mesmo tempo que a menina é persuadida e aceita as regras e sugestões do Lobo, ela é atraída para as

margens, que se opõem ao leito da estrada, desobedece a sua Mãe e ao saber instituído, ao “bem” na FD moralista:

PER -sd 59 - (N1):

“A menina **foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se** a colher avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florezinhas que encontrava.”

GRI -sd 60 - (N2):

“Então ela **se desviou do caminho, entrou na floresta e começou a escolher as flores para** levar para sua avó. E quando colhia uma, ela pensava que mais adiante certamente estaria uma ainda mais bonita e ia buscá-la e assim **começou a embrenhar-se** cada vez mais na floresta”

JGR - sd 61 -(N5):

“ela mesma **resolveu tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso**”

JFM -sd 42 - (N3):

“Chapeuzinho de Palha **começou a observar** as pétalas coloridas, **caminhando vagorosamente. Distraía-se**, assim, e lembrava as guabirobas que apanharia na volta e encheria o cestinho vazio” com que

Através dessas seqüências discursivas, percebe-se que ocorre o encantamento que Mezan definia como a dimensão estética da sedução. Pode-se verificar o efeito persuasivo que o discurso do Lobo tem sobre a menina: ela desvia-se do caminho, acaba indo pelo caminho mais longo e distrai-se pela floresta. Esse efeito o faz alcançar a primeira etapa de seu plano: distraí-la e “des-encaminhá-la”, desviá-la do caminho “certo” e fazê-la tomar o “des-caminho” para assim favorecê-lo na consecução de seu objetivo final.

#### **7.1.4 Terceira etapa: O confronto do Lobo com a menina, ou a esperteza X a ingenuidade**

A etapa final do jogo da sedução acontece quando o Lobo faz com que a menina vá até a cama, que é o lugar e o símbolo da “conjunção carnal”. O Narrador conta que, para isso, o Lobo se traveste de avó, que é alguém em quem Chapeuzinho confia, continuando assim sua trama de enganos:

PER - sd 54 - (N1):

“O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama debaixo da coberta, e falou(L1): - Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo.

(N1): Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente ao natural”

GRI - sd 64 - (N2):

“Então foi até a cama da avó e abriu o cortinado; e ali estava deitada a avó e tinha puxado a touca bem por cima do rosto e estava com uma aparência espantosa.

JFM - sd 27 - (N2):

“O maldoso Lobo-guará, então, vestiu-se com uma camisola da Vovó. Colocou a touca rendada. Os óculos. Deitou-se debaixo das cobertas e esperou.”

GA - sd 19 - (N4):

“o danado se espremeu até conseguir enfiar uma das camisolas da Vovó, depois pôs o gorro de dormir na cabeça e se acomodou na cama da coitada.

Chapeuzinho Vermelho vai achar que eu sou a vovó dela!”, pensou o lobo, puxando as cobertas até o queixo.”

Em todas essas SDs constata-se, mais uma vez, a simulação e a dissimulação do Lobo, que são relatadas ao ouvinte/leitor da história, pelo Narrador. Para esconder que ele é o Lobo e assemelhar-se à avó, ele se *esconde na cama debaixo da coberta, puxa a touca por cima do rosto, veste a camisola da avó, coloca a sua touca e seus óculos*. Assim, pela voz do Narrador, o ouvinte/leitor sabe que a ação do Lobo é a realização de um plano e que tem por objetivo enganar a menina e conseguir seu intento. Depois de disfarçar-se, o Lobo consegue trazer Chapeuzinho até a cama. No domínio de Perrault e Adams (L1) e (L4), o Lobo chama-a para a cama:

PER - sd 54 - (L1): “Venha se deitar comigo”

GA - sd 65 - (L4): “Venha sentar aqui perto de mim. (N4) E dizendo isso, bateu com a pata na cama”

Nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams, o Narrador (N1), (N2), (N3) e (N4) narra a ação da menina:

PER - sd 54 - (N1): “Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama”

GRI - sd 64 - (N2): “foi até a cama da avó”

JFM - sd 66 - (N3): “Chapeuzinho da Palha achegou-se mais”

GA - sd 64 - (N4): “Chapeuzinho Vermelho chegou perto da cama da Vovó”

Neste momento ela enxerga com clareza o tamanho do corpo do Lobo (homem), sua desproporção em relação a ela e isso lhe dá medo e susto. Este sentido de susto fica claro nas SDs a seguir:

PER - sd 54 - (N1):

“ficando **espantada** de ver como sua avó estava diferente ao natural”

GRI - sd 64 - (N2):

“ali estava deitada a avó e tinha puxado a touca bem por cima do rosto e estava com uma **aparência espantosa**”

JFM - sd 67 - (N3):

“Oh, Vovozinha, exclamou a menina **muito espantada**”

GA - sd 47 - (N4):

“Chapeuzinho Vermelho chegou perto da cama da Vovó e **levou um susto**. Vovó estava completamente diferente”

O contraste da esperteza do Lobo com a ingenuidade de Chapeuzinho culmina com a interlocução em que a menina faz as conhecidas perguntas que, na verdade, são exclamações de surpresa diante do aspecto singular da avó/lobo. Aí acontece o discurso sedutor, mascarado de pedagógico. Suas exclamações expressam surpresa e soam como perguntas, o que é confirmado pelas explicações que o Lobo dá a cada exclamação sua. Ela não sabe, então busca o saber a partir de alguém a quem atribui autoridade para tal. Seu discurso, que revela sua aceitação das respostas do Lobo, revela também que não vê a diferença entre o “bom sujeito” e o “mau sujeito”. O Lobo “ensina”, tentando persuadi-la de que quem está ali é de fato a avó. Mostra-se aí um **tom pedagógico** do discurso sedutor, que se apóia no poder do Lobo sobre a menina. O Lobo dá explicações baseado numa relação assimétrica, com a superioridade de quem sabe que a tem em relação àquela a quem fala. A ingenuidade de Chapeuzinho é ratificada pela sua não-contestação das respostas. O que acontece aí faz parte do jogo da sedução entre o Lobo e a menina, em que o sentido do real fica alterado e o sujeito esperto é capaz de seduzir o ingênuo.

As SDs abaixo registram as exclamações da menina em relação ao corpo do Lobo e as respostas/explicações que o Lobo lhe dá:

PER - sd 68 -

(CV1) “- Minha avó , como você tem braços grandes!  
 (L1) - É pra te abraçar melhor, minha filha.  
 (CV1) - Minha avó, como você tem pernas grandes!  
 (L1) - É pra correr melhor, minha menina.  
 (CV1) - Minha avó, como você tem orelhas grandes!  
 (L1) - É pra escutar melhor, minha menina.  
 (CV1) - Minha avó, como você tem olhos grandes!  
 (L1) - É pra ver melhor, minha menina.  
 (CV1) - Minha avó, como você tem dentes grandes!  
 (L1) - É para te comer!”

#### GRI - sd 69 -

(CV2) “- Oh, vovó, que orelhas grandes tu tens!  
 (L2) - Para que eu possa te ouvir melhor.  
 (CV2) - Oh, vovó, que olhos grandes tu tens!  
 (L2) - Para que eu possa te enxergar melhor.  
 (CV2) - Oh, vovó, que mãos grandes tu tens!  
 (L2) - Para que eu possa te agarrar melhor.  
 (CV2) - Mas, vovó, que bocarra horrivelmente grande tu tens!  
 (L2) - Para eu poder te devorar melhor”

#### JFM - sd 70 -

(CV3) “- Oh! Vovozinha - exclamou a Menina, muito espantada - como a senhora tem orelhas grandes!”  
 (L3) - É para melhor te ouvir, minha neta!  
 (CV3) - Oh! Vovozinha, como a senhora tem olhos grandes!  
 (L3) - É para melhor te ver, minha neta!  
 (CV3) - Oh, Vovozinha, como a senhora tem o nariz grande!  
 (L3) - É para melhor te cheirar, minha neta!  
 (CV3) - Oh Vovozinha, como a senhora tem a boca grande e que dentuça a senhora mostra...”

#### GA - sd 71 -

(CV4) “- Mas, Vovó! Que braços grandes e peludos você tem!  
 (L4) - É para abraçar você melhor, minha querida!  
 (CV4) - Mas, Vovó! Que orelhas enormes você tem!  
 (L4) - para ouvir você melhor , minha querida!  
 (CV4) - Mas, Vovó! Que olhos grandes você tem!  
 (L4) - É para ver você melhor, minha querida!  
 (CV4) -Você tem uns dentes imensos!  
 (L4) - É para comer você melhor, minha querida!”

Essas exclamações de Chapeuzinho, na verdade, revelam o espanto e susto da menina diante de seu sedutor, que só neste momento revela suas reais intenções. Com isso o Lobo revela, também, que seu discurso anterior foi enganoso e que é, na verdade, um “mau sujeito”.

O Narrador, ao dar essas pistas, torna marcante o contraste entre a ignorância da menina e a esperteza do Lobo e a conseqüente facilidade de ludibriá-la. A credulidade de Chapeuzinho diante das respostas absurdas do Lobo, que se evidencia pela não contestação, mostra que o discurso da sedução, semelhante ao pedagógico, através do

tom definitivo de sua afirmação sem dúvidas, persuade a quem lhe está sujeito. Conforme Silva (1996, p.28) o sedutor “se utiliza de um ardil que induz a vítima ao erro, levando-a acreditar numa situação falsa”. É apenas no último momento, antes da consumação de seu objetivo último, que é de satisfazer o seu desejo de comê-la, que o Lobo revela seu objetivo, nos domínios de Perrault, Grimm e Adams: (L1) “É para te comer!”, (L2) “Para eu poder te devorar melhor”, (L4) “É para comer você melhor, minha querida!”

Fica claro, assim, que se fecha o círculo iniciado no momento em que Chapeuzinho desperta o desejo do Lobo, passando pelo jogo da sedução, em que a simulação (fingir ter o que não se tem) e a dissimulação (fingir não ter o que se tem) fizeram parte de sua estratégia, onde tudo estava previsto antecipadamente, para culminar na satisfação deste desejo.

Neste círculo da sedução, domina o universo simbólico em detrimento do real, como afirma Baudrillard (1992, p.13). Dele fazem parte o engodo e a ilusão, a esperteza do sedutor e a ignorância do seduzido. Baudrillard afirma ainda que no jogo da sedução pode-se subtrair de tudo a sua verdade; nele vale o jogo das aparências e os sistemas de sentido não são permanentes. No domínio de Adams, o Narrador reforça, ainda, o sentido da sedução ligado ao corpóreo, ao descrever a ação do Lobo que acompanha suas respostas:

GA - sd 10-(N4): “deu um apertão na mãozinha gorducha dela”

GA - sd 72 -(N4): “sacudindo as duas orelhas ao mesmo tempo”

GA - sd 73 -(N4): “disse o lobo, girando os olhos e sorrindo de orelha a orelha”

Além disso, também se pode notar que o jogo da sedução acontece relacionado com o corpo do Lobo, sendo que nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda são feitas referências aos cinco sentidos, apontando para a natureza sensorial do desejo. Há, então, uma repetição de substantivos que identificam partes do corpo, seguidos de um adjetivo que lhes dá o sentido de tamanho. Além disso, as ações (verbos) correspondentes a essas partes do corpo aparecem seguidas do advérbio “melhor”, criando um efeito de sentido de que o “grande” consegue executar “melhor” a sedução.

a) o tato:

PER - sd 68 - (CV1): “braços grandes” para (L1): “abraçar melhor”

GRI - sd 69 - (CV2): “mãos grandes” para (L2): “agarrar melhor”

## b) a visão:

PER - sd 68 - (CV1): “olhos grandes” para (L1): “ver melhor”  
 GRI - sd 69 - (CV2): “olhos grandes” para (L2): “ ver melhor.”  
 JFM - sd 70 - (CP3): “olhos grandes!” para (L3): “ melhor te ver”

## c) a audição:

PER - sd 68 - (CV1): “orelhas grandes” para (L1): “escutar melhor”  
 GRI - sd 69 - (CV2): “orelhas grandes” para (L2): “ouvir melhor.”  
 JFM - sd 70 - (CP3): “orelhas grandes” para (L3): “ouvir melhor”

## d) o olfato:

JFM - sd 70 - (CP3): “nariz grande” para (L3): “melhor te cheirar ”

## e) o paladar (na verdade, a boca, que é o lugar onde acontece o paladar):

PER - sd 68 - (CV1): “dentes grandes” para (L1): “comer”  
 GRI - sd 69 - (CV2): “bocarra horrivelmente grande” para (L2): “devorar melhor”  
 JFM - sd 70 - (CP3): “boca grande”, “dentuça”

Nestes domínios, a constatação da presença do corpo ratifica o sentido material e corpóreo do objeto da sedução, da natureza do prazer do Lobo; o desejo sensual do Lobo recai sobre e se consoma no corpo da menina. Após ter conseguido seu intento, “comer a menina”, a sensação de realização do Lobo na voz do Narrador em Grimm:

GRI - sd 74 - (N2): “O lobo tinha saciado seus desejos”

Assim, após essas análises, podemos concluir dizendo que o discurso sedutor faz parte do processo de sedução, que implica a dominação de um indivíduo por outro. Para o sedutor (o Lobo), tem origem em um desejo, implica a sua habilidade e premeditação, no seu desejo de seduzir, de induzir a vítima, através de atos e seu discurso persuasivo, a acreditar numa situação falsa e assim poder chegar à última etapa do processo. Para a vítima (Chapeuzinho Vermelho), implica em acreditar nessa situação falsa e assim propiciar que se consuma o ato da sedução, aqui entendido como posse sexual. O discurso sedutor tem, portanto, um papel fundamental; sem ele, a sedução entre os humanos não poderia existir.

O Lobo, a partir de um desejo que sente por Chapeuzinho Vermelho, decide elaborar um plano, a fim de conseguir seu intento. Como a representação da menina é composta de inocência, não lhe é difícil enganá-la. Faz parte do discurso sedutor o engodo, que não revela o real intento, e, fundamentalmente, a persuasão, que estimula a vítima a fazer a sua parte no plano.

### **Resumindo o bloco 1**

Abordamos neste bloco discursivo o jogo da sedução, do qual o discurso sedutor é parte essencial. Nos domínios de Perrault, Grimm, Rosa, Miranda e Adams, que constituem este recorte, identificamos três etapas no jogo da sedução: a primeira etapa, que consiste no jogo em que o Lobo sedutor estabelece as regras que ambas as partes devem seguir; a segunda etapa é a da persuasão propriamente dita, em que se evidencia o discurso sedutor e, finalmente, a última etapa em que ocorre o confronto final do Lobo sedutor com sua vítima Chapeuzinho, na qual sobressai a ingenuidade desta em contraste com a esperteza do Lobo. Identificamos o desejo do Lobo, desencadeando o processo de sedução, descrito pelo Narrador e acompanhamos a execução de seu plano, até a realização de seu desejo.

O plano de ação do Lobo pode ser visualizado em dois níveis: o da ação propriamente dita e o do discurso sedutor. Para que se torne clara a natureza persuasiva e enganosa deste discurso e a dissociação que ocorre entre a palavra e a ação do Lobo, é fundamental a posição-sujeito do Narrador que organiza os pensamentos, intenções, palavras e ações do Lobo e que assim mostra a seu ouvinte/leitor a dimensão ética e estética da sedução, conforme categorizou Mezan. O discurso sedutor desencadeia um jogo de dominação, em que o locutor busca subjugar seu interlocutor persuasivamente, convencê-lo a agir de acordo com seus interesses, garantindo o sucesso de seu plano; seu discurso é efetivamente o que persuade e convence, não parecendo impositivo ou autoritário. No entanto, o discurso sedutor é carregado de um autoritarismo sutil e resulta temporariamente no assujeitamento da menina, no momento em que ela se afasta do caminho e entra na floresta, por sugestão do Lobo.

O discurso sedutor do Lobo, que é o subversor da ordem moral vigente, disputa o assujeitamento de Chapeuzinho com o discurso disciplinar da Mãe, que é a executora do

saber da FD moralista. Lobo e Mãe ocupam, portanto, posições-sujeito diversas dentro dela. Sendo executora do saber da FD, a Mãe se identifica com ele, constituindo-se em “bom sujeito” da FD. Já o Lobo, como subversor da ordem da FD, contraidentifica-se com seu Sujeito, constituindo-se em “mau sujeito” dentro dela. Entretanto, na sua interlocução com Chapeuzinho, apresenta-se como “bom sujeito”, o que nos levou a concluir que, na verdade, o Lobo ocupa uma posição ambígua. Essa ambigüidade é apresentada pelo Narrador a seu ouvinte/leitor, cumprindo sua finalidade pedagógica. O Narrador, que também se identifica com o saber da FD, constitui-se no porta-voz desta FD, fazendo uso de um discurso pedagógico moralista, que visa assujeitar seus ouvintes e leitores. Para que o discurso pedagógico do Narrador tenha êxito, é preciso que exista o Lobo com seu discurso enganoso, porque só assim seu discurso fará sentido.

## **7.2 O DISCURSO DA MÃE VERSUS O DISCURSO DO LOBO**

Para que se possa verificar melhor a natureza do discurso do Lobo, vamos contrastá-lo com o discurso da Mãe. Já mencionamos anteriormente que o discurso do Lobo é um discurso dividido, porque ele próprio ocupa uma posição-sujeito ambígua. Já o discurso da Mãe é moralista e uno. Mas ambos se inscrevem na FD moralista, que é heterogênea. Neste bloco discursivo, procuraremos mostrar no que o discurso do Lobo difere do da Mãe, confirmando suas posições-sujeito. Consideramos que seja heterogênea esta FD porque, por um lado, apresenta através de seu porta-voz (o Narrador) e seu executor (a Mãe), um discurso moralista e, por outro lado, permite em seu interior uma posição-sujeito ambígua como a do Lobo. Isso porque “a ideologia não é uma máquina lógica, sem continuidades, contradições, etc. É isto que as diferentes posições do sujeito representam no texto” (ORLANDI, 1996, p.54).

Quando Chapeuzinho, na sua interlocução com o Lobo, no domínio discursivo de Miranda, diz: “Prometi à minha Mãe não me divertir, não me distrair pelo caminho”, demonstra seu assujeitamento ao saber da FD que a interpela. A resposta do Lobo - “Então deves manter a tua palavra” - cria a imagem de que fala de uma posição-sujeito semelhante à da Mãe, ou seja, da posição de “bom sujeito”. E assim, através desta pista, poder-se-ia pensar que se trata de uma formação discursiva homogênea em que não há conflitos ou contradições de sentido. As pistas contrárias, no entanto, estão logo a

seguir, no mesmo domínio discursivo, na segunda parte desta importante seqüência discursiva:

JFM - sd 62 - (CP3):

“ - Então debes manter a tua palavra”- murmurou-lhe o Lobo-guará - no entanto, podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada...”

Nesta seqüência, percebe-se claramente o enunciado dividido do Lobo, que comprova sua posição-sujeito ambígua, no limite de sua FD. Primeiro, na natureza semântica do verbo usado pelo Narrador para descrever a ação do Lobo: “ *murmurou-lhe o Lobo-Guará*”. O verbo usado pelo Narrador para descrever a ação do Lobo é *murmurar*, o que fornece uma pista do nível de seu real assujeitamento. Murmurar é, pela definição dicionarizada: “dizer em voz baixa, segredar, censurar ou repreender disfarçadamente e em voz baixa”. Aqui já se tem uma pista importante que nos diz da heterogeneidade dessa FD e da distância entre as posições-sujeito do Lobo e da Mãe e da própria ambigüidade da posição-sujeito do Lobo.

A segunda pista está na segunda parte da seqüência discursiva que o Lobo dirige à menina: “*no entanto, podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada.*” Quando o Lobo-guará usa a locução conjuntiva *no entanto*, no domínio discursivo de Miranda, reúne duas posições contrárias - uma representa o “bom sujeito” e a outra o “mau sujeito”, formulando um enunciado dividido e evidenciando que sua posição-sujeito também é ambígua, aparentemente contraditória, ao contrário da Mãe, que ocupa uma posição-sujeito clara, de identificação total com o Sujeito da FD.

De um lado, o discurso do Lobo constrói a imagem (que lhe convém neste espaço discursivo) de que se insere ideologicamente numa posição-sujeito identificada com a FD moralista da Mãe, quando diz : “Então debes manter a tua palavra.”, uma vez que *manter a palavra* está relacionado com a honestidade que se espera da menina. De outro lado, o Lobo demonstra claramente uma contra-identificação com o Sujeito desta FD, no momento em que podemos detectar as duas pistas mencionadas: o verbo *murmurar*, ao lado do operador argumentativo *no entanto*; ambas mostram que há aí uma dualidade e que se trata de um enunciado dividido.

O uso de *no entanto* tem exatamente essa função de reunir opostos. Neste caso, os opostos são as duas posições-sujeito conflitantes entre si que encontramos lado a lado

no enunciado do Lobo. “Então deves manter a tua palavra” opõe-se diametralmente a “podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada”, uma vez que “manter a palavra”, neste caso, remete à negação de “olhar as florezinhas”. É necessário atentar também para os verbos que introduzem essas orações; a primeira, introduzida pelo verbo “dever”, representa a posição-sujeito Mãe e faz referência ao que deve ser feito; a segunda, introduzida pelo verbo “poder”, representa a posição-sujeito Lobo que estimula o desvio do dever e aponta para o permissivo, sugere o proibido. “Podes” dá o sentido da permissão. *Podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada* nos informa que o Lobo incita a menina a uma ação que desvia a atenção requisitada por sua Mãe; *podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada . . .* equivale a dizer *podes distrair-te, sair do caminho*, o que é o contrário de *prometi a minha mãe não me divertir, não me distrair pelo caminho*.

Entre esses dois enunciados, encontramos *murmurar* e *no entanto*, que se reforçam mutuamente, apontando a contradição entre as duas partes do enunciado, como já foi mencionado anteriormente.

Isso mostra que o discurso produzido pelo Lobo não o institui, nem como portavoz legítimo do Sujeito da FD, nem como executor do saber da sua FD. Constata-se por este motivo que o discurso do Lobo produz um ocultamento de seu desejo. O Lobo reúne duas posições-sujeito no enunciado dividido, o que revela a dualidade da sua própria posição-sujeito.

Pode-se afirmar que o discurso do Lobo diverge essencialmente, no seu sentido e no seu propósito, do discurso da Mãe. A Mãe ordena, o Lobo sugere; a Mãe faz a menina prometer que vai manter-se no caminho do “bem”; o Lobo sugere que ela se afaste dele.

A Mãe ordena:

GRI - sd 2 - (M2): “**Vai logo**, antes que . . .”

GRI - sd 2 -(M2): “Quando chegares na floresta, **vai bem comportada**”

GRI - sd 2 - (M2): “**não te afastes** do caminho”

GRI - sd 2 - (M2): “**não inventes de correr** pela mata”

JFM - sd 3 - (M3): “**Promete que não vais** te distrair pela estrada.”

JFM - sd 3 - (M3): “**Não brinques** pelo caminho.”

A Mãe cria, dessa maneira, implicitamente, através de seu discurso, uma imagem negativa da floresta e uma imagem positiva do caminho que é preciso seguir e ao qual é preciso se ater. Já o Lobo sugere exatamente o contrário.

O Lobo sugere:

GRI - sd 60 - (L2): “**Porque não olhas** para os lados?”

GRI - sd 60 - (L2): “Chapeuzinho, **olha** as lindas flores que estão por aí.”

GRI - sd 60 - (L2): “**Eu acho que nem ouves** como os passarinhos cantam tão amavelmente.”

(o implícito: Presta atenção! Ouve!)

GRI - sd 60 - (L2): “Tu andas assim **tão compenetrada, até parece que estás indo para a escola** e está tão divertido na floresta.”

JFM - sd 38 - (L3): “**Podes olhar** as florezinhas que crescem **à beira da estrada . . .**”

JFM - sd 38 - (L3): “Chapeuzinho de Palha, **por que não colhes algumas flores para tua Vovó?** É provável que ela fique muito contente”

Nota-se, portanto, que as imagens da floresta e do caminho são positivas ou negativas, conforme estejam no discurso da Mãe ou do Lobo. No domínio de Grimm, o Lobo associa a imagem do caminho, o “certo” no discurso da Mãe, à imagem de escola. No discurso do Lobo, a imagem do caminho que a menina percorre, assim como a escola, é triste.

Então, o sentido que aflora no confronto destes dois discursos é que o caminho (certo) e a escola caracterizam-se pela seriedade; a floresta é alegre, divertida, não é séria como a escola e o caminho. O caminho é o certo e o necessário no discurso admoestador da Mãe, sendo a floresta o que deve ser evitado. No discurso sedutor do Lobo, a floresta é um lugar atraente e alegre que deve ser explorado. No discurso da ideologia burguesa, a alegria e a diversão são coisas a serem evitadas, (como está cristalizado no provérbio popular “Muito riso, pouco siso”). Já a seriedade, a escola (o trabalho) e o manter-se no caminho (que também é trabalhoso) são coisas que devem ser feitas e incentivadas, de acordo com o saber desta FD.

Temos assim duas famílias parafrásticas:

a) uma que dá o sentido daquilo que deve ser dito e feito e que emana da Mãe:

vai logo/ vai bem comportada/ promete que não vais/ não te afastes/ não inventes de correr/ não brinques /

b) outra que dá o sentido do Lobo, que é o sujeito que não se identifica com o saber da FD, portanto o “mau sujeito” nas palavras de Pêcheux, e que visa a desviar a criança do

caminho recomendado, ou seja, do que pode e deve ser feito, tentando seduzi-la com algo que é naturalmente mais agradável:

Porque não olhas/ olha/ eu acho que nem ouves/ andas assim tão compenetrada/ até parece que estás indo para a escola / podes olhar/ por que não colhes/

Estes dois discursos também estão em oposição quanto à sua natureza. O discurso da Mãe identifica-se com a forma-sujeito de sua FD, conseqüentemente, representa o seu saber, é um discurso autoritário, repleto de ordens, tem um tom mais duro e, por isso, menos agradável; visa a manutenção da ordem dentro da sociedade inscrita nessa FD, através do que deve ser dito por ela (na posição social do mais forte, do que domina) e feito por Chapeuzinho (na posição social do mais fraco, do que é dominado).

Já o discurso do Lobo é um discurso mais atraente, porque, mais do que ordenar, sugere, convida; por isso, é o mais agradável de ser seguido. Estabelece um jogo em que ambos (Lobo e Chapeuzinho) tomam parte. É um discurso que seduz e acena com conseqüências agradáveis, visando a sublevar a ordem estabelecida dentro da FD.

Pode-se perceber sentidos ocultos no confronto desses dois discursos. No da Mãe, pode-se identificar, através de suas ordens, proibições e admoestações, o sentido: deves ser uma “boa menina”, porque se fores uma boa menina, serás recompensada e se não fores uma boa menina, serás castigada. O sentido do castigo inerente à desobediência também está presente. Pode-se perguntar o que é ser uma “boa menina” dentro dessa FD? A resposta será: não se desviar do caminho, não se divertir, resistir às tentações. E qual o sentido de não se desviar do caminho e não se divertir? Dentro da tradição da ideologia burguesa, amparada na ideologia da Igreja, é permanecer “pura”, virgem até o casamento e não ceder às tentações, não se divertir, não ter prazer. E qual é a recompensa disso, dentro de uma sociedade burguesa? O casamento que, desde o mundo clássico, vale como glória em si mesma. E qual é o castigo previsto? Cair em desgraça, “morrer”. Porque, ao ser “comida” pelo Lobo, está decretada a sua morte, o que vale dizer a morte de uma posição social “de respeito”. Como afirma Mezan, “o resultado da sedução é a morte ou a desonra” (op. cit., p.88).

Nota-se um deslizamento de sentido da ação de *comer/devorar* do Lobo. Pode-se observar que este deslizamento de sentido se solidificou de tal maneira que, até hoje, o

verbo *comer*, quando utilizado num contexto de relação homem/mulher, tem o sentido de uma conquista sexual, sendo a ação de *comer* sempre praticada pelo homem. Por esta razão, também poder-se-ia dizer que o sentido simbólico de *comer* como posse sexual e também de *lobo* como homem permanece na expressão popular.

Da sua posição, a Mãe prepara a menina-moça para a “provação” e o “prêmio” que representa o homem no saber desta FD, porque é isto que dela se espera, é este o seu papel dentro da FD. Ordena o que deve e pode ser dito e feito para que também Chapeuzinho se assujeite adequadamente, conforme é esperado dela. A ambigüidade da posição-sujeito do Lobo, por outro lado, permanece no imaginário popular: num extremo, foi cristalizada a imagem do macho sedutor (provação); no outro extremo, foi cristalizada a imagem do príncipe encantado, do marido ideal, estabelecido como prêmio para a menina/moça bem comportada.

Trata-se, como se pode perceber e já foi afirmado, de uma FD heterogênea, na qual cabem a posição-sujeito da Mãe com seu discurso admoestador e a posição-sujeito do Lobo dividida, com seu discurso sedutor. Na verdade, a Mãe admoesta a menina contra os perigos dos quais faz parte o próprio discurso de sedução do Lobo.

## **Resumindo o bloco 2**

Conforme pudemos observar neste confronto do discurso da Mãe com o discurso do Lobo, apesar de apresentarem diferenças, ambos têm em comum sua inscrição na FD moralista. Por ser heterogênea, essa FD permite posições-sujeito antagônicas como as que ocupam a Mãe, cujo discurso é moralista e se identifica com a forma-sujeito da FD moralista e a que ocupa o Lobo, uma posição-sujeito ambígua, situando-se no limite dessa FD. Assim, em função da identificação ou contra-identificação de suas posições-sujeito com o saber da FD, representam o “bom sujeito” (a Mãe) ou o “mau sujeito” (o Lobo) da sua FD.

Por esse motivo, do “bom sujeito” emanam ordens, admoestações e proibições que visam a manter a ordem dentro da sociedade inscrita nessa FD, estabelecendo aquilo que nela deve ser dito e feito. Já o discurso do “mau sujeito” visa a desviar a criança do que pode e deve ser dito e feito, sublevando a ordem estabelecida dentro da FD.

## UM ÚLTIMO OLHAR SOBRE O RECORTE 2

Procuramos analisar neste recorte a natureza do discurso sedutor do Lobo. Observamos que a característica fundamental deste discurso é ser persuasivo. As pistas lingüísticas encontradas e analisadas nas SDs aqui trabalhadas, indicaram que se trata de um discurso que estabelece seu sentido dominante através da persuasão, contendo matizes autoritários.

Constatamos que a posição-sujeito do Lobo é ambígua e, por isso, parece ocupar a posição de “bom sujeito”, mas, verdadeiramente, ocupa a de “mau sujeito” da sua FD. Portanto, em um momento, seu discurso se identifica e, em outro, se contra-identifica com o saber da FD. Isso nos fez concluir que a FD em que está inserido é uma FD heterogênea que permite que seus sujeitos ocupem posições-sujeito opostas, ou que um mesmo sujeito ocupe dentro dela uma posição ambígua.

A posição ambígua do Lobo decorre da diferença entre as necessidades de sua natureza e a necessidade de um comportamento social aceitável. Isso gera uma diferença entre o dito e o não-dito, assim que o dito é aquilo que é aceito socialmente dentro da FD e o não-dito corresponde à natureza instintiva do homem.

Tentamos demonstrar que o jogo da sedução, que acontece nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda, e Adams, se dá quando ocorre o desejo motivado pela natureza irracional do Lobo (homem). É, pois, a razão de existir do jogo da sedução, do qual o discurso sedutor faz parte.

Constatamos que o discurso sedutor é o discurso enganoso e artiloso que busca persuadir e enganar, para que o locutor possa alcançar seus fins, neste caso, subjugar sexualmente o interlocutor.

Confrontamos as pistas que indicam a esperteza do Lobo com a ingenuidade de Chapeuzinho, o que reforça a idéia de que o sedutor se vale da inexperiência e ingenuidade de seu alvo, formatando seu discurso de modo a enganá-lo. Conforme descreveu Laplanche (1988, p.110), a “característica a mais essencial, pois que define a própria sedução: a passividade da criança em relação ao adulto. É este que toma a iniciativa, insinua-se por palavras ou gestos” e, neste último confronto, pode-se notar

que o ato da sedução resulta numa “agressão”, “irrupção, intrusão, violência”, conforme define o mesmo autor.

Além disso, contrastamos o discurso do Lobo com o da Mãe a fim de mostrar que o discurso da Mãe é moralista porque reflete o saber da FD em questão. Por outro lado, o discurso do Lobo, na verdade, evidencia uma posição-sujeito ambígua, permitida dentro dessa FD, por se tratar de uma FD heterogênea. Por isso, a Mãe basicamente ordena e o Lobo sugere. A Mãe diz: “faz isto” e o Lobo diz : “por que não fazes isto?”

Pensamos que assim pudemos demonstrar a natureza do discurso do Lobo e contrastá-lo no que difere da natureza do discurso da Mãe. Esta diferença fica ratificada pelo Narrador, através de sua narrativa das ações do Lobo e da menina.

## 8 O DISCURSO POLÊMICO: A LUTA PELA MUDANÇA

Para Maingueneau (1983, p.16), a polêmica não constitui um fenômeno contingente, mas a evidência mais nítida do funcionamento normal do campo discursivo: cada discurso trabalha sempre para manter a estabilidade de seus limites, redefinindo suas relações com os outros componentes. Afirma, ainda, que os discursos em relação polêmica têm a vantagem de tomar precisamente seus próprios limites como objeto. Enquanto processo, a polêmica regula a exclusão do Outro.

Segundo Orlandi (1996, p.24), a característica do discurso polêmico é que nele se evidencia um confronto intenso e tenso em que tanto locutor como interlocutor tentam impor sua verdade, seu sentido, através, de um lado, da tentativa de manutenção do sentido e, de outro lado, da tentativa de reversão do sentido desse discurso.

A reversibilidade, sendo sempre possível, nunca é total. Mantém-se uma permanente tensão discursiva que se caracteriza por uma competição pela dominância de um dos sentidos. A reversão do sentido é jogada na interlocução e, de certa forma “defendida” pelo interlocutor, mas, ao final dessa competição, o sentido “ganhador”, ou seja, dominante, permanece o que foi inicialmente estabelecido pelo locutor.

No corpus deste trabalho, foram identificados dois domínios discursivos em que se pode perceber uma tensão de sentidos mais forte, caracterizando um discurso do tipo polêmico. Os domínios em que se encontra essa situação de confronto são o de José Fernando Miranda (JFM) e, em menor proporção, o de Georgie Adams (GA).

Esses domínios compõem este recorte, que está dividido em três blocos discursivos. No primeiro bloco, estaremos analisando, no domínio de Miranda, as imagens dos lugares que ocupam Mãe e filha tradicionalmente. Tentaremos mostrar que ocorre uma paráfrase do que se estabeleceu na tradição burguesa-cristã ocidental. No bloco 2, mostraremos que, no domínio de Miranda, ocorre uma tentativa polissêmica na relação Mãe-filha. Além disso, surgem pistas de modificação na imagem da menina e do Lobo, também no domínio de Adams. Finalmente, no bloco 3, analisaremos a imagem do Lobo que apresenta sinais de modificação, tanto em Miranda como em Adams.

Partindo-se do princípio de que o sentido dominante estabelece o tipo de discurso, buscaremos demonstrar como, nestes domínios discursivos, o sentido dominante estabelece o discurso polêmico.

### 8.1 A IMAGEM DA RELAÇÃO MÃE E FILHA: OS MESMOS LUGARES

Vamos examinar em primeiro lugar o domínio de Miranda. Já na epígrafe da história lê-se que “Qualquer semelhança com outras estórias infantis como a do ‘Chapeuzinho Vermelho’ ou ‘O Príncipe Encantado’ não é mera coincidência”. O que é um chamamento explícito para que se “escutem” as outras histórias infantis que ressoam interdiscursivamente.

A posição-sujeito que ocupa a menina, Chapeuzinho de Palha (CP3), neste domínio, é, em princípio, de assujeitamento à sua FD; submete-se ao discurso autoritário da mãe e obedece. No entanto, ao contrário da versão de Grimm, onde não há contestação, no domínio de Miranda, Chapeuzinho de Palha contesta sua submissão à Mãe e, por conseguinte, ao saber de sua FD.

A disputa pela reversibilidade, que acontece no domínio de Miranda, dá-se principalmente quando Chapeuzinho de Palha contesta as ordens da Mãe e quando reage contra o Lobo. Diante da interpelação ideológica que acontece através do discurso da Mãe, rebela-se, buscando ocupar uma outra posição-sujeito, apoiada em outro saber, numa tentativa de instaurar a polissemia na sua FD ou uma mudança interna na própria ideologia que rege sua FD; demonstra com isso rebeldia contra sua condição de dominada, mas não é capaz de instaurar a reversibilidade, porque sua rebeldia é o que não pode e não deve ser dito (ainda) nesta FD. Essa polêmica, que Chapeuzinho de Palha procura instaurar, é, para Orlandi “exercer sua capacidade de discordância” (1987, p.33); no entanto, existe apenas no nível do pensamento - fala apenas **para si mesma**, apenas **pensa** o que sabe que não pode e não deve ser dito.

Quando dá voz à sua revolta e efetivamente **diz** o que não pode e não deve ser dito, vem imediatamente a reação da Mãe diante de sua atitude desafiadora - o castigo. Essa reação caracteriza o repúdio do mais forte à desobediência do mais fraco, uma vez

que a enunciação “desobediente” de Chapeuzinho caracterizaria uma posição de “mau sujeito” na FD em que ambas estão inscritas. A reversibilidade, então, não chega a ser mais do que uma tentativa, permanecendo dominante o sentido dado pela mãe que, em última instância, é o da forma-sujeito da FD. Poder-se-ia afirmar que a polêmica que surge no discurso aponta para possíveis mudanças, previsíveis nesta FD, mas que ainda não estão suficientemente maturadas para que possam gerar a polissemia e estabelecer um novo sentido dominante

As marcas lingüísticas revelam neste espaço discursivo uma tensão que se origina em uma relação hierarquizada estabelecida anteriormente ao confronto dos protagonistas; esta relação reflete os padrões de comportamento das relações sociais assimétricas. O lugar social que caracteriza as posições-sujeito da Mãe e da filha são historicamente determinadas. O que diferencia a relação dessas posições neste bloco, no entanto, é a tentativa de afrontamento, por parte da filha, à autoridade materna, marcando com isto uma tensão discursiva. Veremos, a seguir, as pistas que, na base lingüística, revelam o autoritarismo do discurso da Mãe e, de outro lado, a tentativa de rebeldia da filha, prevalecendo, ao final, o sentido dado pela Mãe.

Nos domínios em que o discurso é exclusivamente do tipo pedagógico autoritário, existe o assujeitamento explícito ou implícito (que se lê na realização da ordem). Já neste domínio, podemos identificar a tensão entre os interlocutores que caracteriza o discurso de tipo polêmico, seja entre Chapeuzinho de Palha e sua Mãe, seja entre Chapeuzinho de Palha e o Lobo.

Podemos observar, nas SDs a seguir, como se dá explicitamente esta tensão através do autoritarismo da Mãe (ordens e castigo) e da contestação da menina:

JFM - sd 3 -

(CP3): - “Sim, senhora!” respondeu Chapeuzinho de Palha, entretanto, falava dentro da cabeça, para ela própria: “tudo eu, sempre eu, toda vida eu”- (N3): aborrecida com a mania das pessoas grandes de sempre mandarem as crianças fazer coisas e coisas por aí afora.”

JFM - sd 3 - (N3):

“Até-logou para sua Mãe e partiu. Pensava que, às vezes, os adultos são tolos com este costume de decidir o que se tem de fazer sem perguntar a opinião da pessoa.

Chapeuzinho de Palha aventou levar o petiço ou o cusco (aqueitando ao sol, meio abombado, de língua de fora). Ela refletiu. Acho melhor ir solita: boa andarilhada faz bem à saúde.

- Vai no petiço, gritou a Mãe de Chapeuzinho de Palha, da cozinha, o sol está alto!”

A menina não retrucou. Andaria a pé, porque o andador era dela e pronto! Os bichos tentaram obedecer a Mãe dela, mas Chapeuzinho de Palha os mandou de volta:

- “Já pro seu lugar!”

JFM - sd 75- (N3):

“Chapeuzinho de Palha estranhou a Vovó querer cheirá-la. Afinal não era perfume ou coisa parecida e se lembrava quando a Mãe dela, botando fogo pelas ventas, reclamava:

- “Pára de cheirar a feijoada!”

- “Não paro, o cheirador é meu!”

Chapeuzinho de Palha chorava de braba, porque a Mãe inticava com ela (as mães implicam de vez, ora as mães, como sempre, ranzinhas, limpando os narizes da gente, as orelhas do cristão, mandando toda hora tomar banho, lavar os cabelos, querendo decidir o gostar da gente:

- “Este é muito novo!”

- “Este é muito velho!”

- “Este é muito feio!”

Afinal, quando pensaria de quem é que eu gosto?

- “Chapeuzinho de Palha, pare de chorar, guria dengosa!”

- “Não paro, o chorador é meu!”

O autoritarismo explicita-se no discurso da Mãe, marcado pelo uso do imperativo, como em “Pára de cheirar a feijoada!”. A contestação de Chapeuzinho de Palha, que revela sua rebeldia, contradiz a ordem estabelecida e busca afirmar seu poder de decisão; para isso, usa o presente do indicativo para expressar sua decisão, complementando com uma relação causal entre as orações para justificar sua decisão:

JFM - sd 75- (CP3): “Não paro, o cheirador é meu!”

onde se pode ler: Não paro *porque* o cheirador é meu. Em síntese: faço isso porque isso é meu e, sendo meu, tenho o direito de usá-lo como quiser.

No entanto, apesar de haver tensão entre os discursos dos interlocutores, prevalece o sentido inicial do discurso autoritário da mãe, pois ela reage como reagem os que detêm o poder - castigando.

O castigo imposto pela Mãe é a reação natural da sua posição-sujeito autocrática, o efeito motivado pela rebeldia de Chapeuzinho de Palha, enunciado na voz do Narrador ao descrever narrativamente a ação da Mãe:

JFM - sd 76- (N3):

“A mãe de Chapeuzinho de Palha **pegava o chinelo e lep que te lep nos macios da região sul**, que tem outros apelidos, mas que não se diz. ... bobagem, todo mundo tem uma e a carrega sempre - mãe é desse jeito, quando não tem o que dizer e está nervosa, diz com chinelada...”

Nota-se aqui a posição-sujeito do mais forte mantendo pela força o saber da FD dominante, ensinando a proibição do errado através do castigo. Ouve-se o discurso autoritário, na sua versão pedagógica, estancando a reversibilidade e, por conseguinte, a polissemia. A Mãe, que no caso é a fonte do poder familiar, materializa seu ensinamento através da ação expressa pelas palavras do Narrador: “pegava o chinelo e lep que te lep nos macios da região sul”.

A falsa moralidade desta FD revela-se ainda através de uma pista quase que imperceptível; quando o Narrador diz que “a região sul, que tem outros apelidos, **mas que não se diz**”. Esta pista também nos revela o que Chapeuzinho não diz explicitamente, mas pensa a respeito da sua relação assimétrica de poder com a Mãe. E também porque o que ela **pensa** não pode ser **dito** sem castigo.

Mesmo quando o discurso de Chapeuzinho de Palha expressa explicitamente sua concordância com as ordens da Mãe, não existe um assujeitamento total ao saber da FD, ou seja, é uma concordância dita (porque é o que pode e deve ser dito), mas implicitamente repudiada (e isto é o que não pode e não deve ser dito).

A posição-sujeito ambígua que ocupa Chapeuzinho de Palha na sua interlocução com a Mãe é descrita pelo Narrador, reafirmando a natureza polêmica seu discurso. Isto é o que se percebe no enunciado dividido da SD abaixo:

JFM - sd 3 - (CP3):

“Sim, senhora!, respondeu Chapeuzinho de Palha, **entretanto** falava dentro da cabeça, para ela própria: tudo eu, sempre eu, toda a vida eu”

Nessa SD, o operador argumentativo **entretanto** mostra claramente essa ambigüidade entre o que diz e o que pensa Chapeuzinho e assim revela a ambigüidade da sua própria posição-sujeito. Outra SD em que se evidencia essa natureza polêmica é:

JFM - SD 3 - (N3):

“A menina não retrucou. Andaria a pé, porque o andador era dela e pronto!”

Também aqui pode-se notar que existe o assujeitamento da menina quando o Narrador (N3) diz “a menina não retrucou”; esse assujeitamento, no entanto, é desconfirmado logo a seguir, quando o Narrador revela: “andaria a pé, porque o andador

era dela e pronto!” Por isso, entre estes dois enunciados, percebe-se perfeitamente um sentido adversativo, apesar de não haver explicitamente nenhuma palavra para indicá-lo. A simples pontuação parece indicar isso.

Noutra SD, o Narrador também descreve narrativamente a revolta de Chapeuzinho de Palha contra a sua submissão e assujeitamento:

JFM - sd 3 - (N3):

“aborrecida com a mania das pessoas grandes de sempre mandarem as crianças fazer coisas e coisas por aí afora”

JFM - sd 3 - (N3):

“pensava que às vezes os adultos são tolos com este costume de decidir o que se tem de fazer sem perguntar a opinião da pessoa.”

JFM - sd 75 - (N3):

“Chapeuzinho chorava de braba, porque a mãe inticava com ela”

O Narrador (N3) transmite uma imagem da posição-sujeito autoritária da mãe, reiterando sua supremacia no esquema familiar instituído na FD. Nota-se pela natureza lexical dos verbos utilizados pelo Narrador (N3) no domínio de Miranda, que coloca a Mãe numa posição-sujeito autocrático, pois ela *inticava com ela, diz com chinelada, botando fogo pelas ventas, e reclamava*.

Simultaneamente, a voz do Narrador que se alia à da menina, amplia essa imagem da Mãe na posição-sujeito autoritária, generalizando a imagem como aplicável a todas as mães, quando usa o artigo com o plural e o singular sem artigo e reiterado pelo sentido dado pelas locuções adverbiais:

JFM - sd 75 - (N3): “**as mães** implicam de vez, ora **as mães**, como sempre, ranzinhas, mandando toda hora, querendo decidir o gostar da gente”

JFM - sd 76 - (N3): “**mãe** é desse jeito”

Esta imagem de mãe todo-poderosa, contrapõe-se à imagem da filha que, ao fim e ao cabo, ainda se revela uma boa menina e, por isso, acaba silenciando o que não convém que seja dito. Essas imagens, portanto, são as que se mantêm neste domínio de Miranda, fazendo parte ainda de uma FD conservadora e moralista, apoiando a

manutenção do sentido dominante do discurso. No entanto, pode-se notar que a posição-sujeito do Narrador (N3) é uma posição da qual ele critica a ação autocrática da Mãe, como pôde ser percebido nas SDs 3, 75 e 76.

### **Resumindo o bloco 1**

Analisamos neste bloco a imagem da relação mãe e filha e verificamos que, apesar do discurso polêmico que Chapeuzinho de Palha motiva, causando uma movimentação do sentido, os sujeitos continuam, ao final de tudo, ocupando os mesmos lugares sociais, historicamente determinados, que ocupavam nos domínios examinados no recorte 1 e 2, reacomodando-se ainda nas mesmas soluções e prevalecendo o sentido do discurso da Mãe.

Vimos que a posição-sujeito que Chapeuzinho de Palha ocupa na sua interlocução com a Mãe é ambígua, reafirmando a natureza polêmica de seu discurso. Quando, neste domínio de Miranda, a menina contesta sua submissão à Mãe, numa tentativa de afrontamento à autoridade materna, marca com isso uma tensão discursiva, reagindo contra o saber de sua FD, causando uma situação de disputa pela reversibilidade do sentido.

O discurso, então, permanece polêmico, pois que não se instaura a polissemia. No entanto, poder-se-ia considerar que essa polêmica já anuncia embrionariamente mudanças previsíveis no saber desta FD. Na verdade, o assujeitamento da menina à sua FD balança, embora seu afrontamento da autoridade materna se dê principalmente em nível de pensamento, sendo totalmente amputado pela Mãe, quando expresso em palavras. Os efeitos de sentido que se mantêm neste domínio de Miranda, demonstram que seu discurso ainda se insere numa FD conservadora e moralista, em que a polissemia não passa de uma tentativa mal-sucedida.

## **8.2 A IMAGEM DA ESPERTEZA DA MENINA: UM NOVO LUGAR PARA CHAPEUZINHO**

Desde a edição de Perrault, a imagem de Chapeuzinho, que tem sido mantida através de repetidas paráfrases que garantem a permanência do mesmo, caracteriza-se pela ingenuidade, ignorância e medo. No entanto, principalmente no domínio de Miranda, mas também no de Adams, temos uma representação da imagem de Chapeuzinho que exhibe características de esperteza e coragem, contradizendo aquela mantida intacta por longo tempo no interdiscurso. Uma possível mudança já é anunciada pelo Narrador (N3), no momento em que denomina a menina Chapeuzinho de Palha e não Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho de Palha é colocada pelo Narrador, num contexto rural, no Rio Grande do Sul, com qual o seu chapeuzinho de palha está em total acordo. O Rio Grande do Sul é conhecido em todo o país por ter em sua história homens e mulheres (gaúchos e gaúchas) fortes, bravos e destemidos. Assim, a mudança do símbolo associado a Chapeuzinho, indica mudanças nas suas condições de produção e na sua própria imagem.

No domínio de Miranda, a imagem de Chapeuzinho de Palha é apresentada sob dois aspectos distintos: de um lado, na sua relação com a Mãe e, de outro, na sua relação com o Lobo. Na sua interlocução com a Mãe, apesar de o polêmico existir no nível do pensamento da menina, e de existir até uma verbalização de sua inconformidade com o estabelecido, não chega a se concretizar uma reversão do sentido. A relação histórica se mantém, continuando assimétrica entre Mãe e filha. Poder-se-ia considerar que essa manutenção faz parte da organização básica das relações familiares, instituída desde que se tem notícia dos primeiros grupos familiares. Mantém-se também, com isso, a moral da FD, que é a razão do discurso autoritário da Mãe. A moral que se estabelece no discurso moralista é parafraseada aqui.

Na sua relação com o Lobo, modificam-se as posições-sujeito ocupadas na relação agressor/agredido que se estabelece em Perrault e continua sendo parafraseado desde então. Chapeuzinho de Palha passa da posição de agredida, que sempre ocupou, à de agressora, que neste domínio passa a ocupar. Assim, enfrenta e agride o Lobo, evidenciando que passa a ocupar uma nova posição-sujeito. Essa mudança de posição se apóia em características novas (esperteza e agressividade) que Chapeuzinho de Palha

apresenta e que se opõem àquelas que apresentava Chapeuzinho Vermelho, iniciando-se em Perrault (ingenuidade/ignorância e medo) e mantendo-se no interdiscurso. Surge, pois, um aspecto novo na sua imagem que também indica a presença do discurso polêmico, conforme se pode observar nas SDs que serão analisadas a seguir.

JFM - sd 77 -

(N3): “Aí Chapeuzinho de Palha chegou ao chalé da Vovozinha. **Estranhou encontrar a porta entreaberta.**

(CP3)- “**Vovozinha está de juízo frouxo...**”

Chapeuzinho de Palha entrou.

(N3)**O que aconteceu com Chapeuzinho de Palha**

Chapeuzinho de Palha atravessou a saleta e sofreu na porta do quarto. O quarto quase escuro. Chapeuzinho de Palha achegou-se mais.

(CP3)- “Oh, Vovozinha” - exclamou menina, **muito espantada** - “como a senhora tem orelhas grandes!”

(L3)- “É para melhor te ouvir, minha neta!”

(CP3)- “Oh, Vovozinha, como a senhora tem olhos grandes!”

(L3)- “É para melhor te ver, minha neta!”

(CP3)- “Oh! Vovozinha, como a senhora tem o nariz grande!”

(L3)- “É para melhor te cheirar, minha neta!”

(N3) Chapeuzinho de Palha **estranhou** a Vovó querer cheirá-la. Afinal não era perfume ou coisa parecida”

JFM - sd 78 -

(CP3): “Vieram aqui para me contar o quê? (N3)**desconfiou** Chapeuzinho de Palha, torcendo o narizinho e mordendo os lábios por dentro das bochechas - um jeito muito dela quando ficava nervosa ou zangada.

O cusquinho gania cain! cain e latia au!au! e saltava para tudo que é lado. O petiço empinava e relinchava. Até o gato, no portão, miava.

Chapeuzinho de Palha **entendeu** o recado dos bichos, porque nesta novela eles falavam e as pessoas **entendiam, algumas com dificuldades, outras, não.**

Chapeuzinho de Palha voltou para a camarinha da Vovó e **gritou:**

(CP3)- “Lobo-guará safado! Fora! Rua, mentiroso! Onde está a Vovozinha?”

(N3)**A pupilas escuras de Chapeuzinho de Palha faiscavam de brabeza. Ela quase chorava de raiva raivante e zurzia o tento de couro como se fosse chicote.”**

GA - sd 73 -

(CV4): “Vovó...”, disse Chapeuzinho Vermelho, **nem um pouco convencida** de que aquela era mesmo a querida Vovó de quem ela gostava tanto, você tem uns dentes imensos!”

A representação da esperteza de Chapeuzinho de Palha no domínio de Miranda e de Chapeuzinho Vermelho, no domínio de Adams constrói-se principalmente através da natureza lexical de verbos como *estranhou*, *desconfiou*, *entendeu*; locuções verbais como *nem um pouco convencida*, na voz do Narrador (3) e (4) e de juízos de valor que ela (CP3) emite, como: *Vovozinha está de juízo frouxo*.

Chapeuzinho de Palha não se deixa enganar (seduzir) pelo Lobo, depois de “entender” que estava sendo enganada por ele, ela não se entrega ao Lobo, preserva sua virtude, que é o que dela se espera. Assim, mantém-se o discurso moralista e autoritário que impõe à menina-moça a preservação de sua virgindade (“virtude”). A imagem de Chapeuzinho de Palha, que representa a menina-moça, é construída nesta FD, onde o feminismo já faz parte de suas condições de produção. Por isso, ela “sabe”, não é ignorante/inocente como nos domínios iniciais; assim, não se deixa enganar pelo Lobo, desmascara-o, chama-o de “mentiroso” e com isso passa a ocupar uma posição-sujeito diferente daquela que estava cristalizada no interdiscurso. Nesta posição, troca de lugar com o Lobo e o Narrador assim descreve sua ação na sua posição de agressora:

JFM - sd 78 - (N3): “zurzia o tento de couro como se fosse chicote”

JFM - sd 80 - (N3): “Chapeuzinho de Palha dando cada uma lambada de arder os ossos”

No domínio de Adams, a menina também reage ao assédio do Lobo, não se deixando enganar ou seduzir. Mantém-se, pois, ainda, o sentido de que a menina deve proteger sua “virtude”. Não podendo lutar contra o Lobo, por ser ainda criança e estar em situação de inferioridade quanto à força física, ela pede auxílio externo:

GA - sd 81 - (N4): “Chapeuzinho deu um berro e saiu correndo porta a fora pedindo socorro.”

Este sentido de esperteza da menina, ou talvez sensatez mais do que esperteza, também se evidencia na sua interlocução com a avó, no domínio de Miranda:

JFM - sd 82 -

(Avó): “- Não tens medo do Lobo-guará, minha neta?”

(CP3) -“Qual, Vovó, quem teme, não vive...”

(Avó) -“Muito trambelho, minha neta, muito acerto nos miolos!”

(N3) Chapeuzinho de Palha sorriu:0

(CP3) -“Sei bem o que quero, Vovó!”

(N3) Chapeuzinho de Palha beijou o rosto murcho da Vovozinha e saiu para o sendeiro.”

A imagem da menina, agora mais esperta, tem, por isso, características diferentes, como se pôde ver. Seu discurso, no entanto, ainda não é capaz de instaurar a polissemia. Não consegue reverter o sentido do discurso da Mãe que manda. Isto está estabelecido na tradição ocidental. Pode-se notar, então, que existe uma movimentação

do sentido, mudam algumas peças do jogo, apesar de que, no fundo, a ordem vigente fica mantida e, também, o discurso com seu sentido.

Por outro lado, no que diz respeito à sua ação em relação ao lobo, esta só pode ser entendida no contexto de uma FD onde os sentidos se movimentam e criam com isso uma ambigüidade discursiva, como a chamou Grantham (1996, p.157). Para a autora, é “um processo de extrema significação, já que ele abre caminho para o diferente e para o que não deveria ser dito (mas que finalmente é dito)”. As condições de produção do discurso de Chapeuzinho de Palha já incluem a visão feminista e o advento da pílula anti-concepcional. O sentido do perigo do Lobo e da ameaça que ele representa para todas as meninas/moças, na figura das Chapeuzinhos Vermelho/de Palha, permanece através do interdiscurso. Mas o contexto se altera e as meninas-moças já não são mais ignorantes, tendo talvez aprendido com a esperteza histórica do Lobo.

Assim, pode-se perceber claramente que a submissão (contestada) à Mãe e a possibilidade de lutar contra o Lobo fazem parte dessa imagem emergente da nova posição-sujeito que passa a ocupar Chapeuzinho. No entanto, o discurso não chega a ser lúdico, pois os novos sentidos, que irrompem na interlocução e disputam seu lugar com os sentidos impostos pela tradição, não são capazes de modificar radicalmente a estrutura vigente e reverter efetivamente o sentido dominante inicial.

No final de tudo, a mãe ainda domina o espaço familiar. A menina, apesar de mais esclarecida, sabe que ainda deve resistir ao discurso sedutor do lobo. Guarda-se e resguarda sua virgindade, e continua ocupando a posição-sujeito de uma “boa menina”, como lhe ensinaram.

## **Resumindo o bloco 2**

Através da análise das seqüências discursivas que compõem este bloco de análise, revelou-se a imagem de uma Chapeuzinho de Palha esperta e corajosa, características que nos permitem afirmar que, na verdade, uma faceta da posição-sujeito se modifica e revela um novo lugar para a menina, diferente daquele que, através de paráfrases, garantiram, por longo tempo, a permanência do mesmo sentido.

Caracterizava-se a sua imagem pela ingenuidade, ignorância e medo, desde **Chapeuzinho Vermelho** de Perrault.

No domínio de Miranda, o que se modifica na imagem de Chapeuzinho de Palha é a sua relação com o Lobo. Nela, modificam-se as posições-sujeito que ocupam o Lobo (agressor) e Chapeuzinho de Palha (agredida) que se estabeleceram no domínio 1. E, surpreendentemente, Chapeuzinho de Palha passa a ocupar o lugar de agressora, enfrentando e agredindo o Lobo. A mudança, no entanto, não é radical, pois, ao não se deixar enganar pelo Lobo, ela preserva sua virtude, reafirmando, assim e ainda, seu assujeitamento à FD moralista. Essa mudança na sua relação com o Lobo tem como elementos de suas condições de produção, a visão feminista e o advento da pílula anti-concepcional.

Por isso, notamos essa mudança na imagem de Chapeuzinho de Palha na sua relação com o Lobo, embora não aconteça a mesma mudança na sua relação com a Mãe. O discurso polêmico, que se instaura com a evidência das novas características de Chapeuzinho de Palha e seu discurso correspondente, não consegue reverter o sentido do discurso da Mãe que manda, uma vez que isso parece estar profundamente enraizado na tradição ocidental.

### **8.3 A IMAGEM DO LOBO DERROTADO: UM NOVO LUGAR PARA O LOBO**

Apesar de que não se possa dizer que há uma mudança radical do saber da FD, poder-se-ia afirmar que, neste domínio temos um momento transitório em que acontece um trabalho de reformulação do sentido e que aponta para sua mudança

Neste domínio, o Lobo e Chapeuzinho, no seu confronto, assumem novas posições-sujeito, uma vez que, como trocam de lugar, a mudança de um supõe a mudança do outro. Ao mesmo tempo que a imagem de Chapeuzinho de Palha se torna mais forte pela agressividade e esperteza, surge a imagem do lobo medroso, covarde e derrotado, cuja ação e derrota são descritas pelo Narrador:

JFM -sd 83 -

(N3):“O Lobo-guará pulou dos lençóis, arreganhando os caninos, mas viu o Petiço, o Cachorro, o Gato e o Chapeuzinho de Palha dando cada uma lambada de arder os ossos - o Lobo-guará **ficou com medo, covarde** que ele era o Lobo-guará.

**Um estrupício**, o Lobo-guará fugindo, riscando a marca, a segurar as vestimentas. Ele se enrolou na cerca de arame farpado e catimbum! Trambalhou num cupim. Afocinhou na pocilga, embrabecendo a leiteoa de cria que amamentava os bacorinhos. O Lobo-guará levantou-se, imundo, trambecando. Perseguido pelo Petiço, pelo Cachorro, pelo Gato, pela Porca e a porcada, o Lobo-guará esfoguetado sumiu-se na curva extrema do carreiro...”

Dessa maneira, a imagem do Lobo perde a força e a astúcia que sempre foram sua marca registrada. Ganha, em contrapartida, uma característica que sempre fez parte da imagem da menina, nos domínios anteriores: o medo. As qualidades negativas do Lobo são descritas através de adjetivos, substantivo e locução verbal. Assim, o Narrador qualifica o Lobo como “imundo”, “esfoguetado” “covarde”; designa-o como “um estrupício”, e descreve sua mudança de posição-sujeito através de “ficou com medo”.

O medo de atacar de frente, a covardia, na verdade, fazem parte da paráfrase que tem caracterizado o Lobo nesta FD, ao longo dos tempos. Mas, além deste aspecto, o Narrador (N3 e N4) aponta também sua falta de habilidade, claramente ridicularizando sua imagem, o que o contrasta com aquela imagem de esperteza do Lobo que ressoa no interdiscurso e fragiliza sua imagem:

JFM - sd 83 - (N3): “Ele se enrolou na cerca de arame farpado e catimbum! Trambalhou no cupim”

JFM - sd 83 - (N3): “o Lobo-guará levantou-se imundo, trambecando”

JFM - sd 83 - (N3): “o Lobo-guará fugindo, riscando a marca, a segurar as vestimentas”

JFM - sd 83 - (N3): “sumiu-se na curva extrema do carreiro...”

GA - sd 84 - (N4): “O lobo tentou agarrá-la, mas tropeçou na camisola da vovó e o gorro de dormir, escorregou, cobrindo seus olhos. Ele não conseguia ver mais nada.”

Na forma como Chapeuzinho de Palha se dirige ao Lobo, no domínio de Miranda, tem-se um reforço da imagem que dele apresenta o Narrador (N3). De certa forma, quebra sua imagem de invencibilidade, revelando sua verdadeira face e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da real natureza do Lobo por parte da menina, ressaltando sua inteligência e coragem por chamar o Lobo pelos qualificativos nunca antes formulados:

JFM - sd 78 - (N3): “gritou:(CP3) Lobo-guará **safado!**”

JFM - sd 78 (CP3): “**mentiroso!**”

O elemento novo, no domínio 3, acontece principalmente na relação entre Chapeuzinho de Palha/Vermelho e o Lobo, na qual a menina se desloca de seu tradicional lugar de passividade e ingenuidade, reagindo, enquanto que o Lobo deixa de ser invencível e se fragiliza. A polissemia é uma tentativa parcialmente bem-sucedida no seu discurso e na sua ação com o Lobo, mas na sua relação com a Mãe permanece a reiteração do mesmo, através da paráfrase.

No domínio de Adams (4), esta mudança apenas ocorre no que diz respeito à ingenuidade da menina. Essas ocorrências da polissemia já anunciam as mudanças que aconteceram nas condições de produção, produzindo transformações do saber da FD e renunciando outras que ainda estão por vir.

### **Resumindo o bloco 3**

Assim como no bloco 2 analisamos as seqüências que conduziram a uma nova imagem de Chapeuzinho de Palha, neste bloco 3 analisamos as seqüências que nos forneceram evidências da nova imagem do Lobo - o lobo agredido, derrotado. A mudança de um implicou a mudança do outro. Por isso, como já afirmamos, não se pode dizer que há uma mudança radical do saber da FD, mas pode-se dizer que neste domínio temos um momento transitório em que acontece uma movimentação do sentido e que sinaliza mudanças.

A imagem do Lobo ganha características de fraqueza - o medo, aliado à covardia (que sempre esteve associada a ele) e perde a força, a astúcia e a invencibilidade com que sempre foi identificado. Torna-se uma triste imagem ridícula, que contrasta com aquela imagem imponente do Lobo que ainda ressoa no interdiscurso.

### **UM OLHAR FINAL SOBRE O RECORTE 3**

Pode-se notar, neste recorte, que o sentido dominante ainda é o da manutenção do saber da FD, preservando a hierarquia familiar e também a exigência da virtude feminina. Apesar de manter-se o esquema da obediência formal, podendo-se identificar

ainda a mesma FD, as condições de produção são diferentes daquelas em que se produziu o discurso do domínio de Perrault. A ideologia que existe dentro dessa FD, entretanto, ainda é a mesma, apesar de terem os limites se expandido um pouco, permitindo a presença do discurso polêmico e possibilitando, também, que Chapeuzinho e o Lobo ocupem novas posições-sujeito nesses limites. Mesmo assim, não seria possível falar em FD diferente.

Vimos que, no domínio de Miranda, a imagem de Chapeuzinho de Palha é apresentada de um lado, na sua relação com a Mãe e, de outro, na sua relação com o Lobo. Na sua relação com a Mãe, a relação histórica de obediência se mantém, continuando a haver hierarquia entre Mãe e filha. Podendo-se supor que essa manutenção faz parte da organização básica das relações que mantém a instituição familiar. Com isso, também se mantém a moral da FD, que embasa o discurso autoritário da Mãe. Apesar de existir o discurso polêmico, a reversão do sentido não chega a acontecer.

Na relação da menina com o Lobo, há uma inversão das posições-sujeito de agressor e agredido. Chapeuzinho de Palha é quem passa a ocupar a posição-sujeito de agressora (dominadora), e o Lobo de agredido (dominado), decorrentes de novas condições de produção e que lhe imprimem, também, características novas.

Assim, pode-se perceber claramente que a submissão (contestada) à Mãe e a possibilidade de lutar contra o lobo fazem parte dessa imagem emergente da nova posição-sujeito que passa a ocupar Chapeuzinho. No entanto, o discurso não chega a ser lúdico, pois os novos sentidos que irrompem na interlocução e disputam seu lugar com os sentidos impostos pela tradição não são capazes de modificar radicalmente a estrutura vigente e reverter efetivamente o sentido dominante inicial.

Lembrando mais uma vez a caracterização dos tipos de discurso proposta por Orlandi (1987, p.29), pode-se dizer que as marcas lingüísticas neste espaço discursivo evidenciam uma tensão do sentido dominante. Encontramos aqui o discurso polêmico, no qual se confrontam, através da reversibilidade controlada entre os interlocutores, o sentido instituído e o sentido que procura instituir-se. Assim, ora predomina o sentido já parafraseado desde a primeira edição de Perrault, em que sobressai uma exortação à obediência à autoridade em geral e, em específico, à autoridade materna, que dentro da FD burguesa se estabelece como padrão a ser seguido. Ora sobressai um sentido novo

proposto por Chapeuzinho de Palha na sua interlocução com a Mãe e com o Lobo, descritos na sua própria voz e também na voz do Narrador. A busca de ocupar um lugar como sujeito que tem o poder de decidir sobre o seu dizer e agir, propondo modificações “no que pode ser dito e feito”.

A mudança de um discurso de medo e dependência, em vigor durante muito tempo, por um discurso que permite à jovem mulher dizer “quem teme não vive”, “Sei bem o que quero, Vovó!” e à sua avó dizer: “Muito trambelho, minha neta, muito acerto nos miolos!” é, com certeza, uma pista de que ocorreu uma transformação do saber da FD e que a tornam diferente daquela em que a Mãe pede obediência e lhe diz o que fazer.

## 9 O DISCURSO “POLITICAMENTE CORRETO”

Neste recorte, pretendemos ocupar-nos do discurso politicamente correto, que existe no domínio discursivo de James F. Garner. Nele ressoa o discurso das primeiras versões de “Chapeuzinho Vermelho” (domínios 1 e 2). Entretanto, a mudança nas condições de produção gera uma mudança de sentido - o que pode e deve ser dito nesta FD politicamente correta já não é o mesmo que pode e deve ser dito nas FDs de Perrault e Grimm.

É um discurso que ainda possui elementos do discurso pedagógico, apesar de não ser explicitamente autoritário. É um pedagógico que aposta na sutileza do jocoso para ensinar. Ensinar agora não mais os sentidos que se encontravam nos domínios de Perrault e Grimm, e sim, esses sentidos transformados, contradizendo até certo ponto alguns dos sentidos já postos, renomeando conceitos, como que para “limpá-los” de definições hoje consideradas preconceituosas. Dessa maneira, enquadra-se nos princípios do politicamente correto que, nas palavras de Siblot (1995, p.60), é o da “moralização do vocabulário”. Em última instância, moralizar o vocabulário significa, na verdade, moralizar o seu sentido, ou seja, dar-lhe um novo sentido moral, ético. Nesse domínio, a moral que vigia nos domínios de Perrault e Grimm busca ser invalidada, a fim de instituir uma nova ética e, assim, ensinar, não mais o velho sentido, mas um sentido novo. Para Borges (1996), o movimento pelo politicamente correto conjuga duas vertentes de matiz autoritário:

“a) apresenta-se como uma espécie de guia orientador quanto à forma de conter publicamente hábitos que possam ser considerados preconceituosos, b) funciona como um parâmetro (um cânone) censório, na medida em que faz uso de pressão social para enquadrar, em posição de opróbrio, os que incorrem em atitudes atentatórias ao que se auto-legitima como politicamente correto” (p.109)

Na opinião que o próprio James Garner (1994, introd.) emite sobre suas histórias, “Chapeuzinho Vermelho”, como outras histórias infantis, cumpriu o seu propósito de disciplinar as pessoas através da repressão de seus impulsos naturais, criando uma divisão estanque e maniqueísta do “mal” que devia ser punido e do “bem” que devia ser recompensado. Entretanto, ao dizer que hoje temos a obrigação de repensar essas histórias consideradas clássicas, Garner está também afirmando que seus

sentidos precisam ser “atualizados”, afirmando, com isso, que houve mudanças nas condições de produção. Para vir ao encontro dessas mudanças, que ele chama de “tempos mais esclarecidos”, segue os princípios do politicamente correto e **corrige a forma** de dizer os fatos. Assim, propõe-se a **redizer** os fatos na forma considerada hoje “politicamente correta”, mascarando o sentido velho com uma roupagem nova.

Esse procedimento pode ser visto como o que Orlandi (1995) define como “política do silêncio” que, afirma ela, “se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada.” Esta política”, continua ela, “instala o antiimplícito: se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito.” (p.75-76). Ficam proibidas certas palavras como se essa proibição se estendesse também aos sentidos. Dessa maneira, o não-dito fica necessariamente excluído e apagam-se os sentidos que se quer evitar. Orlandi ainda afirma que “é nesse nível que funciona a ‘forclusão’ do sentido, o silêncio constitutivo, ou seja, o mecanismo que põe em funcionamento o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer” (id.).

Assim, poder-se-ia afirmar que o que ocorre no domínio de Garner, seguindo as recomendações dos princípios do politicamente correto, é exatamente esse silenciamento do que não deve ser dito, porque assim esse sentido do que não foi dito (o não-dito) fica automaticamente excluído e passa a não existir. Por isso, existe uma certa censura embutida nessa “filosofia” que “asfixia”, como muito apropriadamente diz Orlandi, o sentido do não-dito.

Essa censura também interdita claramente a circulação do sujeito, uma vez que, ao proibir certos sentidos, também proíbe ao sujeito que ocupe certos lugares, certas posições do sujeito, já que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo no discurso, como lembra Orlandi (1995, op.cit., p.78).

A filosofia do politicamente correto visa a promover, na opinião de Borges (1996), “o reordenamento das relações entre os diversos segmentos da sociedade, reordenamento esse orientado por uma prática ética que se revela imbuída de maniqueísmo, visto que submetida à dicotomia correto/incorreto” (op.cit., p.109). Pode-se perceber, então, que existe no discurso politicamente correto uma censura que o permeia, através dessa política de silenciamento local. Para Orlandi (1995), a censura é “um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que

estão em relação” (p.78) e pode-se perceber que temos, no domínio de Garner, uma nova FD, na qual se estabelecem regras que produzem novos sentidos.

Por este motivo, consideramos que o propósito da história **Chapeuzinho Vermelho**, no domínio de Garner, ainda continua sendo, em certa medida, o de ensinar, mas agora aquilo que é considerado “politicamente correto”, ou seja, o que pode e deve ser dito dentro desta nova FD. Também se trata de um discurso autoritário, sendo um novo tipo de autoritário, uma vez que o sujeito também só pode ocupar a posição que lhe é destinada, para produzir os novos sentidos que lhe são permitidos.

Considerada por Borges (op.cit., p.110) como “uma forma de controle social sempre vigilante, a evitar que sejam cometidos atos que violentem, ou que atentem aos direitos dos vários segmentos sociais, seja por alusão à cor , à origem étnica, à condição social, sexual ou à atividade econômica, etc.”, a filosofia do politicamente correto institui-se como uma forma de “vigilância e patrulhamento” que apenas corrige a forma de dizer, alterando-a para que não transpareça o preconceito, mas não corrige o preconceito. Corrigindo o modo de dizer, mascara o sentido. Ou seja, o que se condena não é exatamente o preconceito em si, mas a **forma preconceituosa** de dizê-lo. Em outras palavras, o preconceito continua existindo, mas fica proibido expressá-lo. O que acontece é seu silenciamento, não sua eliminação.

Assim, inserindo-se no discurso politicamente correto, Garner também aponta, de forma clara ou velada, o discurso politicamente incorreto. Ou seja, se também indica um certo e um errado, é tão maniqueísta e moralista quanto o discurso que critica. O certo e errado apenas mudam de lugar, quando mudam, mas um é tão dogmático quanto o outro.

Dentro desse movimento de “correção”, de “moralização” ou, poder-se-ia dizer, de “remoralização” do sentido que ocorre no domínio de Garner, podemos detectar, no interior dos enunciados, a ressonância discursiva de algo que está sendo contestado – o não-dito.

Pode-se acompanhar esse esforço de reformulação do sentido ao longo de todo o domínio discursivo de Garner. Lê-se um implícito - algo que foi uma vez o que podia e devia ser dito, que permanece como um já-dito no interdiscurso, mas que é agora o que não pode e não deve ser dito. Instaura-se assim o “antiimplícito”, como o chamou Orlandi, que contradiz o já-dito interdiscursivo, o qual é transformado num não-dito

discursivo, que deve ser corrigido. Isso se revela na voz do Narrador neste domínio, bem como na voz dos demais sujeitos. Essas vozes acusam uma mudança de sentido que ocorreu em relação àquele que se estabelece nas primeiras versões - de Perrault e Grimm.

O Narrador ocupa-se de sentidos hoje considerados preconceituosos e que fazem parte do discurso discriminatório que tem acompanhado a ideologia burguesa por longo tempo. Na sua posição-sujeito de corretor do discurso, o Narrador busca retificar essas imagens e sentidos que ressoam no interdiscurso.

Identificamos ao longo de todo o discurso no domínio de Garner, exemplos de formas explícitas de encobrir preconceitos/ discriminações:

a) negação da discriminação contra a mulher:

JFG - sd 85 - (N7):

“Um dia sua mãe lhe pediu que levasse uma cesta de frutas e água mineral para a casa de sua avó - **não que isso fosse trabalho de mulher**, mas porque a ação era generosa e ajudava a criar um sentimento de comunidade.”

b) negação do rótulo de fragilidade da mulher:

JFG - sd 86 - (CV7):

“Invadindo este lugar como um Neanderthal, confiando à sua arma a tarefa de pensar por você!” (N7) ela exclamou. (CV7) **Sexista! Especista! Como ousa presumir que mulheres e lobos não possam resolver seus problemas sem a ajuda de um homem!**”

c) negação da discriminação contra o idoso, contrariando sua imagem de fragilidade e doença:

JFG – sd 87 - (N7):

“Além disso, **sua avó não estava doente, mas estava em plenas condições de saúde física e mental e inteiramente capaz de tomar conta de si mesma** como uma pessoa adulta madura.”

JFG - sd 88 - (N7):

“Quando a vovó ouviu o discurso inflamado de Chapeuzinho Vermelho, ela pulou para fora da boca do bolo, **pegou o machado do lenhador e cortou-lhe a cabeça.**”

d) negação da interpretação dos símbolos psicanalíticos:

JFG - sd 89 - (N7):

“Muitas pessoas acreditavam que a floresta era um lugar agourento e perigoso e nunca punham o pé lá. Chapeuzinho Vermelho, entretanto, tinha confiança suficiente na sua própria sexualidade emergente que tal **imagem obviamente freudiana** não a intimidava.”

e) negação da discriminação contra o marginal, considerando sua postura politicamente incorreta efeito da própria discriminação histórica contra o mesmo:

JFG - sd 90 - (N7):

“O lobo disse (L7) “Sabe, minha querida, não é seguro para uma menina andar por estes bosques sozinha.”

(N7) Chapeuzinho Vermelho disse (CV7) “Eu acho seu comentário **sexista** e ofensivo ao extremo, mas vou ignorá-lo por causa da sua **tradicional condição de marginal, o que** **deve ter** **lhe causado um estresse** que o fez desenvolver sua visão de mundo própria, **inteiramente** válida.”

JFG - sd 91 - (N7):

“Ele (o Lobo) irrompeu casa adentro e comeu a vovó, **uma ação completamente válida para um carnívoro como ele.**”

f) negação da discriminação contra as opções sexuais não tradicionais:

JFG - sd 91 - (N7):

“Depois, **liberto das noções tradicionais rígidas do que é masculino ou feminino**, ele vestiu a roupa de dormir da vovó e se enfiou na cama.”

JFG - sd 92 - (N7):

“Chapeuzinho Vermelho gritou, **não porque ela estivesse alarmada a respeito da aparente tendência do lobo de travestir-se**”

g) negação da discriminação contra deficientes físicos, através do uso de eufemismo:

JFG - sd 93 - (N7):

“Da cama, o lobo disse suavemente, (L7) Chegue mais perto, filha, para que eu possa vê-la.”

(N7) Chapeuzinho Vermelho disse, (CV7) “Oh, eu esqueci que você é tão **deficiente visualmente** como um morcego. Vovó, que olhos grandes você tem!”

h) negação dos padrões de beleza discriminatórios:

JFG - sd 94 - (CV7):

“Vovó, que nariz grande você tem - **só relativamente, é claro, e certamente atraente à sua própria maneira.**”

i) negação da discriminação contra a imagem do homem (forte, audaz):

JFG - sd 95 - (N7):

“O lobo disse, (L7) **“Eu estou contente de ser quem eu sou”** (N7) e pulou para fora da cama. Ele agarrou Chapeuzinho Vermelho com suas garras, com a intenção de devorá-la.’

j) exortação ao respeito pela privacidade:

JFG - sd 96 - (N7):

“Chapeuzinho Vermelho gritou, (. . .) **por causa da proposital invasão do lobo no seu espaço pessoal.**”

l) negação da discriminação contra certas ocupações pouco valorizadas, através do uso de renomeação:

JFG - sd 97 - (N7):

“Seus gritos foram ouvidos por um lenhador (ou **técnico de lenha para combustível, como ele preferia ser chamado**) que ia passando.”

m) negação da discriminação contra todas as formas de constituição familiar diferente da tradicionalmente estabelecida:

JFG - sd 98 - (N7):

“Depois desta provação, Chapeuzinho Vermelho, vovó e o lobo sentiram alguma coisa em comum em seus propósitos. Decidiram **construir um lar alternativo** baseado em respeito mútuo e cooperação, e viveram juntos e felizes no bosque para sempre.”

Pudemos observar nesses exemplos a presença de muitas discriminações tradicionalmente encontrados na sociedade burguesa ocidental, como a discriminação contra a mulher, o mito da fragilidade da mulher, a imagem de fragilidade e doença do idoso, a discriminação contra o marginal, a discriminação contra as opções sexuais não tradicionais, a discriminação contra deficientes físicos, o estabelecimento de padrões de beleza discriminatórios, a desvalorização de certas ocupações, etc. Ao abordá-los, o Narrador, no domínio de Garner, mostra sua inscrição nos princípios do politicamente correto e ensina a forma desejável de se abordar esses aspectos de maneira não-discriminatória.

Passamos a cotejar, nos próximos blocos, no domínio de Garner, o sentido que se estabelece em Perrault e Grimm a respeito da imagem do perigo, da menina, do que é considerado “adequado” e o que não o é para uma moça, a imagem do Lobo, o prêmio e o castigo.

### 9.1 A IMAGEM DO PERIGO

Entre as imagens que foram instauradas nos domínios mais antigos, a imagem do perigo é uma das que não se modificam na nova FD e se mantém ainda associada à floresta e, por extensão, ao Lobo, porque ele nela habita. Pode-se encontrar na SD abaixo esta imagem reiterada:

JFG - sd 89 - (N7):

“**Muitas pessoas acreditavam que a floresta era um lugar agourento e perigoso e nunca punham o pé lá.** Chapeuzinho Vermelho, entretanto, tinha confiança suficiente na sua própria sexualidade emergente de maneira que tal imagem obviamente freudiana não a intimidava”

As pistas lingüísticas são claramente indicadas pela escolha lexical - os adjetivos *agourento* e *perigoso* referem-se à floresta. Esta qualificação dada à floresta torna-se a causa pela qual *nunca punham o pé lá*, que é uma conseqüência. A relação de causa e conseqüência fica estabelecida pelo conetivo “e”, onde se subentende “e por isso” nunca punham o pé lá.

No entanto, essa imagem que se impôs como sentido único por um longo tempo, é alterada pelo Narrador (N7) quando diz que *Muitas pessoas acreditavam*. Então, se **muitas pessoas acreditavam**, está também dito, lendo-se ao contrário, que **outras não acreditavam**. Assim, um sentido único que está posto nos primeiros domínios como verdade universal, está aí contestado. Tem-se, com isso, que a idéia de perigo para algumas pessoas é verdadeira e para outras não.

Em outra seqüência discursiva, pode-se também perceber que, além de estar na voz do Narrador, essa imagem também está na voz do Lobo, estabelecendo-se entre ambas uma ressonância intradiscursiva:

JFG - sd 90 - (N7):

“O lobo disse (L7) ‘Sabe, minha querida, não é seguro para uma menina andar por estes bosques sozinha.’

Chapeuzinho Vermelho disse “Eu acho seu comentário sexista ofensivo ao extremo, mas vou ignorá-lo por causa da sua tradicional condição de marginal, o que deve ter lhe causado um estresse que o fez desenvolver sua visão de mundo própria, inteiramente válida. Agora, se você me dá licença, eu preciso ir.”

Neste domínio de Garner, portanto, a voz do Narrador e a voz do Lobo retomam, num primeiro momento, o sentido do perigo, instaurado em Grimm, que ressoa no interdiscurso e que atribui à floresta qualidades negativas. No domínio de Perrault, a referência não é a floresta e sim o próprio Lobo, que traz a imagem da falsidade de certos homens no contato com a mulher. Retomemos a moral em que Narrador (N1) assim descreve o perigo:

PER - sd 17 - (N1):

“Eu digo o lobo porque todos os lobos / Não são do mesmo tipo./ Existe um que é manhoso/  
Macio, sem fel, sem furor./ Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,/ Persegue as jovens moças/  
Até em suas  
casas e seus aposentos. (. . .) esses lobos melosos/ de todos eles são os mais perigosos.”

Em Grimm, ouve-se na voz da Mãe:

GRI - sd 2 - (M2):

“vai bem comportada e não te desvies do caminho, e não inventes de correr pela mata”

Portanto, se “não inventes de correr pela mata” é a ordem da Mãe, a mata é o que deve ser evitado, o proibido, porque representa o perigo. É o que foi ensinado - a partir da instauração do sentido em Perrault e Grimm - que a floresta (a vida e, metaforicamente, o contato com o homem (lobo) tem representado uma imagem de perigo.

Essa imagem de perigo da floresta, segundo o Narrador em Garner, é uma imagem *obviamente freudiana*, e se refere ao perigo de possível assédio sexual às moças, porque lá se encontra o Lobo Mau (o homem que é mau e perigoso). Por isso, nos domínios de Perrault e Grimm, o contato das moças com o homem deveria sempre ser evitado, a não ser quando respaldado pelo casamento; porque são indefesas as moças (inocentes, ignorantes) e tratadas como tal; o homem, por sua vez, é sempre mau. Nota-se, então, que o sentido do perigo masculino, que se inaugura em Perrault, fica

mantido, no domínio de Garner, apesar de ser o próprio Lobo, a decantada fonte do perigo, quem a adverte do perigo que ela corre na floresta, por ser **menina** e estar **sozinha**.

Assim, se por um lado, ratifica a admoestação da Mãe em Grimm, de que a mata representa um perigo, por outro lado, sendo o Lobo, a própria fonte de perigo, que faz a admoestação, faz supor que já não ocupe a mesma posição-sujeito que lá (nos domínios 1 e 2) ocupava. Temos, então, em certa medida, uma reversão de papéis. Vê-se o Lobo ocupando aqui uma posição que era anteriormente ocupada pela Mãe - do sujeito que admoesta, que ensina. Apesar de que a fonte do perigo na floresta ainda é o Lobo, ele não engana a menina. Ele lhe diz claramente que *não é seguro para uma menina andar por estes bosques sozinha*". Assim, dá uma responsabilidade maior à escolha que faz a menina/moça. Ela pode escolher correr riscos, ou não.

### **Resumindo o bloco 1**

Analisamos neste bloco as seqüências discursivas em que pudemos identificar a imagem do perigo. Apesar de se tratar de uma nova FD, observamos que não ocorre mudança de sentido em relação ao sentido do perigo que se instaura na FD moralista em que se inscrevem os domínios 1 e 2, que consideramos os domínios arquetípicos. O perigo permanece ainda associado à floresta e ao Lobo. Este perigo é indicado pela Mãe (M2), quando aconselha a menina que evite a floresta, que metaforicamente representa o contato com o homem (lobo).

No entanto, sendo o próprio Lobo quem faz essa admoestação no domínio de Garner, fica sinalizado a mudança da posição-sujeito que lá ocupava. Observa-se, assim, em certa medida, uma reversão de papéis, o Lobo assumindo certas características da posição-sujeito admoestadora da Mãe, mas permanecendo ainda como fonte do perigo para a menina.

## **9.2 A IMAGEM DA MENINA**

Todo este sentido de perigo, que ainda se mantém no domínio de Garner com relação à floresta, apoia-se na agressividade e esperteza do Lobo e na fragilidade e ignorância da menina e no fato de ser a floresta o lugar onde se encontra o Lobo. O sentido novo que se instaura neste domínio refere-se à imagem de Chapeuzinho e é posto na voz do Narrador:

JFG - sd 91- (N7):

“Chapeuzinho Vermelho, entretanto, tinha confiança suficiente na sua própria sexualidade emergente de maneira que tal imagem obviamente freudiana não a intimidava.”

Compararemos então:

JFG - sd 89 - (N7):

“Muitas pessoas acreditavam que a floresta era um lugar agourento e perigoso e nunca punham o pé lá.

Com:

GRI - sd13 - (CV2):

“Mas Chapeuzinho Vermelho pensou: “Pelo resto de minha vida nunca mais vou sair do caminho sozinha e entrar na floresta se a mamãe o tiver proibido”

Podemos observar que na seqüência discursiva 89 o Narrador (N7) fala de “muitas pessoas” que não “punham o pé lá”. Já em Grimm (sd13), é Chapeuzinho Vermelho (CV2) que diz que nunca mais vai entrar na floresta. No domínio de Garner, portanto, diferentemente de Grimm, Chapeuzinho Vermelho não se deixa intimidar pela imagem da floresta. Cotejando as posições-sujeito temos:

Muitas pessoas  $\neq$  Chapeuzinho Vermelho (7)

Muitas pessoas = Chapeuzinho Vermelho (1, 2)

Chapeuzinho Vermelho (7)  $\neq$  Chapeuzinho Vermelho (1, 2)

Assim, pode-se concluir que, entre as duas SDs mencionadas, existe uma paráfrase discursiva em que há lugar para o diferente e que as posições-sujeito de CV2 e CV7 já não são as mesmas. Isto é reforçado pelo Narrador (N7), quando diz que

Chapeuzinho Vermelho (CV7) *tinha* [auto]confiança suficiente e que a *imagem freudiana* da floresta não a intimidava. As duas seqüências representam diferentes formulações de um enunciado dividido que remetem para posições-sujeito diferentes, inscritas em FDs diferentes.

Mesmo em outras condições de produção, essas imagens do perigo permanecem (na voz do Narrador e do Lobo). No entanto, é o próprio Narrador que faz a “correção política” do sentido do medo, ao dizer que Chapeuzinho *tinha confiança na sua própria sexualidade emergente* e não se intimidava. Então, apesar de ainda existir o perigo e de o Lobo continuar agressivo e voraz, como o era nos domínios mais antigos em que se instauram estas imagens, as moças, como quer o discurso politicamente correto, não são mais frágeis e ignorantes e devem ter autoconfiança quanto a suas possibilidades de experiências sexuais. Além disso, não deve ser feita distinção nas ações permitidas às pessoas, baseada na diferença sexual. Homens e mulheres devem ter oportunidades iguais de experiências sexuais. No entanto, essa autoconfiança que advém do conhecimento das moças sublinha ainda mais sua responsabilidade pelo “ceder” ou “não ceder” ao Lobo.

A imagem de fragilidade da menina que existe no interdiscurso decorre da sua ignorância/inocência. Nas atuais condições de produção, não existe a ignorância/inocência de Chapeuzinho. Ela conhece o Lobo e o que ele significa. Assim, quando o Lobo recupera a sua própria imagem de perigo, dizendo-lhe que *não é seguro para uma menina andar pelo bosque sozinha*, traz aquela imagem solidificada durante longo tempo e que nos fala de uma menina que deve temer “o bosque”. O discurso da nova Chapeuzinho, sob a ótica do politicamente correto, repudia essa fragilidade e esse perigo e dialoga de um lugar em que está, no mínimo, em condições de igualdade com o Lobo, quando diz:

JFG -sd 92 - (CV7):

“Eu acho seu comentário sexista e ofensivo ao extremo, mas vou ignorá-lo por causa da sua tradicional condição de marginal, o que deve ter lhe causado um estresse que o fez desenvolver sua visão de mundo própria, inteiramente válida.”

Ao dizer que considera o comentário do Lobo *sexista e ofensivo ao extremo*, também afirma que o Lobo é sexista bem como todos os que antes dele fizeram essas mesmas admoestações. Sexista é uma posição-sujeito não mais tolerada na nova FD e,

portanto, comentários sexistas são rechaçados e sujeitos sexistas são politicamente incorretos.

Ao mesmo tempo, diz que vai *ignorar* o comentário do Lobo porque vem de alguém em quem ela não reconhece autoridade para lhe fazer admoestações. Diz Chapeuzinho Vermelho: *vou ignorá-lo por causa da sua tradicional condição de marginal, essa condição deve ter lhe causado um estresse que o fez desenvolver sua visão de mundo própria, inteiramente válida.*

A colocação do Lobo numa *condição de marginal* assim considerada *tradicionalmente*, (ele é o “mau sujeito” desde a FD moralista de Perrault), justifica a sua visão de mundo própria, na qual as meninas sozinhas são seres desprotegidos e correm perigo.

### **O certo e o errado, ou, o que convém e o que não convém a uma moça**

Se compararmos o que consta nos três domínios: no de Perrault, no de Grimm e no de Garner, pode-se constatar que, em cada um deles, fica estabelecido o que convém e /ou o que não convém a uma moça, ou o certo e o errado para uma moça. Em Perrault, o Narrador estabelece **o que não convém**, quando diz: “principalmente as moças,/lindas, elegantes e educadas, /fazem muito mal em escutar /qualquer tipo de gente.”

Já no domínio de Grimm, pode-se ler **o que convém e o que não convém** às moças na voz da Mãe, que diz: “quando chegares lá fora, vai bem comportada (**convém**) e não te desvies do caminho, e não inventes de correr pela mata (**não convém**)”.

No domínio de Garner, não existe modificação de sentido quando o Narrador diz (JFG - sd 91 - N7): “Chapeuzinho Vermelho continuou caminhando pelo caminho principal”; reitera, assim, o sentido **do que convém**. Apesar de ter liberdade para fazê-lo, Chapeuzinho não se afasta do caminho principal, seguindo os conselhos iniciados na tradição da qual o Narrador, nos domínios de Perrault e de Grimm, é porta-voz.

Assim, pode-se concluir que o caminho recomendado às “boas meninas”, o caminho principal e não os desvios, continua sendo o que ela, como uma “boa menina”, deve seguir e segue. Não se desvia, como as Chapeuzinhos de outros domínios. Apesar de estar na floresta, não se desvia do caminho principal.

Então, o que se pode ler no implícito, é que, apesar de a floresta ser um lugar perigoso e o Lobo ser um marginal justificado, sempre pronto a “comer carne”, a menina/moça agora é informada, consciente do perigo e responsável pelos seus atos. Mesmo assim continua, por opção, não por obrigação, atendo-se ao caminho principal, que é possivelmente ainda o “bom caminho” dos domínios de Perrault e Grimm. Nesse sentido, pode-se notar que, apesar de serem diferentes as condições de produção, o saber desta FD politicamente correta não é tão diverso em relação à FD moralista quanto a princípio aparentava ser.

## **Resumindo o bloco 2**

Acabamos de examinar, neste bloco discursivo, um sentido novo que se inaugura e modifica a imagem de Chapeuzinho Vermelho no domínio de Garner. A imagem de perigo continua sendo representada, pela floresta e pelo Lobo nesta FD, mas observamos que CV2 e CV7 já não ocupam as mesmas posições-sujeito, inscritas que estão em FDs diferentes. Ao invés do medo que tinha Chapeuzinho Vermelho, no domínio de Grimm, a Chapeuzinho Vermelho, no domínio 7, tem auto-confiança, não se intimidando com o perigo.

Não se modifica a imagem de agressividade e de voracidade do Lobo, no discurso politicamente correto, o que se modifica basicamente é a imagem das moças que não são mais frágeis e ignorantes, mas estão em condições de igualdade com o Lobo.

O que se pôde ainda observar, nos três domínios analisados neste bloco discursivo, (1, 2 e 7), é o estabelecimento do certo/errado para as moças, sendo que, apesar de serem outras as condições de produção, o saber desta FD politicamente correta não difere tanto da FD moralista quanto a princípio supúnhamos.

### **9.3 A IMAGEM DO LOBO**

A imagem do “Lobo Mau”, que se inaugura em Perrault e Grimm, e se mantém no interdiscurso através das versões posteriores, apóia-se num sentido de maldade,

falsidade e esperteza do Lobo; o Lobo (o homem) é mau e isto é mau socialmente e envolve perigo; o Lobo é o “lobo mau” e isso sintetiza tudo. Em Perrault constava que “esses lobos melosos/ de todos são os mais perigosos”; em Grimm, o Lobo constava como “bicho malvado”, “manhoso”, “esperto”, “pecador”. Já no domínio de Garner lê-se sobre o Lobo na voz de Chapeuzinho Vermelho:

JFG - sd 92 - (CV7):

“Chapeuzinho Vermelho disse”Eu acho seu comentário sexista ofensivo ao extremo, mas vou ignorá-lo por causa da sua **tradicional condição de marginal**, o que **deve ter lhe causado um estresse que o fez desenvolver sua visão de mundo própria, inteiramente válida**. Agora, se você me dá licença, eu preciso ir.”

Na voz do Narrador, ouve-se sobre o Lobo que:

JFG - sd 91 - (N7):

“Chapeuzinho Vermelho continuou caminhando pelo caminho principal. Mas porque **sua condição de marginal o tinha libertado da aderência escravizada ao estilo de pensamento linear ocidental**, o lobo conhecia um atalho mais rápido para chegar à casa da vovó. Ele irrompeu casa adentro e comeu a vovó, **uma ação completamente válida para um carnívoro como ele**. Depois, **liberto das noções tradicionais rígidas do que é masculino ou feminino**, ele vestiu a roupa de dormir da vovó e se enfiou na cama.”

Observa-se, então, que sua tradicional condição de marginal, reafirmada na voz de Chapeuzinho Vermelho (CV7) e do Narrador (N7), tem, na verdade, uma conotação própria:

- a) deve ter lhe causado um estresse
- b) o fez desenvolver uma visão de mundo própria
- c) o tinha libertado da aderência escravizada ao estilo de pensamento linear ocidental
- d) (o tinha) liberto das noções tradicionais rígidas do que é masculino ou feminino

Nota-se, pois, que no domínio de Garner, a imagem do marginal tem dois lados: o negativo (assim considerado tradicionalmente), mas também, surpreendentemente, um lado positivo. A correção política do discurso se faz presente aí, recuperando a imagem de “marginal” e de “carnívoro”. Ou seja, ser marginal, estar à margem da sociedade,

não se enquadrar no que a sociedade acha socialmente aceitável, pode não ser tão mau assim (para o homem). Na verdade, justifica a posição agressiva do Lobo como decorrente do “estresse” causado pela própria discriminação da sociedade. Por outro lado, estar à margem traz em si um sentido de liberdade, porque “o fez desenvolver uma visão de mundo própria”, além disso “o tinha libertado da aderência escravizada ao estilo de pensamento linear ocidental” e ainda o tinha “liberto das noções tradicionais rígidas do que é masculino ou feminino”. Assim tem-se, associada à idéia do marginal, a idéia de liberdade.

Ao mesmo tempo, justifica-se a ação do Lobo pelo fato de ser um “carnívoro”. Ora, carnívoros comem carne. “Ele irrompeu casa adentro e comeu a vovó, uma ação completamente válida para um carnívoro como ele.” Logo, sua ação de “comer carne” é justificada, pois é isso que se pode esperar da natureza de um carnívoro. Por outro lado, como o Lobo também representa metaforicamente o homem, também o inclui, em certa medida, na justificativa. O homem tem seus desejos pela força de sua natureza; portanto, sua ação de “comer” meninas (ou vovozinhas) é também plenamente justificada.

Por isso, desde que a imagem do “Lobo Mau” foi criada nos domínios de Perrault e Grimm, suas características de “marginal” e “carnívoro” têm sido consideradas negativas. Sua maldade e esperteza, reiteradamente reafirmadas, fazem com que ocupe uma posição-sujeito marginal que amedronta e cujo contato deve ser evitado, pois representa perigo. Está sempre com vontade de “comer” as meninas/ moças inocentes e isso deveria oficialmente envergonhá-lo. Entretanto, nesta FD regida pelo politicamente correto, não é mais visto assim; é natural e totalmente justificado que ele seja assim. A tal ponto que lhe é permitido dizer:

JFG - sd 95 - (L7):

“Eu estou **contente de ser quem eu sou e o que eu sou**”

E, porque natural e justificado, o Narrador completa:

JFG - sd 95 - (N7):

“e pulou para fora da cama. Ele **agarrou** Chapeuzinho Vermelho **com suas garras, com a intenção de devorá-la.**”

A ação do Lobo é tão agressiva neste domínio como nos anteriores, mas existe, como se pode observar, uma recuperação do sentido positivo dessas características na imagem do Lobo (homem). Ele é assim, é de sua natureza. Não é mais considerado “mau” ser um homem “comedor” de meninas, porque não existem mais meninas ignorantes; sabem perfeitamente o que fazem e querem; são responsáveis pelos seus atos, portanto, podem andar pela floresta sozinhas, mas devem arcar com as conseqüências. O Lobo continua sendo mau, mas isso não é mais mal-visto. Apesar de ele “agarrar” Chapeuzinho vermelho “com suas garras e com a intenção de devorá-la”, tudo isso é justificado pela natureza do Lobo, que Chapeuzinho agora conhece, porque ressoa no interdiscurso. Por tudo isso se pudemos afirmar que as posições-sujeito do Lobo e de Chapeuzinho também se modificaram.

### **Resumindo o bloco 3**

Neste bloco discursivo, enfocamos a imagem do “Lobo mau” que, ao se instaurar em Perrault e Grimm, possui características de maldade, falsidade e esperteza que se mantém no interdiscurso, sempre reiteradamente parafraseadas nas versões posteriores. Neste domínio de Garner, que se inscreve na FD politicamente correta, justificam-se essas características consideradas naturais em alguém tradicionalmente visto como marginal; fato que é responsável por ter o Lobo *desenvolvido um estresse e uma visão de mundo própria*, que o *libertou da aderência escravizada ao estilo de pensamento linear ocidental* e também das *noções tradicionais rígidas de masculino/feminino*. Assim, pudemos observar que neste domínio (7) a imagem do marginal não tem apenas uma conotação negativa.

As ações do Lobo, que decorrem do fato de ele ser um marginal e carnívoro, são plenamente justificadas. Assim, o homem, que o Lobo representa metaforicamente, também está justificado, porque o que sempre pareceu maldade é na verdade natural, próprio de sua natureza. Recupera-se, assim, no discurso politicamente correto, a validade das ações do Lobo, que perdem sua negatividade e passam a ser encaradas como naturais, sendo inclusive motivo de seu orgulho.

Já as moças que, de acordo com esse discurso, estão em condições de igualdade com os homens (Lobos), são responsáveis pelos seus atos, porque conhecem o Lobo e sua natureza.

#### 9.4 PRÊMIO OU CASTIGO

Já falamos em outro momento sobre o que se instituíra como prêmio para o “bom comportamento” ou castigo para o “mau comportamento” de Chapeuzinho Vermelho, nos domínios de Perrault, Grimm e Bandeira. Vamos analisar agora uma SD, no domínio de Garner, para tentar determinar esta relação de causa e consequência do bom e do mau comportamento de Chapeuzinho e do Lobo:

JFG - sd 99 - (N7):

“Chapeuzinho Vermelho gritou, não porque ela estivesse alarmada a respeito da aparente tendência do lobo de travestir-se, mas por causa da proposital invasão do lobo no seu espaço pessoal. Seus gritos foram ouvidos por um lenhador (ou técnico de lenha para combustível, como ele preferia ser chamado) que ia passando. Quando irrompeu na cabana, ele viu a confusão e tentou intervir. Mas quando ergueu seu machado, ambos Chapeuzinho Vermelho e o lobo pararam.

‘E o que você acha que vai fazer?’ perguntou Chapeuzinho Vermelho. O lenhador pestanejou e simplesmente não lhe vieram as palavras. “Invadindo este lugar como um Neanderthal, confiando à sua arma a tarefa de pensar por você!” ela exclamou. Sexista!

Especista<sup>4</sup>! Como ousa presumir que mulheres e lobos não possam resolver seus problemas sem a ajuda de um homem!”

Quando a vovó ouviu o discurso inflamado de Chapeuzinho Vermelho, ela pulou para fora da boca do bolo, pegou o machado do lenhador e cortou-lhe a cabeça. Depois desta provação, Chapeuzinho Vermelho, vovó e o lobo sentiram alguma coisa em comum em seus propósitos. Decidiram construir um lar alternativo baseado em respeito mútuo e cooperação, e viveram juntos e felizes no bosque para sempre.”

No domínio de Perrault, não existe nenhuma reação de Chapeuzinho à agressão do Lobo, o que condiz perfeitamente com sua posição de sujeito dominado. Assim, o Lobo a devora e ela não tem sequer tempo de esboçar qualquer reação; sua morte sela seu destino, previsível e certo. No entanto, não existe castigo previsto para o Lobo. Ele

---

<sup>4</sup> “Especista” é uma tradução literal, não dicionarizada para “specieist”. Não foi encontrado o termo “specieist” nem mesmo em dicionários monolíngües da língua inglesa. Trata-se de um neologismo do qual não encontramos registro em outra fonte, criado à semelhança de “racist”, que discrimina pessoas pela sua raça; “sexist”, que discrimina pessoas pelo seu sexo. Assim, “specieist”, que traduzimos por “especista”, discrimina seres pela sua espécie; no caso, atribuído ao lenhador que, nas palavras de

é o vencedor e recebe o prêmio por sua astúcia. Ao mesmo tempo, continua sendo a ameaça impune para as meninhas.

Em Grimm, já que a menina é impotente diante do Lobo, e a natureza do Lobo é esta, ela também é comida, mas é posteriormente salva da morte. Sua “ressurreição”, impossível no plano real, mas possível no contexto dos contos de fadas ou religioso, permite uma oportunidade de arrependimento. Neste domínio (2), parece estar ressoando o discurso religioso em que Deus dá uma nova oportunidade aos pecadores, quando existe arrependimento. Chapeuzinho arrepende-se, portanto, pode continuar vivendo. O Lobo é um “pecador” que não se arrepende, portanto, deve morrer. Do ponto de vista deste discurso, há, então, sempre uma possibilidade de escapar à “ira divina”, se existe uma proposta de bom comportamento daí em diante.

No domínio de Garner, existe o susto da menina que conhece o potencial do Lobo, mas também a indignação por estar o Lobo “propositadamente invadindo” o seu “espaço pessoal”. Esta indignação transfere-se para o lenhador que “ergueu seu machado” contra o Lobo. No entanto, porque qualquer agressão é politicamente incorreta, Chapeuzinho e o Lobo se indignam com a reação do lenhador. E aí parece haver, no interior desse discurso politicamente correto, um fato politicamente incorreto, que revela sua contradição interna:

JFG - sd 99 - (N7): a vovó “pulou para fora da boca do lobo, pegou o machado do lenhador e cortou-lhe a cabeça.”

O que parece errado numa posição-sujeito, não parece errada em outra. Ou seja, temos aí a vítima punindo o seu “salvador” e defendendo seu agressor. O lenhador recebe uma punição porque “confiou à sua arma a tarefa de pensar por ele, comportando-se como um Neanderthal”. Entretanto, o castigo que lhe é infligido é o mesmo que ele (lenhador) pretendia infligir ao Lobo. O “errado” para o lenhador parece ser erguer seu machado contra o Lobo. No entanto, cortar a cabeça do lenhador não parece ser “errado” para a avó. Sendo o lenhador quem ocupava a posição de defensor e o Lobo a de agressor da moça, não fica claro dentro do discurso politicamente correto qual é, afinal, a moral que o rege.

---

Chapeuzinho, estava discriminando o Lobo por ser de outra espécie (não humana).

Dentro de um discurso que se propõe ser limpo de preconceitos e exorta a um procedimento correto, se a ação do lenhador, que tem a intenção de matar o Lobo, não é considerada correta, também não deveria ser considerado correto para a avó matar o lenhador. No entanto, se considerarmos que o discurso politicamente correto deseja a mudança dos padrões anteriores, considerados ultrapassados, pode-se considerar que a posição-sujeito do lenhador não evoluiu como as outras, sendo que sua ação anacrônica, do ponto de vista da FD politicamente correta, está fora dela; é por isso que ele não tem palavras, válidas dentro desta nova FD: *O lenhador pestanejou e simplesmente não lhe vieram as palavras.*

Assim, esta aparente falta de coerência interna deste discurso, ou aparente falta de clareza quanto à moral que rege esta FD, que deixa perguntas no ar, revela dentro deste discurso sua face lúdica - o que parece sem sentido é a própria polissemia que, ao ocorrer, desestabiliza o sentido do já-dito e sinaliza mudanças.

Trata-se, pois, de uma nova FD - a FD politicamente correta - que mostra ser diferente da FD moralista. Isso porque permite situações não convencionais como a construção de um “lar alternativo”, mas também apresenta uma (outra) moral, bastante rígida, na qual toda discriminação fica **proibida de ser revelada**.

Assim, é permitido ao Lobo mostrar claramente quem ele é e o que ele é, sem considerar vergonhosa sua agressividade, sua gula, seu apetite desenfreado em relação às moças; pelo contrário, permite-lhe até sentir orgulho de sua natureza, o que revela quando diz *estar contente de ser quem ele é e o que ele é*. O Lobo é tão agressivo quanto nos domínios 1 e 2, mas não é mais necessário esconder sua agressividade. Por outro lado, é permitido às moças andar pela floresta sozinhas, com consciência do perigo que isso envolve. Com a “asepsia” das novas formas de dizer, tudo o que antes era proibido, baseado na discriminação, agora é permitido; por outro lado, tudo que antes, baseado na discriminação era permitido, fica proibido.

#### **Resumindo o bloco 4**

Tentamos determinar, neste bloco de análise, a relação de causa e consequência entre o sentido de prêmio e castigo, instituídos para o “bom”/ “mau” comportamento de Chapeuzinho e do Lobo, no domínio de Garner.

Vimos como, no domínio de Perrault, o Lobo devora Chapeuzinho Vermelho, o que dentro de suas condições de produção é previsível e certo, sendo também previsível e certo que o Lobo não sofre castigo algum. Pelo contrário, sua astúcia é recompensada. Chapeuzinho Vermelho, no entanto, é castigada por sua inocência.

Em Grimm, ressoa o discurso religioso, aprovando o arrependimento de Chapeuzinho que, por isso, pode continuar vivendo. Já sob esta ótica, a ação do Lobo é condenável e, sendo um “pecador” que não se arrepende, deve morrer.

No domínio de Garner, o prêmio e o castigo não parecem tão vinculados às boas/más ações, ou talvez, simplesmente seja diferente o conceito de “boas” ou “más” ações. Fica claro que a moral vigente dentro da FD politicamente correta não coincide com a da FD moralista. Assim, se contemplarmos a moral politicamente correta sob a ótica da moral da FD moralista, certamente parecerá contraditória. Percebemos, então, que esta aparente incoerência representa verdadeiramente o aspecto polissêmico do discurso politicamente correto, dentro do qual novos sentidos são permitidos, embora outros sejam proibidos por sua diferente, mas igualmente rígida moral.

#### **UM OLHAR FINAL SOBRE O RECORTE 4**

Durante a análise deste recorte, foi possível constatar a ocorrência da reversão em vários momentos. Uma reversão é a que ocorre entre as posições-sujeito da Mãe e do Lobo, pelo menos na sua função pedagógica. No domínio 2, é a Mãe que adverte a menina para não sair do caminho e entrar na floresta, dando a entender que lá há perigos. Nesse mesmo domínio (2), o Lobo quer fazer a menina sair do caminho e entrar na floresta para melhor poder concretizar seu plano, que dela esconde. Mostre apenas as belezas da floresta, o que a incentiva a nela entrar, não informando sobre os perigos que ali há. Contrariamente, no domínio de Garner, a admoestação a respeito dos perigos da floresta vem do próprio Lobo. Para o leitor/ouvinte desta versão, esse fato deve soar, no mínimo, estranho. Ao mesmo tempo, neste mesmo domínio (7),

ouve-se, na voz do Narrador, que *muitas pessoas acreditavam que a floresta era um lugar agourento e perigoso*, ou seja, a idéia do perigo da floresta já era de “domínio público”, provavelmente pela permanência deste sentido no interdiscurso.

Chapeuzinho Vermelho (CV7), portanto, já conhecia esses perigos. “**Entretanto**”, diz o Narrador (usando um operador argumentativo que se contrapõe ao que foi dito), apesar de saber da “má fama” da floresta, Chapeuzinho Vermelho não se sentia intimidada porque a imagem de perigo da floresta, segundo o Narrador (N7), é apenas *uma imagem obviamente freudiana*, ou seja, à qual não vale a pena dar atenção, e também porque *tinha confiança suficiente na sua própria sexualidade emergente*. Existe, portanto, também a evolução da figura da própria Chapeuzinho Vermelho, de quem ninguém cobra obediência e que tem auto-confiança. Assim, esta posição-sujeito (CV7) não tem mais as mesmas características que tinham CV1 e CV2. Portanto, o sentido da admoestação deste Lobo (L7) certamente não tem mais o mesmo peso das admoestações da Mãe no domínio 2. Por isso, tem-se, neste domínio (7), uma reversão de papéis - o Lobo assumindo uma posição que antes ocupava a Mãe - sinalizando uma variante de discurso pedagógico, onde há espaço para o novo, em que o que ensina não mais ordena “faz isso” e proíbe “não faz aquilo”, mas diz: *Sabe, minha querida, não é seguro para uma menina andar por estes bosques sozinha*. Ou seja, o discurso que se estabelece nesta FD possibilita uma interlocução em que o que ensina não é mais todo-poderoso e irrefutável, e o que deve aprender não responde apenas *Eu vou fazer tudo direitinho* (CV2). Pelo contrário, é permitido a Chapeuzinho Vermelho sentir-se ofendida e reagir emitindo um julgamento de valor a respeito do que foi lembrado: *Eu acho seu comentário sexista ofensivo ao extremo*.

Outra reversão acontece no momento em que a avó mata o lenhador, salvando o Lobo, mostrando a representação insólita da vítima defendendo o agressor e agredindo seu salvador. Ao mesmo tempo, a avó, que é fraca e indefesa no domínio 1, revela-se com uma carga de força (*sua avó não estava doente, mas estava em plenas condições de saúde física e mental*) e agressividade (*a avó pegou o machado do lenhador e cortou-lhe a cabeça*) capaz de destruir um semelhante seu, o que revela uma posição-sujeito nova, aparentemente incoerente e torna evidentes elementos da ordem do diferente. Além disso, o fato de constituírem os três, Chapeuzinho, Lobo e Avó um *lar alternativo* e viverem *felizes para sempre*, claramente mostra uma reversão dos valores morais - uma

nova moral surge, caracterizando uma nova FD, em que os valores são outros, diferentes daqueles vigentes na sociedade que embasa o discurso existente nos domínios de Perrault e de Grimm. Definitivamente, não se busca mais um príncipe encantado, cujo lugar é tomado pelo Lobo, que representa agora, sob essa nova ótica, a possibilidade de “final feliz”.

Todos esses elementos mostram que se está diante de uma nova FD, a politicamente correta, em que os sentidos evoluíram desde o domínio de Perrault, apesar de que alguns sentidos se mantenham em outras posições-sujeito. Gostaríamos de destacar alguns. Em primeiro lugar, a punição recai sobre um inocente. No domínio de Perrault, quem sofre a punição da morte é a menina, que é inocente de qualquer crime, a não ser se considerarmos crime ser “i-noscente”. Nesta nova FD (domínio 7), a punição da morte também recai injustamente sobre um inocente - o lenhador, que é acusado (jocosamente) de ser “especista” (uma discriminação da qual nunca se ouviu falar). Além disso, os verdadeiros agressores - o Lobo (domínio 1), assim como a avó e o Lobo, (domínio 7) não são punidos.

Além disso, o Narrador (N7) traz para o contexto da história de Chapeuzinho Vermelho uma possibilidade de ser “feliz para sempre” recuperando assim um final que nunca foi o seu, em nenhum domínio, mas que sempre foi comum nas outras histórias infantis. Assim, parece que Chapeuzinho Vermelho recuperou o direito de ser “feliz para sempre” junto a alguém, não com o “príncipe encantado”, o perfeito, mas com o Lobo, que não é nada perfeito.

Apesar de todas essas reversões de sentido e da evidência de uma nova FD, não se pode afirmar que estamos diante de um discurso exclusivamente lúdico, em que ocorre uma reversão total dos sentidos. O que parece haver é uma mescla do discurso anteriormente exclusivamente autoritário com a liberdade de movimentos do discurso lúdico. Este discurso politicamente correto permite a emergência da polissemia em certa medida, tendo por isso características do que consideramos pedagógico-lúdico. Pode-se perceber que, como afirma Orlandi (1996, p.25), muitas vezes os discursos não se apresentam na sua forma pura. É um discurso que guarda certas semelhanças com o que chamamos de pedagógico moralista no recorte 1 e ao mesmo tempo dá a impressão de ser uma verdade totalmente nova, progressista, que se opõe a esse discurso em vigor nos domínios 1 e 2. De fato, as verdades apresentam-se como novas, mas o tipo de discurso

continua sendo, no fundo, também o impositivo, o pedagógico. É o autoritário velho dando lugar ao autoritário novo, em que a ordem não é mais explícita e sim dissimulada, disfarçada em liberdade de fazer (mas não de dizer), impondo modos de dizer. Neste discurso politicamente correto está imposta a ausência do preconceito no dizer, encoberto pelo tom jocoso. Um jocoso que busca legitimar o sentido que teoricamente emerge da nova forma de dizer.

Chegamos a essa conclusão por termos identificado, no interior deste discurso, duas facetas antagônicas. Se, por um lado, surgem reversões de sentido em relação ao domínio 1 e 2, fazendo surgir, em certa medida, a polissemia, por outro lado, a grande “nova verdade”, que subjaz a essa FD, refere-se à condenação do preconceito e a discriminação que dele decorre. Sendo uma FD que estabelece a ausência do preconceito e discriminação (o que é desejável, porque promove a igualdade entre todos), por outro lado, não **propõe**, mas **impõe** essa forma de ver. E impõe essa nova forma de ver através da proibição de um dizer, e da imposição de outro dizer. Assim, a denominação “politicamente correto”, revela sua natureza: o discurso deve ser “correto”. Este correto supõe o incorreto, que deve ser banido do discurso; ao mesmo tempo, revela também que essa correção é apenas aparente, quando diz que é uma correção “política”, ou seja, estratégica.

## 10 UM NOVO LUGAR PARA O SENTIDO

Orlandi (1987, p.29) ensina que o discurso lúdico é aquele em que há reversibilidade dos sentidos dominantes. Ao contrário do que ocorre no discurso pedagógico moralista, não há manutenção do sentido instituído no discurso lúdico, não há repetição, não há uma paráfrase. O sentido estabelecido, quando mudam as condições de produção, dá lugar a um sentido novo que surge no próprio interior da FD. Há um deslizamento do sentido dominante que vai atingir uma reversão total, e assim instituir uma nova FD.

No corpus deste trabalho, há três domínios discursivos nos quais se pode falar em polissemia, que marca a emergência do discurso lúdico - são o de Carlos Lyra (CL- domínio 9), o de Chico Buarque (ChB- domínio 8) e o de Guimarães Rosa (JGR - domínio 5). Os três domínios comunicam-se, através da memória discursiva, com as

outras versões, especialmente as de Perrault e Grimm, sendo que, neles, o sentido toma outra direção. Essa mudança de sentido, que já está indicada nos próprios títulos “Lobo Bobo”, “Chapeuzinho Amarelo” e “Fita Verde”, que são diferentes de “Chapeuzinho Vermelho”, já antecipam essa polissemia. Este recorte inclui os três domínios mencionados e compõe-se de quatro blocos de análise. O primeiro bloco analisa a imagem do medo, que sofre um deslocamento no domínio de Guimarães Rosa e uma anulação no domínio de Chico Buarque. No bloco 2, abordamos a trajetória de mudança que conduz Chapeuzinho Vermelho a tornar-se Chapeuzinho Amarelo. Finalmente, no bloco 3, é a imagem do Lobo que é analisada.

Nos domínios de Carlos Lyra e de Chico Buarque, não temos um discurso de tipo autoritário nem de natureza pedagógica. Não há nada a ensinar, nada a aprender. A imagem amedrontadora, que existe do Lobo no interdiscurso, é algo que foi construído em outras condições de produção e, portanto, faz parte de outra FD, a FD moralista, que é conservadora.

Em “Chapeuzinho Amarelo”, o Lobo é uma imagem que a menina espera e espera-se dela que tenha medo dessa imagem de Lobo, pois sempre foi assim e foi por isso que a história foi narrada através dos tempos. Já em “Lobo Bobo”, encontramos a imagem de uma Chapeuzinho que não teme o Lobo, pelo contrário, é segura de si e é colocada na posição do dominador.

As imagens do Lobo Mau, do medo que o Lobo inspira, da inocência e fragilidade/impotência de Chapeuzinho Vermelho já são velhos conhecidos das crianças que ouvem/lêem a história. Assim, o desconhecido que havia no domínio discursivo de Perrault e Grimm, com o poder de amedrontar, porque, como já afirmamos no recorte 1, Chapeuzinho Vermelho é inocente (**i noscente** = não sabe, não conhece) já é conhecido de Chapeuzinho Amarelo e Chapeuzinho (domínio 9) que são, ambas, **noscentes** (conhecem). Chapeuzinho Vermelho (1 e 2) não conhece o Lobo; Chapeuzinho Amarelo e Chapeuzinho (domínio 9) já o conhecem de longa data.

Por isso, a posição-sujeito ocupada por Chapeuzinho, nos domínios de Perrault e Grimm, é a de alguém que ainda não sabe, não conhece os perigos. Só sabe que não deve se desviar do caminho. Chapeuzinho Amarelo, no domínio de Chico Buarque, sabe que há perigo, sabe que existe o lobo e o teme. Saber que o lobo existe e que representa o perigo faz com que o medo seja praticamente apenas o conceito de medo,

que se aplica indiscriminadamente, pois ela tem medo de tudo; o lobo representa o medo maior, “o medo mais medonho”. Já Chapeuzinho (9) está fora do domínio do medo, é segura de si, consciente do Lobo e de seu poder sobre ele.

Muito mais “virtuais”<sup>5</sup> do que reais, essas novas imagens caracterizam uma outra e nova FD. A esta nova FD (FD3) chamaremos de FD libertária. Marx afirmava que “no velho surge o novo” e, de fato, pode-se perceber que esta nova FD se origina na velha FD moralista (FD1), contradizendo-a claramente, o que o Narrador (N8 e N9) mostra através do contraste. Na FD moralista de Perrault e Grimm existe o medo do lobo que, apesar de simbólico na história, representa um medo real e se apóia num perigo real. No domínio de Chico Buarque, que faz parte desta FD libertária, a imagem do medo, num primeiro momento, é a imagem congelada que vem do interdiscurso. Na voz do Narrador (N8), temos uma trajetória do sentido do medo, iniciando com a imagem do medo de tudo e terminando com a imagem do medo de nada. No domínio de Lyra, inexistente a imagem do medo.

No domínio de Guimarães Rosa, o medo que existe se origina no medo que encontramos no domínio de Perrault e Grimm, sendo o seu referente novo; assim, muda também a dimensão do mesmo.

No domínio de Chico Buarque, uma vez dominadas as imagens que habitam o pré-construído, pode-se escapar ao seu sentido, pode-se subvertê-lo e até invertê-lo. Desconstruindo as imagens antigas, desconstrói-se o seu sentido. Instaure-se a polissemia, gerando imagens e sentidos novos.

### **10.1 A IMAGEM DO MEDO**

O sentido da imagem de medo que existe no interdiscurso e que se originou nos domínios de Perrault e Grimm, sofre um deslizamento nos domínios de Guimarães Rosa e de Chico Buarque e não é sequer mencionado no domínio de Carlos Lyra. Analisaremos, neste bloco discursivo, o deslizamento que o sentido sofre no domínio de Guimarães Rosa. Para isso, vamos começar observando, na SD abaixo, a imagem do

---

<sup>5</sup> Virtuais porque podem ser percebidas como já-dito, representando apenas uma ressonância da imagem que se estabelece nos dois primeiros domínios, não representando mais o referente real, mas cuja imagem permanece real.

Lobo, com quem sempre esteve associada a imagem de medo, desde os domínios 1 e 2. Lê-se na voz do Narrador:

JGR - sd 100 - (N5):

“Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo.”

O Narrador refere-se ao lobo, ou seja, o lobo não é um lobo qualquer e sim o que já se conhece do interdiscurso. O Narrador diz também que Fita-Verde “viu . . . o lobo **nenhum**”. Então, ao mesmo tempo que o Narrador relata que ela não viu o lobo, também nos diz que não viu **nenhum** lobo. Ou seja, podemos entender que ela não viu o lobo da história (dos domínios anteriores) e também **nenhum** outro. Portanto, pode-se concluir que, neste domínio, não existe um lobo real para impor medo. O que parece haver nesta FD é apenas uma imagem do medo associada ao Lobo, que permaneceu no interdiscurso, mas cuja presença física atual não existe nesta FD.

Vamos agora analisar a seguinte SD:

JGR- sd 101 -

(N5): “Ela perguntou:  
 (FV5) - Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!  
 (Avó5) - É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta.... - a avó murmurou.  
 (FV5) - Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!  
 (Avó5) - É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta...- a avó suspirou.  
 (FV5) - Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?  
 (Avó5) - É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... - a avó ainda gemeu.  
 (N5) Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou:  
 (FV5) - Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...  
 (N5) Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio triste e tão repentino no corpo.”

Essas exclamações também fazem parte do eco discursivo das primeiras versões da história, sendo que neste domínio (5) a avó é realmente a avó, ao contrário dos domínios 1, 2, 3 e 4. Na interlocução entre a avó e a neta (Fita-Verde) não existe engodo nem sedução, como entre a neta (Chapeuzinho Vermelho) e a falsa avó, nos domínios anteriores; não existe o confronto da ingenuidade com a esperteza, mas o conformismo (da avó) e o medo do desconhecido (de Fita-Verde) diante da experiência da morte, cujo sentido se pode perceber claramente na última frase: “Mas a avó não

estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio triste e tão repentino no corpo”.

No domínio de Rosa, a polissemia acontece em relação ao medo que, nesta FD, não tem como objeto o Lobo. Outras são as condições de produção e o motivo do medo, que aqui são o desconhecido, a morte. Nos domínios 1 e 2, o objeto do medo é o Lobo. Um lobo real, mas também simbólico, que tem seu sentido ligado à morte pelo perigo fatal que representou nesses domínios. Lá, é do Lobo que emana a morte, sendo que, no domínio 1, Chapeuzinho efetivamente sofre a morte e, no domínio 2, dela escapa por um triz. No domínio de Rosa, entretanto, a presença do Lobo é apenas virtual. Ele não existe mais na floresta, nem na casa da avó.

Quando Fita Verde diz: “Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!”, não está mais se referindo àquele Lobo que lemos nos domínios de Perrault e Grimm. O objeto do medo desloca-se. É grande e justificado como o medo que CV1 e CV2 têm do Lobo, mas seu objeto agora é a morte. Não é o lobo que engole a avó, mas a própria morte. E essa imagem da morte, que é o confronto com a finitude da avó e a consciência da própria finitude, causa medo e ao mesmo tempo “juízo”. Não existe caçador ou lenhador para livrar a avó da boca da morte, nem Fita-Verde do seu medo.

Apesar de Fita-Verde afirmar que teme o Lobo, seu referente é de outra natureza. Está ali o Lobo para representar muito mais uma preocupação metafísica do que algo real. Este Lobo não é mais aquele que consta no domínio de Perrault, “pois os lenhadores haviam exterminado o lobo”, ou seja, cada lenhador/caçador em cada domínio através dos tempos matou o lobo. Assim, também o medo que permanece expresso desta maneira, não se aplica mais àquele Lobo dos domínios 1 e 2, de Perrault e Grimm, é um medo deslocado cujo objeto é a morte.

O Lobo como gerador de medo permanece apenas como idéia, como uma lembrança. Essa idéia de medo, mas apenas essa, é recuperada no momento do confronto de Fita-Verde com outro grande medo - a morte. Continuam existindo os grandes medos, apenas, mudam os referentes. Para Chapeuzinho Vermelho, a partir do domínio de Grimm, era possível escapar da morte. Para Fita-Verde, o confronto com a morte da avó tem o sentido de tomada de consciência da inexorabilidade da finitude humana. Essa sensação grande de medo sintetiza todos os medos e assim traz à tona o

medo sempre renovado, mantido vivo para todas as meninas através dos tempos através da renovada narração da história de Chapeuzinho Vermelho.

Esse deslocamento do sentido do medo produz rupturas, sendo responsável por um sentido novo. O medo não tem mais como referente o Lobo, mas a morte. Portanto, apesar de não haver reversibilidade, o sentido se movimenta e torna-se outro.

### 10.1.1 A construção do eco e a desconstrução do sentido do medo

No domínio de Chico Buarque, ao mesmo tempo que o Narrador recupera, num primeiro momento, o sentido do medo associado ao Lobo no interdiscurso, posteriormente, desconstrói esse sentido, podendo-se verificar que o sentido inicial, dos domínios de Perrault e Grimm também, sofre um deslizamento; no domínio(8), entretanto, esse deslizamento é diferente do que pôde ser verificado no domínio de Guimarães Rosa (5).

Em Chico Buarque, o Narrador inicia narrando sobre um medo que poderíamos chamar de “paranóico”, porque é um medo que persegue Chapeuzinho Amarelo e bloqueia sua ação, uma vez que ela teme tudo, ou seja, o referente do medo é múltiplo. Chapeuzinho “tinha medo de tudo”. Na seqüência abaixo, o sentido do medo ganha conotações ridículas, próximas do absurdo, quando o Narrador diz:

ChB - sd 102 - (N8):

“Tinha medo de trovão./E minhoca, pra ela era cobra./E nunca apanhava sol/porque tinha medo da sombra./Não ia pra fora pra não se sujar./Não tomava sopa pra não se ensopar./ Não tomava banho pra não descolar./Não falava nada pra não engasgar/Não ficava em pé com medo de cair./Então vivia parada,/deitada, mas sem dormir,/com medo de pesadelo./ Era a Chapeuzinho Amarelo.”

Nota-se, também, que o objeto do medo é um lobo quase que “virtual”; sua imagem é presentificada pelo Narrador que narra não a respeito de referentes atuais, mas busca-os na sua ressonância, no interdiscurso. Assim, lê-se sobre o medo maior da menina:

ChB - sd 103 - (N8):

“. . .E de todos os medo que tinha,/ o medo mais medonho / era medo do tal LOBO./ Um LOBO que nunca se via, /que morava lá pra longe,/ do outro lado da montanha,/ num

buraco da Alemanha,/cheio de teia de aranha, / numa terra tão estranha,/ que vai ver que o tal do LOBO/ nem existia.”

O medo do Lobo, portanto, é descrito como “o medo mais medonho”. O objeto do medo, no entanto, sofre um processo de afastamento. O Narrador distancia o sentido do medo do Lobo, no tempo e principalmente no espaço. Pode-se observar que o Narrador (N8), ao concluir que “vai ver que o tal do LOBO nem existia”, evidencia um deslizamento do sentido original do medo. Quando o Narrador fala em “o tal do LOBO”, o uso de “tal” refere-se a alguma coisa muito conhecida, da qual muito já se falou. O “tal” de Lobo gerou (diríamos nós) o “tal” de medo, ambos sempre mantidos vivos no interdiscurso, nunca esquecidos pela tradição, pela memória do dizer.

Esse lobo é virtual porque é “um lobo que nunca se via”; ou seja, sabe-se que existe, mas uma vez que nunca se vê, sua existência material pode ser contestada. Para reforçar essa virtualidade, o Narrador reforça o distanciamento através das locuções adverbiais de lugar “lá pra longe”, “do outro lado da montanha”, “num buraco da Alemanha”, “numa terra tão estranha”. Ao mesmo tempo, afasta o lobo temporalmente quando diz que o lobo morava num buraco “cheio de teia de aranha”, o que passa um sentido de que há tempo está abandonado, em desuso.

Esse medo do Lobo virtual, mantido vivo apenas pela memória discursiva, transforma-se, no domínio de Chico Buarque, em um medo virtual, pois se o objeto desse medo não existe, também esse medo não tem razão de existir, é um medo mantido artificialmente neste domínio. Mas, muito mais do que a manutenção do sentido virtual do medo, trata-se de um deslizamento do sentido do medo. A pista lingüística que indica que a imagem do medo que Chapeuzinho sentia do Lobo foi parafraseado por muito tempo, em vários domínios, inclusive o popular<sup>6</sup>, é indicado neste domínio através da repetição da palavra **medo**, como se pode observar na SD abaixo:

ChB - sd 104 - (N8):

“Mesmo assim, a Chapeuzinho / tinha cada vez mais **medo** / **do medo do medo do medo** / de um dia encontrar um LOBO./ Um LOBO que não existia.”

---

<sup>6</sup> Consideramos aqui “domínio popular” aquele que se caracteriza por expressar a opinião da maioria das pessoas, uma espécie de consenso. Neste caso, várias pessoas foram questionadas por nós a respeito da história em questão, ficando claro que existe um consenso a respeito de certos fatos da história, sendo o medo do lobo uma constante.

A repetição chama o sentido que ressoa no interdiscurso e evidencia um eco discursivo, caracterizando também a distância que existe, no tempo, da instauração deste sentido. Na verdade, a imagem do medo parece muito mais a imagem da “obrigação” da menina de sentir medo, que vem de outra FD. Assim, pode-se dizer que esse medo, cuja imagem está posta inicialmente, não tem um referente real, indica apenas a permanência de um sentido já desatualizado, do qual apenas o conceito ainda permanece. Por isso, neste espaço discursivo, não existe apenas um efeito de ressonância, porque há o mesmo, mas há também o diferente.

### 10.1.2 O medo no interdiscurso

O medo associado ao Lobo é uma constante que se origina nos domínios de Perrault e Grimm e se mantém no interdiscurso. Lá se ouve, na voz do Narrador e da própria menina:

PER -sd 48 - (N1): “Chapeuzinho Vermelho (. . .) teve medo”  
GRI - sd 51 - (CV2): “Ai, meu Deus, estou com tanto medo hoje”

Neste domínio de Chico Buarque pode-se confirmar que esse medo realmente se manteve em nível de interdiscurso. As pistas que indicam a permanência da imagem do medo em nível de interdiscurso são a repetição da palavra “medo” e o uso do pronome definido “aquele”. Assim, pode-se comparar o sentido das SDs acima com o que ouvimos no domínio de Chico Buarque. O Narrador aqui constrói :

ChB - sd 105 - (N8):

“Mas o engraçado é que, / assim que encontrou o LOBO, / a Chapeuzinho Amarelo / foi perdendo **aquele medo / o medo do medo do medo** / de um dia encontrar um LOBO./ Foi passando **aquele medo / do medo** que tinha do LOBO./Foi ficando **só um pouco / do medo daquele lobo. / Depois acabou o medo / e ela ficou só com o lobo.**”

A repetição dá o sentido de permanência; já o adjetivo demonstrativo define qual é o medo: “aquele” medo que supostamente todos (os ouvintes/leitores) já conhecem, constantemente renovado no discurso das mães e na narração da história. Temos aqui, então, o adjetivo demonstrativo recuperando o medo de que se fala, o medo antigo. Ao mesmo tempo, através do encadeamento “do medo”, o Narrador estabelece

duas conexões: uma com o próprio interdiscurso, estabelecendo uma ressonância e outra com o intradiscurso - o fio do discurso - criando um efeito de eco.

A repetição aqui pode, em princípio, indicar dois sentidos: de tempo e de intensidade. De tempo, porque pode estar se referindo aos séculos em que o sentido foi se cristalizando através da paráfrase. De intensidade, porque pode estar se referindo à intensidade do medo que se estabelece desde os primeiros domínios.

### 10.1.3 A desconstrução do medo

Na última SD analisada no grupo anterior, pode-se perceber que o Narrador (N8) utiliza a pista lingüística da repetição para construir uma imagem do medo, baseada no sentido que está posto no interdiscurso, enfatizando-o através do intradiscurso. Assim, recupera o sentido do próprio medo e indica a permanência desse medo através da repetição. No segundo momento, procura desconstruir esse sentido do medo e, para isso, vale-se de algumas “estratégias” lingüísticas que abordaremos a seguir:

a) O Narrador especifica temporalmente quando acaba o medo através da oração adverbial de tempo:

ChB - sd 105 - (N8): “assim que encontrou o LOBO”

b) O Narrador nos dá a pista que indica que a imagem do medo vai diminuindo até desaparecer, através da diminuição da palavra “medo” até o sentido do desaparecimento do medo com o verbo “acabou”:

Assim, temos:

ChB - sd 105 - (N8):

(. . .) aquele <b>medo</b> / o <b>medo</b> do <b>medo</b> do <b>medo</b>	→	(4 vezes)
(. . .)aquele <b>medo</b> / do <b>medo</b> que tinha do LOBO.	→	(2 vezes)
Foi ficando só <b>um pouco</b> / do <b>medo</b> daquele lobo.	→	(1 vez + “pouco”)

Depois **acabou o medo**” → (1 vez + “acabou”)

c) O Narrador também indica essa diminuição gradual da imagem do medo até o seu desaparecimento, através da escolha verbal e do uso do gerúndio, que indica uma ação em curso; o desaparecimento fica caracterizado pela escolha lexical e pelo uso do pretérito perfeito, que denota uma ação concluída:

ChB - sd 105 - (N8):

“foi perdendo aquele medo”

“Foi passando aquele medo”

“Foi ficando só um pouco”

“Depois acabou o medo”

Pudemos observar que o desaparecimento do medo do lobo se dá através de quatro tipos de pistas lingüísticas - a) diminuição do número de vezes que o Narrador usa a palavra “medo” (4, 2, 1); b) a natureza semântica dos verbos (perder, passar, acabar); c) o tempo verbal (gerúndio, pretérito perfeito); d) o uso de intensificador (só, um pouco).

Assim, a imagem que o Narrador cria é de que o medo não existe mais, que houve um gradual esvaziamento desse sentido até seu total desaparecimento, quando diz: “Depois acabou o medo”. Encontramos, portanto, como pudemos constatar, no domínio de Chico Buarque, dois momentos na imagem do medo. Tem-se inicialmente, no domínio 8, um medo que não tem referente real, apenas indica a permanência da ressonância de um sentido antigo de medo, apenas presente conceptualmente, garantida através da repetição e paráfrase, mas neste domínio levada ao exagero. No segundo momento, o Narrador desconstrói este sentido, instituindo a ausência do medo; é o diferente interrompendo a continuidade do sentido na cadeia do interdiscurso.

### **Resumindo o Bloco 1**

Neste bloco, analisamos a imagem do medo que se instaura nos primeiros domínios e permanece através dos tempos. Observamos que este sentido sofre um deslizamento nos domínios de Guimarães Rosa e de Chico Buarque, inexistindo no domínio de Carlos Lyra. Nos domínios de Guimarães Rosa e de Chico Buarque, a

imagem do medo não se origina num lobo real. O Lobo, que sempre teve sua imagem associada ao medo e que assim permaneceu no interdiscurso, tem nesses, dois domínios, apenas uma presença virtual.

Vimos que essa presença virtual do Lobo acorda a imagem do medo em ambos os domínios. Verificamos que, no domínio de Rosa, em outras condições de produção, ocorre um deslocamento do motivo do medo; aqui, o medo do Lobo transforma-se em medo da morte, do desconhecido, produzindo rupturas e fazendo ocorrer a polissemia com esse sentido novo.

No domínio de Chico Buarque, observamos que o Lobo, sendo virtual, produz um medo que se revela, ao final, também virtual, por não ter um referente real. A virtualização do medo ocorre através de um processo de distanciamento que o Narrador executa no tempo e, principalmente, no espaço.

## **10.2 DE CHAPEUZINHO VERMELHO A CHAPEUZINHO AMARELO: UMA TRANSFORMAÇÃO DE COR OU UMA TRANSFORMAÇÃO DE IMAGENS E SENTIDOS?**

Neste bloco discursivo abordaremos a transformação que ocorre com a imagem de Chapeuzinho Vermelho para transformar-se em Chapeuzinho Amarelo. Transformação que acontece quando acaba a imagem do medo e o Narrador dá as pistas das novas imagens que passam a constituir o saber desta nova FD, que se pode identificar no domínio de Chico Buarque. Sem medo, Chapeuzinho assume uma nova posição-sujeito.

A fim de contrastar mais ostensivamente as imagens antiga e nova da menina e do Lobo, o Narrador recupera, num primeiro momento, a imagem da passividade feminina, repetida através dos tempos, como era desejável no passado, na FD em que se insere Chapeuzinho Vermelho dos domínios de Perrault e Grimm, mostrando a inculcação que acontece gradualmente.

Num segundo momento, surge neste domínio de Chico Buarque a imagem de Chapeuzinho forte, ocupando uma posição-sujeito sem passividade e sem medo. Esta posição-sujeito fica ocupada por Chapeuzinho, depois da sua libertação do jugo do

medo. No domínio de Lyra, esta imagem, ocupando a posição-sujeito do dominador, é a única que se tem de Chapeuzinho.

### 10.2.1 A imagem da passividade

Lembrando Pêcheux (1995, p.219), que diz que o discurso pedagógico age através da força da inculcação e que o sentido se fixa através dessa inculcação, pode-se observar que, neste domínio discursivo, o Narrador (N8) aponta para o efeito da repetição da narração da história através dos tempos e o seu efeito, a inculcação do saber de sua FD, criando a imagem de mulher passiva, que tem ocorrido por obra do discurso pedagógico moralista durante mais de três séculos e do qual deriva o imaginário burguês-cristão. Neste imaginário, existe uma imagem de passividade da mulher oposta à de atividade do homem. O homem é o conquistador (em todos os sentidos) e a mulher o objeto da conquista.

O efeito da inculcação posto em prática pela paráfrase discursiva, através do discurso pedagógico moralista, resulta na construção da imagem de passividade da mulher e fica claro através da forma como o Narrador (N8) descreve sua ação:

ChB - sd 106 - (N8):

“E de **tanto** pensar no Lobo, / de **tanto** sonhar com o Lobo, /de **tanto** esperar o lobo”

O sentido que se pode perceber em *tanto* liga a quantidade de ação à quantidade de tempo, ou seja, praticar repetidamente ao longo dos séculos estas ações. No interdiscurso, o sentido da obediência e da passividade ressoam discursivamente:

GRI - sd 2 - (CV2): “Eu vou fazer tudo direitinho, (N2): prometeu Chapeuzinho Vermelho à sua mãe”

JGR- sd 6 - (FV5): “Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou”

JFM- sd 3 - (CV3): “Sim, senhora!” (N3): respondeu Chapeuzinho de Palha”

Essa imagem de passividade da mulher evidencia-se, como se pode observar, através da natureza semântica dos verbos, de natureza quase passiva, utilizados para

descrever sua ação - *pensar, sonhar, esperar*; esses verbos, associados à repetição do intensificador *tanto*, marcam fortemente a permanência dessa imagem.

Isso porque, historicamente, dentro da tradição da sociedade ocidental, a ação da mulher sempre foi mais passiva; ela não sai para conquistar o mundo ou seu destino. Isso quem faz é o homem. Ela fica “no recesso de seu lar” enquanto *pensa, sonha e espera* pelo seu príncipe e, em última instância, espera que ele venha pedi-la em casamento.

### 10.2.2 A imagem feminina forte

A polissemia que ocorre em relação à essa imagem de passividade da mulher revela-se na nova imagem de Chapeuzinho. A imagem de Chapeuzinho forte ocupa uma posição-sujeito em que não há passividade e não se percebe nenhum traço de medo. Fica posta no domínio de Lyra desde o início, interrompendo o primado do mesmo. Ela em momento algum se submete ao Lobo, como conta o Narrador (N9):

CL - sd 107 - (N9):

“Chapeuzinho de maiô / Ouviu buzina e não parou”

Apesar de ser uma imagem nova de Chapeuzinho, em que sobressai um sentido de independência feminina, que emerge nos anos 60, ainda assim, há pistas de que permanecem alguns remanescentes da FD moralista. A noção de certo/errado que Chapeuzinho tem ainda é pautada pelos conselhos, neste caso da avó, o que mantém este domínio ainda de certa forma ligado aos domínios 1 e 2:

CL - sd 108 - (N9):

“Chapeuzinho ouviu os conselhos da vovó / Diz que “não” pra o lobo/ Que com lobo não sai só”

Os conselhos da avó, no entanto, não têm o peso de lei que tinham os conselhos da Mãe no domínio 2, ou a sentença do Narrador, expressa na moral da história no domínio 1, apesar de que, ao seguir os conselhos da avó, Chapeuzinho mostra seu assujeitamento à FD moralista, uma vez que do ponto de vista do discurso moralista, são

“virtuosas” as moças que não cedem aos homens antes do casamento. Chapeuzinho não é mais ingênua, pelo contrário, é esperta, pois como narra o Narrador:

CL - sd 109 - (N9):

“Mas chapeuzinho **percebeu**/ Que Lobo Mau se derreteu”

Chapeuzinho *percebe*, isso também indica a sua mudança. Chapeuzinho ocupa, neste domínio, uma posição-sujeito de quem conhece as “manhas do Lobo”. Dita as normas sem precisar dizer. Sua recusa em ceder ao Lobo estabelece as regras dessa relação, deste jogo de sedução; faz com que o Lobo se submeta e permita que se lhe coloque uma coleira:

CL - sd 110 - N9:

Só posso lhes dizer, **chapeuzinho agora traz/ Um lobo na coleira**, que não janta/ nunca mais.”

Chapeuzinho conhece o certo e errado da FD na qual se inscreve e não cede ao Lobo. Consegue, com isso, prendê-lo “na coleira”, que aparece como símbolo para o casamento. Assim a expressão popular “fulana conseguiu prender fulano”, na verdade considera o casamento uma prisão, uma maneira de prender alguém. Continua valendo o casamento como forma de reconhecimento social para a mulher e prêmio para a sua “resistência” aos apelos do lobo. A submissão, a dominação e o poder estão associados à coleira que é administrada por Chapeuzinho. Quem conduz a coleira é alguém que detém o poder sobre quem está sendo conduzido.

Também o ato de “jantar”, é uma ressonância de “comer” “devorar” nos domínios de Perrault e Grimm. Assim, lá significava posse sexual, até porque na tradição isto sempre ficou reservado ao homem. Neste domínio, o ato de comer não está explicitamente reservado à mulher, mas, com certeza, não é o Lobo que janta, pois que este, diz o Narrador (N9), *não janta nunca mais*.

No domínio de Chico Buarque, após a desconstrução do medo que Chapeuzinho tinha do Lobo Mau, ou melhor, da imagem do Lobo, surge a construção de uma nova imagem da menina, visível, em primeiro lugar, na forma como o Narrador a designa. A menina é Chapeuzinho **Amarelo**, que não é Chapeuzinho **Vermelho**, mas que tem

ouvido a história de Chapeuzinho Vermelho. E são as imagens amedrontadoras que existem nessa história que ela teme. Diz o Narrador:

ChB - sd 111 - (N8): “Era a Chapeuzinho Amarelo / Amarelada de medo./ Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.”

Com a desconstrução da imagem do medo do Lobo e da imagem de uma Chapeuzinho indefesa, à mercê desse lobo que ressoava no interdiscurso, constrói-se simultaneamente uma imagem de Chapeuzinho forte (pela ausência do medo) que, por essa sua força, amedronta o Lobo. Por isso, invertem-se as posições de sujeito de Chapeuzinho e do Lobo. É essa inversão que faz surgir imagens novas, do Lobo e da menina, opostas às antigas. Surge uma Chapeuzinho forte e um lobo fraco. Essa mudança nas imagens permite uma reação da menina (agora em outra FD), que se evidencia na forma como o Narrador (N8) descreve sua ação:

ChB - sd 112 - (N8):

“E ele ficou chateado. / E ele gritou: sou um LOBO! / Mas **Chapeuzinho, nada.** / E ele gritou: sou um LOBO! / **Chapeuzinho deu risada.** / e ele berrou: EU SOU UM LOBO!!! / **Chapeuzinho, já meio enjoada, / Com vontade de brincar de outra coisa.**”

O Narrador conta-nos que Chapeuzinho não reage como o planejado pelo Lobo, tal como sempre ocorreu a partir da tradição que se instaurou nos domínios de Perrault e Grimm. A mudança do saber que ocorre, caracterizando uma nova FD, mostra-se a partir da reação da menina em relação ao saber da antiga FD, na voz do Narrador. Por isso, ele nos diz que Chapeuzinho está “enjoada” dessa repetição. “Tem vontade de brincar de outra coisa”: o jogo que se inicia em Perrault e Grimm está ultrapassado.

## **Resumindo o Bloco 2**

Observamos, neste bloco 2, a transformação de Chapeuzinho Vermelho em Chapeuzinho Amarelo. Naturalmente não se trata de uma simples transformação de cor e, sim, de uma transformação de imagens e sentidos. Vimos Chapeuzinho assumir uma nova posição-sujeito, sem medo. O Narrador contrasta as imagens antigas com as novas da menina e do Lobo. Essa nova imagem da menina, produto da polissemia, é forte,

esperta e independente e no domínio de Lyra, emerge desde o início, estabelecendo as regras do jogo com o Lobo. Dessa maneira, a imagem do Lobo fraco surge, simultaneamente, com a imagem de Chapeuzinho forte, ocorrendo a reversão de seus papéis.

### 10.3 BLOCO 3: A IMAGEM DO LOBO

Neste bloco discursivo estaremos analisando as pistas que levam a construção das diversas facetas da imagem do Lobo, tanto a do “lobo mau”, como posteriormente a imagem do Lobo fragilizado e sua tentativa de recuperar sua imagem assustadora.

#### 10.3.1 A imagem do “Lobo Mau” na tradição

A figura do lobo que o Narrador (N9) reproduz, num primeiro momento, é aquele que já está posto no interdiscurso. Este sentido vem à tona na forma como Narrador designa o Lobo:

CL - sd113 - (N9): “lobo mau”

Mantida pela tradição no interdiscurso, a imagem de maldade do Lobo é sempre aliada à sua ferocidade e a seu apetite. A voz do Narrador (N9) e (N8) recupera essa faceta da imagem do Lobo assim:

CL - 114 - (N9): “resolveu jantar alguém”

ChB - sd 115 - (N8):

“E Chapeuzinho Amarelo, /de tanto pensar no LOBO, /de tanto sonhar com LOBO, / de tanto esperar o LOBO, / um dia topou com ele / que era assim: /carão de LOBO, /olhão de LOBO, / jeitão de LOBO, / e principalmente um bocão / tão grande que era capaz / de comer duas avós, / um caçador, /rei, princesa, / sete panelas de arroz / e um chapéu de sobremesa.”

Nestes dois enunciados, tem-se resgatado o sentido de maldade e de voracidade do Lobo, que ficaram cristalizados e foram parafraseados no interdiscurso a partir da instauração do sentido em Perrault e Grimm:

GRI - sd 36 - (L2):

“O lobo pensou: Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha; tu tens que começar bem astuto e manhoso (listig) para que possas apanhar as duas.

PER - sd 15 - (N1):

“ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina”

Este sentido, como se pode ver e também já foi mostrado anteriormente, originou-se nos domínios de Perrault e Grimm, posto por (N1), (N2), (CV1) e (CV2), continuando a ressoar no interdiscurso. Vamos apontar a construção do sentido nesses domínios e compará-la com o sentido que está posto nos domínios 9 e 8. Observemos o quadro abaixo:

DOMÍNIO	CONSTRUÇÃO DO SENTIDO	RESSONÂNCIA DISCURSIVA	DOMÍNIO
PER - SD - (N1)	“esses lobos (. . .) são os mais perigosos” “ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina”	“capaz / de comer duas avós, / um caçador,/rei, princesa,/ sete panelas de arroz /e um chapéu de sobremesa.”	ChB -SD - (N8)
GRI - SD - (N2)	“O lobo pensou: Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha; tu tens que começar bem astuto e manhoso para que possas apanhar as duas.	“resolveu jantar alguém”	CL - SD - (N9)
GRI - SD - (N2)	“bicho malvado”	“lobo mau”	CL - SD - (N9)
PER - SD - (CV1)	“Minha avó, como você tem olhos grandes!”	“carão de LOBO” “olhão de LOBO”	ChB - SD - (N8)
GRI - SD - (CV2)	“Oh, vovozinha, que olhos grandes tu tens!”		
PER - SD - (CV1)	“Minha avó, como você tem braços grandes!” “Minha avó, como você tem pernas grandes!”	“jeitão de LOBO”	ChB - SD - (N8)
GRI - SD - (CV2)	“Oh, vovozinha, que mãos grandes tu tens!” “Oh, vovozinha, que orelhas grandes tu tens!”		
PER - SD - (CV1)	“Minha avó, como você	“principalmente um	ChB - SD - (N8)

	tem dentes grandes!”	bocão tão grande”	
GRI - SD - (CV2)	“Mas vovozinha, que bocarra terrivelmente grande tu tens!”		

No quadro comparativo pode-se verificar que:

a) O sentido da **maldade** do lobo se evidencia, quando o Narrador (N1), (N2), o designa/qualifica como:

PER - sd 17 - (N1): “esses lobos (. . .) são os **mais perigosos**”

GRI - sd 46- (N2): “bicho **malvado**”; (sd 29)“**velho pecador**”

Este sentido mantém-se, ressoando interdiscursivamente no domínio de Chico Buarque, quando o Narrador descreve o Lobo como “capaz de comer duas avós, / um caçador,/rei, princesa,/ sete panelas de arroz /e um chapéu de sobremesa.”, recupera o sentido de perigo historicamente associado ao Lobo por causa de sua gula/ seu apetite selvagem.

b) O sentido do **aspecto assustador** do lobo evidencia-se, quando a menina (CV1) e (CV2) faz as conhecidas exclamações diante do Lobo disfarçado de avó:

PER - sd 68 - CV1:

“Minha avó, como você tem **braços grandes!**”; “Minha avó, como você tem **pernas grandes!**”; “Minha avó, como você tem **orelhas grandes!**”; “Minha avó, como você tem **olhos grandes!**”; “Minha avó, como você tem **dentes grandes!**”

GRI - sd 69 - (CV2):

“Oh, vovozinha, que **orelhas grandes** tu tens!”; “Oh, vovozinha, que **olhos grandes** tu tens!”; “Oh, vovozinha, que **mãos grandes** tu tens!”; “Mas vovozinha, que **bocarra terrivelmente grande** tu tens!”

b.1) com “jeitão de LOBO”, o Narrador recupera, no domínio de Chico Buarque, dos domínios de Perrault e Grimm “braços grandes!”, “pernas grandes” e de Grimm, “mãos grandes”, “orelhas grandes”

b.2) no domínio de Chico Buarque, onde o Narrador fala de “carão de LOBO”, “olhão de LOBO”, que é uma ressonância de Perrault e Grimm na voz de (CV1): e de (CV2), “olhos grandes”;

b.3) quando o Narrador (N8) em Chico Buarque fala em “um bocão tão grande”, nitidamente recupera o sentido que se instaura em Perrault “Minha avó, como você tem dentes grandes!” e em Grimm “Mas vovozinha, que bocarra terrivelmente grande tu tens!”

Assim temos duas famílias parafrásticas em que emergem:

a) o sentido da maldade, que é dado pela natureza lexical dos adjetivos e pela oração que dá o sentido da gula do Lobo, o tamanho de seu apetite desenfreado e descomunal, associado à sua maldade:

mais perigoso / malvado / velho pecador/ “capaz de comer (. . .)” = glutão

b) o sentido do assustador, que é contemplado na descrição do tamanho através do adjetivo “grande”, do aumentativo ou de ambos:

b.1) substantivo + “grande” : olhos grandes / braços grandes / pernas grandes/ mãos grandes/ orelhas grandes/ dentes grandes

b.2) substantivo no aumentativo: carão/ olhão/ jeitão

b.3) substantivo no aumentativo + intensificador: bocarra terrivelmente grande /bocão tão grande

Pode-se notar que a tradição é buscada no interdiscurso como que para “revisar” os fatos que estiveram em vigência na FD moralista, para com isso criar um contraste com os fatos que seguem, um efeito mais forte de ruptura da nova formação discursiva libertária em relação à antiga, moralista.

### 10.3.2 A imagem do apetite do Lobo

Nos domínios de Perrault e Grimm o Lobo fala de seu **potencial agressivo** para comer, devorar menininhas:

PER - sd 68 - (L1):

“- Minha avó, como você tem dentes grandes!  
- É pra te comer.”

GRI - sd 69 - (L2):

“- Mas vovozinha, que bocarra terrivelmente grande tu tens!  
- Para que possa te devorar melhor.”

E este potencial **se concretiza** na voz do Narrador em Perrault e Grimm:

PER - sd 53 - (N1): “O Lobo saltou para cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou”

GRI - sd 74 - (N2): “o lobo tinha saciado seus desejos”

Assim, o potencial agressivo do lobo realmente é utilizado e temos não só a ameaça da sua ação, mas a efetiva comprovação da sua agressividade. Já no domínio de Chico Buarque, o apetite do Lobo é descrito através de um potencial que **não chega a se concretizar**:

ChB - sd 116 - (N8)

“**era capaz** /de comer duas avós,/ um caçador, rei, princesa,/ sete panelas de arroz/ e um chapéu de sobremesa”.

O Lobo, sendo “capaz de comer” toda essa quantidade, passa a imagem de um apetite descomunal. Tão descomunal que chega ao absurdo, ao irreal. Poder-se-ia dizer, então, que também essa característica do “lobo” (LOBO) é virtual. Foi construída com toda essa força descomunal, mas mantém-se no interdiscurso e é recuperada apenas como a imagem da tradição, para enfatizar melhor que essa tradição é já passada e ultrapassada. O Narrador usa o recurso do exagero, o que atribui à imagem traços de inverossimilhança.

### 10.3.3 A imagem do lobo fragilizado

No domínio de Carlos Lyra, a imagem do Lobo começa a perder a força que tinha nos domínios de Perrault e Grimm. Apesar de ser apresentado como o “lobo mau”,

esta representação da maldade do lobo parece ser coisa do passado, é apenas uma ressonância discursiva que se mantém no interdiscurso, mas que não vale mais neste domínio de Lyra. Lê-se neste domínio(9):

CL - sd 117 - (N9):

“Era uma vez um lobo mau/ Que resolveu jantar alguém/ Estava sem vintém/ Mas arriscou/ E o lobo se estrepou”

Apesar de o Narrador colocar que o Lobo é *mau* e que *resolveu jantar alguém*, o que vem sintonizar com a imagem do Lobo que está congelada no interdiscurso, sua ação, em outras condições de produção, não tem o mesmo resultado. Ele *arriscou* e *se estrepou*. Nos domínios de Perrault e Grimm, poderíamos dizer que foi Chapeuzinho quem *arriscou* e *se estrepou*. Ou seja, existe uma reversão que acontece neste domínio em relação aos domínios 1 e 2 no que se refere às posições do Lobo e de Chapeuzinho.

Nestes primeiros domínios, seria impensável uma representação do Lobo ocupando uma posição-sujeito de dominado e Chapeuzinho uma posição de dominador. No entanto, nos anos 60, em plena época do feminismo, o poder de sedução do Lobo está “em baixa”. É por isso também que quem realmente seduz é Chapeuzinho. Chapeuzinho está *de maiô*, porque neste momento de liberação da mulher, já pode expor seu corpo sem ser considerada “desavergonhada”. Assim, esta nova Chapeuzinho já pode exercer seu poder de sedução, pela força de sua juventude e beleza. O Lobo até tenta exercer o seu poder de sedução, de persuasão:

CL - sd 118 - (N9):

“O lobo mau insiste/ Faz cara de triste”

Ou seja, o Lobo tenta persuadir Chapeuzinho, apelando aos seus bons sentimentos. De maneira semelhante à que fez nos domínios 1 e 2. Lá, o Lobo motivava os bons sentimentos de Chapeuzinho em relação à sua avó (colher flores para agradar à avó), aqui (domínio 9), o Narrador nos diz que ele procura persuadir Chapeuzinho a ceder às suas súplicas:

CL - sd 119 - (N9):

“Lobo canta, pede, promete tudo, até amor/ E diz que fraco de lobo/ É ver um chapeuzinho de maiô”

Pode-se ver que este Lobo (L9) não tem mais muito em comum com L1 e L2. Lá, o Lobo sugeria que a menina colhesse flores para sua avó e que tomasse um determinado caminho. Aqui, tenta diretamente persuadir a menina a ceder a seus desejos. *Canta, pede, promete tudo, até amor*, que são suas estratégias de sedução. Mostra-se disposto *até* a dar *amor* a Chapeuzinho e não apenas a usá-la como objeto sexual. Tenta persuadi-la, apelando à sua vaidade, dizendo que *fraco de lobo é ver um chapeuzinho de maiô*. Assim, o Narrador (N9) revela a diferença que existe entre L1 e L2 de um lado, e L9 de outro. Nos domínios 1 e 2, o Lobo não precisa fazer muito esforço para conseguir seus intentos. No domínio 1 apenas manda que a menina vá por um determinado caminho e a devora sem problemas na casa da avó. Lembremos que, em Grimm, o próprio Lobo reconhece que *só* é preciso que ele “comece bem manhoso para que possa apanhar as duas”, o que ele realmente faz, obtendo sucesso. Neste domínio (9), no entanto, dá-se uma reversão deste sentido de facilidade. Não é mais tão fácil para o Lobo enganar a menina ou persuadi-la para conseguir seus intentos, apesar de tudo o que faz. Diz o Narrador:

CL - sd 120 - (N9):

“Mas chapeuzinho percebeu/ Que Lobo Mau se derreteu/ Pra ver vocês que lobo, também faz /papel de bobó”

Mais uma pista que nos revela a imagem atualizada do Lobo é quando o Narrador (N9) nos revela que *Lobo Mau se derreteu*. Ou seja, perdeu o controle da situação. Esta expressão *derreter-se* é usada para descrever alguém cuja sensibilidade foi afetada de tal maneira por outro que está à sua mercê. Aurélio B. de Holanda Ferreira (op.cit.) define *derreter-se* como “enternecer-se, comover-se, apaixonar-se”. Este Lobo, evidentemente, não sintoniza mais com a imagem que o interdiscurso imobilizou.

A recusa de Chapeuzinho em ceder ao Lobo estabelece as novas regras dessa relação, deste jogo de sedução e faz com que o Lobo se submeta, permitindo até que Chapeuzinho o conduza numa coleira. Evidencia, assim, uma total reversão da posição que ambos ocupavam nos dois primeiros domínios.

Temos também um Narrador dialogando com seu ouvinte/leitor quando nos diz: *Pra ver vocês que lobo, também faz papel de bobó* e ensina-lhe um novo saber. *Papel*

*de bobo* que nas duas versões primeiras só fazia Chapeuzinho, agora faz o Lobo, não é mais “privilégio” das mulheres.

Fecha assim um círculo que coloca o Lobo (homem) no seu lugar humano e também vulnerável. Como Chapeuzinho, também ele pode fazer “papel de bobo”, não só ela, como aconteceu nos primeiros domínios. O Lobo não é mais o mal todo-poderoso e invencível e a menina não é mais a eternamente “boba” e enganável.

Esta reversão de papéis é tão profunda que *fazer papel de bobo* para o Lobo faz parte de todo um novo contexto em que a imagem do Lobo se transforma de dominador a dominado. Chapeuzinho, ao contrário, é quem controla a situação e o Lobo, pois traz o Lobo à sua mercê, preso a uma coleira como um bicho de estimação:

CL - sd 110 - (N9):

Só posso lhes dizer, chapeuzinho agora traz/ Um lobo na coleira, que não janta/ nunca mais.”

Não é mais o Lobo (L9) que controla a situação como no domínio 1 e 2, pois quem administra a coleira é Chapeuzinho, que detém o poder sobre o Lobo que está preso a ela. Há uma mudança também no ato de comer que, no domínio 9, é referido como “jantar”; estabelece-se, assim, uma ressonância com “comer” “devorar” dos domínios de Perrault e Grimm. A posse sexual simbolizada através do verbo “comer” sempre ficou reservada, desde os primeiros domínios, ao homem. Entretanto, neste domínio, o ato de comer, apesar de não estar explicitamente reservado à mulher, com certeza não é mais prerrogativa do Lobo que, segundo o Narrador (N9), *não janta nunca mais*.

No domínio de Chico Buarque, também ocorrem mudanças na imagem do Lobo. Uma delas é perceptível na forma como o autor grafa a palavra “lobo”, como se pode observar na SD abaixo:

ChB - sd 105 - (N8):

“Mas o engraçado é que, / assim que encontrou o LOBO, / a Chapeuzinho Amarelo/ foi perdendo aquele medo / o medo do medo do medo / de um dia encontrar um LOBO./ Foi passando aquele medo / do medo que tinha do **LOBO**./ Foi ficando só um pouco/ do medo daquele **lobo**./ Depois acabou o medo / e ela ficou só com o **lobo**.”

No domínio de Chico Buarque (8), quando o Lobo é aquele amedrontador que está posto como pré-construído e que ressoa no interdiscurso, é grafado “LOBO”. Já quando se trata do lobo real que Chapeuzinho encontra (em processo de deixar de ser amedrontador), o Narrador (N8) o trata como “lobo”.

O lobo que Chapeuzinho teme é o “LOBO”, que é o ser estereotipado. É a imagem cristalizada através dos séculos na memória discursiva. Quando, afinal, encontra o “LOBO” e sua imagem é confrontada com o lobo real, ele passa a ser o “lobo”, indicando o Narrador (N8), também graficamente, a desestruturação da imagem. O lobo real não corresponde mais à imagem do “LOBO”. “LOBO” passa então a ser um lobo efetivamente virtual. A imagem do lobo mantida no interdiscurso não corresponde à imagem do “lobo” real. O lobo concreto, individualizado pertence à mesma espécie do “LOBO”, mas o sentido desliza.

Sem a imagem do medo da menina, não existe mais a imagem do Lobo devorador. Na FD moralista de Perrault e Grimm, o sentido aterrorizante da imagem do Lobo se constrói a partir do sentido do medo inculcado na menina; um sentido é decorrente do outro, um se alimenta do outro. É a imagem do medo da menina que permite ao Lobo ser agressivo e devorador. Assim, uma vez que o sentido do medo é desconstruído, também se desconstrói a imagem de agressividade do lobo, e ele se reduz a um ser inofensivo, tão inofensivo que pode ser até comido por uma menina, pois de LOBO transforma-se em BOLO:

ChB - sd 121 - (L8): “LO-BO- LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO- LO-BO- LO-BO- LO”

Temos aí uma cadeia fonética que conduz de *lobo* a *bolo*. É uma pista da ordem do fonológico que indica polissemia. A voz do lobo soa como um eco, o próprio eco da ressonância discursiva. O lobo, ao repetir “LOBO”, que é sua imagem fixada interdiscursivamente, cria uma imagem de continuidade e permanência na tradição. Ao mesmo tempo, quando esta série repetitiva das sílabas de LO-BO termina em BO-LO, tem-se o efeito de mudança de sentido. Interessante notar que é o próprio lobo, na tentativa de recuperação de sua antiga imagem, que desencadeia a metamorfose. É como se nessa cadeia discursiva de permanência do sentido, em um ponto não localizável, começasse a ocorrer o deslizamento desse sentido. E é tão sutil esse deslizamento que

não é possível localizar o momento exato em que ele se dá. Só é claramente perceptível no momento em que acaba a cadeia fonética e, ao invés de termos novamente a palavra LOBO, tem-se a palavra BOLO. Na verdade, para que LO-BO se transforme em BO-LO, numa seqüência de LO-BO, é preciso que em dado momento, haja uma interrupção e essa interrupção não ocorre apenas na ordem do fonológico

As sílabas são invertidas e essa inversão altera o significante. Isso nos faz questionar o que ocorre com o sentido. Pode-se questionar qual é a relação do sentido de “LOBO”, já instituído e institucionalizado, com o sentido de “BOLO”, que é novo. À primeira vista, pode parecer um deslizamento que conduz ao absurdo, ao *non sense*. No entanto, examinando melhor, pode-se chegar a algumas pistas importantes.

ChB - sd 122 - (N8):

“E o lobo parado assim/ do jeito que o lobo estava/ já não era mais um LO-BO/ era um BO-LO./ Um bolo de Lobo fofo,/ tremendo que nem pudim,/ com medo da Chapeuzim, com medo de ser comido/ com vela e tudo, inteirim”

Quando se ouve, na voz do Narrador que, “do jeito que o lobo estava / já não era mais um LO-BO”, o que aparece aqui é o sentido da própria fragmentação da imagem do Lobo. Como já afirmamos anteriormente, “LOBO” é a forma que o Narrador usa para representar a imagem cristalizada do lobo no interdiscurso. Agora, comunica-nos que “do jeito que o lobo estava”, ou seja, sua imagem atual, sua posição-sujeito nas condições de produção atuais, era exatamente o contrário do que tinha sido nos primeiros domínios e tinha continuado a ser na memória discursiva.

Pronunciar as sílabas separadamente é uma maneira de falar, às vezes utilizada para enfatizar, esclarecer, para não deixar dúvidas quanto ao que se está dizendo. Então, quando o Narrador diz que “já não era mais um LO-BO/ era um BO-LO”, isto soa como um esclarecimento: “vamos deixar bem claro”: já não existe mais LOBO; agora, no seu lugar, existe um BOLO. Um bolo, sem dúvida. De lobo comedor transforma-se em bolo comestível. De temível e temido por Chapeuzinho, transforma-se em atemorizado “com medo da Chapeuzim<sup>7</sup>, com medo de ser comido”. A imagem da gula do lobo é transferida para Chapeuzinho, pois o lobo tem “medo de ser comido com vela e tudo, inteirim”. Tem-se aí a reversão total das posições-sujeito, a reversão total dos sentidos

<sup>7</sup> A terminação “im” em “Chapeuzim”, “inteirim” estabelece uma ressonância discursiva com “Diadorim”, personagem do “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa.

instituídos anteriormente, o que caracteriza o discurso lúdico. Essa repetição que vai gerar uma modificação causa, na verdade, um rompimento, um acontecimento discursivo. Diz PÊCHEUX que é através das quebras de rituais e de transgressões de fronteiras que acontece “o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição (1990, p. 17), que inaugura uma nova FD, a FD libertária, onde o inimaginável acontece.

A confirmação de que, nesta FD 3, temos um sentido dominante contrário à FD1, está no que se ouve na voz do Narrador (N8):

ChB - sd 123 - (N8):

“porque um lobo, tirado o medo,/ é um arremedo de lobo./ É feito um lobo sem pêlo/ Lobo pelado.”

Definitivamente, a imagem do “LOBO” foi substituída pela de “lobo” e a de “lobo” pela de “BOLO”. A imagem do perigo, associada à animalidade do lobo não existe mais. O lobo desta FD é “um arremedo de lobo” é “um lobo pelado.” - o homem.

Nesta FD pós-feminismo já não cabe o medo do lobo, daquele LOBO. O Lobo determinado por esta nova formação discursiva é simplesmente o lobo que Chapeuzinho encontrou. Apagada a imagem do medo, o Narrador (N8) nos diz:

ChB - sd 105 - (N8): “e ela ficou só com o Lobo”

Quando o Narrador usa a palavra “só” aponta para dois sentidos:

só = apenas (não mais com o medo, apenas com o lobo)

só = sozinha (a sós) - que busca a imagem da sedução no interdiscurso, mas que não se concretiza.

A sós com Chapeuzinho, que não se amolda mais ao perfil de atemorizada e inocente, o Lobo, não mais protegido pelo rótulo de assustador, mostra que sua virilidade, poder e força, apregoados através do tempo, foram sempre garantidos pelo medo. O Lobo perde sua força, porque esta era assegurada pelo medo de Chapeuzinho e mantido pelas Mães e Narradores de todos os Chapeuzinhos. O Lobo tem sua força roubada pela ausência do medo de Chapeuzinho. A imagem do lobo decresce de maneira inversamente proporcional ao crescimento da de Chapeuzinho.

Temos, neste momento, uma pista de que aqui estão frente a frente apenas um homem e uma mulher. O Lobo ficou despido do medo que o vestia todo o tempo, ficou nu. Assim como nua tinha ficado Chapeuzinho no domínio de Perrault e por isso comida. E ao ficar nu, despido e desprotegido, podia facilmente transformar-se em presa, podia ser comido. Dessa maneira, tem-se a total inversão das posições-sujeito e dos sentidos, instaurando-se a polissemia, que chega quase ao exagero do discurso lúdico - o *non sense*. O *non sense* que se caracteriza pela aparente ausência de sentido, ou o sentido absurdo que se institui, como um avesso da verdade dominante da FD moralista.

#### 10.3.4 A tentativa de recuperação da imagem do lobo assustador, ou, a luta pelo poder

Com o movimento feminista e o advento da pílula anti-concepcional, temos novas condições de produção que fazem surgir uma nova FD e, dentro dela, a imagem da mulher modificada e oposta àquela que existia na FD moralista. As imagens, superdimensionada do lobo e subdimensionada de Chapeuzinho, são apenas imagens fossilizadas que representam uma tradição ultrapassada. Com essa nova imagem de mulher, também surge uma nova imagem de homem. Até o movimento feminista e o surgimento da pílula, as imagens de passividade, submissão e obediência sempre estiveram ligadas à mulher e nunca foram questionadas. A partir de então, surge o sentido dos direitos da mulher, de sua liberação e independência. Todo este conjunto de fatores dá origem à uma nova imagem que, como consequência natural, também vai desestruturar a imagem do lobo (homem).

No entanto, também esta não é uma FD homogênea. Enquanto surgem os novos sentidos na nova FD libertária, os sentidos da FD moralista, que sofreram deslizamento e reversão e constituem o seu exterior específico, buscam a manutenção do sentido dominante. É por isso que o Narrador indica a tentativa do Lobo de recuperar sua posição de sujeito dominador:

ChB - SD - (N8):

“E ele **gritou**: sou um LOBO!/ E ele **gritou**: sou um LOBO!/ e ele **berrou**: EU SOU UM LOBO!/ Então ele **gritou bem forte**/ aquele seu nome de LOBO”

O Narrador utiliza verbos que tradicionalmente denotam a ação de dominar através da força verbal: *gritar, berrar*. Além disso, a ação é reforçada através de locuções adverbiais: *bem forte e umas vinte e cinco vezes*.

A razão desta ação é “pro medo ir voltando / e a menininha saber com quem estava falando”. Tem-se, então, claramente que a imagem do lobo atual corresponde à outra posição-sujeito, oposta à que ocupava na FD moralista. No entanto, o discurso conservador na luta ideológica interna busca manter o sentido anteriormente dominante. Se considerarmos a imagem que Chapeuzinho Amarelo tem do lobo e a que ele tem dela nesta FD, podemos observar que suas posições claramente se invertem em relação às FDs anteriores, em que se inserem os outros domínios discursivos analisados. O Lobo demonstra isso dando pistas de que está tentando recuperar sua antiga imagem de dominador, forte, todo-poderoso, quando diz que era para “a menininha saber com quem estava falando”.

No domínio popular existe a frase “Você sabe com quem está falando?” que é usada por aquele sujeito que se imagina em posição superior a seu interlocutor. Por isso o Narrador (N8), recuperando este sentido do domínio popular, diz que o Lobo usa sua estratégia de repetição e de alteração de voz com o objetivo de recuperar sua posição de dominador em relação a menina.

Nota-se, assim, que, quando surge a polissemia, que é a interrupção da cadeia repetitiva do mesmo, e a instauração do sentido novo, acontece um conflito entre os dois sentidos - o velho e o novo - estabelecendo-se, neste momento, a dominância do novo.

### **Resumindo o Bloco 3**

Examinamos nesse bloco de análise como a imagem do “Lobo Mau”, que reside na memória discursiva, se modifica. Historicamente, a maldade do Lobo é sempre associada à sua ferocidade e a seu apetite, sentido que se originou nos domínios de Perrault e Grimm e ressoa, até hoje, no interdiscurso como “Lobo Mau”.

Este sentido mantém-se, inicialmente, ressoando interdiscursivamente no domínio de Lyra e de Chico Buarque. No de Lyra, o Narrador já introduz diretamente o

sentido de maldade do Lobo, pois já começa dizendo que “era uma vez um lobo mau”. No de Chico Buarque, quando o Narrador descreve o Lobo associado com a gula, seu apetite desenfreado e seu aspecto assustador. A seguir, a imagem do medo é desconstruída, como também a imagem de agressividade do Lobo. Temos, neste domínio, uma transformação que ocorre mais drasticamente com o Lobo, reduzindo-o de LOBO a BOLO, de comedor a comestível.

Constatamos que as imagens que estiveram em vigência na FD moralista (FD1), são reveladas através da ressonância discursiva e assim contrastam com as imagens novas da FD libertária (FD3), criando um efeito forte de ruptura e um sentido dominante novo.

No domínio de Carlos Lyra, as imagem do Lobo e de Chapeuzinho também sofrem modificação, em função de mudarem suas posições-sujeito, demonstrando que há reversibilidade quando acontece a mudança da relação dominado e dominador.

Em ambos os domínios, essas novas relações, em que o Lobo perde o controle da situação e Chapeuzinho cresce em poder, estão baseadas em novas posições-sujeito, que geram novas imagens e evidenciam também as mudanças nas condições de produção desses domínios. O movimento feminista e o advento da pílula anti-concepcional fazem parte dessas novas condições que fazem surgir uma nova FD e, dentro dela, novas imagens da mulher e do homem. Na verdade, essa reversão das posições-sujeito evidencia também uma reversão do sentido, a polissemia. A instauração da reversibilidade é exatamente o momento em que se abre espaço para o discurso lúdico.

## **UM ÚLTIMO OLHAR SOBRE O RECORTE 5**

Neste recorte, desestabilizam-se completamente os sentidos das primeiras versões; sentidos novos se instauram, constituindo a FD libertária. Pudemos constatar que a representação da relação homem/mulher sofre, no domínio de Lyra, uma total inversão em relação às posições-sujeito que homem e mulher ocupavam nas primeiras versões (1 e 2).

Também pudemos observar como ocorre a transformação na imagem do medo que se inicia na tradição com Perrault e Grimm. Esse deslizamento de sentido pôde ser

observado tanto no domínio de Rosa como no de Chico Buarque, sendo que, em Guimarães Rosa, ocorre uma mudança no referente de medo e, no de Chico Buarque, passa-se do medo virtual para o não-medo. Já no domínio de Lyra, constatamos que inexistiu o medo por parte de Chapeuzinho e, assim, a relação entre ela e o Lobo que, nos domínios 1 e 2, é baseada na ignorância e, num segundo momento, no medo, fatalmente se modifica, uma vez que desapareceram os princípios que a mantinham.

O deslizamento de sentido ocorre duplamente em Chico Buarque - o Lobo transforma-se em bolo e mais, de lobo amedrontador em bolo amedrontado. A imagem da menina também se transforma - de Chapeuzinho com medo temos uma evolução para Chapeuzinho sem medo.

Já em Lyra temos desde sempre instaurada a reversão dos papéis do Lobo e de Chapeuzinho. No domínio de Buarque, presenciamos, através da narração feita pelo Narrador, a própria transformação acontecendo, acompanhamos o momento da instauração da reversibilidade. Do medo que causa na menina a imagem virtual do Lobo à realidade sem medo. A menina com medo transforma-se na menina sem medo que impõe medo ao Lobo. Em Lyra, já temos a reversibilidade instaurada. Não há Mãe para dar ordens, não há Lobo poderoso com habilidade para enganar, não há ingenuidade nem medo na menina. O Lobo é fraco e dominado desde o início.

Para que se mantivesse o discurso pedagógico admoestador estabelecido pela tradição iniciada com Perrault e mantida viva através da memória discursiva, Chapeuzinho deveria continuar temendo o Lobo e o Lobo deveria continuar amedrontando Chapeuzinho. No entanto, este modelo não se mantém no domínio de Lyra, nem no domínio de Chico Buarque. No domínio de Lyra, as imagens de Chapeuzinho e do Lobo não correspondem em praticamente nada àquela que se inaugura em Perrault, sendo parafraseada em Grimm, onde se tem uma imagem frágil de Chapeuzinho e forte do Lobo. No domínio de Lyra, a imagem de Chapeuzinho só guarda semelhança com CV1 e CV2 no nome “Chapeuzinho”. O Narrador (N9) se refere aos “conselhos da vovó” que “Chapeuzinho ouviu”. Buscando a origem dessa referência, não encontramos a avó dando conselhos à menina, nem no domínio 1 nem no domínio 2. No domínio 1, encontramos, como já foi mostrado no recorte 1, o Narrador demonstrando a seus ouvintes o que acontece com Chapeuzinho porque deu ouvidos ao Lobo - “não será de estranhar/ que, por isso, o lobo as devore”. No domínio 2,

encontramos a Mãe recomendando à menina que vá “bem comportada” e que não se desvie do caminho. Assim, “os conselhos da vovó” que constam no domínio de Lyra são recomendações que parecem vir de outras vozes no domínios 1 e 2. Poderíamos pensar que o Narrador (N9) atribui à avó a autoria dos conselhos fazendo-a representar com isso uma imagem de mãe da geração mais antiga, ao mesmo tempo criando um efeito de sentido de antigüidade desses conselhos.

Diz-se, popularmente, que a avó é uma mãe “adocicada”. Isso porque ela já é mãe mais distante. Renova-se sua maternidade na neta, mas acaba sendo mais permissiva. Assim, os “conselhos da vovó” soam como ordens abrandadas, na verdade, nem soam mais como ordens. As ordens da Mãe dos domínios 1 e 2 não têm mais, neste domínio, o tom autoritário de então; ficaram abrandadas, pela distância no tempo e na maternidade, transformando-se apenas em “conselhos da vovó”; conselhos, não ordens; da vovó e não da mãe.

A estratégia do Lobo para recuperar o medo, dominante na FD autoritária, não dá certo, como mostra o Narrador (N9 e N8), que pertence a outra FD (a libertária), dentro da qual não se mantém o autoritarismo passado a cada paráfrase concretizada nas outras versões. Gostaríamos de lembrar aqui a definição de Sant’Anna (1995) para quem a paródia “é sempre inauguradora de um novo paradigma porque está do lado do novo e do diferente e, de avanço em avanço, constrói a evolução de um discurso, de uma linguagem sintagmaticamente” (p.27). Desse ponto de vista, consideramos que os domínios analisados neste recorte realmente podem ser considerados paródias dos domínios 1 e 2 uma vez que, de fato, instauram a polissemia e caracterizam um avanço do discurso.

## **11 CONCLUSÃO**

Este trabalho, que buscava no início apenas encontrar repetições do discurso pedagógico nos diferentes domínios, sofreu alterações de direção ao longo de sua execução. Analisando domínios discursivos que foram produzidos ao longo de quatro séculos - do século XVII ao século XX - encontramos não só formas de repetição, mas também rupturas, constituindo novos efeitos de sentido.

Ao levantar dados para recuperar o necessário referencial teórico, um dos conceitos teóricos mais importantes utilizados foi a contraposição feita por Orlandi entre

paráfrase e polissemia, afirmando que é na articulação entre esses dois pólos que acontece, de fato, a linguagem. Esses dois conceitos e, também, a tipologia dos discursos proposta pela mesma autora, foram fundamentais para a identificação dos discursos presentes nos diferentes domínios, o que nem sempre se revelou uma tarefa simples.

Ao final do trabalho de análise que desenvolvemos, concluímos que, levando em consideração os efeitos de sentido produzidos pelos tipos de discurso que se apresentaram nas diferentes versões que compuseram o corpus desta dissertação, podemos agrupar os recortes basicamente em quatro formações discursivas:



Essas formações discursivas originam-se dentro de determinadas condições de produção que as tornam possíveis e que, por sua vez, possibilitam os discursos que ouvimos na voz do Narrador, em todos os domínios, mas também na voz dos sujeitos que ocupam outras posições.

Os domínios que compõem os recortes 1 (o discurso pedagógico moralista) e 2 (o discurso sedutor) fazem parte da FD1 que chamamos de moralista e na qual os efeitos de sentido convergiram para o mesmo ponto. O recorte 2 estabelece uma ressonância em relação à significação do recorte 1. Isso nos permite dizer que, discursivamente, este recorte é uma paráfrase do recorte 1, já que ele mantém o sentido dominante e não ocasiona alteração de lugar social entre os sujeitos do discurso. Por esta razão, o recorte 2 permanece no nível do mesmo e não ocasiona rupturas de significação, fazendo parte, também, da FD moralista.

No Recorte 1, temos, portanto, o discurso pedagógico, revelado nos domínios discursivos de Perrault, Grimm, Miranda e Adams. Perrault escreve no fim do século XVII, no final da época do chamado classicismo francês, que é a variante francesa do barroco, e centra-se, entre outros, em um sentimento de moralidade. Saint-Beuve, crítico

da literatura francesa, afirma que a missão do século XVII foi a de reestabelecer a ordem e reconstruir a sociedade, a religião e as forças de resistência. O dualismo entre razão e matéria institui-se a partir de Descartes com o seu *Discours de la Methode*, que é a tradução conceptual do sentimento e da visão de mundo, feitos de tensões contrapostas que caracterizam o Barroco.

Além de Perrault, inscrevem-se nesta formação discursiva moralista também os Irmãos Grimm que, apesar de terem registrado a sua versão quase dois séculos depois (1812), suas condições de produção, ainda que em pleno Iluminismo, motivam uma FD altamente colorida de moralismo, antecipando já características do estilo romântico, em que traços barrocos vêm novamente à tona. Também é por isso que o sujeito feminino Chapeuzinho tem outra chance depois de deitar-se com o lobo. Uma das características do estilo romântico é exatamente possibilitar, principalmente à mulher que “caiu em pecado”, uma oportunidade através do arrependimento.

O Discurso pedagógico sentencioso, identificado em Pedro Bandeira (1986), revela que a 15 anos do final do século XX ainda há espaço para um discurso moralista e que nem tudo são “flores” no Brasil dessa época, recém-saído de uma ditadura militar. A paródia que Bandeira faz da história de Chapeuzinho Vermelho, dando-lhe uma continuação e aparente explicação extremamente direcionada, narrada a partir de uma ótica machista e moralista, revela que o preconceito contra a mulher ainda continua forte, apesar de surgir num contexto e numa época de maior liberdade supostamente também para a mulher.

O domínio discursivo de Miranda ainda faz parte dessa formação discursiva, em plena segunda metade do século XX (1987), numa época em que a mulher já tem uma maior liberdade no Brasil e em grande parte do mundo. No entanto, há que se considerar, de fato, dois discursos no domínio discursivo de Miranda: um que identificamos como pedagógico e outro como polêmico. Podemos dizer que essa dualidade advém das condições em que foram produzidos. Miranda escreve uma história cujo contexto é o rural sul-riograndense brasileiro. Contexto que pode ser identificado principalmente pelo linguajar dos sujeitos e modo de narrar do Narrador. Suas condições de produção incluem, por um lado, uma forte tradição conservadora, conhecida nacionalmente no Brasil como altamente moralista e machista, o que dá margem ao discurso pedagógico. Por outro lado, a imagem da mulher sul-riograndense

é a de um sujeito forte, que se faz presente na literatura como tendo uma vontade firme. Temos, então, duas características contextuais que dão origem aos dois tipos de discurso presentes em Miranda. Assim, identificamos um dos dois discursos exposto nos recortes 1 e 2 o outro no recorte 3.

A análise do recorte 3 revela um deslocamento das fronteiras da FD dominante, abrindo espaço para aquilo que na FD moralista ainda não podia e não devia ser dito. É o deslocamento das fronteiras da FD que abre espaço para esse dizer que antes não era formulável, por isso, chamamos essa FD2 de intermediária. O recorte 3 permanece, no entanto, ainda bem próximo do sentido dominante da FD moralista. Abre-se um espaço para a crítica que antes não era sequer imaginável, mas ao final, a moral vigente ainda fica reafirmada. Sob a aparência do diferente há, ainda, o retorno do mesmo.

Nos domínios discursivos que fazem parte do recorte 3 percebe-se que as condições de produção causam uma modificação do discurso. Tanto em *Chapeuzinho de Palha* como em *Chapeuzinho Vermelho*, de Georgie Adams (1996), as condições de produção do discurso já incluem a visão feminista e o advento da pílula anti-concepcional. O sentido do perigo do Lobo e da ameaça que ele representa para todas as meninas/moças, na figura de *Chapeuzinho Vermelho* ou *Chapeuzinho de Palha*, permanece através do interdiscurso. Mas o contexto se altera e as meninas-moças já não são mais ignorantes, tendo, talvez, aprendido com a esperteza histórica do Lobo.

Assim, pode-se perceber claramente que a submissão (contestada) à Mãe e a possibilidade de lutar contra o Lobo fazem parte dessa imagem emergente da nova posição-sujeito que passa a ocupar *Chapeuzinho de Palha*.

Pode-se observar que autores que escrevem na mesma época - Pedro Bandeira (1986), José Fernando Miranda (1987) e Guimarães Rosa (1988) - e no mesmo contexto brasileiro produzem discursos que diferem entre si na sua natureza. São discursos produzidos logo após o regime militar, em que as liberdades individuais apenas haviam sido reconquistadas. Em Pedro Bandeira, cuja paródia de *Chapeuzinho Vermelho* evidencia um discurso altamente conservador, o preconceito tem ainda toda a força de uma FD moralista. Já Miranda, em sua versão marcadamente regionalista, apresenta uma face conservadora e parafrástica e outra progressista e polissêmica.

Quanto a **Lobo Bobo**, de Carlos Lyra (ca.1960) e **Chapeuzinho Amarelo**, de Chico Buarque (1979) foram produzidos pouco antes e durante o regime ditatorial,

respectivamente. Possivelmente seja esta a razão para que o contexto de Lobo Bobo seja uma quebra da tradição, de certo modo. Rio de Janeiro, conhecida na época por sua maior permissividade e pioneira da liberdade sexual feminina, é contexto perfeito para uma menina-moça que, apesar de morar no Rio, tem uma avó que lhe lembra as tradições passadas, sendo que ela usa sua virgindade e sua preservação como “moeda de troca” para “adquirir” seu estado civil.

Em plena época da ditadura militar, o Rio continua sendo conhecido como uma das cidades brasileiras mais liberais, em termos da sexualidade dos jovens. Assim, Chico Buarque, ao abordar o medo inicial de Chapeuzinho Amarelo, dá margem a que seu leitor pense também sobre o regime de medo imposto pela ditadura militar. Ao mesmo tempo, o fato de Chapeuzinho Amarelo se descobrir, ao final, mais forte do que o lobo, também funciona simbolicamente. Nessa época, no entanto, até mesmo as histórias infantis passavam por rigorosa censura, o que faz pensar que o simbólico e o lúdico utilizado no discurso de Chico Buarque sejam também uma forma de poder ocupar seu lugar sem atrair luzes sobre seu discurso.

Já no recorte 4, em que tratamos do discurso politicamente correto, existe uma denegação da moral vigente na FD moralista. Inserindo-se nos princípios do movimento politicamente correto, é uma formação discursiva bastante específica, e por isso lhe demos o mesmo nome do movimento; nela incluímos apenas o domínio de Garner. Esta FD3 tem em comum com a FD1 a rigidez de seus princípios, que incluem a proibição do dizer do que devia e podia ser dito naquele domínio de saber. Entretanto, essa moral denegada é substituída por outra moral, igualmente inflexível.

Dentro de suas condições de produção, os Estados Unidos no início da década de 90, contexto em que existe uma preocupação obsessiva com mostrar uma prática em que se evidenciam a democracia e a liberdade, surgem os princípios do politicamente correto, que são os de “moralização do vocabulário”. Assim, Garner “ensina” os sentidos hoje considerados preconceituosos, que existem na tradição, transformados, apresentando conceitos renomeados, “moralizados”, de acordo com uma nova ética.

Da FD4, que chamamos de libertária, fazem parte os dois domínios que compõem o recorte 5, em que analisamos o discurso lúdico. Nesta FD, ocorrem não só deslizamentos, mas também a reversibilidade total entre as posições-sujeito e, conseqüentemente, dos sentidos dominantes em relação à FD moralista, dela se

distanciando completamente. Denominamos esta FD libertária, uma vez que o sentido se encaminha para uma libertação das amarras da paráfrase e seu sentido continuado, constituindo-se em lugar do sentido novo, em fonte de sentido.

Ao longo das análises que efetuamos nos diferentes recortes, foi possível observar, portanto, que, nos domínios analisados, encontram-se aqueles que mantêm entre si uma relação parafrástica - Perrault, Grimm e Miranda; outros uma relação de ressonância parcial - Miranda, Adams, Rosa. Outros em que observamos uma denegação do sentido, como em Garner; e outros, ainda, que estabelecem rupturas e se encaminham para relações polissêmicas com os primeiros - Chico Buarque e C.Lyra.

No primeiro recorte, detivemos-nos mais no discurso pedagógico propriamente dito, o qual, para efeitos de análise dividimos em discurso moralista do Narrador e discurso moralizante da Mãe, ambos reproduzindo o saber da FD moralista, da qual, como vimos, o Narrador é porta-voz e a Mãe executora da moral vigente na sua FD. Na comparação entre ambos os discursos, ficou evidente que diferiam quanto à sua natureza: o discurso do Narrador sendo mais descritivo e o da Mãe mais prescritivo.

Nos domínios de Perrault, Grimm e (1, 2, e 4), Chapeuzinho Vermelho ocupa a posição-sujeito do interlocutor dominado. Sua imagem é a de um ser ignorante e inocente que, por isso, tem medo. Já no domínio 3, Chapeuzinho de Palha não é nem tão ignorante nem tão inocente em relação ao Lobo, mantendo, entretanto, a relação hierárquica com a Mãe.

Verificamos que a imagem que o Narrador constrói do Lobo, nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams, é a de um sujeito ambíguo. Essa ambigüidade revela-se, basicamente, através da oposição que o Narrador demonstra haver entre os dois discursos do Lobo. O resultado é a imagem de um sujeito ambíguo, que se relaciona com a forma-sujeito da FD também de maneira ambígua.

Constatamos, ainda, que, no senso comum dessa FD moralista, a imagem do Lobo ambíguo corresponde a uma posição-sujeito permitida ao homem na sua relação com a mulher, enquanto outra é a posição-sujeito instituída para as moças. Isso nos mostra que nesta FD moralista existem dois pesos e duas medidas, as regras de obediência e de contenção valem muito mais para as mulheres do que para os homens.

Os discursos do Narrador, da Mãe e do Lobo convergem todos para este mesmo ponto, para a mesma “verdade” bi-facetada, que é o saber que se institui nesta FD

moralista. Esse processo que ocorre no funcionamento parafrástico tem justamente como objetivo “manter o mesmo sentido sob formas diferentes”, como afirmou Orlandi (1984, p.11).

Também fez parte do Recorte 1 o discurso pedagógico que chamamos de sentencioso, que aparentemente não é autoritário ou pedagógico. No entanto, mesmo apresentando-se num tom jocoso, está apoiado nas rígidas regras de conduta que regulam a moral da FD moralista e que identificamos no domínio de Pedro Bandeira. Nesse domínio, a menina Chapeuzinho Vermelho aparece numa versão adulta, como “Dona Chapeuzinho”, cuja punição não tem uma justificativa clara dentro do próprio domínio de Bandeira.

Foi preciso buscar suas causas nas imagens de desobediência ou de conduta “imprópria” de Chapeuzinho Vermelho (menina), que ficaram arquivadas no interdiscurso. Assim, o interdiscurso nos revela o sentido instituído neste domínio e também sua inscrição na FD moralista. O discurso do narrador no domínio 3 é sentencioso porque preconceituoso e inflexivelmente moralista contra a mulher. Por isso, o Narrador faz seu ouvinte/leitor, em pleno final de século XX, rir de Dona Chapeuzinho, que é uma figura verdadeiramente caricatural e assim revela a atualidade do preconceito.

No recorte 2, examinamos o discurso sedutor. Pudemos identificá-lo nos domínios de Perrault, Grimm, Miranda e Adams. O discurso sedutor, subversor da ordem moral vigente, opõe-se diametralmente ao discurso disciplinar da Mãe, convergindo ambos, no entanto, para o sentido dominante estabelecido pelo saber da FD. O traço distintivo deste discurso é sua natureza persuasiva. Desencadeia um jogo de dominação, em que o locutor subjuga seu interlocutor persuasivamente. Não se apresenta como um discurso impositivo ou autoritário, sendo, no entanto, carregado de um autoritarismo sutil.

A posição-sujeito do Narrador, nesses domínios, organizando pensamentos, intenções, palavras e ações do Lobo é fundamental, pois assim demonstra a seu ouvinte/leitor a face enganosa e perigosa da sedução e cumpre sua função pedagógica. Na verdade, para que o discurso pedagógico do Narrador faça sentido e tenha êxito, é preciso que exista o Lobo com seu discurso persuasivo.

Já no recorte 3, pudemos observar a presença do discurso polêmico, principalmente no domínio de Miranda, mas também, em menor proporção, no de Adams. O discurso polêmico causa uma movimentação do sentido, mas os sujeitos continuam, ao final de tudo, ocupando os mesmos lugares sociais (historicamente determinados) que ocupavam nos domínios examinados no recorte 1, acomodando-se ainda nas mesmas soluções, prevalecendo ainda o sentido do discurso da Mãe, que é o da manutenção do saber da FD moralista; ficam preservadas a hierarquia familiar e a exigência da virtude feminina, ainda que sejam outras as condições de produção.

No domínio de Miranda, temos a imagem de uma Chapeuzinho de Palha esperta e corajosa, contrastando com a imagem de ingenuidade, ignorância e medo, instituída no domínio de Perrault. O que se modifica, basicamente, neste domínio é a relação de Chapeuzinho de Palha com o Lobo, não ocorrendo essa mudança na sua relação com a Mãe. A mudança na sua relação com Lobo, justifica-se pela existência de outras condições de produção, que incluem a visão feminista e o advento da pílula anti-concepcional. Revertem-se suas posições-sujeito, cada um ocupando o lugar anteriormente ocupado pelo outro, nos domínios anteriores. Já as regras de sua relação com a Mãe parecem ter raízes mais profundas na tradição ocidental e não se modificam.

Apesar das movimentações de sentido que ocorrem, não se pode falar em discurso lúdico, pois os novos sentidos, apesar de disputarem seu lugar com os sentidos impostos pela tradição, não são capazes de instaurar a polissemia. O máximo que poderíamos considerar é que neste domínio temos um momento de transição em que a movimentação do sentido sinaliza mudanças.

No recorte 4, tratamos basicamente do discurso politicamente correto que se evidencia no domínio de Garner. Também neste domínio podemos observar que, entre a imagem de Chapeuzinho Vermelho no domínio de Grimm, e a de Chapeuzinho Vermelho no domínio de Garner há uma grande distância, não só temporal, como também entre as próprias posições-sujeito que ocupam. Já entre a imagem do Lobo que existe nos primeiros domínios e se mantém no interdiscurso e a que caracteriza o Lobo neste domínio não há a mesma distância. Esta grande diferença na imagem da menina e pequena diferença na imagem do Lobo aproxima as duas posições, fazendo com que se apresentem em condições de igualdade.

O que se pode constatar, ainda, é que, apesar de serem outras as condições de produção, o saber desta FD politicamente correta não difere tanto da FD moralista, na rigidez de suas regras.

A moral estabelecida dentro da FD politicamente correta não coincide com a da FD moralista. Assim, no domínio de Garner, o conceito de “boas” ou “más” ações é diferente do que se tinha na moral da FD moralista. Uma diferença que poderia ser vista como contraditória se não tivéssemos identificado aí a polissemia instaurando-se no discurso politicamente correto

Na análise do recorte 5, abordamos basicamente os domínios de Chico Buarque, Carlos Lyra e, em menor escala, o de Guimarães Rosa. A imagem do medo, que permanece através dos tempos inalterada, sofre um deslizamento nos domínios de Chico Buarque e de Guimarães Rosa. A imagem do medo nesses dois domínios está associada a uma presença imaginária ou virtual do Lobo.

No domínio de Rosa, a presença virtual do Lobo é apenas a referência do medo, o objeto do medo, no entanto, desloca-se, tomando um novo referente - o desconhecido, a morte - assim, produz uma ruptura no sentido - fazendo ocorrer a polissemia.

No domínio de Chico Buarque, o medo que se apresenta é aquele que existe na tradição, na memória do dizer. Tem, igualmente, apenas um referente virtual. Só que, no domínio de Guimarães Rosa, o medo muda de referente, enquanto que no domínio de Chico Buarque ele desaparece, só aparece para mostrar seus efeitos nefastos. A transformação (de medrosa para destemida) que ocorre com Chapeuzinho Amarelo produz um efeito de cura. É como se ela tivesse inicialmente “herdado”, através da tradição, uma doença da qual consegue livrar-se, afinal, assumindo uma nova posição-sujeito, a do sujeito sem medo. Ao mesmo tempo que a imagem do medo é desconstruída, também o é a imagem de agressividade do Lobo. Temos neste domínio uma transformação radical do Lobo, reduzindo-o de LOBO a BOLO, de comedor a comestível. Poderíamos afirmar que é neste domínio que temos a amostra mais perfeita da reversão total de sentido - da polissemia

No domínio de Lyra, Chapeuzinho é desde sempre independente, liberada, estando o medo ausente neste domínio. Sem a força do medo, a imagem do Lobo que surge é de um fraco, contrastando com a imagem de Chapeuzinho forte, cheia de poder. Assim, a imagem do “lobo mau”, que reside na memória discursiva, se modifica; passa

a ser, como anuncia o título do poema, a imagem de um “lobo bobo”, invertendo-se a relação dominado/ dominador. Essas novas imagens evidenciam, também, mudanças nas condições de produção nesses domínios. Percebe-se que se desestabilizam de maneira total os sentidos que povoaram durante um longo tempo a memória da tradição. E ao se instaurarem novos sentidos constitui-se a FD que chamamos libertária.

Pode-se observar uma certa permanência nas questões que se repetem nos diferentes domínios analisados. Em alguns, há uma repetição do sentido, em outros se modifica, podendo haver um simples deslizamento ou uma reversão total do sentido. Basicamente, as questões que analisamos em todos domínios foram:

- o relacionamento Chapeuzinho x Mãe e suas respectivas imagens e lugares;
- o relacionamento Chapeuzinho x Lobo e suas respectivas imagens e lugares;
- a questão do medo;
- a questão do castigo em relação à ação de Chapeuzinho;
- o lugar do Narrador.

Quanto à questão da relação entre Chapeuzinho e a Mãe, pode-se afirmar que esta mantém-se no nível do mesmo, nos domínios de Perrault, Grimm e Miranda. Como já dissemos, parece ser um padrão de relação já estabelecido e reiterado por longa data e firmemente enraizado na tradição burguesa ocidental, o que faz que esse sentido se mantenha através do interdiscurso. Assim, mantendo-se os lugares ocupados pelos interlocutores, mantêm-se as posições-sujeito e, também, as imagens que são criadas desses sujeitos e o lugar que ocupam nesses domínios não sofrem mudanças, apesar de que, no domínio de Miranda, instaura-se a polêmica que tem uma curta duração.

Já a relação entre Chapeuzinho e o Lobo mantém-se no nível do mesmo apenas nos domínios de Perrault, Grimm e Adams. Nos domínios de Miranda, Garner, Buarque e Lyra há uma reversão dos lugares que ocupam, invertendo-se suas imagens e os efeitos de sentido.

A questão do medo se apresenta sob formas diversas. No domínio de Perrault, o medo é proposto pelo Narrador, baseado na ação do Lobo, e criando dele uma imagem de sujeito ameaçador. No domínio de Grimm, esse medo é também verbalizado pelo Narrador e pela própria menina. No domínio de Adams, o medo existe, mas

Chapeuzinho não sucumbe a ele. Já em Miranda, Garner, Buarque e Lyra, a menina não tem medo do Lobo, enfrenta-o. Em Rosa, o medo sofre um deslocamento e Fita-Verde não teme o lobo propriamente e sim a morte, o desconhecido, coisas que o lobo até representa nos primeiros domínios, mas não mais corporifica no domínio de Rosa.

A questão do castigo pode ser observada nos domínios de Perrault, Grimm, Bandeira e Garner. Também essa questão é tratada com sentidos diferentes nos diferentes domínios. Em Perrault, o castigo que a menina sofre do ponto de vista atual parece despropositado e injusto, uma vez que sua ação decorre de sua ignorância e de seu desconhecimento. Já em Grimm, o arrependimento permite que ela continue vivendo, mas castiga-a, não lhe dando um príncipe como marido, aliás, não lhe dando marido algum, mas dando-lhe um final aparentemente feliz. Esse efeito de sentido é o que ressoa discursivamente no domínio de Bandeira que aprofunda o efeito de sentido do castigo. Já em Garner, o castigo apresenta uma aparente contradição, uma vez que se aplica a quem tradicionalmente é o salvador - o caçador.

No que tange a última questão que elencamos, o lugar do Narrador, pudemos observar que o mesmo sempre ocupa o lugar de porta-voz da sua FD, variando o tipo de discurso conforme a FD em que se insere seu domínio. Nos domínios de Perrault, Grimm, e Bandeira, o Narrador representa integralmente o saber da FD, funcionando mesmo como porta-voz da FD moralista. Em Miranda, o Narrador de certa maneira é solidário com a menina, representando a parte dissidente. Em Adams, o Narrador externa uma certa convivência com seu ouvinte/leitor, o que o aproxima e cria familiaridade com seu ouvinte. Em Buarque e Lyra, o Narrador ocupa uma posição da qual narra a polissemia que acontece em relação aos primeiros domínios. Também Garner assume posição de porta-voz do saber de sua FD politicamente correta, uma vez que ratifica e justifica seus princípios. Em Rosa, o lugar do Narrador tem a função de recuperar o sentido dado nas primeiras versões, que ressoam no interdiscurso, mas ao mesmo tempo, mostra seu deslocamento em relação a ele.

Acreditamos ter podido abordar as questões que nos tínhamos proposto inicialmente. Pensamos que pudemos demonstrar como as questões que se mantêm repetem o sentido instaurado nas primeiras versões, ou rompem esta cadeia de repetição, conforme a formação discursiva na qual se inserem os domínios. Também os tipos de discursos vão se apresentar de acordo com essa inserção e direcionar seus sentidos,

evidenciando as mudanças de suas condições de produção. Fica assim, mais uma vez, evidente que os discursos mudam de acordo com suas condições de produção, que vão definir como se configurarão as formações discursivas e que discursos e sentidos serão possíveis dentro delas.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ADAMS, Georgie. Chapeuzinho Vermelho. In: \_\_\_\_\_. **Livro de Histórias**. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997. p.6-17
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 2. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- ANGENOT, Marc. Para uma teoria do discurso social: problemática de uma pesquisa em andamento. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, UFRGS, n.7, p.7-32, maio 1992.
- AUTHIER, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n.19, p.25-42, jul./dez. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. As não-coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa - estudo lingüístico e discursivo da modalização autonímica. In: \_\_\_\_\_. **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, Ed da Unicamp, 1998. p. 13-28.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo, Hucitec, 1992.
- BANDEIRA, Pedro. **O Fantástico Mistério de Feirurinha**. 20. ed. São Paulo, FTD, 1997 [©1986].
- BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. 2.ed. Campinas, Papyrus, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Relógio d'Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- BORGES, Luiz C. A busca do incontrolável: uma missão politicamente (in)correta. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n.31, p. 109-125, jul./dez. 1996.
- BRASIL. Código Penal: Decreto-lei n. 2848, 7/12/1940. Saraiva, S. Paulo, 1973.
- BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1997 [©1979].
- COURTINE, Jean Jacques. Définitions d'orientations théoriques et construction de

- procedures en analyse du discours. **Philosophiques**, v.9, n.2, p.239-64, oct. 1982.
- \_\_\_\_\_. Analyse du discours politique. **Langages**, v. 15, n.62, juin 1981.
- \_\_\_\_\_; MARANDIN, J.M. Quel objet pour l'analyse du discours? **Materialités discursives**: Colloque à l'Université Paris X - Nanterre (1990), Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.
- DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Campinas, Pontes, 1987.
- FAYE, Jean Pierre. Théorie du récit, I. In: \_\_\_\_\_ et alii. **Le dessin du récit**. Paris, Ed. du Seuil, 1971.
- FELMAN, Shoshana. **Le scandale du corps parlant**. Paris, Éditions du Seuil, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 3. ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Cultrix, 1978.
- FUCHS, Catherine. A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n.8, p. 129-134, 1985.
- FUCHS, Catherine. **Paraphrase**. Paris, Presses Universitaires de France. 1982.
- GADET, F. HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. 2. ed. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
- GARNER, James Finn. Little Red Riding Hood. In: \_\_\_\_\_ **Politically Correct Bedtime Stories**. New York, MacMillan, 1994. p.1-4.
- GRANTHAM, Marilei Resmini. **O Discurso Fabular e sua Repetição Através dos Tempos**: na reiteração do mesmo, a presença do diferente. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GRIMM, Brüder. Rotkäppchen. In: \_\_\_\_\_ **Die schönsten Märchen**. Olten, Walter Verlag, 1949. p.202-205.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed, 10. impr. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- INDURSKY, Freda. Da anáfora textual à anáfora discursiva. In: 1º ENCONTRO DO CELSUL. **Anais**. . . Florianópolis, 1997. v.2 , p.713-722.
- \_\_\_\_\_. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP, Ed da Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. Relatório Pinotti: o jogo polifônico das representações no ato de argumentar. In:

GUIMARÃES, Eduardo, org. **História e Sentido na Linguagem**. Campinas, SP, Pontes, 1989. p.93-127.

\_\_\_\_\_. Porta-voz e mediador: duas funções enunciativas do sujeito de um discurso autoritário. IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. **Anais . . .** João Pessoa, PB, 1995. *Linguística*, v.2, t.2, p.1343 -1350.

LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas, SP, Pontes, 1988.

LAPLANCHE, Jean. **Teoria da Sedução Generalizada** e outros ensaios. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

LYRA, Carlos; BÔSCOLI, Ronaldo. Lobo Bobo. In: **Songbook Carlos Lyra**. Rio de Janeiro, Lumiar Discos, [regravado em]1993.

MAINGUENEAU. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, Pontes, 1989.

MELLO, Ana Maria. Apresentação. In: PERRAULT, Charles. **O Chapeuzinho Vermelho**. Porto Alegre, Quarus, 1993.

MEZAN, Renato. Mille e quattro, mille e cinque, mille e sei: novas espirais da sedução. In: RIBEIRO, R.J.(org) **A Sedução e suas Máscaras**. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

MIRANDA, Fernando. **Chapeuzinho de Palha**. Porto Alegre, Sagra, 1987.

MUTTI, Regina M. Vanini. A Sedução no Discurso Fabular. **Letras - Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)**, jul/dez, 1996. p.73-80.

ORLANDI, Eni P. A Análise de Discurso: algumas observações. **D.E.L.T.A.**, v.2, n.1, 1986.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. 3. ed. São Paulo, Cortez, Campinas, SP, Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. Segmentar ou recortar? In: \_\_\_\_\_. **Linguística: questões e controvérsias**. Uberaba, MG, Série Estudos, n.10, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem e seu Funcionamento**. 2. ed. Campinas, Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Vão Surgindo Sentidos. In: \_\_\_\_\_ (org). **Discurso Fundador**. Campinas, Pontes, 1993.

\_\_\_\_\_, TARALLO, F. **Vozes e Contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo, Cortez, 1989.

- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69) (1969). In: GADET, F.HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. 2. ed. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. A Análise do Discurso: três épocas. (1983) In: GADET, F. HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**. 2. ed. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. Delimitações , Inversões, Deslocamentos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n.19, p.7-24, jul./dez, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP, Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. Remontémonos de Foucault a Spinoza. In: TOLEDO, Mario Monteforte (org). **El discurso político**. México, Nueva Imagen, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso** : uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.
- \_\_\_\_\_; FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET; HACK. **Por uma Análise Automática do Discurso**. 1993.
- PEREIRA, Aracy Ernst. A Sedução no Discurso Proverbial. **Letras - Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)**, p. 61-72, jul/dez. 1996.
- PERRAULT, Charles. **O Chapeuzinho Vermelho**. Porto Alegre, Quarup, 1993.
- PONDÉ, Glória. **A arte de fazer artes**: como escrever histórias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro, Nórdica, 1985.
- RICHTER, Dieter; MERKEL, Johannes. A Função da fantasia dos contos de fada na educação burguesa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 28, n. 3, p.113-130, 1993.
- RODRIGUES, Antonio Medina. De Don Juan e Donjuanismo. In: \_\_\_\_\_. **A Sedução e suas Máscaras** p. 53-70.
- ROSA, João Guimarães. **Fita Verde no Cabelo**: nova velha história. 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992 [©1979].
- SAINT-YVES, Pierre. Le Petit Chaperon Rouge. In: \_\_\_\_\_. **Les Contes de Perrault et les récits parallèles**. Paris, Laffont, 1987. p. 186-200.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 5. ed. São Paulo, Ática, 1995.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 7. ed. São Paulo, Cultrix,

1975.

SERIOT, Patrick. Langue russe et discours politique soviétique: analyse des nominalisations. **Langages**, Paris, Larouse, v.81, p.11-42, mars, 1986.

SERRANI, Silvana. **A Linguagem na pesquisa sociocultural**: um estudo da repetição na discursividade. São Paulo, Campinas, Ed. Unicamp, 1993.

SIBLOT, Paul. La Police des mots: Euphémismes, ou comment ne pas appeler les choses par leur nom. **Discours social / Social Discourse**, v.7, n. 1-2, 1995, p. 59-60.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. **Relações de Sedução entre Professores e Alunos**: o exercício do poder à busca do domínio ou o despertar de uma sensibilidade? Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SIMONSEN, Michèle. **O Conto Popular**. S. Paulo, Martins Fontes, 1987.

SORIANO, Marc. **Les contes de Perrault**: culture savante e traditions populaires. Paris: Gallimard, 1980.

**ANEXOS**

**ANEXO 1: CHAPEUZINHO VERMELHO** de Charles Perrault  
(1697)

Havia, numa cidadezinha, uma menina que todos achavam muito bonita. A Mãe era doida por ela e a avó ainda mais. Por isso, sua avó lhe mandou fazer um pequeno capuz vermelho que ficava muito bem na menina. Por causa dele, ela ficou sendo chamada, em toda parte, de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia em que sua mãe tinha preparado umas tortas, disse para ela:

- Vai ver como está passando tua avó, pois eu soube que ela anda doente. Leva uma torta e este potezinho de manteiga.

Chapeuzinho saiu em seguida para ir visitar sua avó que morava em outra cidadezinha.

Quando atravessava o bosque, ela encontrou compadre Lobo que logo teve vontade de comer a menina. Mas não teve coragem por causa de uns lenhadores que estavam na floresta.

O Lobo perguntou aonde ela ia. A pobrezinha, que não sabia como é perigoso parar para escutar um Lobo, disse para ele:

- Eu vou ver minha avó e levar para ela uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe está mandando.

- Ela mora muito longe? - perguntou o Lobo.

- Oh! sim, - respondeu Chapeuzinho Vermelho. - É pra lá daquele moinho que você está vendo bem lá embaixo. É a primeira casa da cidadezinha.

- Pois bem, disse o Lobo, - eu também quero ir ver sua avó. Eu vou por este caminho daqui e você vai por aquele de lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo pôs-se a correr com toda sua força pelo caminho mais curto. A menina foi pelo caminho mais longo, distraíndo-se a colher avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo ramalhetes com as florezinhas que encontrava.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Bateu na porta: toc, toc.

- Quem está aí?

- É sua neta, Chapeuzinho Vermelho - disse o Lobo, mudando a voz. Eu lhe trago uma torta e um potezinho de manteiga que minha mãe mandou pra você.

A bondosa avó, que estava de cama porque não passava muito bem, gritou:

- Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

O Lobo puxou a tranca e a porta se abriu.

Ficou esperando Chapeuzinho Vermelho que, um pouco depois, bateu na porta: toc, toc.

- Quem está aí?

Chapeuzinho Vermelho, ao escutar a voz grossa do Lobo, teve medo, mas pensando que a voz de sua avó estava diferente por causa do resfriado, respondeu:

- É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz uma torta para você e um potezinho de manteiga que minha mãe lhe mandou.

O Lobo gritou para ela, adocicando um pouco a voz:

- Puxe a tranca que o ferrolho cairá.

Chapeuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta se abriu..

O Lobo, vendo que ela tinha entrado, escondeu-se na cama debaixo da coberta, e falou:

- Ponha a torta e o potezinho de manteiga sobre a caixa de pão e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou o vestido e foi para a cama, ficando espantada de ver como sua avó estava diferente ao natural. Disse para ela:

- Minha avó, como você tem braços grandes!

- É pra te abraçar melhor, minha filha.

- Minha avó, como você tem pernas grandes!

- É pra correr melhor, minha menina.

fr4f7yu - Minha avó, como você tem orelhas grandes!

- É pra escutar melhor, minha menina.

- Minha avó, como você tem olhos grandes!

- É pra ver melhor, minha menina.

- Minha avó, como você tem dentes grandes!

- É pra te comer.

E dizendo estas palavras, o Lobo saltou para cima de Chapeuzinho Vermelho e a devorou.

## MORAL

Vimos que os jovens,  
Principalmente as moças,  
Lindas, elegantes e educadas,  
Fazem muito mal em escutar  
Qualquer tipo de gente.  
Assim, não será de estranhar  
Que, por isso, o lobo as devore.  
Eu digo o lobo porque todos os lobos  
Não são do mesmo tipo.  
Existe um que é manhoso  
Macio, sem fel, sem furor,  
Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,  
Persegue as jovens moças  
Até em suas casas e seus aposentos.  
Atenção, porém!  
As que não sabem  
Que esses lobos melosos  
De todos eles são os mais perigosos.

## ANEXO 2: CHAPEUZINHO VERMELHO dos Irmãos Grimm

(1812)

(tradução do original, por Martha E. K. Kling Bonotto)

Era uma vez uma menina tão encantadora e meiga, que todos que a olhassem gostavam dela, mas mais que todos sua avó; ela nem sabia o que fazer para agradá-la.. Uma vez presenteou-a com uma touquinha de veludo vermelho, e porque ficava tão bem nela, a menina não queria mais usar outra coisa. Desde então, só a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

Certo dia, sua mãe lhe disse:

- Vem, Chapeuzinho Vermelho, aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho. Leva-os para tua avó; ela está doente e fraca e com certeza vai se deliciar. Vai logo antes que esquite, e quando chegares lá fora, vai bem comportada (honestamente e decentemente) e não te desvies do caminho, e não inventes de correr pela mata, senão vais quebrar a garrafa e a vovó fica sem nada. Quando chegares lá não esqueças de dar bom-dia e não fiques bisbilhotando pelos cantos.

- Eu vou fazer tudo direitinho, prometeu Chapeuzinho Vermelho à sua mãe; deu-lhe a mão e saiu.

A avó morava lá fora na floresta, a uma meia hora da aldeia. Mal chegou na floresta, a menina encontrou-se com o lobo. Mas Chapeuzinho Vermelho não sabia que bicho malvado ele era e não teve medo dele.

- Bom dia, Chapeuzinho Vermelho, disse ele.

- Bom dia, lobo!

- Onde vais assim tão cedo?

- Vou à casa de minha avó.

- E o que levas no teu avental?

- Bolo e vinho; ontem fizemos bolo e isso deve fazer bem à vovó que está fraca e doente e torná-la forte de novo.

- Chapeuzinho Vermelho, onde mora a tua avó?

- Mais um bom quarto de hora, mais para dentro do mato, à sombra dos três grandes carvalhos, lá está sua casa, cercada por uma sebe de aveleiras, que deves conhecer.

O lobo pensou:

- Esta coisinha jovem e tenra é um petisco, que deve ser ainda mais gostoso do que a velha; tu tens que começar bem astuto e manhoso para que possas apanhar as duas.

Então ele acompanhou a menina por um tempo e depois falou:

- Chapeuzinho Vermelho olha essas belas flores que estão ao teu redor. Por que não olhas para os lados? Eu acho que nem ouves como os passarinhos cantam tão amavelmente. Tu andas assim tão ensimesmada como se estivesses indo para a escola e está tão divertido aqui fora na floresta.

Chapeuzinho Vermelho olhou para cima e, quando viu como os raios de sol dançavam para lá e para cá através das árvores e como tudo estava cheio de flores lindas, ela pensou:

- Se eu levar para a avó um ramalhete de flores fresquinhas, ela com certeza também vai se alegrar bastante; é ainda tão cedo que eu vou certamente chegar a tempo.

Então ela se desviou do caminho, entrou na floresta e começou a escolher as flores para levar para sua avó. E quando colhia uma, ela pensava que mais adiante certamente estaria uma ainda mais bonita e ia buscá-la e assim começou a embrenhar-se cada vez mais na floresta.

O lobo esperto, no entanto, foi diretamente para a casa da avó e bateu na porta.

- Quem está aí?

O lobo disfarçou a voz:

- Chapeuzinho Vermelho, que te traz bolo e vinho. Abre, por favor.

- É só apertar a maçaneta, disse a avó, eu estou fraca demais para levantar.

O lobo apertou a maçaneta e a porta se abriu. O lobo foi, sem uma palavra, para a cama da avó e a engoliu. Depois vestiu sua roupa, pôs a sua touca de dormir, deitou-se na sua cama e fechou o cortinado.

Chapeuzinho Vermelho, no entanto, tinha caminhado bastante em busca de flores, e quando tinha tantas que quase já não conseguia carregar, ela se lembrou de novo da vovozinha e então se pôs a caminho.

Ela surpreendeu-se que a porta estava aberta e quando entrou na sala, teve uma sensação tão estranha que ela pensou:

- Ai, meu Deus, estou com tanto medo hoje, eu que gosto tanto de estar na casa da vovó!

E ela chamou:

- Bom dia! Mas não obtive resposta. Então foi até a cama da avó e abriu o cortinado; e ali estava deitada a avó e tinha puxado a touca bem por cima do rosto e estava com uma aparência espantosa.

- Oh, vovozinha, que orelhas grandes tu tens!

- Para que eu possa te ouvir melhor.

- Oh, vovozinha, que olhos grandes tu tens!

- Para que eu possa te enxergar melhor.

- Oh, vovozinha, que mãos grandes tu tens!

- Para que possa te agarrar melhor.

- Mas vovozinha, que bocarra terrivelmente grande tu tens!

- Para que possa te devorar melhor.

Mal o lobo tinha saciado seus desejos, deitou-se novamente na cama, adormeceu e começou a roncar exageradamente alto. O caçador que ia justamente passando pela casa pensou:

- Como a velha senhora está roncando, tenho que ver se lhe falta alguma coisa.

Então ele entrou na sala e, quando chegou na frente da cama, ele viu que o lobo estava deitado nela.

- Ah, aqui te encontro, seu velho pecador, disse ele, já faz muito tempo que te procuro.

E então ele já ia disparar a sua espingarda quando lhe ocorreu que ele poderia ter devorado a vovozinha e ela talvez ainda pudesse ser salva. Então, não disparou e, em vez disso, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. Quando ele já tinha cortado um pouco, ele viu brilhar a touquinha vermelha, e depois de cortar mais um pouco, saltou para fora a menina que exclamou:

Oh, como eu estava assustada, como estava escuro na barriga do lobo!

E então saiu, ainda com vida, a velha avó que quase não conseguia respirar. Chapeuzinho pegou depressa algumas pedras bem grandes e com elas encheram a barriga do lobo. Quando ele acordou, ele já queria sair correndo, mas as pedras pesavam tanto que ele logo caiu morto no chão.

Então os três estavam felizes; o caçador tirou a pele do lobo e foi para casa. A avó comeu o bolo e bebeu o vinho e sentiu-se reconfortada. Mas Chapeuzinho Vermelho pensou:

- Pelo resto da minha vida nunca mais vou sair do caminho sozinha e entrar na floresta se a mamãe o tiver proibido.

**ANEXO 3: CHAPEUZINHO DE PALHA** de José Fernando Miranda  
(1987)

Qualquer semelhança  
com outras estórias  
infantis como a do  
“Chapeuzinho Vermelho”  
ou “O Príncipe Encantado”  
não é mera coincidência!!

**Como se iniciou a maçaroca**

Era uma vez uma prenda mui guapa: morena como indiazinha missioneira ou italianinha do sul, olhos de jaboticaba, pestanudos, cabelos pretos e longos, boca de pitanga e dentinhos muito brancos.

Toda a gente do povoado a amava deveras, sobretudo a sua avozinha.

A avozita enfeitara um pequeno chapéu de palha com uma fita vermelha, que a menina usava sempre e, por isso, o vilarejo inteiro a chamava “Chapeuzinho de Palha”.

Ela e a mãe viviam pouco além da vila, numa casinha à beira da sanga, no rancho coberto por capim santa-fé, à sombra do umbu.

A miúda tinha o petiço de piquete, baio, de pelo ouro-desmaiado, o cusco malhado e cotó o gato brasino.

Moravam as duas sozinhas, mais os bichos: as duas irmãs casadas em outras distantes aldeias, o irmão se fora a la cria, e o pai de Chapeuzinho de Palha se perdera nas invernadas da vida.

Um dia, a mãe de Chapeuzinho de Palha (senhora meio gorducha que lavava e engomava para fora e fazia pão caseiro, cuca, broa de milho, papo de anjo, abóbora em calda, negrinhos) preparou o cestinho e disse para a linda prendinha:

- “Aqui, um pedaço de marmelada, um pote de canjica, uma garrafinha de vinho com canela, um pacote de erva-mate. Leva-os para a Vovó, porque ela anda com muita tosse! Ah! carrega também um pouco de mastruz que é bom para a gripe - e mel de cana que fortifica e limpa a voz.”

- “Sim, senhora!” respondeu Chapeuzinho de Palha, entretanto, falava dentro da cabeça, para ela própria: “tudo eu, sempre eu, toda vida eu”- aborrecida com a mania das pessoas grandes de sempre mandarem as crianças fazer coisas e coisas por aí fora.

- “Não brinques pelo caminho. Não charles com estranhos. Avisa à Vovozinha que, se eu tiver tempo, darei uma passada por lá...”

- Sim, senhora!”

- Promete que não vais te distrair pela estrada...”

**A promessa de Chapeuzinho de Palha**

Chapeuzinho de Palha prometeu. Calçou os sapatos prá não pegar bicho-de-pé, lombrigas ou outros vermes. Colocou o chapeuzinho de palha com a graça de sempre. Até-logou para sua Mãe e partiu. Pensava que, às vezes, os adultos são tolos com este costume de decidir o que se tem de fazer sem perguntar a opinião da pessoa.

Chapeuzinho de Palha aventou levar o petiço ou o cusco (aqueitando ao sol, meio abombado, de língua de fora). Ela refletiu. Acho melhor ir solita: boa andarilhada faz bem à saúde.

- Vai no petiço, gritou a Mãe de Chapeuzinho de Palha, da cozinha, o sol está alto!”

A menina não retrucou. Andaria a pé, porque o andador era dela e pronto! Os bichos tentaram obedecer a Mãe dela, mas Chapeuzinho de Palha os mandou de volta:

- “Já pro seu lugar!”

( . . . )

### Onde aparece o Lobo-guará e a conversa que sucedeu

Chapeuzinho de Palha não estava ainda bem distante da beirada do capão-do-mato, quando encontrou o Lobo-guará.

- “Boa-tarde! Chapeuzinho de Palha” - salvou o Lobo-guará polidamente - “aonde vais? e o que carregas no cestinho coberto por um guardanapo bordado?”

- “Boa tarde! Senhor Lobo-guará” - respondeu a Moça-Menina - “Vou ao chalé de minha avó. Ela anda adoentada, com reumatismo, tosse e outras mazelas...”

- “Lamento saber”- replicou o Lobo-guará, muito pachola e rebuscado para falar.

- “Levo o tijolinho de marmelada, a tigelinha de canjica, a botija de vinho com canela, mel de cana e um pouco de mastruz que é bom para tosse... e um pacote de erva-mate!”

- “Das buenas?”

- “Buenaça, senhor Lobo-Guará - vem lá das bandas das Missões.”

- “Muito bem”- acrescentou o Lobo-guará - “em que lugar mora a senhora Avozinha?”

- “Do outro lado do capão-do-mato, perto da sanga dos Espinheiros”- explicou Chapeuzinho de Palha, mostrando a direção com o dedo indicador.

- “Ah, sim... já vi...”

- “Minha vovó está adoentada. Ficou de cama...”

Nas bordas do capão-do-mato, passou o peão rengo de bombacha remendada, com adaga na cintura, tangendo vacas leiteiras pro tambo do vizindário.

O Lobo-guará percebeu o homem, encolheu-se atrás de uma figueira e perguntou:

- “Chapeuzinho de Palha, por que não colhes algumas flores para tua Vovó? é provável que ela fique muito contente...”

- “Prometi a minha Mãe não me divertir, não me distrair pelo caminho.”

- “Então, deves manter a tua palavra” - murmurou-lhe o Lobo-guará - no entanto, podes olhar as florezinhas que crescem à beira da estrada...”

Chapeuzinho de Palha começou a observar as pétalas coloridas, caminhando vagarosamente. Distraía-se, assim, e lembrava as guabirobas que apanharia na volta e com que encheria o cestinho vazio.

Chapeuzinho de Palha cantarolava musiquinhas bonitas com voz bem afinada - a Menina gostava de música e de cantar muito e bastante!

### Enquanto isso

Enquanto isso, o Lobo-guará correu direto para o chalezinho da Vovó de Chapeuzinho de Palha.

Aproximou-se. Olhou para os lados. Ninguém nas proximidades. Olhou de novo. Abriu o portãozinho. Bateu na porta:

- Toc! Toc! Toc!

Nenhuma resposta, mas a Vovó devia estar no rancho, pois saía fumacinha pela chaminé.

Bateu na porta:

- Toc! Toc! Toc!

A Vovó cochilava. O Lobo-guará bateu com mais barulho:

- Toc! Toc! Toc!

- “Quem está aí?” - perguntou a Vovó, despertando.

- “Sou eu, Chapeuzinho de Palha, a sua netinha...” - disfarçou o Lobo-guará adoçando a fala - trago para a senhora o potezinho de marmelada, o pedaço de vinho com mastruz, a garrafinha de canjica, o punhado de erva para tosse, mel de canela e cana para o chimarrão...”

A Velhinha, meio surda e sonolenta, acreditou nas palavras do Lobo-guará e gritou:

- Levanta a tramela e a porta se abrirá!”

O Lobo-guará fez diretinho e aporta se escancarou. Tão logo o Lobo-guará entrou no rancho, jogou-se sobre a Vovó. Ela, mais do que depressa, esqueceu-se da febre, da tosse, da dor nos ossos: pulou da cama! Correu para a escada da parede. Subiu para o forro da cobertura de folhas de zinco. Puxou a escada para cima e se deitou no telhado, ufa!

O maldoso Lobo-guará, então, vestiu-se com uma camisola da Vovó. Colocou a touca rendada. Os óculos. Deitou-se debaixo das cobertas e esperou.

Aí Chapeuzinho de Palha chegou ao chalé da Vovozinha. Estranhou encontrar a porta entreaberta.

- “ Vovozinha está de juízo frouxo...”

Chapeuzinho de Palha entrou.

### O que aconteceu com Chapeuzinho de Palha

Chapeuzinho de Palha atravessou a saleta e sufregou na porta do quarto. O quarto quase escuro.

Chapeuzinho de Palha achegou-se mais.

- “Oh, Vovozinha” - exclamou a menina, muito espantada - “como a senhora tem orelhas grandes!”

- “É para melhor te ouvir, minha neta!”

- “Oh, Vovozinha, como a senhora tem olhos grandes!”

- “É para melhor te ver, minha neta!”

- “Oh! Vovozinha, como a senhora tem o nariz grande!”

- “É para melhor te cheirar, minha neta!”

Chapeuzinho de Palha estranhou a Vovó querer cheirá-la. Afinal não era perfume ou coisa parecida e se lembrava quando a Mãe dela, botando fogo pelas ventas, reclamava:

- “Pára de cheirar a feijoada!”

- “Não paro, o cheirador é meu!”

Chapeuzinho de Palha chorava de braba, porque a Mãe inticava com ela (as mães implicam de vez, ora as mães, como sempre, ranzinzas, limpando os narizes da gente, as orelhas do cristão, mandando toda hora tomar banho, lavar os cabelos, querendo decidir o gostar da gente:

- “Este é muito novo!”

- “Este é muito velho!”

- “Este é muito feio!”

Afinal, quando pensaria de quem é que eu gosto?

- “Chapeuzinho de Palha, pare de chorar, guria dengosa!”

- “Não paro, o chorador é meu!”

A Mãe de Chapeuzinho de Palha pegava o chinelo e lep que te lep nos macios da região sul, que tem outros apelidos, mas que não se diz... bobagem, todo mundo tem uma e a carrega sempre - mãe é desse jeito, quando não tem o que dizer e está nervosa, diz com chinelada...”

- “Oh! Vovozinha, como a senhora tem a boca grande e que dentuça a senhora mostra...”

### Nesta hora exata, o cusco malhado e cotó apareceram

Nesta hora exata, o cusco malhado e cotó de Chapeuzinho de Palha apareceram. O cusco começou a latir na frente da porta do chalé da Vovó, chamando. A menina ficou bastante confusa: deixara o cachorrinho, cansado, enrodilhado, dormitante ao sol.

Chapeuzinho de Palha interrompeu a conversa com aquela Vovó esquisita. Sem largar o cesto foi saber o que o cãozinho queria.

O guaipeca latia e latia. Junto a ele, o petiço douradilho escavando com os cascos: procuravam avisar Chapeuzinho de Palha de algo.

- “Vieram aqui para me contar o quê?” desconfiou Chapeuzinho de Palha, torcendo o narizinho e mordendo os lábios por dentro das bochechas - um jeito muito dela quando ficava nervosa ou zangada.

O cusquinho gania cain! cain e latia au!au! e saltava para tudo que é lado. O petiço empinava e relinchava. Até o gato, no portão, miava.

Chapeuzinho de Palha entendeu o recado dos bichos, porque nesta novela eles falavam e as pessoas entendiam, algumas com dificuldades, outras, não.

Chapeuzinho de Palha voltou para a camarinha da Vovó e gritou:

- “Lobo-guará safado! Fora! Rua, mentiroso! Onde está a Vovozinha?”

A pupilas escuras de Chapeuzinho de Palha faiscavam de brabeza. Ela quase chorava de raiva raivante e zurzia o tento de couro como se fosse chicote.

O Lobo-guará pulou dos lençóis, arreganhando os caninos, mas viu o Petiço, o Cachorro, o Gato e o Chapeuzinho de Palha dando cada uma lambada de arder os ossos - o Lobo-guará ficou com medo, covarde que ele era o Lobo-guará.

Um estrupício, o Lobo-guará fugindo, riscando a marca, a segurar as vestimentas. Ele se enrolou na cerca de arame farpado e catimum! Trambalhou num cupim. Afocinhou na pocilga, embrabecendo a leitoa de cria que amamentava os bacorinhos. O Lobo-guará levantou-se, imundo, trambecando. Perseguido pelo Petiço, pelo Cachorro, pelo Gato, pela Porca e a porcada, o Lobo-guará esfogueteado sumiu-se na curva extrema do carreiro...

Os animais de Chapeuzinho de Palha regressaram de espacito para o rancho da Mãe dela.

O Petiço ia quieto como tartaruga na sanga, porque o Lobo-guará escapara.

O guaipeca estava mais envareado do que cusco em procissão por não ter abocanhado o garrão do Lobo-guará e sonhava em roer um osso com tutano bem gordo.

O gato pouco se dava com a tramóia - o que ele queria era dormir no borralho.

A porca deitou-se no chiqueiro para a mamada dos porquinhos.

Somente agora, a Vovó desceu a escada e veio para ela, gemendo reumatismo.

- “Xô mico, minha neta! o Lobo-guará azulou-se berrando mais do que bezerro desmamado ... ai! ai! ui! ui! me doem os quartos, me dói a espinhela, as juntas incharam”

A velhinha deitou-se na cama, abanando-se com a ventarola, Chapeuzinho de Palha colocou a chaleira na chapa do fogão de tijolos. Atiçou o fogo. Cevou a erva e misturou com ela o jujo de mastruz (que é bom para tosse).

Matearam as duas, a Avó e a Neta. Conversaram. Lorotearam. A velhinha reclamou que a sua filha não viera visitá-la, nem as outras netas, onde se viu? Será que elas não sabiam ser as pessoas mais importantes do que os objetos?

### **Chapeuzinho de Palha adeusou para Vovó**

Chapeuzinho de Palha adeusou para Vovó e pegou o cesto vazio.

- “Queres levar queijo como regalo?”

- “Obrigada, Vovó, não estou comendo queijo ... se é para Mamãe, eu levo, obrigada...”

- “Não tens medo do Lobo-guará, minha neta?”

- “Qual, Vovó, quem teme, não vive...”

- “Muito trambelho, minha neta, muito acerto nos miolos!”

Chapeuzinho de Palha sorriu:

- “Sei bem o que quero, Vovó!”

Chapeuzinho de Palha beijou o rosto murcho da Vovozinha e saiu para o sendeiro.

Anoitecia.

O cri-cri dos grilos.

O ventinho burlão, filhote de minuano (que venta três dias e traz bom tempo).

Enquanto caminhava, Chapeuzinho de Palha ouvia o trinado rápido e gutural de tororó, que mais parece o coaxar de rã no banhado. Chapeuzinho de Palha sorriu pensando no pássaro com a voz de rãzinha ou de sapinho - não percebia a diferença.

(. . .)

**ANEXO 4: CHAPEUZINHO VERMELHO** de Georgie Adams  
(1997) [publicado na Grã-Bretanha em 1996]

Faz muito tempo, havia uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho. No dia de seu aniversário, ela ganhou da avozinha querida uma capa com capuz toda vermelha. Chapeuzinho adorou o presente. Aquela era a capa mais linda que ela já tinha visto. Chapeuzinho Vermelho ia a toda parte com sua capa nova.

Um dia, a mãe da Chapeuzinho Vermelho disse assim:

“Fiz uns bolos muito gostosos. Vovó não está passando muito bem: vá até a sua casa e leve alguns para ela!”

Chapeuzinho Vermelho foi correndo vestir sua capa e num instante ficou pronta. Depois buscou uma cestinha e pôs lá dentro alguns bolos para a Vovó, mais um para comer no caminho, e se despediu da mãe com um beijo.

“Vá e volte ligeirinho, disse a mãe. Esteja aqui antes de escurecer.”

A Vovó morava numa aldeia do outro lado da floresta. O dia estava bonito e Chapeuzinho foi andando pela trilha comendo bolo. Ainda não tinha ido longe, quando viu um lenhador cortando lenha. O lenhador parou um instante de cortar lenha e fez um aceno para a menina.

“Aonde você vai, menina?”

“Vou visitar minha vovó!”, disse Chapeuzinho Vermelho soprando farelo de bolo para todo o lado.

“Então tome muito cuidado!”, disse o lenhador. “Me disseram que na floresta tem um lobo comedor de gente e que o danado está sempre com fome!”

Chapeuzinho Vermelho foi andando bem depressa. Só de pensar em encontrar aquele lobo malvado, ficava toda arrepiada.

Ela já tinha chegado no meio da floresta quando um lobo que estava atrás de uma árvore espichou a cabeça, sorriu para ela cheio de dentes e lambeu os beiços.

“Você deve ser o tal lobo esfomeado de que o lenhador me falou!”, disse a menina nervosa.

O lobo bem que ficou com vontade de engolir Chapeuzinho Vermelho de uma bocada só. Fazia vários dias que não comia, estava com uma fome danada. Mas dava para ouvir o barulho do machado do lenhador não muito longe dali, e ele achou melhor fazer um plano.

Com essa idéia na cabeça, o lobo disse à menina que não estava nem um pouco interessado em comer (quando é do interesse deles, os lobos são uns tremendos mentirosos) e Chapeuzinho Vermelho acreditou no que ele disse.

“Para onde você está indo?”, quis saber o lobo.

“Vou visitar minha vovó”, respondeu Chapeuzinho Vermelho. “Estou levando uns bolos para ela.”

O lobo ficou de orelha em pé. Já tinha ouvido dizer que as vovós são muito gostosas de se comer e resolveu não desperdiçar aquela oportunidade de provar uma delas.

“E onde mora sua vovó?”, perguntou ele.

“Lá adiante”, apontou Chapeuzinho Vermelho. “Tem que seguir pela trilha e atravessar a floresta inteira. É a primeira casinha depois do moinho.

A essas alturas, a pança do lobo já estava roncando como um encanamento cheio de ar. A fome era tanta que o lobo esperto imaginou um plano para comer as duas, a Vovó e Chapeuzinho Vermelho. Ah, que lobo guloso!

“Também vou até lá fazer um visitinha à Vovó, disse o lobo. “Eu vou por aqui e você vai por ali, vamos ver quem chega lá primeiro.”

Depois dessa conversa, Chapeuzinho Vermelho seguiu seu caminho, aproveitando para colher algumas flores.

Tenho certeza de que vocês já adivinharam uma coisa: o lobo escolheu o caminho mais curto para chegar à casa da Vovó e disse à menina que fosse pelo caminho mais longo. E tem mais: enquanto ela estava olhando para o lado dele, ele fez de conta que ia andando calmamente, mas assim que ela desapareceu numa curva do caminho, ele começou a correr feito um louco pela floresta e claro que chegou à casa da Vovó muito antes dela!

Ao ver a casa da Vovó, o lobo bateu a porta.

“Quem é?”, gritou a Vovó de sua cama. “Sou eu, Chapeuzinho Vermelho, disse o lobo, tentando imitar voz da menina. “Trouxe bolo para você!”

“Ah! Que delícia!”, disse a Vovó. Bem que eu estava com vontade de comer bolo. Abra a porta, limpe os pés e entre!”

E o lobo entrou. Quando viu a Vovó toda confortável em sua cama, prontinha para ser comida, ele deu um salto... e engoliu a Vovó de uma só bocada.

“Argh!”, gritou a Vovó quando passou pela goela do lobo, para em seguida cair lá na barriga dele. “Que escuridão aqui dentro!”

Satisfeitíssimo, o lobo deu uns tapinhas na própria pança. Da Vovó só tinha sobrado, para contar a história, o gorro que ela costumava usar para dormir: o gorro era peludinho e fez cócegas na garganta do lobo.

A situação já estava preta, mas, como vocês sabem muito bem, o lobo tinha a firme intenção de esperar por Chapeuzinho Vermelho para comê-la também. Com essa idéia na cabeça, o danado se espremeu até conseguir enfiar uma das camisolas da Vovó, depois pôs o gorro de dormir na cabeça e se acomodou na cama da coitada.

Chapeuzinho Vermelho vai achar que eu sou a vovó dela!”, pensou o lobo, puxando as cobertas até o queixo.

Não foi preciso esperar muito: alguns minutos depois o lobo ouviu um toc-toc-toc na porta.

“Quem está aí?”, perguntou ele.

“Sou eu, Chapeuzinho Vermelho”, disse Chapeuzinho Vermelho. “Eu trouxe bolos gostosos para você.”

“Ah, que delícia!”, disse o lobo. “Você é just... quer dizer, bolos é justamente o que eu estava querendo. Abra a porta, limpe os pés e ... ENTRE.”

Chapeuzinho Vermelho achou que a Vovó estava com uma voz um pouco mais rouca que de costume. “Deve ser porque ela não está muito bem de saúde”, pensou a menina, e foi entrando na casa...

Chapeuzinho Vermelho chegou perto da cama da Vovó e levou um susto tremendo. Vovó. Vovó estava completamente diferente.

“Largue sua cestinha no chão, querida”, disse o lobo, e venha sentar aqui perto de mim”. E dizendo isso, bateu com a pata na cama.

“Mas, Vovó, Que braços grandes e peludos você tem!”, disse Chapeuzinho Vermelho.

“É para abraçar você melhor, minha querida!”, disse o lobo, e deu um aperto na mãozinha gorducha dela.

“Mas, Vovó! Que orelhas enormes você tem!”

“É para ouvir você melhor, minha querida!”, disse o lobo, sacudindo as duas orelhas ao mesmo tempo.

Aí Chapeuzinho Vermelho disse:

“Mas, Vovó! Que olhos grandes você tem!”

“É para ver você melhor, minha querida!”, disse o lobo, girando os olhos e sorrindo de orelha a orelha.

“Vovó...”, disse Chapeuzinho Vermelho, nem um pouco convencida de que aquela era mesmo a querida Vovó de quem ela gostava tanto, você tem uns dentes imensos!”

É para comer você melhor, minha querida!”, disse o lobo soltando uma gargalhada de bicho ruim e, na mesma hora, pulou da cama.

Chapeuzinho Vermelho deu um berro e saiu correndo porta afora pedindo socorro. O lobo tentou agarrá-la mas tropeçou na camisola da Vovó e o gorro de dormir escorregou, cobrindo seus olhos. Ele não conseguiu ver mais nada.

Por sorte, o lenhador estava justamente indo para casa dele tomar um chá quando ouviu os gritos de Chapeuzinho Vermelho. Correu até a casa da Vovó e deu de cara com o lobo.

“Peguei você!”, disse o lenhador. E matou o lobo com uma machadada.

“Acho que ele comeu minha vovó!”, disse chorando Chapeuzinho Vermelho. “Olhe, tem alguma coisa se mexendo na barriga dele!”

Com muito cuidado, o lenhador abriu o lobo ao meio e na mesma hora a Vovó saiu dali. O lobo guloso tinha engolido ela inteirinha!

A Vovó estava um pouco aborrecida, mas o aborrecimento não durou muito.

“Como é? É verdade que você me trouxe uns bolos?”, quis logo saber.

Os três sentaram e cada um deles comeu um bolo da cestinha de Chapeuzinho Vermelho. Num instante, estavam se sentindo bem melhor. Depois, Chapeuzinho Vermelho se despediu de sua vovó com um beijinho e o lenhador foi andando com a menina até a casa dela.

Daquele dia em diante, sempre que tinha que atravessar a floresta, Chapeuzinho Vermelho corria sem parar; além disso, ela fez questão de nunca mais falar com lobo nenhum.!

**ANEXO 5: FITA VERDE NO CABELO** de João Guimarães Rosa  
[©1979]

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam.

Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.

Fita Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo.

Então, ela, mesma, era quem se dizia:

- Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.

A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são. E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertindo-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se as plebeinhas flores, princesinhas incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente.

Demorou a dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

-Quem é?

- Sou eu... - e Fita Verde descansou a voz. - Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai a avó, difícil, disse:

- Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou. A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: - Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço.

Ela perguntou:

- Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

- É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta.... - a avó murmurou.

- Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

- É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta...- a avó suspirou.

- Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

- É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... - a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: - Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

## ANEXO 6: CAPÍTULO ZERO E MEIO de Pedro Bandeira

[©1986]

(. . .)

Chapeuzinho era a mais solteira das amigas de Dona Branca e uma das poucas que não era princesa. A história dela tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha, mas não falava em nenhum príncipe encantado. Por isso, Chapeuzinho ficou solteirona, encalhada ao lado de uma velha cada vez mais caduca.

Com a cestinha pendurada no braço e com o capuz vermelho na cabeça, Dona Chapeuzinho entrou com o lacaio atrás. Dona Branca correu para abraçar a amiga.

- Querida! Há quanto tempo! Como vai a Vovozinha?

- Branca!

As duas deram-se três beijinhos, um numa face e dois na outra, porque o terceiro era para ver se a Chapeuzinho desencalhava.

- Minha amiga Branca! Por que você tem esses olhos tão grandes?

- Ora, deixa de besteira, Chapéu!

- Ahn... quer dizer... desculpe, Branca. É que eu sempre me distraio...- atrapalhou-se toda Chapeuzinho. - Sabe? É que eu estou sempre pensando na minha história. Ela é tão linda, com o Lobo Mau, tão terrível, e o Caçador, tão valente...

- Até que sua história é passável, Chapéu - comentou Dona Branca, meio despeitada. - Mas linda mesmo é a minha, que tem espelho mágico, maçã envenenada, bruxa malvada, anõezinhos e até um caçador generoso.

- Questão de gosto, querida...

Dona Chapeuzinho sentou-se confortavelmente, colocou a cestinha ao lado dela (ela não largava aquela bendita cestinha!), tirou um sanduíche de mortadela e pôs-se a comer (aliás, Dona Chapeuzinho tinha engordado muito desde aquela aventura com o Lobo Mau).

- Aceita um brioche? - ofereceu a comilona, de boca cheia.

- Não, obrigada.

- Quer uma maçã?

- Não! Eu detesto maçã!

Dona Chapeuzinho acabou o lanche e olhou para sua amiga com aquele olhar conspirador que as comadres usam quando estão conversando por cima do muro do quintal:

- Menina, você não imagina o que aconteceu...

Dona Branca arregalou seus olhos negros como ébano:

- Aconteceu? O que aconteceu? Ah, vamos, conta logo! Sou doida por uma fofoca.

(. . .)

(Dona Chapeuzinho):

- Pois é exatamente essa a fofoca: há muito tempo ninguém vê a Feiurinha!

- Ela desapareceu?

- Isso mesmo. O Príncipe deve estar desconsolado...

- Que Príncipe?

- O Príncipe Encantado. Marido da Feiurinha.

- Ah...

Dona Branca interpretou à sua maneira o desaparecimento da Feiurinha:

- Será... será que ela abandonou o marido?

- E fugiu com outro? Acho difícil. A essa altura não existe mais nenhum Príncipe Encantado solteiro. Eu que o diga! Estou cansada de ser solteirona e agüentar aquela Vovó caduca. tenho procurado feito louca, mas só encontro príncipe casado...

Dona Branca raciocinou:

- Então, se Feiurinha desapareceu, isso significa que ela pode estar correndo perigo. E se isso for verdade, será a primeira vez que uma de nós corre perigo desde que casamos para sermos felizes para sempre!

- Menos eu... suspirou Dona Chapeuzinho.

Dona Branca jogou para trás os cabelos cor de ébano e tomou uma decisão:

- Vou convocar uma reunião de todas nós!

- Boa idéia! Chame os Príncipes também!

- Os Príncipes não adianta chamar. Estão todos gordos e passam a vida caçando. Além disso, príncipe de história de fada não serve para nada. A gente tem de se virar sozinha a história inteira, passar por mil perigos, enquanto eles só aparecem no final para o casamento.

Chapeuzinho concordou:

- É... Os únicos decididos são os caçadores. Eu devia ter casado com o Caçador que matou o Lobo...

Dona Branca tocou a campainha de ouro. Imediatamente Caio, o lacaio, estava à sua frente.

- Às ordens, Princesa.

- Caio, monte o nosso melhor cavalo. Corra, voe e chame minhas cunhadas de todos os reinos encantados para uma reunião aqui no castelo. depressa!

**ANEXO 7: CHAPEUZINHO VERMELHO** de James Finn Garner  
(1994)

Era uma vez uma jovem chamada Chapeuzinho Vermelho que vivia com sua mãe à beira de um grande bosque. Um dia sua mãe lhe pediu que levasse uma cesta de frutas e água mineral para a casa de sua avó - não que isso fosse trabalho de mulher, mas porque a ação era generosa e ajudava a criar um sentimento de comunidade. Além disso, sua avó não estava doente, mas estava em plenas condições de saúde física e mental e inteiramente capaz de tomar conta de si mesma como uma pessoa adulta madura.

Assim, Chapeuzinho Vermelho saiu com sua cesta pelo bosque. Muitas pessoas acreditavam que a floresta era um lugar agourento e perigoso e nunca punham o pé lá. Chapeuzinho Vermelho, entretanto, tinha confiança suficiente na sua própria sexualidade emergente que tal imagem obviamente freudiana não a intimidava.

No caminho para a casa da vovó, Chapeuzinho Vermelho foi abordada por um lobo que lhe perguntou o que havia na sua cesta. Ela respondeu "Um lanche saudável para minha avó, que certamente é capaz e tomar conta dela mesma como uma pessoa adulta madura."

O lobo disse "Sabe, minha querida, não é seguro para uma menina andar por estes bosques sozinha."

Chapeuzinho Vermelho disse "Eu acho seu comentário sexista ofensivo ao extremo, mas vou ignorá-lo por causa da sua tradicional condição de marginal, o que deve ter lhe causado um estresse que o fez desenvolver sua visão de mundo própria, inteiramente válida. Agora, se você me dá licença, eu preciso ir."

Chapeuzinho Vermelho continuou caminhando pelo caminho principal. Mas porque sua condição de marginal o tinha libertado da aderência escravizada ao estilo de pensamento linear ocidental, o lobo conhecia um atalho mais rápido para chegar à casa da vovó. Ele irrompeu casa adentro e comeu a vovó, uma ação completamente válida para um carnívoro como ele. Depois, liberto das noções tradicionais rígidas do que é masculino ou feminino, ele vestiu a roupa de dormir da vovó e se enfiou na cama.

Chapeuzinho Vermelho entrou na cabana e disse: "Vovó, eu trouxe uns petiscos sem gordura e sem sódio para saudá-la em seu papel de matriarca sábia e provedora."

Da cama, o lobo disse suavemente, "Chegue mais perto, filha, para que eu possa vê-la"

Chapeuzinho Vermelho disse, "Oh, eu esqueci que você é tão deficiente visualmente como um morcego. Vovó, que olhos grandes você tem!"

Eles viram muito e perdoaram muito, querida."

"Vovó, que nariz grande você tem - só relativamente, é claro, e certamente atraente à sua própria maneira."

"Ele já cheirou muito e perdoou muito, minha querida."

"Vovó, que dentes grandes você tem!"

O lobo disse, "Eu estou contente de ser quem eu sou" e pulou para fora da cama. Ele agarrou Chapeuzinho Vermelho com suas garras, com a intenção de devorá-la. Chapeuzinho Vermelho gritou, não porque ela estivesse alarmada a respeito da aparente tendência do lobo de travestir-se, mas por causa da proposital invasão do lobo no seu espaço pessoal.

Seus gritos foram ouvidos por um lenhador (ou técnico de lenha parta combustível, como ele preferia ser chamado) que ia passando. Quando ele irrompeu na cabana, ele viu a confusão e tentou intervir. Mas quando ergueu seu machado, ambos Chapeuzinho Vermelho e o lobo pararam.

"E o que você pensa que vai fazer?" perguntou Chapeuzinho Vermelho.

O lenhador pestanejou e simplesmente não lhe vieram as palavras.

"Invadindo este lugar como um Neanderthal, confiando à sua arma a tarefa de pensar por você!" ela exclamou. Sexista! Specieist! Como ousa presumir que mulheres e lobos não possam resolver seus problemas sem a ajuda de um homem!"

Quando a vovó ouviu o discurso inflamado de Chapeuzinho Vermelho, ela pulou para fora da boca do bolo, pegou o machado do lenhador e cortou-lhe a cabeça. Depois desta provação, Chapeuzinho Vermelho, vovó e o lobo sentiram alguma coisa em comum em seus propósitos. Decidiram construir um lar alternativo baseado em respeito mútuo e cooperação, e viveram juntos e felizes no bosque para sempre.

**ANEXO 8: CHAPEUZINHO AMARELO** de Chico Buarque  
[©1979]

Era a Chapeuzinho Amarelo.  
Amarelada de medo.  
Tinha medo de tudo,  
aquela Chapeuzinho.  
Já não ria.  
Em festa não aparecia.  
Não subia escada  
nem descia.  
Não estava resfriada,  
mas tossia.  
Ouvia conto de fada  
e estremecia.  
Não brincava mais de nada,  
nem de amarelinha.

Tinha medo de trovão.  
E minhoca, pra ela era cobra.  
E nunca apanhava sol  
porque tinha medo da sombra.  
Não ia pra fora pra não se sujar.  
Não tomava sopa pra não se ensopar.  
Não tomava banho pra não descolar.  
Não falava nada pra não engasgar  
Não ficava em pé com medo de cair.  
Então vivia parada,  
deitada, mas sem dormir,  
com medo de pesadelo.

Era a Chapeuzinho Amarelo.

E de todos os medos que tinha  
o medo mais medonho era o medo do tal do LOBO.  
Um LOBO que nunca se via,  
que morava lá longe,  
do outro lado da montanha,  
num buraco da Alemanha, cheio de teia de aranha,  
numa terra tão estranha,  
que vai ver que o tal do LOBO  
nem existia.

Mesmo assim, a Chapeuzinho  
tinha cada vez mais medo  
do medo do medo do medo  
de um dia encontrar um LOBO .  
Um LOBO que não existia.

E Chapeuzinho Amarelo,  
de tanto pensar no LOBO,  
de tanto sonhar com LOBO,  
de tanto esperar o LOBO,

um dia topou com ele  
 que era assim:  
 carão de LOBO,  
 olhão de LOBO,  
 jeitão de LOBO,  
 e principalmente um bocão  
 tão grande que era capaz  
 de comer duas avós,  
 um caçador,  
 rei, princesa,  
 sete panelas de arroz  
 e um chapéu de sobremesa.

Mas o engraçado é que,  
 assim que encontrou o LOBO,  
 a Chapeuzinho Amarelo  
 foi perdendo aquele medo  
 o medo do medo do medo  
 de um dia encontrar um LOBO.  
 Foi passando aquele medo  
 do medo que tinha do LOBO.  
 Foi ficando só um pouco  
 do medo daquele lobo.  
 Depois acabou o medo  
 e ela ficou só com o lobo.

O lobo ficou chateado  
 de ver aquela menina  
 olhando pra cara dele,  
 só que sem o medo dele.  
 Ficou mesmo envergonhado,  
 triste, murcho e branco-azedo,  
 porque um lobo, tirado o medo,  
 é um arremedo de lobo.  
 É feito um lobo sem pêlo  
 Lobo pelado.

E ele ficou chateado.

E ele gritou: sou um LOBO!  
 Mas Chapeuzinho, nada.  
 E ele gritou: sou um LOBO!  
 Chapeuzinho deu risada.  
 e ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!  
 Chapeuzinho, já meio enjoada,  
 Com vontade de brincar de outra coisa.  
 Ele então gritou bem forte  
 aquele seu nome de LOBO  
 umas vinte e cinco vezes  
 que era pro medo ir voltando  
 e a menininha saber  
 com quem estava falando:  
 LO-BO- LO-BO- LO-BO- LO-BO- LO-BO- LO-BO- LO-BO- LO

Aí,  
 Chapeuzinho encheu e disse:  
 “Pára assim! Agora! Já!

Do jeito que você tá!”  
E o lobo parado assim  
do jeito que o lobo estava  
já não era mais um LO-BO  
era um BO-LO.  
Um bolo de Lobo fofo,  
tremendo que nem pudim,  
com medo da Chapeuzim, com medo de ser comido  
com vela e tudo, inteirim.

Chapeuzinho não comeu  
aquele bolo de lobo,  
porque sempre preferiu de chocolate.  
Aliás, ela agora come de tudo,  
menos sola de sapato.  
Não tem mais medo da chuva  
nem foge do carrapato.  
Cai, levanta, se machuca,  
vai à praia, entra no mato,  
trepa em árvore, rouba fruta,  
depois joga amarelinha  
com o primo da vizinha,  
com a filha do jornalista,  
com a sobrinha da madrinha  
e o neto do sapateiro.

Mesmo quando está sozinha,  
inventa uma brincadeira.  
E transforma em companheiro  
cada medo que ela tinha:  
o raio virou orrái,  
barata é tabará,  
a bruxa virou xabru  
e o diabo é bodiá.

**ANEXO 9: LOBO BOBO** de Carlos Lyra/Ronaldo Bôscoli  
[1967]

Era uma vez um lobo mau  
Que resolveu jantar alguém  
Estava sem vintém  
Mas arriscou  
E o lobo se estrepou  
Chapeuzinho de maiô  
Ouviu buzina e não parou  
O lobo mau insiste  
Faz cara de triste  
Chapeuzinho ouviu os conselhos da vovó  
Diz que “não” pra o lobo  
Que com lobo não sai só  
Lobo canta, pede, promete tudo, até amor  
E diz que fraco de lobo  
É ver um chapeuzinho de maiô  
Mas chapeuzinho percebeu  
Que Lobo Mau se derreteu  
Pra ver vocês que lobo, também faz  
papel de bobo  
Só posso lhes dizer, chapeuzinho agora traz  
Um lobo na coleira, que não janta  
nunca mais.